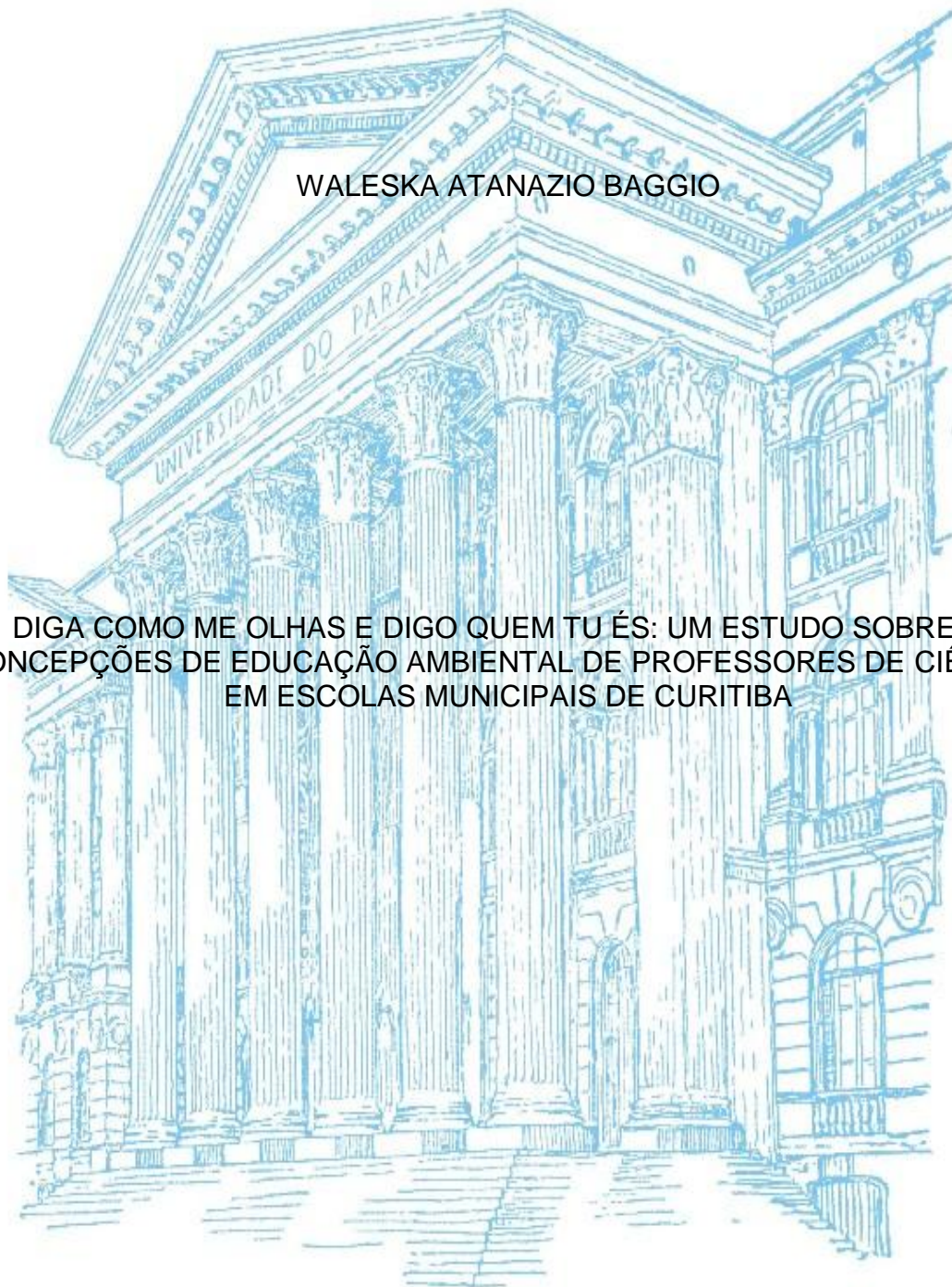


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

WALESKA ATANAZIO BAGGIO

DIGA COMO ME OLHAS E DIGO QUEM TU ÉS: UM ESTUDO SOBRE AS
CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS
EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE CURITIBA



CURITIBA
2014

WALESKA ATANAZIO BAGGIO

DIGA COMO ME OLHAS E DIGO QUEM TU ÉS: UM ESTUDO SOBRE AS
CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS
EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE CURITIBA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Educação em Ciências, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Rolkouski.

CURITIBA
2014

B144d

Baggio, Waleska Atanzio

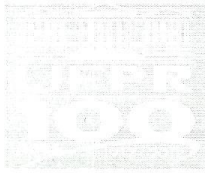
Diga como me olhas e digo quem tu és : um estudo sobre as concepções de educação ambiental de professores de ciências em escolas municipais de Curitiba / Waleska Atanzio Baggio. – Curitiba, 2014.
293f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-graduação em Matemática, 2014.

Orientador: Emerson Rolkouski .
Bibliografia: p. 119-124.

1. Educação ambiental. 2. Ciências - Estudo e ensino. 3. Prática de ensino. I. Universidade Federal do Paraná. II. Rolkouski, Emerson. III. Título.

CDD: 333.7071



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA


PARECER

Defesa de Dissertação de **WALESKA ATANAZIO BAGGIO**, intitulada “**DIGA COMO ME OLHAS E DIGO QUEM TU ÉS: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE CURITIBA**”, para obtenção do Título de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática.

De acordo com o Protocolo aprovado pelo Colegiado do Programa, a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados arguiu, nesta data, a candidata acima citada. Procedida a arguição, a Banca Examinadora é de Parecer que a candidata está **apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA**, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. Dr. Emerson Rolkouski (orientador)		Aprovado
Prof. Dr. Luiz Carlos Santana		Aprovado
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna		Aprovado

Curitiba, 18 de Julho de 2014.


Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e em Matemática.



Para minha filha, meu amor maior e razão da minha existência.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Simone e João Atanazio, por terem possibilitado um vínculo forte e duradouro com a Educação desde a minha infância.

Ao meu irmão, João Atanazio Junior, pelo incentivo em todos os momentos.

Ao Prof. Dr. André Pietsch Lima, primeiro por acreditar num potencial que eu mesma não conhecia e em segundo, por me mostrar que a beleza é o objeto do texto.

Ao Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, pelo apoio em tempos difíceis e por ter aceitado participar da banca de defesa.

À Prof. Dr. Kátia Maria Kasper, por proporcionar a cada aula uma experiência no sentido de Larrosa, por ter aceitado compor a banca de qualificação e pelas contribuições a esta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Sérgio Camargo e ao Prof. Dr. José Carlos Cifuentes, com os quais compartilhei momentos de escuta e aprendizado.

Aos colegas de mestrado, por tornarem momentos difíceis mais suaves. E em especial à Josiane Silochi, companheira de tangos e tragédias, pelo carinho comigo e pela disposição para longas conversas.

Às professoras colaboradoras, que foram fundamentais para a realização deste sonho.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Santana, por ter aceitado participar da banca examinadora e pelas valiosas contribuições para o aprofundamento desta pesquisa.

Ao meu querido Prof. Dr. Emerson Rolkouski, que me orientou com excepcional competência e desvelo.

Ao meu marido, Marcelo Baggio, pelo apoio e aceitação das minhas ausências, por me acalantar nos momentos de desespero e por se alegrar junto a mim em dias de festa.

À minha pequena Khadija, filha amada. Com ela partilhei as leituras, as transcrições das entrevistas e a escrita desta dissertação. Para ela, nunca estive totalmente ausente. Obrigada filha, pela 'co-orientação'.



Falso espelho- Renè Magritte(1928)

RESUMO

Esta dissertação investiga e analisa as concepções de Educação Ambiental de professores de Ciências da rede municipal de ensino de Curitiba a partir dos seus discursos e práticas. Para isso, inicia-se com uma revisão que evidencia como as concepções de Educação Ambiental se apresentam na literatura. A partir daí, investiga-se como os documentos oficiais a caracterizam, e finalmente, em processo de abordagem indireta, coleta-se depoimentos e vestígios de práticas. Da literatura destaca-se que: primeiramente, a Educação Ambiental brasileira apresenta diferentes nuances em relação às concepções, sendo que os recortes nesta pesquisa fazem as aproximações teóricas explorando duas tendências: a Concepção Conservacionista e/ou Naturalista e Concepção Crítica e/ou Emancipatória; num segundo momento, o exame das matrizes curriculares federais, estaduais e municipais, pontuou algumas divergências conceituais entre elas, sendo que a Concepção Conservacionista e/ou Naturalista prevalece como discurso geral nos documentos oficiais analisados. Em seguida, acrescenta-se ao *corpus* de dados os discursos e vestígios de práticas de quatro professores da rede municipal de Curitiba. Da análise do conjunto infere-se que a concepção predominante nessa amostra é a Conservacionista e/ou Naturalista de Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Concepções. Currículo. Prática Docente.

ABSTRACT

This dissertation researches and analyses the Environment Education conceptions of Science teachers at Curitiba's municipal schools from their speeches and practices. In order to do that, it begins with a review which puts on evidence how the Environmental Education conceptions are presented in literature. Thereafter, it investigates how the official documents are characterized and, finally, in an indirect process of approach, it collects testimonials and traces of practices. From the literature, it stands that: first of all, the Brazilian Environmental Education presents different nuances in relation to the conceptions, so that this research does the theoretical approach exploring two tendencies: the Conservative and/or Naturalist Conception and Critic and/or Emancipatory Conception; in a second moment, the examination of the federal, state and municipal curriculum courses points out some conceptual divergences among them, wherein the Conservationist and/or Naturalist prevails as a general speech in official documents analyzed. Afterwards, the speeches and traces of practices by four teachers from de Curitiba's municipal schools are added to the data *corpus*. From the analysis of the set, it is inferred that the prevailing conception in this sample is the Conservationist and/or Naturalist Conception of the Environmental Education.

Keywords: Environmental Education. Conceptions. Curriculum. Teaching Practice.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MAPA DA LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS.....	60
FIGURA 2: ELABORADO EM FOLHA SULFITE A4 – INTEGRAÇÃO.....	80
FIGURA 3: COMPOSIÇÃO EM SULFITE A4 – DICAS AMBIENTAIS	81
FIGURA 4: PAINE EM SULFITE A4 – INTEGRAÇÃO	82
FIGURA 5: IMAGEM DE FOLHETO ELABORADO EM FOLHA SULFITE A4...	83
FIGURA 6: IMAGEM DE SULFITE A4 SOBRE A ÁGUA	100
FIGURA 7: IMAGEM EM SULFITE A4 ATIVIDADE “NA PALMA DA MÃO PARA A MELHORIA DO AMBIENTE”	101
FIGURA 8: FOTOGRAFIA “ÁRVORE FEITA COM RESÍDUOS SÓLIDOS”	102

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- FICHAS COM AS TEMÁTICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL USADAS NAS ENTREVISTAS	56
---	----

LISTA DE SIGLAS

CEIs	-	Centros de Educação Integrais
CNE	-	Conselho Nacional de Educação
CNUDS	-	Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável
CTS	-	Ciência, Tecnologia e Sociedade
CTSA	-	Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente
DCEMC	-	Diretrizes Curriculares da Educação Municipal de Curitiba
IDEB	-	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
MEC	-	Ministério da Educação e Cultura
MMA	-	Ministério do Meio Ambiente
NREs	-	Núcleos Regionais de Educação
ONGs	-	Organização Não Governamentais
PCN	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	-	Projeto Político Pedagógico
UEIs	-	Unidades de Educação Integrais

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: METAS IDEB ESCOLA A	62
TABELA 2: METAS IDEB ESCOLA B	73
TABELA 3: METAS IDEB ESCOLA C	88
TABELA 4: METAS IDEB ESCOLA D	109

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	SOBRE CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	20
2.1	CONCEPÇÃO CONSERVACIONISTA E/OU NATURALISTA.....	21
2.2	CONCEPÇÃO CRÍTICA E/OU EMANCIPATÓRIA	27
3	A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO	30
3.1	OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – CIÊNCIAS NATURAIS.....	30
3.2	OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – TEMA TRANSVERSAL MEIO AMBIENTE	38
3.3	AS DIRETRIZES CURRICULARES DO ESTADO DO PARANÁ.....	42
3.4	AS DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO MUNICIPAL DE CURITIBA	45
4	PESQUISAS RECENTES EM CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	49
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
5.1	PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA COLETA DE DADOS	55
5.1.1	As fichas temáticas	56
5.1.2	Vestígios de Prática	57
5.1.3	Entrevistas	57
5.2	RESULTADOS DE PESQUISA	58
5.2.1	As escolas	58
5.2.2	Temas relevantes para a pesquisa	61
5.3	CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS E SEUS PARTICIPANTES.....	62
5.3.1	Caracterização da Escola A.....	62
5.3.2	Caracterização da Escola B.....	73
5.3.3	Caracterização da Escola C.....	87
5.3.4	Caracterização da Escola D.....	109

	5.3.1 Escola A	5.3.2 Escola B	5.3.3 Escola C	5.3.4 Escola D
Entrevista	64	75	89	111
Vestígios	-	79	99	-
Discurso	69	83	103	113

Compreensões	71	85	107	114
--------------	----	----	-----	-----

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	119
ANEXOS	125
ANEXO1 Carta de apresentação	125
ANEXO 2 Transcrição do depoimento da professora da Escola A cedido em 26/02/2013	126
ANEXO3 Textualização do depoimento da professora da Escola A cedido em 26/02/2013	157
ANEXO 4 Transcrição do depoimento da professora da Escola B cedido em 06/08/2013	165
ANEXO 5 Textualização do depoimento da professora da Escola B cedido em 06/08/2013	215
ANEXO 6 Transcrição do depoimento da professora da Escola C cedido em 08/10/2013	221
ANEXO 7 Textualização do depoimento da professora da Escola C cedido em 08/10/2013	241
ANEXO 8 Transcrição do depoimento da professora da Escola D cedido em 11/12/2013	251
ANEXO 9 Textualização do depoimento da professora da Escola D cedido em 11/12/2013	284

1 INTRODUÇÃO

Para Edgar Allan Poe o enredo de uma história já deve estar pronto antes de ser escrito, porque sabendo como termina, observa-se atentamente o desenvolvimento, a intencionalidade.

O enredo desta pesquisa iniciou-se muito antes deste mestrado e teve intenção de aproximar duas paixões pessoais: a Educação e o Ambiente. Como professora de Ciências, mantive-me sempre muito próxima das questões ambientais dentro e fora da escola, tentando contribuir com projetos de Educação Ambiental que pudessem estabelecer a almejada “consciência ambiental”. Porém, o fato é que a Educação Ambiental escolar brasileira apresenta uma polissemia de vozes e não raras são às vezes em que os clamores nos conduzem ao nada.

As discussões sobre Educação Ambiental e sua inclusão nas propostas curriculares das escolas aumentaram a partir da segunda metade do século XX, e isto se deve em grande parte às transformações sociais, políticas e culturais na maneira como a Educação Ambiental foi considerada, experimentada, representada. Certos acontecimentos vivenciados na década de sessenta foram responsáveis pelas primeiras noções de uma questão ambiental emergente, e mais ainda, de uma crise ambiental despontante.

Não é objeto deste trabalho afirmar mais uma vez o árduo caminho percorrido para o desenvolvimento da Educação Ambiental, tendo em vista que diversos autores de renome já o fizeram, sendo possível encontrar obras bem elaboradas, detalhadas e atuais de Carlos Frederico Loureiro, Isabel Cristina de Moura Carvalho, Gustavo Ferreira da Costa Lima, Philippe P. Layrargues, Mauro Guimarães, Marcos Reigota, dentre tantos outros; porém, nesta pesquisa, considero pertinente abordar apenas alguns aspectos pertencentes à história da Educação Ambiental em alguns momentos, em benefício de um maior esclarecimento meu e de quem por aqui se aventurar.

As inquietações em relação ao meio ambiente de maneira alguma são recentes. Mesmo porque já na antiguidade, houve quem se preocupasse com o manejo e uso do solo; todavia, o início deste movimento em relação ao ambiente se deve em grande parte pela percepção da finitude dos recursos naturais, tendo em vista que a natureza ainda é considerada como fonte de materiais para a produção e

consumo. A noção de que há limitações nesse processo entre a obtenção de matéria prima do planeta, a produção material e o consumo, propicia a formação de um novo tipo de movimento social – o ambientalismo – e com ele, mais do que uma preocupação com o ambiente, agora grupos sociais organizados, e notadamente políticos, assumem a existência de uma crise ambiental como um problema – uma questão (LIMA, 2011). A inclusão de um viés político à Educação Ambiental modificou a forma como ela vem sendo apropriada e discutida.

Grupos interessados em aprofundar a temática ambiental iniciaram já em meados dos anos 60 e 70, a organizar debates, conferências, encontros, para que se pudessem discutir formas de como lidar com essa nova condição – as limitações do modelo de produção material assumido pela sociedade moderna ocidental.

Em especial, entre 1975 e 1977, definiu-se a necessidade da existência de uma Educação Ambiental, a qual teria por responsabilidade fornecer subsídios “tanto às gerações do presente quanto às do futuro, ao ambiente sadio e não degradado” (Declaração de Estocolmo – 1977). Após a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20)¹, a Educação Ambiental aproximou-se muito mais do Desenvolvimento Sustentável (LIMA, 2011).

No caso brasileiro, a questão ambiental é atravessada por problemas ambientais e sociais (LIMA, 2011). Segundo Lima (2011, p.109), uma pesquisa intitulada *O que fazem as escolas que dizem que fazem Educação Ambiental*² realizada no ano 2000, organizada e publicada em 2006, trás um diagnóstico preocupante sobre a situação da Educação Ambiental no Brasil. A análise demonstrou que não existia uma continuidade política nos programas ambientais desenvolvidos; não havia aproximação nas esferas públicas, sejam elas federais, estaduais ou municipais; a existência de uma fragilidade teórico-metodológica do campo ambiental juntamente com um desconhecimento e/ou despreparo do professor acerca do tema.

Como professora de Ciências da rede municipal de Curitiba, percebo que a Educação Ambiental está sendo deixada de lado, tendo em vista a ausência de formação continuada, ou seja, não são ofertados cursos na área, mesmo contando com texto curricular extenso a respeito da necessidade de se implantar uma

¹ Conferência realizada no Rio de Janeiro em 2012, cujo objetivo era discutir e redimensionar o caráter do Desenvolvimento Sustentável.

² BRASIL. *O que fazem as escolas que dizem que fazem Educação Ambiental*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

Educação para o Desenvolvimento Sustentável, observo pouco incentivo aos professores para o desenvolvimento teórico-metodológico na área. Atuando na rede há algum tempo, considero que a Educação Ambiental acontece nas escolas, sobretudo por meio de projetos pontuais e descontínuos.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo compreender as concepções acerca de Educação Ambiental de professores de Ciências presentes em algumas escolas municipais de Curitiba. Pretendo capturar por meio do seu discurso ‘o olhar’ do professor para com a Educação Ambiental, como se construído em perspectiva, e assim como no *Falso Espelho*, transitar pela efígie entre o discurso-identidade e o discurso-apropriado, isto é, analisar as falas associadas ao cotidiano escolar, aos “discursos oficiais”, procurar por “zonas de estabilidade” das suas concepções (GARNICA, 2005).

Quando me utilizo do adágio ‘diga como me olhas e diga quem tu és’, parto do princípio de que nem sempre o que se diz refere-se essencialmente ao que se vê: o olhar ativo, elaborado, construído a partir das relações destes educadores com seu próprio objeto de ensino – neste caso, a Educação Ambiental. Deste modo, ao optar por usar este recurso literário, busco compreender a maneira de olhar particular destes professores nestes espaços entre alternâncias e permanências das suas concepções.

Com vistas a cumprir este objetivo, neste primeiro capítulo, acredito que seja valoroso discutir a relevância de uma terminologia tão controversa como concepção. Segundo Garnica (2008), concepções são inconstantes e muitas vezes se restringem a um discurso *prêt-à-porter*, por ser muito mais simples repeti-lo.

Entretanto, concepções se alteram, se intercalam, se misturam - com aquilo que fomos, somos e ainda o que seremos futuramente. Então, a tarefa de reunir e discutir concepções é complexa e duvidosa. Para Garnica (2008), a fluidez e inconstância das concepções nos obrigam como pesquisadores a abrir mão de uma única verdade. Assim, penso que mais do que fazer aproximações de dados coletados em entrevistas, quem assume compromisso com o trabalho de concepções permanece em estado transitivo, ou seja, em estado de relação, de complementação, de mudança, de efemeridade, no entanto, sem ser inexato, aparente, ou uma meia verdade. Concepções são turbulentas, movediças; são espaços de mobilidade, porque se constituem em abrigos que escapam no intento de não encerrar as possibilidades. E permanecem, por um tempo, indecifráveis. Mas

isto não é necessariamente um problema. Embaraço maior estaria na falta de variações, de retornos, releituras e resgates.

Logo, quais concepções de Educação Ambiental carregam os professores de Ciências, que estão ligados aos seus hábitos, às suas ações cotidianas? Considero esta a minha busca, ou seja, tangenciar no interior das práticas discursivas em Educação Ambiental e de vestígios³ de práticas (ilustrações e cartazes realizados pelos estudantes), as concepções que fazem parte das intervenções feitas em sala de aula pelo professor.

Não obstante, não pretendo neste estudo fazer juízo de definições, posto que minha postura como pesquisadora seja de instigar, envolver e não simplesmente definir ou limitar; definições de Educação Ambiental podem ser encontradas em vários documentos, inclusive em muitas produções acadêmicas; mas sistematizar um conceito proveniente de um entendimento sobre algo requeridas e vindas ao interior da própria investigação, não havendo a possibilidade de apontar em enunciados demarcados, fixos.

No segundo capítulo deste trabalho, discuto duas aproximações teóricas de concepções de Educação Ambiental – Conservacionista e/ou Naturalista e a Crítica e/ou Emancipatória - que estão postas na atualidade brasileira, suas principais tendências no campo educacional e as principais articulações existentes entre elas. Nas entrevistas realizadas, busco evidenciar estas duas concepções no discurso dos professores.

No terceiro capítulo, apresento algumas considerações sobre a Educação Ambiental presentes no currículo, abordando os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Diretrizes do Estado do Paraná e as Diretrizes Curriculares de Curitiba.

No quarto capítulo, verso sobre algumas pesquisas que validam o lugar desta pesquisa frente aos debates sobre o tema. Para sustentar os dados deste seguimento, coloco em pauta três dissertações de mestrado e um artigo, limitando minha coleta em publicações a partir de 2009.

Ao quinto capítulo está reservado um espaço para a metodologia dessa pesquisa; portanto, caracterizo as escolas estudadas, seus projetos pedagógicos e seus atores principais – os professores de Ciências. Delimitei a escolha em quatro escolas municipais de Curitiba, escolhidas conforme o Índice de Educação Básica

³ Segundo o dicionário *Luft*, a palavra vestígio, do latim, significa: sinal; rastro; pegada; resquício; restos; indício.

(IDEB), publicado em 2011. Participam da pesquisa instituições que apresentaram o maior índice, o menor índice e duas de nível intermediário.

No último capítulo apresento algumas considerações sobre todo o material coletado, bem como os apontamentos finais desta investigação.

2 SOBRE CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental vem sendo socialmente construída por meio do que se fala dela, do discurso sobre ela. Não interessa aqui atribuir uma verdade única; quero sim, saber como se dão esses discursos em seu sentido prático, de que forma se apoiam as construções dessas verdades, que não são singulares, mas servem como arcabouço para a existência da Educação Ambiental nas escolas municipais de Curitiba. As vozes que pretendo ouvir são aquelas de professores que, como eu, incorporam recortes entre doutrinas e filosofias e tentam estabelecer as conexões entre o ambiental e a educação; observar nesses discursos a viscosidade das concepções, sempre tão voláteis.

A Educação Ambiental institui-se de maneira plural, manifestando valores, normas e objetivos diversos, apresentando dimensões, leituras e conceituações das mais diversas. Concepções sobre a questão ambiental e práticas pedagógicas relacionadas a cada uma delas podem ser encontradas facilmente na literatura sobre a temática. Para Marcos Sorrentino (1997), a Educação Ambiental pode ser conservacionista, de educação ao ar livre, gestão ambiental e economia ecológica. Segundo Philippe Layrargues (2003), se considerarmos a função social da Educação Ambiental, ela pode ser descrita como convencional ou crítica. Mas afinal, o que significam tantas denominações e no que se assemelham e/ou se distanciam?

Para Layrargues (2004), essas variações são resultado de um “refinamento conceitual fruto do amadurecimento teórico do campo, mas também o estabelecimento de fronteiras identitárias internas, distinguindo e delimitando diversas vertentes” (LAYRARGUES, 2004, p. 8), ou seja, essa difusão de novas identidades não é autoevidente, isoladamente tem pouco a dizer.

Por isso, não é escopo desta pesquisa evidenciar todas as tendências e ênfases dispostas atualmente, até porque concepções costumam consubstanciar umas às outras e, que, possivelmente, poderia encontrar essas tendências entremeadas nas falas dos professores.

Neste estudo, a investigação parte de duas correntes principais de Educação Ambiental, aqui concatenadas a partir do texto de Layrargues (2002), cuja proposta

define de um lado uma Educação Ambiental mais conservadora e tradicional, aqui intitulada de Concepção Conservacionista e/ou Naturalista, e, em oposição a isso

uma outra, de viés mais crítico e transformador, que nesta pesquisa foi titulada Concepção Crítica e/ou Emancipatória. Para a coleta dos dados desta pesquisa, utilizo-me destas duas concepções de Educação Ambiental.

2.1 CONCEPÇÃO CONSERVACIONISTA E/OU NATURALISTA⁴

Os desdobramentos das ações educativas em Educação Ambiental são reconhecidamente importantes por apresentarem caráter multidimensional e complexo, sendo compostos por diversos temas, como ética, política, ciência e cultura. Sendo assim, se constituem em diferentes interpretações e tendências.

Dentre as clivagens sofridas pela Educação Ambiental mundo afora, a concepção conservacionista, também denominada de conservadora e/ou naturalista (LOUREIRO, 2004; LIMA, 2004; GUIMARÃES, 2004), foi e ainda continua sendo, principalmente nos países desenvolvidos, a tendência teórica e prática desde os primórdios de sua existência enquanto campo de atividade e saber. O conservacionismo brota em conformidade com o pensamento moderno, porém sob diferentes nuances. Entre elas estão o antropocentrismo, vertente que se opôs ao teocentrismo presente na Idade Média, que sucede ao uso indiscriminado da natureza (LOUREIRO, 2011, p.134), ratificando o controle e o domínio da espécie humana sobre os bens naturais, bem como o uso da racionalidade para entender os fatos e fenômenos naturais. O cartesianismo com sua observação e estudo das partes de uma totalidade em detrimento das relações complexas existentes nos sistemas de vida, favorecendo uma visão dicotômica e reducionista de mundo. Entretanto, concordo com Carlos Loureiro (2011) quando diz que tornar Descartes o responsável por todos os problemas ambientais da atualidade é simplificar a questão novamente. A crise ambiental tem raízes profundas de natureza complexa, portanto, não pode ser vinculada a uma única vertente do pensamento.

⁴ Essas ideias foram apresentadas no XI Congresso Nacional de Educação Educere/2013 e foram publicadas nos anais do referido congresso.

BAGGIO, W. A. Aproximações em um estudo de concepções de Educação Ambiental. In: **XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE**, II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – EDUCAÇÃO– SIRSSE e IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE – SIPD/CÁTEDRA UNESCO com a temática: Formação docente e sustentabilidade: um olhar transdisciplinar, Curitiba, 2013.

Considerando que o homem que degrada a natureza é um ser genérico, apolítico, não cultural, individual, a Educação Ambiental de cunho conservador supõe ainda que conhecer a linguagem ecológica é suficiente para alcançar a esperada consciência ambiental, ancorando-se, portanto numa visão conteudista e cognitivista (LIMA, 2011; GRÜN, 1996; GUIMARÃES, 2004).

O antropocentrismo, segundo Mauro Grün (1996), está intimamente ligado à noção de um funcionamento perfeito do universo, condizente com a revolução científica experimentada nos séculos XVI e XVII, baseada em modelos matemáticos. Verifica-se que a natureza passa a ser considerada uma série de eventos mecânicos, habilidosamente previsíveis e observáveis. Assim, a descrição matemática da vida faz dela um objeto que vai se distanciando cada vez mais do ser humano. Nas palavras de Grün:

[...] existe um observador que vê a natureza como quem olha para uma fotografia. Existe um “eu” que pensa e uma coisa que é pensada; esta coisa é o mundo transformado em objeto. [...] Em uma postura antropocêntrica, o Homem é considerado o centro de tudo e todas as demais coisas no universo existem única e exclusivamente em função dele. (GRÜN, 1996,p.46).

Segundo Edgar Morin (2011), a inserção da matemática em eventos relacionados à vida, traz consigo a noção de ordenamento perfeito do cosmos, previsto pelas leis newtonianas, porém, não acordados com a natureza. Conforme o autor, “a matematização e a formalização desintegraram os seres e os entes para só considerar como únicas realidades as fórmulas e equações que governam as entidades quantificadas” (MORIN, 2011, p.12).

Além da referência ao homem como o centro de todas as coisas e a inserção da lógica matemática, o pensamento moderno baseado em René Descartes, segundo o qual as ideias são muito “claras e evidentes”, opera um distanciamento crescente entre a ciência e a filosofia e, em virtude disto, uma simplificação do complexo (MORIN, 2011, p.11). Dessa maneira, a realidade cartesiana simplificada e fragmentada não dá conta de explicar a complexidade das relações entre sociedade e natureza. Para Guimarães (2006, p. 13) “focar na parte é o centro do cartesianismo e do antropocentrismo”. Assim, considerar apenas uma parte de uma totalidade complexa, suscitando a redução do todo em segmentos diferenciados, nos conduz a uma categorização das relações.

Referendar-se por meio da simplicidade e reduzir aspectos da complexidade das relações em apenas uma de suas cotas, tende a produzir indivíduos ingênuos e conservadores, que acreditam que uma formação conteudista é suficiente para uma transformação na relação com o ambiente (GUIMARÃES, 2006, p.14). Com isso, a Educação Ambiental conservacionista/naturalista ocupa-se mais em pontuar os problemas ecológicos dos sistemas nos quais estamos inseridos do que resolvê-los ou minimizá-los. Partindo deste pressuposto, a concepção conservacionista tende ao estudo da normatividade funcional desses sistemas, biológicos então.

A preocupação excessiva com os conteúdos, embasada no estudo ecológico dos sistemas, área das ciências naturais também revela que uma Educação Ambiental naturalista e conservadora foi tecida em aspectos biologizantes, levando apenas em consideração o ser biológico/ecológico em detrimento do social, político, histórico e cultural. Para Loureiro

Biologização do que é social pela diluição da nossa especificidade, simultaneamente biológica e social na totalidade natural, ignorando-se, assim, que tais relações se dão, atualmente com predomínio do capitalismo e seu padrão não só poluente, mas explorador, economicamente, da maioria das espécies. O *Homo sapiens* fica reduzido a um organismo biológico, associal e a-histórico. O resultado prático é a responsabilidade pela degradação posta em um ser humano genérico, idealizado, fora da história, descontextualizado socialmente. (LOUREIRO, 2004, p.81).

Assim, a Educação Ambiental conservacionista se propõe a ensinar ecologismos, difundindo ideais de conscientização e sensibilização ecológica e a adoção de uma postura motivadora em relação ao ambiente, incluindo a participação ativa em movimentos ambientais, como também uma atitude de cuidado e respeito para com o ambiente natural e construído. Assim, manifesta-se o sujeito ecologicamente correto, ou seja, aquele que “faz a sua parte”. (QUINTAS, 2004). Ainda é possível destacar a ênfase, nos hábitos de consumo; então, a conscientização ambiental poderia ocorrer através de uma simples mudança de práticas cotidianas, como adquirir produtos embalados com materiais recicláveis, ou utilização de sacolas retornáveis (LIMA, 2011).

Para Guimarães (2006), a concepção conservacionista baseia-se no fundamento de que a sociedade humana deteriora a natureza e que, portanto, deveria afastar-se dela. Em decorrência disso, uma enormidade de parques, estações e áreas ambientais, cuja finalidade principal é a preservação de espécies

pontuais e com o patrimônio natural, do que realmente com o trabalho em conjunto com a sociedade, vinculando a atividade de preservação às outras perspectivas imanentes à sociedade, como política, cultura, ética e economia. Então, qual é o propósito de se estabelecer enormes áreas de proteção ambiental? Segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA)⁵, os parques têm “função ecológica, estética e de lazer” para a população. Estas áreas, como o Parque Barigui em Curitiba, funcionam como uma espécie de corredores verdes para diferentes fins, como acesso ao trabalho e escola, bem como à prática de esportes, exposições e feiras (SCALISE, 2002).

Parques são fundamentais para as cidades, visto que contribuem para a qualidade de vida da população. Mas, parece-me que a finalidade da criação de parques restringe a noção de natureza a um espaço com vegetação. Sendo assim, para termos contato com ela, vamos ao parque, obscurecendo a percepção de que o ambiente também está no entorno.

Sob a perspectiva de conservação, pode-se destacar ainda o entendimento da questão ambiental como uma consequência inevitável do desenvolvimento mundial. À vista disso, o seu viés antropocêntrico e utilitarista, que presume o uso racional dos recursos naturais observando sua máxima eficiência, não relaciona o modelo de organização e composição social admitido atualmente, voltado ao mercado e ao consumo, com a crise ambiental contemporânea (LIMA, 2011, p.140). Portanto, de acordo com esta concepção, os problemas ambientais são também determinados pelas insuficiências tecnológicas das indústrias, justificando assim a busca incessante de novas técnicas e o desenvolvimento do campo técnico-científico. Temos assim um ciclo de ideias conservadoras que vêm se sustentando por muito tempo, garantindo a reprodução do modelo de produção de materialidade do qual fazemos parte. De acordo com Leff (2010), as inovações tecnológicas respondem por grande parte da eficácia entre o conhecimento e a produção, porém excluindo-se a relação homem-natureza.

No Brasil, que viveu um período histórico marcado pela ditadura militar, ressalto que a Educação Ambiental conservacionista esteve em conformidade com a situação vivenciada nesse período conturbado, pois descrevia a maneira apolítica experimentada na época, bem como o empenho dos governantes com o

⁵ Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/parques-e-%C3%A1reas-verdes>> Acesso em: 25/04/2013.

aperfeiçoamento industrial e o decréscimo da pobreza no país (LIMA, 2011). Lima (2011, p.36) destaca que “o problema prioritário do Brasil era a desigualdade e a injustiça social e que a temática ambiental era supérflua no contexto brasileiro”.

Para Lima (2011), as práticas conservacionistas conquistaram a predominância devido à sua finalidade às instituições mercantis e do Estado, posto que a crise ambiental sob a ótica de conservação não põe em xeque a estrutura organizacional instaurada, assumindo assim um compromisso com a reprodução dos sistemas hegemônicos. Em muitas situações, a maioria de nós acaba por sustentar através de atitudes e discursos, sem nos darmos conta muitas vezes, a racionalidade dominante. É o que Leff (2010) denomina de “naturalizar” a razão preponderante. Segundo Leff (2010), a existência de um discurso de “responsabilidade de todos” dissemina uma ideologia onde os indivíduos são responsáveis de maneira igualitária pela crise ambiental. Porém, como atribuir responsabilidade uniformemente, se vivemos numa complexidade de relações que são desiguais? E, ainda mais, quando observamos as relações de poder e de exploração, que para Leff (2010) são as origens das disparidades as quais convivemos. Conforme Leff

Estas formações ideológicas aparecem no terreno da problemática ambiental como processos de significação que tendem a “naturalizar” os processos políticos de dominação e a ocultar os processos econômicos de exploração provenientes das relações sociais de produção e das formas de poder que regem o processo de expansão. (LEFF, 2010, p.69)

Na perspectiva do Desenvolvimento Sustentável, que representa uma vertente que tem gerado polêmica em termos de Educação Ambiental, aparentemente não está claro se há intenção de se desvencilhar da prática conservacionista ou não, posto que não apresenta grandes alterações na sistemática moderno-capitalista. Observando que assinala também o aspecto utilitarista da natureza, o ser humano como o centro de todas as relações, bem como espécie que domina, controla, e por fim, como objetivo central, o progresso da ciência e tecnologia.

A noção de Desenvolvimento Sustentável começa a ser delineada a partir do relatório *Limites do Crescimento*⁶ (Meadows, 1973 *apud* Lima, 2011) e

⁶ Documento produzido por uma comissão de pesquisadores encomendado pela ONU para a Conferência de Estocolmo, em 1972.

consequentemente o reconhecimento de que os recursos são finitos. Anos mais tarde, o relatório *Nosso futuro comum*⁷, que numa proposição inovadora, aliou meio ambiente e desenvolvimento, propondo integrar as variáveis das nossas relações, como os aspectos sociais, ecológicos, econômicos, políticos e culturais. Todavia, em nenhum momento é fixado um caminho para aproximar todas essas especificidades.

Nas palavras de Lima

[...] a noção de desenvolvimento sustentável apresentada pela Comissão de Brundtland resultou ambígua e contraditória, instaurou uma disputa sobre o significado legítimo da sustentabilidade proposta e sobre os melhores meios de atingi-la. (LIMA, 2011, p. 53).

O posicionamento do Desenvolvimento Sustentável em favor do crescimento econômico e tecnológico, suprimindo as particularidades sociais, políticas e culturais o faz muito similar ao conservacionismo. Como Leff enfatiza

[...] o discurso do desenvolvimento sustentável busca gerar um consenso e uma solidariedade internacional sobre os problemas ambientais globais, apagando interesses opostos de nações e grupos sociais em relação ao usufruto e manejo dos recursos naturais para o benefício das populações majoritárias e grupos marginalizados da sociedade. (LEFF, 2010, p.70)

Assim sendo, a Concepção Conservacionista e/ou Naturalista de Educação Ambiental resulta de uma compreensão simplista, fragmentada e reducionista das relações estabelecidas entre a sociedade e seus modos de produção e a natureza, ancorando-se no pensamento moderno cartesiano-mecanicista, onde o ser humano é o centro das relações, portanto uma categoria a parte, enquanto que a natureza é tida como fonte inesgotável de recursos para a manutenção de um modelo de produção imposto pela hegemonia, empenhando-se em edificar conceitos puramente ecológico-biológicos. Ademais, a prática educativa que emerge desta concepção segue uma tendência à reprodução deste mesmo sistema, ou seja, não promove transformação social nem uma postura crítica no enfrentamento da crise ambiental. Todavia, ainda que de contornos tradicionais, a Concepção Conservacionista/Naturalista foi e continua sendo um estilo de trabalho com a Educação Ambiental que se apresenta, pelo menos, como um alerta, ou por assim dizer, “melhor que nada”.

⁷ Documento idealizado pela Comissão de Brundtland (ONU 1988).

No próximo segmento, as análises recaem sobre outra vertente em Educação Ambiental, aqui designada como Crítica e/ou Emancipatória, arquitetada a partir de pilares complexos, pautada nas relações sociais, políticas, culturais, econômicas, em valores éticos e de responsabilidade social.

2.2 CONCEPÇÃO CRÍTICA E/OU EMANCIPATÓRIA

O campo da Educação Ambiental nos fornece hoje uma gama razoável de ênfases e tendências que se revelam conforme as particularidades em cada situação de ensino, de acordo com a visão que o professor tem de educação e as implicações sociais envolvidas nas suas ações educativas.

Para Isabel Carvalho (2004) “o mapa das educações ambientais não é autoevidente”; assim, as correntes se ramificam, divergem em pontos variados, tornam tarefa nada fácil a de situar-se frente às questões ambientais/educacionais. Assentar-se em relação à educação e em relação ao ambiental requer seguir num caminho não raro tortuoso, aparentemente desconexo e onde, muitas vezes, a interface entre eles não fica clara.

Por isso considero pertinente esclarecer a opção em trilhar esta pesquisa de acordo com Loureiro (2004), admitindo que as abordagens crítica e emancipatória, assim como a libertária, ecopedagógica, entre outras, apresentam nuances heterogêneas, mas que harmonizam e compartilham de posicionamentos políticos e educativos comuns.

Assim, abordo a Concepção Crítica e/ou Emancipatória de Educação Ambiental enquanto construção teórica genérica de uma ação educativa sustentada por princípios sociais e políticos, mesmo assumindo diferentes modulações e ainda apresentando similitudes entre si, de acordo com tendências que ora se mostram mais críticas, vez por outra adentram os fundamentos teóricos da complexidade (BRASIL, 2008).

Para Guimarães (2011), a Educação Ambiental Crítica torna problemática e complexa a realidade experimentada, bem como nos fornece subsídios para o seu enfrentamento (GUIMARÃES, 2011). Segundo o autor, a educação ambiental crítica representa uma contraposição em relação à educação ambiental conservadora,

contribuindo para uma leitura crítica de mundo, mais complexa e capaz de contribuir para uma transformação socioambiental (GUIMARÃES, 2004).

A Concepção Crítica e/ou Emancipatória de Educação Ambiental está ancorada segundo um posicionamento ético e político, cujas raízes são oriundas da educação crítica, libertadora e social (CARVALHO, 2004; BRASIL, 2008). Paulo Freire foi um referencial importante para o estabelecimento da educação crítica no Brasil, colocando a escola e os seus atores como fundamentais para a promoção da emancipação social. Nesse sentido, a Educação Ambiental Crítica e/ou Emancipatória inspiraria questões sociais no interior das questões ambientais, e vice-versa, ou seja, nas relações indivíduo-sociedade-natureza. De acordo com CARVALHO (2004),

Na perspectiva de uma educação ambiental crítica, a formação incide sobre as relações indivíduo-sociedade e, neste sentido, indivíduo e coletividade só fazem sentido se pensados em relação. As pessoas se constituem em relação com o mundo em que vivem com os outros e pelo qual são responsáveis juntamente com os outros. Na educação ambiental crítica esta tomada de posição de responsabilidade pelo mundo supõe a responsabilidade consigo próprio, com os outros e com o ambiente, sem dicotomizar e/ou hierarquizar estas dimensões da ação humana (CARVALHO, 2004, p. 20).

De acordo com Grün (1996), à Educação Ambiental cabe investigar as dimensões pertinentes às relações entre sociedade e natureza e dentre elas, os liames sociais, políticos, econômicos, culturais, éticos e morais. A partir da Concepção Crítica e/ou Emancipatória de Educação Ambiental, as ações pedagógicas privilegiariam os debates ambientais em torno da integração social, a defesa dos ecossistemas e a justiça ambiental⁸.

Tanto Lima (2009) quanto Loureiro (2006) enfatizam que a Concepção Crítica e/ou Emancipatória de Educação Ambiental orienta o conhecimento como uma construção social isenta de neutralidade, contudo recheada de historicidade, que dá direito de escolha aos seus indivíduos, emancipando-os de sua situação de refém do sistema hegemônico. Ainda de acordo com Loureiro (2013), a Educação Ambiental caracterizada como crítica busca os subsídios necessários para

⁸ Termo que designa o enfrentamento da chamada *injustiça ambiental*. A injustiça ambiental é um fenômeno atual que se refere à imposição de riscos ambientais às populações menos favorecidas. (ACSELRAD, 2009).

apreender a complexidade da realidade vivida, para então questioná-la, no intuito de promover a autonomia e a transformação social. Cumpre-se dizer que o destaque dado às propostas libertadoras de Paulo Freire contribuiu na consolidação desta vertente educacional. O enfoque de Freire foi substancial para os desdobramentos que se seguiram. Para Loureiro (2006)

Freire [...] pensou a dominação de uns sobre os outros de modo complexo (indissociável entre o econômico, o político, o institucional, o cultural, o ético, o comunicacional e o educacional) e trabalhou na construção de uma pedagogia de superação das relações sociais vigentes por um processo de conscientização, de construção coletiva e intersubjetiva do conhecimento, de ação dialógica e politicamente comprometida com as classes populares. (LOUREIRO, 2006, p. 59).

Portanto, Freire foi um dos primeiros educadores a pensar no processo ensino-aprendizagem de forma contextualizada, complexa, e na problematização das questões associadas à práxis pedagógica⁹, contribuindo na apropriação de saberes significativos para os estudantes. Não só colaborou com a noção de contextualização, como também apontou para a importância do termo conscientização, no sentido de ultrapassar a “esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá com objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1979, p. 15), ou seja, assume-se o compromisso de atuação e transformação de forma crítica.

Em linhas gerais, a concepção crítica e/ou emancipatória apresenta-se como uma forma de rebater as condições historicamente construídas às quais fomos submetidos durante muito tempo, cuja intenção sempre foi afirmar as desigualdades sociais, o paradigma de produção da nossa existência mercantilista, à forma apolítica e dicotômica com as quais tecemos nossas relações.

No próximo capítulo, esquadrinho as concepções de Educação Ambiental que estão contidas na abordagem curricular, de modo que as discussões são realizadas a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, atravessa as Diretrizes Educacionais do Estado do Paraná e por fim as Diretrizes Municipais de Educação de Curitiba.

⁹ Aqui compreendida como movimento que remete teoria à prática, porém de caráter reflexivo. (LOUREIRO, 2011, p.106).

3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO

As propostas que hoje vigoram em termos curriculares no estado brasileiro encontram-se expressas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e deveriam servir como arcabouço teórico-metodológico para a atuação docente, pois se constituiriam essência das diretrizes nos estados e municípios da federação. Considero necessário entrelaçar as concepções presentes nos currículos ao desenvolvimento das ações educativas, até mesmo em Educação Ambiental.

Nesta parte da pesquisa, caminho pelas concepções existentes nas bases curriculares federais, estaduais e municipais.

Tal como nos diz Silva (2010b), o currículo é uma escolha dentro de uma gama muito maior de saberes. Assim, numa matriz curricular estão elencados quais conhecimentos devem ou não constituir a prática docente e qual a relevância destes na formação do sujeito.

À vista disso, analiso primeiramente a normatização federal, compreendida nos volumes dos PCN de Ciências Naturais e Temas Transversais do 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental. Na sequência, analiso as Diretrizes da Educação Básica do Estado do Paraná, e por fim as Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba.

3.1 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – CIÊNCIAS NATURAIS

A elaboração dos PCN foi resultado de um trabalho em conjunto de membros do Conselho Nacional de Educação (CNE), e este documento foi primeiramente oferecido aos professores das séries iniciais do ensino fundamental, no ano de 1997, e na sequência aos docentes das séries finais do mesmo ciclo, à Educação Indígena, de Jovens e Adultos e Educação Infantil (BRASIL, 2008).

Ancorados na Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96), os PCN, serviram de suporte às diretrizes curriculares para a maioria dos estados e municípios em concordância às especificidades das diferentes localidades, apontando para um grupamento mínimo de conteúdos para o exercício docente.

A inclusão de aspectos novos desencadeou certa apreensão por parte dos professores em relação aos PCN porque ultrapassa a dimensão de conceitos e que se constituem em procedimentos e atitudes, como também a adoção de estratégias interdisciplinares e contextualizadoras como ferramentas de trabalho que possibilitam, segundo o documento, a aprendizagem significativa. Por conseguinte, existiu uma resistência em relação à efetividade dos Parâmetros enquanto matriz curricular, uma vez que materializar suas sugestões dependia também do entendimento das questões ali propostas, isto é, a compreensão de interdisciplinaridade e contextualização (BRASIL, 2008).

Muito antes dos PCN despontarem, o currículo das Ciências Naturais já vinha sofrendo grandes alterações de sentido dentro e fora da escola, decorrentes do próprio desenvolvimento industrial, científico e tecnológico experimentado ao longo de todo século XX, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. (MACHADO, 2010). O ensino de Ciências ficou por muito tempo atrelado à transmissão de conhecimentos historicamente acumulados, sendo papel do professor repassá-lo como uma verdade inquestionável. A partir dos movimentos de renovação das Ciências da década de sessenta, em virtude também dos acontecimentos mundiais da época, como a situação conflituosa entre Estados Unidos e União Soviética – Guerra Fria - os desdobramentos no ensino de Ciências foram tomando forma, o método científico¹⁰ começou a fazer parte dos estudos da disciplina, colaborando para uma nova situação. Fazer Ciência passou a ser também constituinte dos processos de produção, quer dizer, concebida não só como conhecimento como também parte do movimento produtivo (MACHADO, 2010). Nas palavras de Machado

A mudança valorizava a participação do aluno na identificação dos problemas, na elaboração de hipóteses para a resolução dos mesmos, experimentos para verificação e aplicação dos resultados obtidos, o que implicava grandes alterações no ensino, [...]. Começava, portanto, a modificar-se o conceito tradicional do ensino de Ciências, no sentido de se apresentar a Ciência não como produto de conhecimentos, mas sim como processo de produção. (MACHADO, 2010, p. 115-116)

¹⁰ De bases cartesianas, o método científico foi importante ferramenta do desenvolvimento científico e tecnológico. Envolve um conjunto de regras básicas para desenvolver uma experiência, como observação, hipótese, enunciado e teoria.

Vale mencionar que o Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná de 1990, mencionava a importância do ensino de Ciências como um atributo necessário à compreensão dos fenômenos cotidianos, já levando em consideração o conhecimento que acompanhava os estudantes até o espaço educativo (PARANÁ, 1990). Neste caso, a importância da contextualização já era evidenciada antes mesmo dos PCN serem cogitados. Neste documento consta a seguinte definição de ecossistema:

Um ecossistema se define pelas inter-relações exercidas pelos **sistemas físicos** (atmosfera, água, solo), **sistemas biológicos** (organismos vivos), a influência do Sol e demais **elementos do universo**, e pela **ação transformadora do homem**¹¹. (PARANÁ, 1990).

Mesmo nesta abordagem, o homem aparece imerso em sua dinâmica de atuação e só é parte transformadora, não se colocando como componente estrutural na gama de relações naturais. Logo, como produto de um discurso, esta aproximação se revela conservadora. Mas existe a disposição em incentivar a leitura crítica de mundo, cabendo ao professor fornecer dados que auxiliem o aluno na compreensão da natureza, mesmo que seja apenas como ambiente natural.

Em relação ao desenvolvimento de propostas curriculares na rede municipal de Curitiba, Vieira (2011) salienta que existiram planos para o desenvolvimento da educação municipal e que todos sempre se pautaram nas leis federais e buscaram modelar-se conforme o enfoque principal adotado na lei maior. Assim, nas décadas de 70 e 80, vislumbrava-se elevar os patamares municipais em termos de urbanização e industrialização, visando a “instrumentalizar as pessoas para a prática da cidadania” (VIEIRA, 2011, p.86); ou melhor, considerava-se importante formar o cidadão para o desempenho de sua função na sociedade: participar ativamente do mercado seja ele de trabalho ou consumo, “sujeitos otimizadores de mercado” (SILVA, 2010a, p. 08) o que confere um tom digno da manutenção do regime hegemônico de produção.

De acordo com os PCN, a investigação é o “x” da questão no ensino de Ciências. Professores que não incorporam os procedimentos metodológicos científicos em suas aulas práticas, ou seja, que utilizam experimentos sem correlacioná-los ao ato de investigar, não podem assegurar aprendizado aos

¹¹ Destaques presentes no original.

estudantes (BRASIL, 1998a). Examinando esta premissa, observo que quando experimentamos em sala de aula sem essa articulação, não proporcionamos ao estudante a visão do todo, das relações complexas existentes entre as partes. Para ilustrar essa questão, cito uma prática muito comum nas aulas de Ciências nas escolas: a visualização da uma lâmina ao microscópio, com exemplares celulares.

Através de um olhar mais atento, vejo que sob a exploração desta temática resumida em observar estruturas muito pequenas, persistem conexões muito mais abrangentes e complexas, tanto as de cunho ético como em relação ao uso de células-tronco ou o Projeto Genoma; a ligação entre as emissões de poluentes e a alteração da composição atmosférica com a incidência aumentada da luz solar e o crescimento de modificações celulares, não só no homem, mas também em outras formas de vida exemplificam a situação. Embora esteja elencada no currículo a importância da atitude investigativa, o preparo de uma aula e o estudo requerem um esforço muito maior tanto por parte do educador como do educando. A digressão é forçada aqui para que a temática seja extrapolada, pois é incomum tratarmos de questões assim a partir de uma aula de laboratório.

Além da demanda investigativa, o ensino de Ciências também está associado a uma tendência denominada “Ciência, Tecnologia e Sociedade” (CTS), relacionada à educação científica, originalmente proposta na década de 80, mas que tem estado presente continuamente na escola, com o acréscimo do atributo ambiental, portanto, “Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente” (CTSA).

Os PCN nos informam que o aprendizado científico está inerente ao tecnológico, pois “é inevitável conviver com produtos científicos e tecnológicos” (BRASIL, 1998a, p.22). Se for assim, então até que ponto não está se voltando ao tecnicismo dos anos sessenta, tornando os educandos apenas instrumentalizados aos moldes mercadológicos? O fato é que os avanços tecnológicos e científicos interferem com a expansão da economia, e desta condição ainda não podemos nos desvencilhar.

Temos então, levando em consideração as proposições até agora enunciadas pelos PCN, que o discurso dominante relaciona o estudo das Ciências com a investigação através de aulas práticas, como também incentiva a instrumentalização tecnológica.

De acordo com os Parâmetros, “Ciência e Tecnologia são herança cultural, conhecimento e recriação da Natureza” (BRASIL, 1998a, p.23); assim, uma

sociedade é reconhecida pelo desenvolvimento tecnológico que possui. Dominar a tecnologia é parte integrante da socialização e da inserção dos indivíduos como membros capazes de produzir e reproduzir a sua existência. Sendo assim,

Atualmente, em meio à industrialização intensa e à urbanização concentrada, também potencializadas pelos conhecimentos científicos e tecnológicos, conta-se com a pílula anticoncepcional, com a sofisticação da medicina científica das tomografias computadorizadas e com a enorme difusão da teleinformática. Ao mesmo tempo, convive-se com ameaças como o buraco na camada de ozônio, a bomba atômica, a fome, as doenças endêmicas não controladas e as decorrentes da poluição. A associação entre Ciência e Tecnologia se amplia, tornando-se mais presente no cotidiano e modificando, cada vez mais, o mundo e o próprio ser humano. (BRASIL, 1998a, p. 23).

O parágrafo supracitado evidencia que Ciência e Tecnologia não podem ser ignoradas, pois estão incorporadas à nossa rotina diária, reforçando que modificam não só a nossa vida, como também de todos que habitam o planeta.

Cabe aqui uma crítica à forma como essa relação é construída nos PCN, porque em nenhum momento desta diretriz é levada em consideração a forma como é feita a apropriação dos recursos, os quais nos valem para crescer economicamente, cientificamente e tecnologicamente. Aparentemente, este discurso nos diz que é “normal” a existência de ameaças, é o preço que temos que pagar pelo desenvolvimento. Essa “normalidade” ou essa “naturalidade” são componentes necessários para que haja a *reprodução cultural*¹² citada por Silva (2010b), e que resumidamente se referem à imposição e ocultação de informações presentes no sistema de produção da cultura, ou seja, quem institui o que se reconhece como saber é justamente quem está no poder, e a escola não pode se isentar. Diferentemente da Ciência, que em muitos casos não apresenta “finalidade prática”, o progresso tecnológico é visto nos PCN como ferramenta indispensável à sobrevivência, *naturalmente*, enquanto que a produção científica é um acúmulo de saberes que interpretam fenômenos da natureza. Portanto,

Ao descobrir e explicar fenômenos naturais organiza-se e sintetiza-se conhecimento em teorias continuamente debatidas, modificadas e validadas pelas comunidades científicas. As teorias sinalizam aos cientistas quais

¹² Silva (2010b) cita Bourdieu e Passeron em seu livro *Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo* (2010, p.35). Para aprofundamento consultar BOURDIEU, P e PASSERON, JEAN C. **A reprodução**. Rio: Francisco Alvez, 1975.

fenômenos e problemas investigar, quais métodos empregar. (BRASIL, 1998a, p.24).

Contraditoriamente, as orientações federais expõem uma compreensão de Ciência como de “natureza dinâmica, articulada, histórica e não neutra” (BRASIL, 1998a, p. 27), e que para superar a fragmentação com que vem sendo ensinada, sugere o trabalho interdisciplinar. Logo, ao planejar as temáticas das ações educativas, o professor pode fazer isso conjuntamente às outras áreas do saber, possibilitando um maior aprofundamento nas relações complexas dentro das diversas especificidades (BRASIL, 1998a, p. 28). Para Leff (2010) a interdisciplinaridade emerge de uma situação controversa, como que uma necessidade de integrar conhecimentos, porém sem definir objetivos precisos e oportunidades de incorporação e articulação entre as disciplinas. De acordo com o autor

A interdisciplinaridade surge como uma necessidade prática de articulação de conhecimentos; mas constitui um dos efeitos ideológicos mais importantes sobre o atual desenvolvimento das ciências [...]. Fundada num princípio positivista do conhecimento, as práticas interdisciplinares desconhecem a existência dos objetos teóricos das ciências; a produção conceitual dissolve-se na formalização das interações e relações entre objetos empíricos. [...] Desta postura ideológica surgem os problemas de aplicação de um método da interdisciplinaridade. No campo teórico, propõe-se a legalização de “dados” pertencentes à disciplina “x” a partir das leis que regem a disciplina “y”. Mas em que sentido pode a realidade, as coisas, os dados pertencerem a uma disciplina? O real pertence a uma ciência não como objetos isolados, mas como o conjunto de determinações de seus processos, as quais não podem ser legalizadas por outra ciência sem serem absorvidas por ela.¹³ (LEFF, 2010, p.37-38).

A análise de Leff refere-se da mesma forma às constantes tentativas em criar “novas” disciplinas que “integrem” o campo ambiental. A interdisciplinaridade sem objetivos bem delimitados apenas reproduz o sistema que já existe há muito tempo. Leff (2010, p. 71) considera que “um trabalho teórico interdisciplinar é entendido como o intercâmbio de conhecimentos que resulta numa transformação de paradigmas teóricos das disciplinas envolvidas”, isto é, torna-se necessário mover as bases estruturais do seu objeto.

Para Silvio Gallo (2001), a interdisciplinaridade é “uma tentativa de transcender limites, de estabelecer comunicabilidade, de reconectar as ligações

¹³ Aspas do autor.

desfeitas ou perdidas com o movimento da especialização” (GALLO, 2001, p. 19), porém, a proposta interdisciplinar que está na proposta curricular remete à hierarquização e à fragmentação do saber.

Como já foi dito, os pressupostos dos PCN abrangem conceitos teóricos, bem como procedimentais e atitudinais que devem ser desenvolvidos a partir da teoria. Nas Ciências Naturais, os conteúdos procedimentais estão interseccionados pelas ações cientificamente metodizadas, como a “observação, a comparação, a elaboração de hipóteses e suposições, o debate oral sobre as hipóteses, [...] a proposição para a solução de problemas” (BRASIL, 1998a, p. 29). Com relação ao desenvolvimento de atitudes e valores morais, a abordagem desta diretriz sugere que isto seja feito através da socialização e vivência da interculturalidade e da relação com a natureza, levando em consideração os atributos subjetivos dos indivíduos e da coletividade. De certa forma, os PCN de Ciências Naturais manifestam uma preferência ao diálogo e às possíveis trocas que poderiam existir entre os sujeitos, como se observa na seguinte citação:

A valorização da vida em sua diversidade, a responsabilidade em relação à saúde e ao ambiente, bem como a consideração de variáveis que envolvem um fato, o respeito às provas obtidas por investigação e à diversidade de opiniões ou a interação nos grupos de trabalho são elementos que contribuem para o aprendizado de atitudes, para saber se posicionar crítica e construtivamente diante de diferentes questões. (BRASIL, 1998a, p. 30).

Dentre os principais objetivos elencados nos PCN, destaco que ainda persiste uma tonalidade excessivamente voltada ao ser humano e às suas questões, procurando hierarquizar as relações entre os indivíduos, a sociedade e a natureza, na medida em que é possível encontrar em pelo menos três objetivos, alguma menção ao ser humano como um ser especial.

A proposta desta pesquisa é observar concepções de Educação Ambiental, que não se apresentam claramente no discurso por seu caráter transitório; portanto, apesar dos PCN indicarem ser contra a dominação humana sobre o ambiente, faz uso da medida humana como elemento norteador. Deste modo, conforme o documento federal, é objetivo compreender que o homem é um agente de transformação da natureza; que o processo de produção dos saberes é uma atividade humana e como tal, possui diferentes níveis de relação (social, econômico,

político, cultural), e ainda faz parte da implementação tecnológica para “suprir necessidades humanas”, apresentando “riscos e benefícios” (BRASIL, 1998a, p. 33). Existem também outros aspectos importantes mencionados, como a preocupação com a “saúde pessoal, social e ambiental”, assim como a relevância do trabalho investigativo e em grupo.

A seleção dos conteúdos está em conformidade com o pensamento descrito acima, colocando o homem como o centro de todas as relações, e por isso mesmo, recomendando que a escolha dos conteúdos reafirme os propósitos já mencionados, como a visão de um ser humano transformador da natureza, que produz conhecimentos que servirão como arcabouço para o desenvolvimento tecnológico, que por sua vez, serve para amparar a existência humana no planeta. Segundo os PCN, a mediação entre homem e natureza se faz por intermédio da tecnologia, assim o aperfeiçoamento tecnológico é imprescindível (BRASIL, 1998a, p. 35).

Diante disso, os eixos temáticos são recomendados para a efetivação de uma ação pedagógica mais elaborada e eficiente. Os eixos temáticos representam uma maneira de agrupar os conteúdos inter-relacionados entre si, facilitando ao professor as aproximações entre os conteúdos, entre os temas transversais e entre as disciplinas que corroboram nas Ciências Naturais. Os eixos abrangem as seguintes temáticas: Terra e Universo; Vida e Ambiente; Ser Humano e Saúde; e por fim, Tecnologia e Sociedade.

De acordo com o que já foi exposto, os PCN apoiam um sistema integrado de trabalho entre os conteúdos. Deste modo, os componentes da grade curricular podem ser elaborados e orientados dentro destes eixos, permeando-os gradativamente.

Saliento que mesmo apresentando algumas consonâncias com a Concepção Crítica e/ou Emancipatória de Educação Ambiental, os PCN ainda pontuam aspectos “biologizantes”, ao afirmar que “considerando conhecimentos científicos como essenciais para o entendimento das dinâmicas da natureza, em escala local e planetária, Ciências Naturais promove a educação ambiental, em todos os eixos temáticos” (BRASIL, 1998a, p. 51). Além disso, expõe que as soluções para algumas das questões ambientais são puramente tecnológicas, como assinala na seguinte citação:

Reconhecendo que os desgastes ambientais estão ligados ao desenvolvimento econômico, e que estes estão relacionados a fatores políticos e sociais, (Ciências Naturais) discute as bases para um desenvolvimento sustentável, analisando soluções tecnológicas possíveis na agricultura, no manejo florestal, na diminuição do lixo, na reciclagem de materiais, na ampliação do saneamento básico, ou no controle de poluição. (BRASIL, 1998a, p. 51).

A orientação da próxima seção se refere ao meio ambiente como temática transversal, portanto é coadjuvante no processo de apreensão da concepção de Educação Ambiental presente nas diretrizes federais. Os princípios norteadores da transversalidade e da interdisciplinaridade fazem parte deste tópico.

3.2 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – TEMA TRANSVERSAL MEIO AMBIENTE

A partir da leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências Naturais, há uma tentativa de fazer emergir uma concepção mais crítica e política para a Educação Ambiental, mas que nem sempre prevalece como discurso oficial. Mesmo assim, os PCN assinalam que a educação deve ter uma preocupação em relação à compreensão da cidadania, posto o primeiro objetivo geral da educação básica seria “compreender a cidadania como participação social e política” (BRASIL, 1998b). Portanto, para uma educação formadora de cidadãos aptos a viver e conviver em sociedade, de acordo com princípios éticos e morais, além do desenvolvimento de uma plataforma curricular eficiente, a presença de conceitos transversais e interdisciplinares cooperam com estes princípios comuns ao fazer docente.

Diante disso, a vertente transversal e interdisciplinar aparece no currículo como uma maneira de aprimoramento em questões éticas no trabalho em sala de aula, aflorando as conexões complexas e dinâmicas das relações humanas como rede de conflitos sociais, e também com a natureza.

Segundo Silvio Gallo (2001), os temas transversais constituem-se numa possibilidade de interdisciplinaridade, observando que os assuntos podem ser discutidos nas diferentes áreas do saber. Desta forma, “eles devem dizer respeito a

temas de um cotidiano dinâmico em transformação, portanto também devem ter a agilidade de poder ser alterados com facilidade e rapidez. E devem dizer respeito a temas sociais, contemporâneos” (GALLO, 2001, p. 20).

Dentre uma enormidade de aspectos que poderiam ser elencados como temas transversais, foram escolhidos assuntos segundo critérios pertinentes em âmbito nacional. Entre os critérios, está a “urgência social”, a qual está associada aos fatos que impedem o progresso da cidadania, incluindo neste item tópicos relacionados à qualidade de vida das pessoas.

Basicamente, os temas transversais versam sobre as reflexões acerca das questões sociais, impondo e justificando a educação como um ato social primordialmente. Outro aspecto que vem ao encontro dos critérios de seleção dos temas é a abrangência nacional, permitindo que sejam fundamentos os saberes relativos a este país continental; ainda há um destaque ao alcance do trabalho educativo, posto que é direcionado ao ensino fundamental; e enfim, proporcionar aos estudantes a oportunidade de reflexão sobre os aspectos da realidade vivida e a possibilidade do engajamento social (BRASIL, 1998b, p. 25-26).

Na análise feita por Gallo (2001) no documento exposto pelo MEC em 1997, a interdisciplinaridade e a transversalidade são apresentadas como correlatas, porém, distanciam-se, tendo em vista que a interdisciplinaridade está associada à produção do conhecimento, enquanto a transversalidade vincula-se à questão pedagógica. Conforme o autor, a transversalidade está condicionada ao trânsito de saberes não agrupados ou associados hierarquicamente, assim como a uma matriz curricular não disciplinar, quer dizer, “um liame de fios e nós, sem começo e sem fim com infinitas possibilidades (...), onde o processo educativo seria uma produção singular a partir de múltiplos referenciais” (GALLO, 2001, p.24).

Explicar o que vem a ser ou não transversalidade é de natureza complexa. Contudo, a transversalidade ainda não é um consenso entre os educadores, em virtude de sua nuance complexa e da aceitação por parte dos professores especialistas. Para Lima (2011, p.194), o grande desafio da transversalidade é introduzir um pensamento não cartesiano na educação formal, o aprimoramento teórico e metodológico, reorganização do projeto político e pedagógico das escolas, bem como a aproximação com a comunidade. Seria mais que isso: incorporar um modelo de múltiplas possibilidades, de conexões e aproximações no mapa de saberes.

Há ainda a necessidade de se abordar o trabalho por projetos, que também está presente nos PCN, sustentando uma metodologia específica de desenvolvimento das ações com os temas transversais. Isso é de fato importante, pois nas escolas é muito comum encontrarmos projetos dedicados ao estudo do ambiente bem como da questão ambiental como um todo.

Ressalto que a prática educativa orientada por projetos torna-se eficiente na medida em que contextualiza os conteúdos para os educandos, como também aproxima as demais áreas do saber entre si, justificado por um planejamento prévio das ações, o que proporciona uma evolução organizada e sistemática das atividades, além de expor uma forma ativa de formação dos educandos para situações reais.

Isto posto, observamos que os temas transversais ancoram-se numa perspectiva de trabalho inovador, partindo de princípios interdisciplinares para os seus desdobramentos, aceitando e inclusive encorajando a utilização de projetos de pesquisa para o avanço do ensino.

Em relação ao tema transversal meio ambiente especificamente, a diretriz curricular federal baseia-se numa construção teórica pautada na questão ambiental. A grande aposta é na “conscientização ambiental”, vista como a principal tarefa a ser promovida pela Educação Ambiental nas escolas. De acordo com os PCN

Nesse contexto fica evidente a importância de educar os brasileiros para que ajam de modo responsável e com sensibilidade, conservando o ambiente saudável no presente e para o futuro; saibam exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda a comunidade, tanto local como internacional; e se modifiquem tanto interiormente, como pessoas, quanto nas suas relações com o ambiente. (BRASIL, 1998c, p. 181).

O direcionamento é condizente com uma urgência real imposta pela crise ambiental, contudo, torna-se opaco analisar como e quando os educandos estão sensibilizados e conscientes em relação ao ambiente.

Como forma de alcançar essa sensibilização e conseqüentemente a consciência ambiental, os PCN propõem como metas essenciais a identificação por parte dos educandos, enquanto integrantes do meio natural: a percepção e a adoção de uma postura respeitosa em relação à diversidade social e cultural, reconhecendo o ser humano enquanto agente de transformação; a compreensão de que as ações

locais interferem em maior ou menor escala no âmbito global e que, portanto, temos que contribuir fazendo a nossa parte (BRASIL, 1998c, p. 197-198).

A seleção de conteúdos constituintes do tema meio ambiente obedece aos objetivos propostos acima de identificação, percepção, compreensão e, além disso, corresponde aos ideais gerais propostos pelos PCN, como o desenvolvimento da cidadania por meio de atitudes de respeito ao próximo e ao ambiente e a promoção de uma perspectiva de ajuste e composição com a realidade. Na intenção de dinamizar o estudo do ambiente, o programa curricular organizou os conteúdos em três blocos distintos: os ciclos presentes na natureza; as relações entre sociedade e natureza; e manejo e conservação do ambiente.

Segundo os PCN, o que é mais atrativo aos educandos em relação ao ambiente se dá por meio da afetividade. Assim, há um incentivo significativo para que as atividades sejam articuladas às qualificações da natureza, pela (re)descoberta dela por meio de situações vinculadas ao cotidiano da comunidade escolar, evidenciando a força e as qualidades do ambiente, ou seja, com condutas práticas estreitadas à realidade, fazer a aproximação entre educandos e natureza

Para finalizar este segmento, apresento os conteúdos essenciais orientadores da prática docente: entendimento dos processos vitais nas diferentes idades da Terra; a irreversibilidade da extinção das espécies; a percepção do fluxo energético e de produção na natureza; a observação das especificidades do entorno da comunidade e a dinâmica dos ecossistemas; a noção de ciclo natural de diferentes culturas; a apropriação de recursos como o solo e a água; a diferenciação entre os ambientes rurais e urbanos de acordo com a qualidade de vida esperada; a avaliação do discurso de mercado em relação ao consumo; a busca de uma nova relação com a natureza através da sustentabilidade; conhecer e reivindicar ações sustentáveis tanto em áreas urbanas quanto nas rurais, bem como o comprometimento do Estado frente à crise ambiental (BRASIL, 1998c, p. 205-225).

Igualmente, as análises aqui apresentadas demonstram que tanto o currículo das Ciências Naturais quanto o tema transversal meio ambiente propuseram uma mudança importante nas bases do ensino fundamental, incorporando a presença de práticas inovadoras como o trabalho investigativo nas ciências, a contextualização dos conteúdos, como também a interdisciplinaridade e a transversalidade como sistemáticas de um trabalho mais interessante na escola. Apesar disso, como propósito geral de educação para o país e passada mais de uma década de sua

existência, os PCN permanecem mais como uma tentativa do que uma real aproximação a uma proposta curricular pensada na complexidade do ambiente. Entretanto, as propostas contidas nos PCN serviram como norte para as diretrizes de uma grande parte dos estados e municípios da federação que vieram a se constituir nos anos seguintes. Na próxima seção, analiso as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica para a Rede Pública Estadual de Ensino do Paraná, instrumento que rege as escolas estaduais do Paraná, no intuito estabelecer quais concepções de Educação Ambiental está destacado neste documento.

3.3 AS DIRETRIZES CURRICULARES DO ESTADO DO PARANÁ

A proposta curricular do Estado do Paraná, em vigor desde 2008, foi desenvolvida a partir de discussões coletivas, que envolveram toda a rede estadual de ensino, as quais iniciaram em 2003 e foram finalizadas com a publicação das Diretrizes Curriculares para a Educação Básica para a Rede Pública Estadual de Ensino. Essa renovação partiu de uma vertente de reforma e adequação do Currículo Básico, matriz oficial de 1990 (PARANÁ, 2008; VANDRESEN, 2011; GILIOLI *et al*, 2011), porém, agora embasada filosoficamente nas Teorias Críticas de Currículo.

O Currículo Básico da década de 90 tinha como princípio filosófico norteador o materialismo histórico-dialético¹⁴, tendo como proposta pedagógica fundamentada na Pedagogia Histórico-Crítica¹⁵ de Saviani. A intenção era que a educação neoliberal reprodutora do sistema hegemônico fosse substituída por uma intervenção crítica na escola, formando cidadãos aptos a trabalhar em prol do desenvolvimento da cidadania. Em um texto publicado de autoria de Saviani em 1984, o autor considera que o homem necessita produzir sua existência continuamente – por meio do trabalho – e, sendo assim, “em lugar de se adaptar

¹⁴ Método proposto por Marx, que leva em consideração a interpretação da realidade, visão de mundo e a práxis. Segundo Marx, a realidade existente ocorre em virtude das relações materiais estabelecidas na sociedade, pautadas na organização histórica e articuladas no encontro da teoria com a prática. (PIRES, 1997).

¹⁵ Dermeval Saviani defende uma educação politicamente articulada como prática social integrada à sociedade e à produção da existência humana, tendo como foco a instrumentalização da classe trabalhadora para a luta política contra a dominação. (SILVA, 2010b, p.63).

à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la” (SAVIANI, 1984, p. 01). A orientação curricular das Diretrizes apresenta-se sob uma perspectiva diferente do antigo currículo, mas ainda matizada em Marx e Saviani, partindo do pressuposto de que seja possível a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos por meio da educação (PARANÁ, 2008).

Entretanto, segundo Gilioli *et al* (2011), o que ocorre nas diretrizes estaduais é uma “sobreposição discursiva” da teoria marxista, visto que em todo o documento oficial existem poucas menções ao autor, e muito menos ele é encontrado nas discussões das disciplinas. Segundo Tonet (2005), o uso da palavra cidadania como meta para a educação contradiz a proposta marxiana, posto que a cidadania para Marx seja uma ferramenta de opressão entre classes; para o autor, o objetivo é a promoção da emancipação humana, uma forma de liberdade absoluta, que suprimiria o mercado e suas classes. Paulo Freire propõe uma pedagogia *libertadora*, cuja proposição é justamente promover a libertação, a humanização, e a emancipação humana.

De acordo com Sonia Santos (2004), em sua prática educativa, Paulo Freire admitia a natureza do homem enquanto ser social, constituído historicamente, à procura de autonomia. Desta forma,

A emancipação consiste num fazer cotidiano e histórico permeado de desafios e possibilidades, mas que, no entanto, não pode ser proposta pela classe dominante, mas por aqueles que sonham com a recriação da sociedade (SANTOS, 2004, p. 3).

À vista disso, a promoção da cidadania seria uma forma de manutenção do *status quo* da minoria hegemônica, enquanto a emancipação humana aproximar-se-ia mais com um rompimento com esta organização de classes e a manutenção da opressão capitalista. Ou seja, trata da transformação e superação social.

Desta forma, o currículo estadual vigente propõe a contextualização e a interdisciplinaridade, como reguladores das práticas educativas, visando uma atitude emancipatória tanto dos estudantes como dos professores, levando em consideração os saberes provenientes de fora da escola, bem como a relevância de discussões entremeadas nas diferentes áreas do conhecimento, “entendidas como necessárias para a compreensão da totalidade” (PARANÁ, 2008, p.22).

Todavia, as Diretrizes criticam os PCN por admitirem ações subjetivas e sensibilizantes como componentes pedagógicos, isto porque consideram estar desvinculando o estudante de sua prática social, política, histórica e cultural. Segundo as Diretrizes

As críticas a esse tipo de currículo referem-se a uma concepção curricular que se fundamenta nas necessidades de desenvolvimento pessoal do indivíduo, em prejuízo da aprendizagem dos conhecimentos histórica e socialmente construídos pela humanidade. (PARANÁ, 2008, p. 20).

Outra consideração importante feita pelas Diretrizes refere-se a uma perda significativa dos conteúdos científicos verificada nos PCN, visto que praticamente qualquer assunto poderia ser uma temática de trabalho em sala, juntamente com os temas transversais que refletem essa mentalidade cuja articulação reside nos procedimentos e atitudes dos estudantes, ou como está nos PCN, conteúdos procedimentais e atitudinais.

Em contrapartida, o currículo estadual propõe os chamados conteúdos estruturantes, os quais são representados pelas grandes construções teóricas, produto de discussões sócio-históricas em torno dos saberes científicos (PARANÁ, 2008). De acordo com a normativa estadual “a ênfase no desenvolvimento de atitudes e valores, bem como no trabalho pedagógico com os temas transversais, esvaziaram o ensino dos conteúdos científicos da disciplina de Ciências” (PARANÁ, 2008, p. 56), rigorosamente por não atentarem para as relações históricas e sociais.

As Diretrizes sugerem que o trabalho aconteça dentro das relações estabelecidas socialmente, e que as temáticas consideradas transversais sejam ancoradas nas disciplinas as quais “lhes são afins, de forma contextualizada, articulados com os respectivos objetos de estudo destas disciplinas e sob o rigor de seus referenciais teórico-conceituais” (PARANÁ, 2008, p. 28).

Tendo em vista os aspectos destacados acima, nas Diretrizes constatamos que há preocupação em desenvolver um espírito de luta social e promoção da cidadania, bem como articulação entre a contextualização e as práticas educativas e a interdisciplinaridade como dispositivo integrador do currículo.

A rigor, diferentemente do que ocorre nos PCN, as Diretrizes não apresentam uma discussão direta com relação à Educação Ambiental. Deste modo, esta pesquisa vale-se da matriz vinculada ao ensino de Ciências, como recorte investigativo. Portanto, nas Diretrizes, o objeto de estudo das Ciências, dentre elas

as biológicas, físicas, químicas, astronômicas, entre outras, é a investigação da “natureza”. Segundo a normativa, a “natureza” compreende os componentes do Universo em sua rede de complexidade, sendo da competência do homem “interpretar racionalmente os fenômenos observados na *Natureza*¹⁶, resultantes das relações entre elementos fundamentais como tempo, espaço, matéria, movimento, força, campo, energia, e vida” (PARANÁ, 2008, p. 40). Em consequência disso, as relações entre o ser humano e os demais seres ocorrem em virtude de se criar ou não condições benéficas de permanência, e por isso o estigma de dominação persiste.

Nestes termos, as Diretrizes estaduais se distinguem dos PCN em muitos pontos, por estimular uma prática pedagógica crítica, política e histórica, como também no conceito de interdisciplinaridade; porém, assemelham-se quando tratam da relação homem-natureza, pois ainda é perceptível a noção de dominação que os seres humanos têm na lida com o ambiente, interessando mais os atributos naturais que possam contribuir favoravelmente à existência da espécie humana.

3.4 AS DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO MUNICIPAL DE CURITIBA - DCEMC

A Rede Municipal de Ensino de Curitiba reestruturou suas diretrizes curriculares em meados de 2005, a partir de um documento anterior que já apresentava sinais de ranço em diversos aspectos e cujas alterações foram apontadas pelos próprios profissionais da Rede. Abriu-se um espaço para as discussões acerca de uma nova matriz curricular para a cidade.

Seguindo padrões ancorados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a normatização municipal manifesta sua opção por manter conteúdos procedimentais e atitudinais em seu currículo, além daqueles de natureza conceitual que certamente ocupam grande parte da grade (CURITIBA, 2006b).

Inicialmente, as Diretrizes do município investem em três princípios norteadores do trabalho pedagógico, que são: a Educação para o Desenvolvimento

¹⁶ Grifo no original.

Sustentável, a Educação pela Filosofia e a Gestão Democrática. Esses eixos devem subsidiar a ação educativa, assumindo que a Educação para o Desenvolvimento Sustentável fornece a interpretação necessária da natureza para a “recondução” das atividades humanas; a Educação pela Filosofia sugere que sejam observadas as práticas libertárias como exercício crítico para a formação da identidade e da cultura; e a Gestão Democrática é o compromisso abraçado pela política pública municipal em assegurar os direitos à cidadania e ao poder de escolha dos cidadãos. (CURITIBA, 2006a).

Porém, antes da implementação curricular, o município de Curitiba contou com um trabalho desenvolvido nos Centros de Educação Integrais (CEIs), os quais possuíam espaço adequado para as práticas de Educação Ambiental. A partir do ano 2000, o termo empregado comumente nas escolas integrais era Alfabetização Ecológica¹⁷, cujo objetivo é:

[...] a reflexão crítica das questões socioambientais, visando à formação de cidadãos conscientes, que atuassem responsabilmente na superação de desequilíbrios da realidade em que vivem, com vistas à sustentabilidade do planeta. (CURITIBA, 2006a, p. 26).

Entretanto, a Alfabetização Ecológica foi uma maneira de suplementar as atividades no campo ambiental, visto que a normativa é bem clara no sentido de que a proposta de Curitiba é a Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

A proposta de uma educação amparada nos preceitos do Desenvolvimento Sustentável aposta no avanço da Ciência e da Tecnologia, mesmo declarando ciência de sua preocupação com a falta de recursos para as gerações futuras, o primordial é o crescimento, seja ele econômico, científico ou tecnológico. Em oposição a isso, a Alfabetização Ecológica prevê uma sociedade que possa ser sustentável, essencialmente se autossustentando, sendo capaz de gerir os recursos em prol da comunidade local.

Outra questão importante colocada nas Diretrizes é a relação de esgotamento dos recursos com o crescimento demográfico, bem como a expectativa

¹⁷ A Alfabetização Ecológica, ou Eco-Alfabetização, se constitui numa vertente de Educação Ambiental, cujo principal aspecto está relacionado à visão holística e sistêmica de todas as coisas. Isto implica numa noção voltada à ecologia e à sustentabilidade como forma para solucionar os problemas ambientais. Capra *et al* (2006, p.13) expõe que é possível a construção de sociedades sustentáveis, ou seja, aquelas que são “capazes de satisfazer as suas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras”.

de vida, aumentada devido aos progressos da medicina. O fato é que nenhuma das duas situações contribui decisivamente para a piora ou não da crise ambiental; é uma forma de reduzir numa esfera muito pequena uma situação que exige um leque muito maior de relações complexas. De acordo com Lima (2011), existe um medo de que o ritmo de crescimento populacional não acompanhe o da produção de alimentos; assim, como as maiores porcentagens de crescimento populacional são oriundas de países pobres, estes se encontram na mira de ações para controle demográfico. A principal crítica é o fato de que não há efetiva distribuição de recursos entre os países ricos e pobres, e conseqüentemente, quem realmente consome estes recursos são as nações mais abastadas (LIMA, 2011).

O currículo propõe que os padrões de consumo provenientes do modelo econômico são prejudiciais ao ambiente, e para isso aposta numa economia sustentável (CURITIBA, 2006a), ou seja, “que mantém a capacidade do meio ambiente de suprir cada recurso natural e de absorver os produtos finais descartados, que mantém intactos os ciclos naturais de geração a geração” (CURITIBA, 2006a, p.27-28). Paradoxalmente, no texto curricular encontramos outro segmento que diz o seguinte:

O fato de alguns seres humanos ainda não se sentirem pertencentes ao ambiente e ignorarem que as conseqüências de suas ações recairão também sobre eles próprios tem evidenciado a crescente deterioração do ambiente em escala mundial, levando ao esgotamento de quase todos os limites suportáveis de vida, ocasionado pela poluição, proliferação de doenças, alterações de fenômenos naturais, degradação dos recursos naturais, desigualdade social e negligência à preservação da biodiversidade. (CURITIBA, 2006a, p. 28).

A postura observada nos dizeres acima sugere que a falta de “consciência ambiental” está relacionada também ao sentimento de não pertencimento. Leff (2010) é muito claro quando diz que a crise ambiental é também uma crise civilizatória, significando muito mais que civilidade: a crise, em conjunto a outros fatores, entre eles o modelo econômico assumido pela sociedade moderna, apoia-se no direcionamento linear, reduzido e dualístico proveniente de uma educação fragmentada encontrada na escola. Cumpre-se dizer que a complexidade das relações não é linear, ou seja, são tecidas e entrelaçadas numa rede de conexões, as quais os documentos oficiais pouco comentam.

A Agenda 21¹⁸ também é citada no currículo municipal, visto que a proposta de Desenvolvimento Sustentável é o foco central em suas proposições, estabelecendo metas para a Educação Ambiental mundial. Especificamente o capítulo 36 da agenda global estabelece que “o ensino, a promoção da consciência pública e o treinamento” fazem parte das atribuições da Agenda 21, portanto, alicerçam e direcionam o trabalho educativo para a sustentabilidade. Desta forma, é papel do Estado fomentar ações em prol da reformulação curricular, pois o indicativo é de que a Educação Ambiental seja mesmo a Educação para o Desenvolvimento Sustentável, inclusive aspecto reafirmado na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS), também conhecida por Rio+20 (ONU, 2012).

Para concluir as orientações específicas em relação à Educação Ambiental, as Diretrizes recomendam que o trabalho seja desenvolvido de forma contextualizada, conectada às perspectivas socioambientais, tratando-a de forma interdisciplinar, incluindo a pesquisa-ação como método de trabalho. A prática docente embasada na pesquisa-ação objetiva também a descoberta dos problemas da comunidade local, possibilitando aos estudantes o envolvimento nas realizações benéficas à localidade. (CURITIBA, 2006a). A pesquisa-ação denota a intenção do currículo de que haja alguma transformação na prática pedagógica, posto que oferece a possibilidade de uma atitude investigativa frente às questões de sala de aula, visando ao aprimoramento tanto do professor quanto do estudante. Entretanto, a grade curricular não esclarece como o professor pode desenvolver suas aulas por meio da pesquisa-ação.

À vista das colocações já citadas, observo que a Educação Ambiental está contemplada nos documentos curriculares oficiais federais e municipais – PCN e DCEMEC – porém, o mesmo não ocorre na DCE-PR. A abordagem feita pelos PCN e DCEMEC aponta para uma concepção conservadora de Educação Ambiental.

No próximo capítulo, analiso quais vertentes incluem-se nos estudos conceituais de Educação Ambiental apresentados recentemente no país.

¹⁸ Programa de ações assinado por 179 países, produzido pela Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro em 1992 (Rio-92). Apresenta uma série de compromissos em relação à preservação da biodiversidade, do consumo e de desenvolvimento. (CURITIBA, 2006a).

4 PESQUISAS RECENTES SOBRE CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nesta seção pretendo dispor de aproximações entre a minha pesquisa e outras, as quais estabelecem objetivos semelhantes aos aqui propostos.

Início pela pesquisa de Márcia P. Carvalho (2009)¹⁹, pedagoga de formação, porém desde muito cedo interessada nas relações da sociedade com o meio ambiente. Sua dissertação de mestrado apresenta as concepções dos professores das séries finais do ensino fundamental de uma escola estadual da região centro-oeste brasileira. A pesquisadora esclarece já de antemão que, assim como creio ser o viés deste trabalho, o estudo de concepções é rico em possibilidades interpretativas, sendo caracterizado pelo encontro da formação profissional e a subjetividade vinculada aos caminhos vividos de cada um. Concordo com autora ao se referir ao termo concepção como obra em permanente elaboração e reelaboração, bem como no cerne da atribuição de sentido às práticas cotidianas. Assim, concepções conferem sentido às ações educativas desenvolvidas pelos professores nas escolas. Em contrapartida, a pesquisa de Carvalho (2009) tece suas considerações acentuadamente pelos saberes e fazeres docentes, aos quais atribui como concepções, e que não estão essencialmente nesta composição.

Carvalho (2009) considerou importante em sua investigação realizar recortes em relação às concepções e tendências em relação à Educação Ambiental e a Educação Formal encontradas na literatura, categorizando primeiramente as diferentes concepções de meio ambiente encontradas na literatura, assumindo que tais concepções revelam como se dão as relações entre homem e natureza. Segundo dados de sua investigação, as concepções de meio ambiente permeiam uma visão naturalista, racionalista, histórica e planetária, sendo que as duas vertentes primeiras participam da tendência educacional conservadora, associada a uma concepção tradicional e reprodutora do sistema hegemônico vigente; enquanto as duas vertentes denominadas histórica e planetária estão imbricadas à Pedagogia Crítica, à qual pertence a uma ênfase política de educação, encorajando a

¹⁹ CARVALHO, M. P. **Sentidos do saber e do fazer docente em Educação Ambiental: um estudo sobre as concepções dos professores.** 158p. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente). Centro Universitário de Anápolis, Anápolis, 2009.

transformação social e o enfrentamento dos conflitos socioambientais, numa perspectiva da totalidade.

Deste modo, Carvalho (2009) indica quatro distintas concepções válidas para a Educação Ambiental, sendo elas: Conservadora; para a Gestão Ambiental; Crítica e Ecopedagogia. Para a pesquisadora, a concepção Conservadora associa-se à dimensão tradicionalista de educação, voltada ao domínio de conceitos ecológicos bem como aos valores estabelecidos pelo modelo econômico ao qual vivemos. Portanto, esta concepção prevê a manutenção do *status quo* dominante, sendo apenas reprodutora do sistema.

A Educação Ambiental para a Gestão Ambiental é diferente da anterior porque supõe formar cidadãos ecologicamente corretos, porém caracterizando a imagem utilitária da natureza. Conseqüentemente, há o entendimento de que a crise ambiental é fruto de tecnologias não adequadas, cabendo ao homem a tarefa de promover o aprimoramento científico e tecnológico dos meios de sobrevivência. Já a concepção Crítica apoia-se numa visão política, histórica e cultural de mundo, partindo da dialética como forma ideal da relação sociedade-natureza, abrindo espaço para as discussões acerca das relações sociais e seus aspectos econômicos.

Segundo Carvalho (2009), a Educação Ambiental Crítica propõe, então, a práxis pedagógica como uma ação integrada entre a dimensão social, política, cultural e ambiental tendo como metas a transformação social e a justiça ambiental. Por fim, a Ecopedagogia como uma concepção de trabalho em Educação Ambiental oferece uma visão planetária da questão ambiental, de cunho orientado mais ao encorajamento de atitudes éticas e positivas em relação ao ambiente, priorizando a formação de sujeitos conscientes para atuarem localmente, compreendendo que suas ações também contribuem globalmente. Para a autora, a Ecopedagogia atende à Educação Ambiental, pois se revela como arcabouço metodológico para o encadeamento do seu trabalho.

Como instrumentos para a coleta de dados, Carvalho (2009) utilizou questionário para obter elementos de caracterização do quadro docente, e entrevista semi-estruturada, cujo objetivo maior era interpor as concepções e práticas dos professores em Educação Ambiental.

De maneira geral, os professores que participaram deste estudo apresentaram em sua maioria uma visão conservadora de Educação Ambiental,

seguida pela Educação para a Gestão Ambiental, ambas pautadas num cenário tradicional acrítico e apolítico.

O trabalho realizado por Paula E. Mielke (2010)²⁰, cujo propósito era dispor não exatamente concepções, mas princípios que emergem nas práticas em Educação Ambiental, buscou examinar como estes princípios declaram as concepções dos professores sobre o tema em suas ações educativas.

A pesquisadora sugere que princípios e concepções sejam complementares; logo, as concepções revelar-se-iam examinando-se os princípios que se sobressaem nas práticas docentes. Assim, Mielke (2010) propõe que haja princípios primordiais intrínsecos às ações em Educação Ambiental, os quais já foram definidos na literatura, tal como o princípio da interdisciplinaridade, da transversalidade, do viés político-social, ético e de valor e que, portanto, suas análises recairiam mais nas práticas pedagógicas.

Para sua coleta de dados, a autora recorreu-se à observação das aulas, à apreciação dos projetos desenvolvidos nas escolas, e a entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa foi realizada com professores da rede municipal de um município do estado de São Paulo, atuantes no ensino fundamental da cidade e que desenvolvem projetos de Educação Ambiental. A observação das aulas foi fundamental para as análises de Mielke (2010), pois permitiram a ela uma reflexão mais aprofundada sobre o objeto de estudo.

Contudo, em suas considerações, Mielke (2010) destaca que sua busca era por princípios da Educação Ambiental Crítica na ação docente. Entretanto, a autora constatou que os professores exerciam suas atividades de acordo com princípios mais conservadores. A pesquisadora ressalta que houve um distanciamento entre os princípios elencados nos projetos de Educação Ambiental analisados e as intervenções docentes.

O trabalho apresentado por Miriam Suleiman (2011)²¹ e Valéria G. Iared e Haydée T. de Oliveira (2011)²² indicam maior direcionamento ao estudo de concepções de Educação Ambiental.

²⁰ MIELKE, P. E. **Princípios da Educação Ambiental nas Práticas e Discursos de Professores do Ensino Fundamental**. 164p. Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo Temático Educação Ambiental, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”(UNESP), Rio Claro, 2010.

²¹ SULEIMAN, M. **Concepções de professores de escolas públicas de São José do Rio Preto/SP sobre ensino de Ciências Naturais e Educação Ambiental**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2011.

As duas pesquisas admitem que a Educação Ambiental brasileira apresenta-se como num mosaico de tendências e ênfases, as quais atuam compondo as diferentes concepções entre os professores. Suleiman (2011) realiza em sua investigação uma análise das propostas contidas em leis que regulamentam a Educação Ambiental nas escolas, bem como nos argumentos observados nas matrizes curriculares federais – PCNs – e estaduais²³.

Além disso, Suleiman (2011) contou com um questionário e uma entrevista com os docentes da área de Ciências de diferentes escolas de um município do estado de São Paulo. Com base nos dados coletados, a pesquisadora destacou que a maior parte dos professores entrevistados apresenta uma visão antropocêntrica de meio ambiente, caracterizando a natureza como um bem para o consumo humano, e a Educação Ambiental como uma ferramenta para formar cidadãos ecologicamente corretos, o que não causa tanta estranheza, já que é possível encontrar esta mesma passagem nos Parâmetros Curriculares Nacionais, como normativa para o trabalho em Educação Ambiental. A autora destaca em suas considerações que persistem deficiências nas ações em Educação Ambiental, como por exemplo, formação continuada dos docentes e gestores escassa e deficiente em materiais de apoio, bem como falhas no desenvolvimento de projetos interdisciplinares nas escolas.

Iared e Oliveira (2011) expõem mais claramente as concepções de Educação Ambiental dos professores da rede municipal e particular de um município, também no estado de São Paulo, porém, docentes atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental. Neste artigo, as autoras estabeleceram a existência de dois aspectos fundamentais: a perspectiva pedagógica adotada pelos professores em relação às suas práticas, bem como suas concepções em relação à Educação Ambiental.

Para o exame das ações educativas, as autoras propuseram três eixos norteadores, que são respectivamente conservador, reformista e crítico. Em relação às concepções de Educação Ambiental, as pesquisadoras consideraram as seguintes: romântica, pragmática e complexa. Através das análises das referências coletadas e das entrevistas, Iared e Oliveira (2011) salientaram que as perspectivas

²² IARED, V. G.; OLIVEIRA, H. T. Concepções de Educação Ambiental e Perspectivas Pedagógicas de Professoras do Ensino Fundamental. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.27, n.2, p.95-122, ago 2011. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000200006>> Acesso em: 17/04/2013.

²³ Suleiman faz uma análise do currículo do estado de São Paulo, vigente desde 2008.

pedagógicas não se alinham perfeitamente a uma ou outra concepção de Educação Ambiental; assim, as concepções e as práticas educativas que emergiram nas entrevistas ora demonstraram possuírem teor mais conservador, ora mais crítico e/ou complexo. O artigo atribui esse aspecto à fragilidade teórico-conceitual à qual o desenvolvimento da Educação Ambiental foi sujeitada.

Sendo assim, cada pesquisa discutida neste segmento apresentou especificidades enquanto diagnósticos independentes de uma situação geral em relação às concepções de Educação Ambiental. Para o aprimoramento conceitual da questão ambiental, há a necessidade de pesquisas assim existirem e fornecerem dados científicos para seu esquadramento.

Nesta investigação, cuja proposição é o estudo de concepções de Educação Ambiental de professores de Ciências do município de Curitiba, a abordagem indireta é utilizada para a coleta dos dados, partindo do pressuposto citado por Garnica (2008), de que concepções são fluídas e estão em constante transformação, ou seja, “num processo não linear que alterna alterações e permanências”. Contrariamente às pesquisas citadas anteriormente, cuja metodologia envolvia a utilização de questionários e entrevistas com roteiros previamente constituídos, o estudo aqui delimitado considera a vulnerabilidade da temática, aceitando que as aproximações feitas a partir de uma abordagem alternativa, como a indireta, acrescentariam dinamismo ao trabalho.

A proposta da próxima seção é dispor os procedimentos metodológicos desta pesquisa, bem como estabelecer suas singularidades em relação à obtenção dos dados por meio da abordagem indireta.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As pesquisas em Educação Ambiental consideradas no capítulo anterior descrevem trabalhos desenvolvidos no intuito de colaborar com os fundamentos teóricos e científicos sobre as concepções de Educação Ambiental apresentadas pelos docentes. Para esta tarefa, as pesquisadoras ocuparam-se em delimitar concepções utilizando-se de questionários e entrevistas, os quais se constituíam basicamente em perguntas ao entrevistado, característica comum de uma abordagem que poderemos denominar de direta.

Nesta pesquisa, ocupo-me com as ideias e ideais imersos nos discursos docentes, que não apareceriam como resposta simplesmente; procuro saber o que fazem estes professores com seus estudantes em relação à Educação Ambiental, e com que clareza o fazem; quais os sedimentos das suas práticas em sala remetem à uma ou outra concepção; enfim, desvelar quais concepções de Educação Ambiental emergem nos discursos dos professores e nas salas de aula das escolas municipais de Curitiba.

Sendo assim, de acordo com Garnica (2005), procuro as concepções que estão “em constante mutação, num processo não linear que alterna alterações e permanências” (GARNICA, 2005, p. 171), cabendo assim uma perspectiva metodológica diferenciada: a abordagem indireta.

Para atender à demanda descrita acima, optei por uma perspectiva metodológica diversa das pesquisas já citadas, escolhi trilhar esta investigação por meio de uma abordagem indireta, pois acredito que tal abordagem poderá captar outras nuances do objeto de estudo. Parto do princípio de que se pergunto ao professor diretamente o que ele entende ou qual sua concepção de Educação Ambiental, a chance de receber como resposta um dos muitos mantras na área, é maior. Ao passo que, se exponho fichas com temas previamente elaborados, o professor entrevistado tem uma visão geral daquilo que procuro, porém não necessariamente ligado a um discurso pronto para ser usado.

O foco deste estudo são as concepções de Educação Ambiental de alguns professores de Ciências do município de Curitiba. Os recortes aqui realizados são amparados pelo conceito do termo concepção para Garnica (2008), quando enfatiza em sua fluidez e dinamicidade. Assim, as concepções aqui exploradas não

representam um axioma singular. Tão somente pretendem esclarecer a respeito daquilo que é repetido como discurso recorrente pelos docentes bem como em alguns vestígios.

Segundo Garnica (2008), em muitos casos, os estudos sobre concepções recaem sobre “mantras obrigatórios” que apenas se repetem. Nesta investigação, alguns mantras podem ser estabelecidos, como por exemplo “ser ecologicamente correto” ou “buscar promover a consciência ambiental”.

Desta forma, intencionalmente, uso a abordagem indireta como forma de “buscar a descrição de algo (um ambiente, uma postura, uma estratégia, uma abordagem), cuja manifestação ocorre na prática efetiva, [...] em que tais concepções são implementadas” (GARNICA, 2008), ou seja, utilizo-me de um método diferenciado para alcance dos dados, o que torna propício ao pesquisador obter algo mais do que falas repetidas constantemente pelos docentes e que não refletem a realidade da prática educativa.

5.1 PROCEDIMENTOS USADOS PARA COLETA DE DADOS

Foram designadas como fontes para a constituição dos dados desta pesquisa as entrevistas com alguns professores de Ciências de quatro escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, sendo um representante de cada escola. A escolha foi feita a partir do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), ano base de 2011, sendo eleitas as seguintes escolas: a de maior IDEB, a de menor IDEB e duas com índices intermediários.

Além dos depoimentos coletados com as professoras, analisei também o que aqui chamo de vestígios de práticas, que seriam nada mais que rastros, pegadas, das práticas docentes, materializados em produções dos alunos.

5.1.1. Fichas temáticas

Em oposição à utilização de perguntas diretas, com o objetivo de disparar o depoimento dos colaboradores de forma indireta, elaborei fichas temáticas. As fichas foram previamente elaboradas em concordância com temas comuns relacionados ao ambiente escolar, como o currículo, a formação do professor, projetos desenvolvidos, conteúdos e o papel do livro didático. Acreditamos que o discurso sobre esses temas revela as concepções de Educação Ambiental do entrevistado.

As fichas com os temas estão demonstrados no quadro 1:

Fichas com as temáticas em Educação Ambiental usadas nas entrevistas
Educação Ambiental e o Currículo;
Educação Ambiental e o Projeto Político Pedagógico da Escola;
Minha Formação na Graduação e a Educação Ambiental;
Cursos Oferecidos pela Prefeitura sobre Educação Ambiental;
Projetos de Educação Ambiental Desenvolvidos pela Escola;
Projetos de Educação Ambiental Desenvolvidos no Município de Curitiba;
Conteúdos que se Relacionam com Educação Ambiental;
Educação Ambiental e o Livro Didático

QUADRO 1: FICHAS COM AS TEMÁTICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL USADAS NAS ENTREVISTAS
 FONTE: AUTORA

Por meio das fichas temáticas, os colaboradores puderam articular suas discussões sobre os aspectos abordados de sua postura como docente e também como sujeito atuante em relação à Educação Ambiental, diminuindo a recorrente enunciação dos mantras obrigatórios que permeiam o discurso educacional como um todo e em particular acerca da temática estudada.

Além das entrevistas, consideramos importante tomar outra fonte de dados, os vestígios de prática: cartazes e folhetos elaborados pelos estudantes nas aulas cuja temática fosse Educação Ambiental. Essas fontes estão em consonância com a abordagem indireta, pois não foram produzidos diretamente pela pesquisa.

5.1.2 Vestígios de Prática

Como estratégia para captação dos dados em relação às práticas docentes em Educação Ambiental, no intuito de perceber quais concepções estão entremeadas nestas ações, considerei importante fonte de estudo os aqui denominados vestígios de prática, tendo em vista que optei por não assistir as aulas dos professores em virtude da escassez de tempo e disponibilidade dos mesmos. Nesta pesquisa, estes vestígios são como pistas, pegadas deixadas pelos docentes em relação às suas condutas em sala de aula.

Dentre as quatro professoras entrevistadas, apenas as professoras das Escolas B e C forneceram atividades para análise. As professoras das Escolas A e D não apresentaram nenhum material que pudesse se encaixar como vestígio de prática em Educação Ambiental, esclarecendo que não possuíam registros de nenhuma atividade dessa natureza. Sendo assim, optei por utilizar os vestígios que me foram cedidos, apenas das Escolas B e C. As professoras das Escolas B e C forneceram materiais diversos, como ilustrações em sulfite e cartazes.

5.1.3. Entrevistas

Segundo Bogdan e Biklen (1994), as entrevistas destacam-se como estratégias predominantemente utilizadas em pesquisas de cunho qualitativo, servindo como aporte de coleta de dados direta, permitindo captar a compreensão dos sujeitos em relação ao objeto de estudo, bem como entender as razões que os fazem assumir tal postura.

Os professores que escolheram colaborar com esta pesquisa foram ouvidos em suas respectivas escolas, em dias e horários definidos por eles.

As entrevistas foram conduzidas de maneira que os professores pudessem discorrer sobre os temas considerados relevantes em relação ao objeto de estudo desta investigação, ou seja, concepções de Educação Ambiental, os quais foram selecionados e expostos em fichas.

Entretanto, em determinados momentos das entrevistas, foi preciso clarificar algumas ideias dos entrevistados, portanto, perguntas também foram feitas a eles. Porém, não foram estruturadas antecipadamente; surgiram em decorrência de questões discutidas naquele momento.

De posse do material coletado nas entrevistas, os encaminhamentos foram os seguintes:

- 1) Transcrição na íntegra das entrevistas (Anexo 2 – transcrição da entrevista com a professora da Escola A; anexo 4 – transcrição da entrevista com a professora da Escola B; anexo 6 – transcrição da entrevista com a professora da Escola C; anexo 8 – transcrição da entrevista com a professora da Escola D).
- 2) Textualização²⁴ das entrevistas. A textualização foi numerada linha a linha. (Anexo 3 – textualização da Escola A; anexo 5 – textualização da entrevista da Escola B; anexo 7 – textualização da entrevista da Escola C; anexo 9 – textualização da entrevista da Escola D).
- 3) Composição dos temas relevantes a partir das textualizações.
- 4) Elaboração de texto-síntese de cada colaborador.

5.2 RESULTADOS DE PESQUISA

5.2.1 As escolas

Para esta pesquisa, foram selecionadas escolas municipais de Curitiba que apresentaram o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) mais alto (Escola A), mediano (Escolas B/C) e mais baixo (Escola D), respectivamente. Este índice apresenta-se como um parâmetro de desenvolvimento da educação brasileira, estipulando metas de aprendizagem, aprovação e permanência dos estudantes na escola.

O IDEB foi instituído em 2007 com a intenção de ser uma forma vanguardista de constituição de dados sobre a educação brasileira. Reúne

²⁴ A textualização é uma técnica de tratamento de discursos orais em que as marcas da linguagem são retiradas e o texto ganha legibilidade.

informações sobre o fluxo escolar e desempenho nas provas. O indicador é baseado nos dados obtidos nas avaliações e na aprovação escolar²⁵.

Optei por instituições que tivessem ensino fundamental do 6º ao 9º ano, cuja grade curricular contemplasse a disciplina de Ciências. Apesar de estar ciente e concordar com Loureiro (2011) no que se refere à *biologização* da Educação Ambiental, saliento que meu foco sempre foi as concepções dos professores de Ciências porque me enquadro neste grupo e não é escopo deste estudo a inclusão de outros grupos disciplinares. Sendo assim, delimito o universo desta pesquisa em quatro professores da disciplina de Ciências, um de cada escola, e que estivessem dispostos a participar como colaboradores do estudo.

A programação de visitas às escolas para a realização das entrevistas foi conforme a disponibilidade do colegiado e seguiram a seguinte ordem: a Escola B, cujo IDEB foi mediano em relação às demais escolas; a Escola A, de maior IDEB do município; a Escola D, de menor índice; e por último foi visitada a Escola C, de índice intermediário.

As escolas definidas para este estudo localizam-se em quatro Núcleos Regionais de Educação (NRE) diferentes, sendo que a Escola A faz parte do Núcleo Regional de Educação/Portão, a Escola B do Núcleo Regional de Educação/Cajuru e a Escola D está estabelecida no Núcleo Regional de Educação/CIC e a Escola C do Núcleo Regional de Educação – Bairro Novo. No mapa a seguir estão destacadas a localização das respectivas escolas (FIGURA 1):

²⁵ Fonte: < <http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/o-que-e-o-ideb> >

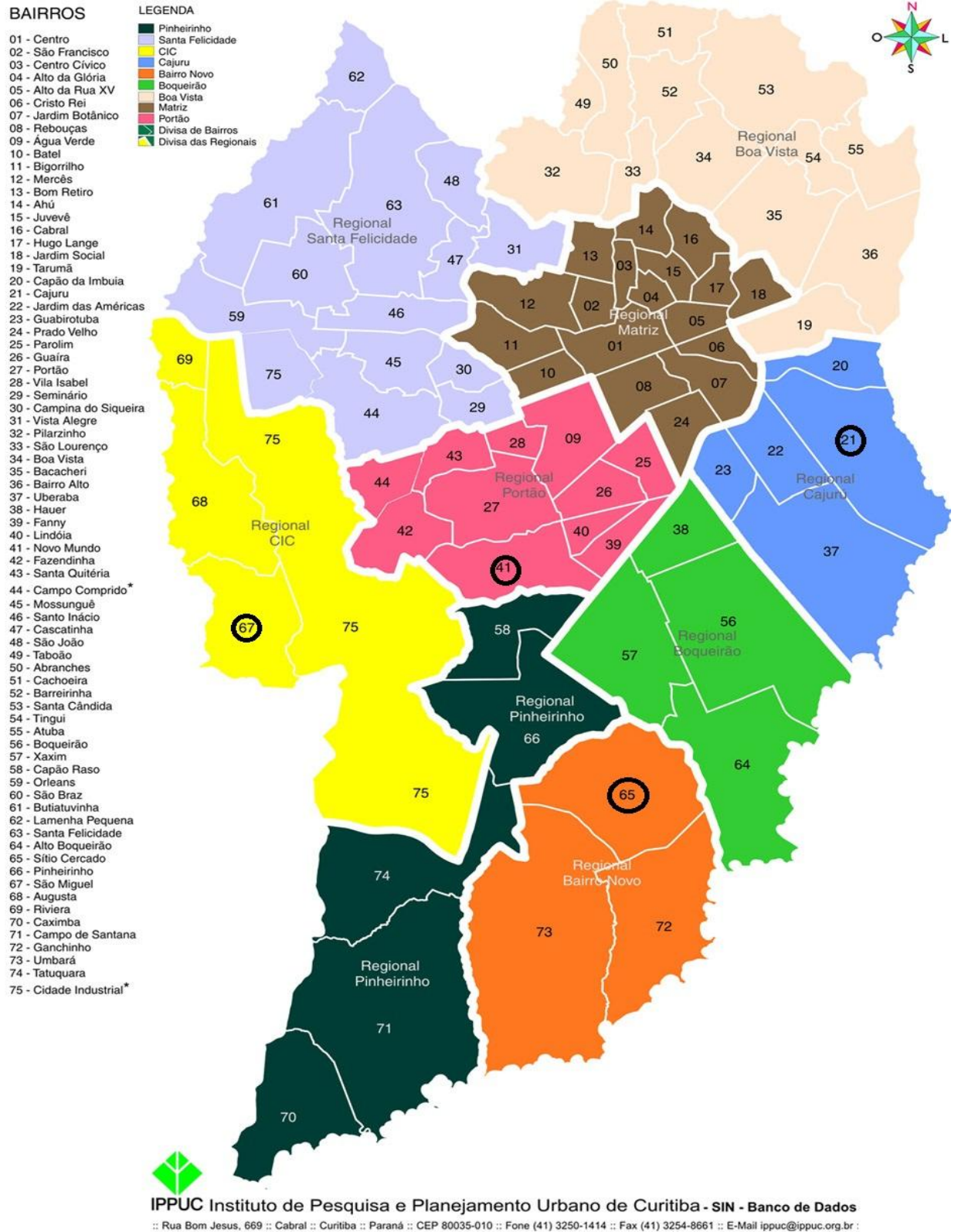


FIGURA 1: MAPA DA LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS

FONTE: <<http://www.curitiba-parana.com/geografia-mapas/mapa-regionais.htm>>

Às escolas foi solicitado o seus respectivos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), para que pudesse ser feita a caracterização dessas escolas, bem como

conhecê-las em seus princípios teóricos e pedagógicos. Das quatro escolas participantes, apenas a Escola C não disponibilizou o PPP, afirmando que o mesmo encontra-se “em construção” e, portanto, não estava aprovado pela Secretaria Municipal de Educação. Nem cópia do PPP anterior foi cedida.

5.2.2 Temas relevantes para a pesquisa

Os temas aqui denominados de relevantes têm como base as proposições entremeadas nas entrevistas, no intuito de facilitar as apreensões das concepções de Educação Ambiental dos professores colaboradores.

Tema 1: Papel do professor de Ciências para com a Educação Ambiental

Neste item foram inventariados os excertos de discursos que associam a conduta pedagógica dos professores de Ciências em relação à Educação Ambiental. Os fragmentos selecionados expõem como os professores entrevistados observam a importância da disciplina como forma de trabalho com a Educação Ambiental em sala de aula.

Tema 2: A dimensão ambiental fomentada por projetos curriculares, extracurriculares, disciplinares e/ou interdisciplinares

Neste segmento foram selecionados ditos que remetem à existência ou não de uma postura de ação do professor enquanto ator social em relação aos projetos de Educação Ambiental desenvolvidos por ele, pela escola e/ou pela mantenedora, assim como empreendimentos que levem em consideração o currículo e a interdisciplinaridade. Foram incluídas neste tema frações textuais que abarcassem projetos perpetrados pelos docentes, bem como a prática pedagógica considerada interdisciplinar e/ou transdisciplinar.

Tema 3: Reutilização e Reciclagem

Neste tópico foram captados trechos de falas que agregam a questão da reciclagem como componente relevante presente nas ações educativas. A reciclagem e as questões relacionadas aos resíduos são fonte de controvérsia entre

os professores, visto que existem passagens que alertam para a sua importância, e em contrapartida, outras que sugerem que a temática já está ultrapassada.

A partir dos temas estabelecidos foi possível fomentar as referências e aproximações num discurso-síntese de cada uma das colaboradoras desta investigação. Nestes discursos foram frisadas as especificidades das professoras, bem como suas concepções de Educação Ambiental.

5.3. CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS E SEUS PARTICIPANTES

5.3.1 Caracterização da Escola A

A segunda entrevista foi agendada na escola de maior IDEB da rede municipal de ensino de Curitiba, a Escola A. Na tabela 2 estão os resultados obtidos pela Escola A e as metas projetadas para os próximos anos, que foram prontamente atingidas e melhoradas a partir de 2007.

	RESULTADOS IDEB			
	2005	2007	2009	2011
ESCOLA A	4.3	4.9	4.9	5.4

	METAS PROJETADAS					
	2007	2009	2011	2013	2015	2017
ESCOLA A	4.4	4.5	4.8	5.2	5.5	5.8

FONTE: <<http://www.portaideb.com.br>>

A entrevista aconteceu no dia seis de agosto de dois mil e treze, nos moldes da primeira, pela manhã, na hora-atividade da professora.

Fui recebida pelo colegiado de Ciências e a princípio duas professoras se prontificaram a participar desta pesquisa. Salientei que apenas uma delas poderia

ser colaboradora, visto que foi especificado como critério de amostragem um profissional por escola.

A Escola A está localizada em região considerada nobre e atende a uma clientela bem diversificada, em sua maioria das classes C e D²⁶ e oferta Educação Infantil e Ensino Fundamental. Como diferencial, a Escola A possui um espaço denominado de Farol do Saber, que funciona como biblioteca e está disponível para uso dos alunos e da comunidade.

Assim como na Escola A, o Projeto Político Pedagógico da Escola A também passou por algumas alterações durante o ano de dois mil e treze.

Os princípios norteadores do trabalho pedagógico da instituição apresentam-se dispostos de maneira clara e a aposta teórico-metodológica é condizente com os preceitos das bases curriculares da prefeitura, ou seja, os três fundamentos que devem ser os alicerces do trabalho pedagógico, que são respectivamente a Educação para o Desenvolvimento Sustentável, a Educação pela Filosofia e a Gestão Democrática.

A Escola A assume a concepção sócio-interacionista como componente pedagógico a ser seguido.

A Escola A apresenta em seu PPP um grande número de projetos, entre eles um específico de Educação Ambiental, cuja proposta é a reciclagem. Este projeto ocorreu entre os anos de 2006 e 2007 e aparentemente não se tornou permanente.

A professora colaboradora da Escola A atua nos anos finais do Ensino Fundamental. Durante a entrevista permanecemos numa sala anexa à sala dos professores.

Assim como na primeira entrevista, foi lida a carta de apresentação constante no anexo 1, cujo objetivo foi explicar como a mesma aconteceria, e em seguida as fichas temáticas foram expostas à entrevistada.

O depoimento durou aproximadamente uma hora. Foram solicitados à depoente os resíduos de práticas, porém a professora não dispunha de nenhum exemplar de atividade desenvolvida, mas ofereceu banners elaborados pela escola que, para ela, representavam ações de Educação Ambiental, que, por não terem sido elaborados pelos alunos, não serão utilizados nessa pesquisa.

²⁶ Fonte Projeto Político Pedagógico da Escola A

Apresento na íntegra a transcrição da entrevista a mim concedida pela professora da Escola A, constando no anexo 2, bem como sua textualização no anexo 3.

A entrevista com a professora da Escola A

Tema 1: Papel do professor de Ciências para com a Educação Ambiental

Linhas 03 e 04

Tive uma disciplina de Ecossistema no último ano de faculdade. Era disciplina de Ecossistema e tratava disso.

Linhas 07 a 16

Quando eu fui fazer especialização, escolhi trabalhar com solos. Aí acabei tendo Educação Ambiental. Apesar de ser em Química, porque se analisa os componentes do solo, as práticas de Educação Ambiental estavam muito presentes. Tanto que no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aparece muito Educação Ambiental.

Depois disso, eu entrei na Rede Municipal de Ensino de Curitiba e não me lembro de ter feito mais nenhuma capacitação que tratasse especificamente do tema Educação Ambiental. Apesar de Curitiba ser reconhecida pelos programas ambientais, depois que eu entrei na Rede, não me lembro de ter feito nenhuma formação continuada específica em Educação Ambiental.

Linhas 22 a 24

Trabalhei durante muito tempo com Tecnologia, e quando se trabalha com Tecnologia, não se consegue fugir de Educação Ambiental, porque uma está atrelada à outra.

Linhas 37 a 44

Nos conteúdos de Química, que é o meu caso com a oitava série, eu falei bastante em Educação Ambiental. Eu tenho sétima série também, mas o assunto é Anatomia, então a Educação Ambiental aparece bem menos. Em Química, alguns assuntos permearam a Educação Ambiental, e eu acredito que agora em Física, isso também ocorra. Mas não é um projeto específico. Eu trabalho Educação Ambiental a

partir dos conteúdos desenvolvidos durante as aulas. É uma forma mais sutil de trabalho. A meu ver, essa forma de desenvolver as atividades de Educação Ambiental tem funcionado bem.

Linhas 54 a 58

Nós não temos laboratório de Ciências aqui porque a escola não apresenta estrutura física, ou seja, não tem espaço. Não tem sala disponível. Então, é uma questão de espaço físico. Eu conheço todas as escolas da Rede, e está aqui é a menor. Tratando-se de Educação Ambiental, nós temos algumas limitações físicas.

Linhas 59 a 63

Como já comentei anteriormente, quanto aos conteúdos relacionados à Educação Ambiental, eu acredito que podem ser inseridos em praticamente todos os anos. Por exemplo, no oitavo ano o assunto é Anatomia, então é possível trabalhar o lixo atômico e o que ele pode causar. No nono ano, eu trabalhei bastante a chuva ácida. Quando falamos de sais, entraram questões relativas à poluição.

Linhas 81 a 86

Sendo assim, eu noto que a Educação Ambiental que vem sendo construída, apoia-se como objeto inserido nas aulas dos professores, tanto de Ciências quanto de outras disciplinas, sem a necessidade de um projeto a parte. Porque se você inserir a Educação Ambiental nos conteúdos, passa a ser uma prática constante. Fazendo parte da prática cotidiana em sala de aula, os alunos começam a encarar com naturalidade também.

Linhas 87 e 88

Se você agregar a Educação Ambiental nas práticas diárias, nos conteúdos escolares, ela não sairá do planejamento, ano após ano.

Linhas 107 a 113

A Educação Ambiental aparece bastante nos livros didáticos atuais. Nos livros que são reedições de exemplares mais antigos, ela aparece menos. É comum encontrar pequenos textos informativos ao final do capítulo, ou mesmo dentro do conteúdo. Acredito que estas inserções da Educação Ambiental nos livros escolares

são pertinentes, mas não suficientes. Porque naquela pequena inserção, podemos refletir sobre a nossa prática e ampliar aquelas questões postas no livro.

Linhas 119 e 120

O livro didático escolhido por nós para o próximo ano tem uma abordagem diferenciada. Ele apresenta várias inserções de Educação Ambiental.

Linha 152 a 156

Acredito que, para que obtenhamos bons resultados, é preciso muito planejamento.

Até para poder inserir a Educação Ambiental nos conteúdos, é preciso de tempo disponível para a pesquisa e planejamento. Porque o livro didático, que deveria ser o apoio do professor em sala, apresenta algumas coisas, mas não o suficiente. Nosso tempo para estudo é muito reduzido.

Linhas 160 a 175

Difícilmente conseguimos sentar e elaborar o planejamento em conjunto. Por isso, cada uma de nós faz seu planejamento mais individualizado. E essa escola é muito aberta à negociação, e nos oferece suporte adequado para as atividades planejadas. Mas ainda não temos um laboratório de Ciências aqui e isto faz falta. Existe um espaço que poderia ser usado para este fim, porém ainda não há projeto nesse sentido. Pensamos em um carrinho, que pudesse ser um laboratório móvel, mas isso ainda não foi possível. Existem coisas que fogem dos muros da escola, que dependem de outros setores. Não é só a falta de cursos na área, não é só a limitação física da escola. É um conjunto de situações que muitas vezes não nos deixam exercer nossa profissão da maneira mais adequada, ideal.

Nós poderíamos levar as crianças para fora da sala, pegar na terra, porque nada melhor que sentir e experimentar. Nesta escola isso não é possível, porque não temos cobertura de terra. Os professores dos sextos anos são os mais prejudicados com isso. As visitas orientadas foram suspensas, então não podemos levar os alunos em espaços de aprendizagem fora da escola.

Linhas 196 a 201

Eu procuro trabalhar nas aulas o ser humano sustentável. Aquilo que eu posso fazer dentro do conceito de sustentabilidade. Não significa que eu esteja

conseguindo, mas se após a aula, o aluno for investigar um pouco que seja sobre o assunto tratado, eu fico feliz, porque de alguma maneira consegui despertar nele a vontade de saber mais a respeito do tema trabalhado. Nem todos saem da aula com esta disposição. Em educação, o trabalho é lento. Todas as mudanças acontecem muito devagar.

Tema 2: A dimensão ambiental fomentada por projetos curriculares, extracurriculares, disciplinares e/ou interdisciplinares

Linhas 24 e 25

Então, eu fiz muitos projetos na área de Tecnologia, todos voltados para a Educação Ambiental.

Linhas 34 a 37

Nesta escola não existem projetos de Educação Ambiental sendo desenvolvidos no momento. Eu cheguei aqui este ano, e neste ano não fizemos nada. Não que nas nossas aulas, nós não trabalhamos Educação Ambiental. Mas não há um projeto específico.

Linhas 44 e 45

Não saberia pensar num projeto de Educação Ambiental para esta escola, em virtude de seu espaço ser muito reduzido, entre outras coisas.

Linhas 47 e 48

Nesse momento, não consigo pensar em um projeto de Educação Ambiental para esta escola.

Linhas 64 a 68

O nosso currículo apresenta Educação Ambiental e foram feitas discussões no ano de 2012 com todos os professores da Rede, para que fossem feitas adaptações nos conteúdos. Essas adaptações foram enviadas às escolas a título de sugestão para o desenvolvimento dos conteúdos. Se não me engano, tem uma parte das Diretrizes Curriculares Municipais que expõe a visão da Educação Ambiental para o município.

Linhas 74 a 80

Existem sim, práticas de Educação Ambiental nas Unidades de Educação Integral, porém a orientação é que se trabalhe Ciência e Tecnologia. Eu entendo que a Secretaria Municipal de Educação prioriza a Educação Ambiental que acontece nas Unidades Integrais. Existem escolas que mantêm bons projetos de Educação Ambiental em suas Unidades Integrais. Inclusive desenvolvendo ações educativas tanto nas áreas de Ciência e Tecnologia, quanto de Educação Ambiental, justificando também uma aliança entre essas áreas.

Linhas 189 a 195

Existe também uma situação interessante na educação municipal, que é o fato de que a Educação Ambiental não está atrelada à disciplina de Ciências. É separado. A Educação Ambiental está mais voltada às escolas de tempo integral, como já havia mencionado antes. É uma situação atípica. Em outros lugares não é assim. Se não estou enganada, a Educação Ambiental está na Gerência de Projetos, e a disciplina de Ciências está na Gerência de Currículo. Eu acho que fragmenta um pouco. Não existe um diálogo entre essas áreas.

Tema 3: Reutilização e Reciclagem

Linhas 27 a 29

Eu vejo que agora estão voltando alguns programas de Educação Ambiental na Secretaria Municipal de Educação (SME). O pessoal de Ciências veio até a escola para falar sobre o descarte do material usado no laboratório de Ciências.

Linhas 31 a 33

Sobre o descarte adequado para os resíduos de laboratório, vejo que a Secretaria de Educação está começando a participar novamente de alguns projetos.

Linhas 45 a 47

Acho que a questão do lixo já está incorporada no cotidiano das pessoas. Por isso, não vejo necessidade de um projeto nessa área, por exemplo.

Linhas 206 a 209

Por exemplo, o lixo que não é lixo já é uma cultura em Curitiba. Já faz parte do dia-a-dia do curitibano. Se perguntar a qualquer pessoa que more aqui há algum tempo, essa pessoa saberá o que é o lixo que não é lixo e como funciona a coleta.

Linhas 211 a 214

A tendência é de que as gerações futuras já não terão problema com o lixo, com descarte incorreto. Eu participei da elaboração das provas da Secretaria Municipal de Educação e questões sobre descarte correto sempre foram colocadas.

Discurso síntese da professora da Escola A

Eu tenho treze anos de rede e fiquei um tempo razoável na Secretaria de Educação. Trabalhei durante muito tempo com tecnologia, e considero que tecnologia e Educação Ambiental estão muito próximas. Eu desenvolvi muitos projetos na área de tecnologia, todos voltados para a Educação Ambiental.

Na minha formação inicial tive a disciplina de Ecossistema, que tratava de Educação Ambiental. Na minha especialização escolhi trabalhar com solos e também tive Educação Ambiental. Apesar de ser em Química, porque analisa os componentes do solo, as práticas de Educação Ambiental estavam presentes.

Apesar de Curitiba ser reconhecida pelos seus programas ambientais, como o programa do lixo que não é lixo, que é uma cultura da cidade, eu não fiz nenhum curso de capacitação relacionado à Educação Ambiental. O nosso currículo municipal apresenta a Educação Ambiental como eixo de trabalho, e foram feitas discussões no ano de 2012 com todos os professores, com vistas a implementar as ações pedagógicas nas escolas. Existem práticas de Educação Ambiental nas Unidades de Educação Integrais (UEIs) e a orientação é para que se alie Ciência e Tecnologia. Por isso, considero que a Secretaria Municipal de Educação prioriza a Educação Ambiental que acontece nas UEIs. As UEIs mantêm bons projetos de Educação Ambiental. Existem programas que estão voltando, como, por exemplo, sobre o alerta em relação ao descarte correto dos materiais de laboratório. Eu verifico que a tendência é de que as futuras gerações não terão problemas com o lixo, com o descarte incorreto. Hoje se perguntarmos sobre coleta seletiva e reciclagem a qualquer pessoa que more em Curitiba há algum tempo, certamente ela reconhecerá como um projeto tipicamente curitibano.

Atualmente estou trabalhando com oitavos e nonos anos. Nos nonos anos o assunto é introdução à Química e à Física, e eu costumo abordar Educação Ambiental em alguns momentos. Nos oitavos anos, o tema e o estudo do corpo humano, então aparece bem menos. Mas não há um projeto específico para a Educação Ambiental. Eu faço intervenções de Educação Ambiental a partir dos conteúdos trabalhados em sala. Eu julgo ser uma forma mais sutil de trabalho. A meu ver essa forma de desenvolver as atividades em Educação Ambiental tem funcionado bem. Acredito que a Educação Ambiental pode ser inserida em praticamente todos os anos. Por exemplo, no oitavo ano, eu posso trabalhar quais as consequências ao ser humano quando exposto ao lixo atômico. Nos nonos, eu trabalhei a chuva ácida e quando falamos de sais, entraram questões relativas à poluição.

Eu busco desenvolver nas minhas aulas o ser humano sustentável, o que eu posso fazer dentro do conceito de sustentabilidade. Se após a aula, um estudante for investigar sobre o assunto tratado, penso que de alguma forma consegui despertar nele a vontade de saber mais a respeito do tema trabalhado. Nem todos saem com esta disposição, porque o trabalho em Educação é lento. As mudanças acontecem muito devagar.

Desta forma, eu percebo a Educação Ambiental sendo construída nas aulas não só de Ciências, mas nas outras disciplinas também, e sem auxílio de projetos específicos. Se o professor escolhe inserir a questão ambiental nos conteúdos tratados, passa a ser prática constante. Consequentemente passa a ser parte da rotina de planejamento e os alunos a perceberão com mais naturalidade. Se agregarmos a Educação Ambiental às nossas ações pedagógicas cotidianas, ela constará sempre no planejamento, ano após ano. Eu considero que para obtermos bons resultados, é preciso muito planejamento. Eu noto que o tempo disponibilizado ao professor para planejar é insuficiente.

A Educação Ambiental aparece nos livros didáticos, sendo mais comum em textos informativos no final dos capítulos, às vezes até mesmo dentro do conteúdo. Suponho que estas inserções de Educação Ambiental nos livros escolares sejam pertinentes, mas não suficientes. A partir destas inclusões é possível a reflexão e a ampliação das discussões em relação ao ambiente.

Eu conheço todas as escolas da Rede Municipal, e esta escola é a que apresenta menor espaço físico, o que atrapalha o desenvolvimento de algumas

ações. Os professores poderiam levar os alunos para fora da sala de aula, pegar na terra, porque nada melhor que sentir e experimentar. Nesta escola isso não é possível, porque não temos cobertura vegetal.

Eu estou nesta escola há pouco tempo, mas não vejo nenhum projeto de Educação Ambiental sendo desenvolvido no momento. Não consigo pensar em nenhum projeto de Educação Ambiental para esta escola, em virtude da falta de espaço físico.

Uma questão que posso destacar é o fato de que a na educação municipal, a Educação Ambiental não está vinculada à área de Ciências. A Educação Ambiental faz parte da Gerência de Projetos, abrangendo principalmente as UEs, enquanto que a disciplina de Ciências está na Gerência de Currículo. É uma situação atípica. Eu observo que não há diálogo entre as áreas e isso fragmenta um pouco as relações entre os campos.

Compreensões a partir do discurso da professora A

A professora da Escola A demonstrou muita clareza em seu discurso, principalmente no que se refere ao seu trabalho com tecnologia e Educação Ambiental, o que pode ser traduzido como uma tendência patente pela Educação pelo Desenvolvimento Sustentável. A depoente declara que possui grande experiência com projetos de Ciência e Tecnologia e acredita que a Educação Ambiental está intrínseca a isso.

A Educação para o Desenvolvimento Sustentável faz parte dos princípios elementares da educação no município de Curitiba desde a publicação das Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba (DCEMC) em 2006. Para Lima (2011), o discurso do Desenvolvimento Sustentável é ambíguo e contraditório na medida em que promove uma discussão entre o ambiente e o crescimento apartado das idiosincrasias sociais, políticas e culturais. Segundo Leff (2010), o Desenvolvimento Sustentável busca unanimidade em relação às questões ambientais globais, suprimindo interesses no que se refere ao uso e apropriação dos recursos do planeta, o que o conservacionismo faz de maneira muito parecida. Os PCN apontam para o termo Sustentabilidade e não Desenvolvimento Sustentável nas orientações para o trabalho pedagógico e esclarecem a escolha feita, admitindo que o termo Desenvolvimento Sustentável esteja em “plena construção” (BRASIL,

1998c, p. 233). A professora da Escola A considera que suas ações educativas tentam promover um “ser humano sustentável”, ou seja, o que é possível fazer a partir do entendimento sobre Sustentabilidade. Para Lima (2011), permanece uma disputa pela legitimidade de significados entre Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável, e nenhuma proposta para (re)conciliar meio ambiente e desenvolvimento.

A rede municipal de ensino de Curitiba já teve em seus preceitos curriculares a Alfabetização Ecológica como prática regulamentar nas escolas integrais. A Alfabetização Ecológica respalda-se na observação da realidade como um todo, levando em consideração a visão holística e sistêmica de mundo. Para Capra *et al* (2006), a organização de uma sociedade sustentável é viável doravante sendo substancialmente autossustentável, ou seja, sendo capaz de administrar seus recursos, sem no entanto, interferir na sociedade global. Sem romper com os modos de produção capitalista moderno ao qual estamos fixados, esta proposição está muito além das nossas possibilidades.

Com relação ao papel do professor de Ciências, a professora da Escola A destaca que em sua prática docente costuma inserir a Educação Ambiental nos assuntos discutidos em sala de aula. Para ela, o ideal seria que não existissem projetos educacionais, isto porque então não teríamos problemas na escola. A professora acredita que numa “escola ideal”, os projetos são desnecessários. Contudo, temos apenas a “escola real”, e esta ainda demanda projetos. Nesse sentido, o discurso desta professora se contrapõe ao discurso oficial, tendo em vista que os PCN reforçam a importância da ação docente sustentada por meio de projetos educacionais, sobretudo com o tema transversal Meio Ambiente. Sendo assim, a professora expõe que neste ano desenvolverá um projeto, mas pretende que nos próximos anos, possa adaptar as temáticas tratadas no projeto nos conteúdos ensinados. A colaboradora salienta que a Educação Ambiental está sendo produzida nas escolas, sendo somada aos assuntos desenvolvidos por diferentes disciplinas, sem auxílio de projetos isolados, e cita como exemplo a questão do descarte correto dos resíduos sólidos, o que considera estar incorporado na rotina das pessoas, não sendo mais preciso campanhas de orientação. Todavia, a colaboradora aponta para um saber teórico que não está necessariamente associado ao saber prático. Explico: a maioria dos moradores desta localidade conhecem bem o programa muito antigo denominado ‘lixo que não é lixo’; pois bem,

saber os dias da coleta seletiva e diferenciar resíduos sólidos de orgânicos não está diretamente relacionado à ação de separar corretamente os resíduos e descartá-los da maneira mais adequada. É muito difícil constatar até que ponto essas campanhas são eficientes e qual o seu poder de persuasão.

Ela constata ainda que se Educação Ambiental fizer parte da práxis pedagógica cotidiana, os estudantes começarão a vê-la com mais naturalidade. Na Escola A não existem projetos de Educação Ambiental acontecendo. A professora acentua que existem projetos e práticas interessantes de Educação Ambiental desenvolvidas nas escolas de tempo integral, e supõe que a Secretaria Municipal de Educação prioriza a Educação Ambiental viabilizada nestas unidades de ensino integrais.

Segundo a professora da Escola A, a obtenção de bons resultados em educação de maneira geral demanda tempo e planejamento, o que na maioria dos casos, não está ao alcance dos professores. Ela enfatiza que a rede municipal de ensino não proporciona cursos específicos na área ambiental, e inclusive diz que isto se justifica porque no município de Curitiba, a Educação Ambiental não está vinculada à disciplina de Ciências, mas sim na esfera de projetos. Por conseguinte, é aceitável que a maioria das propostas de Educação Ambiental procedem das escolas integrais, tendo em vista que trabalham essencialmente por projetos.

5.3.2. Caracterização da Escola B

A primeira entrevista foi obtida na Escola B, cujo IDEB foi considerado mediano. Na escala do IDEB, a Escola B supera os índices projetados e apresenta um crescimento a cada ano.

Constam na tabela 1 os resultados obtidos no IDEB da Escola B e a meta para 2013²⁷:

RESULTADOS DO IDEB				
	2005	2007	2009	2011
ESCOLA B	3.2	4.1	4.2	4.6

²⁷ Quando os dados foram coletados para compor esta pesquisa, os resultados do IDEB 2013 ainda não tinham sido divulgados.

	METAS PROJETADAS					
	2007	2009	2011	2013	2015	2017
ESCOLA B	3.3	3.4	3.7	4.1	4.5	4.7

FONTE: <<http://www.portaldeb.com.br>>

O depoimento aconteceu no dia vinte e seis de fevereiro de dois mil e treze, no período da manhã, em horário compatível com a hora-atividade dos docentes da disciplina de Ciências. Fui recebida pela direção e em seguida encaminhada à sala dos professores, onde a professora colaboradora já me aguardava.

A referida escola está situada numa região próxima ao centro de Curitiba e atende em sua maioria estudantes oriundos da classe D²⁸. Além de ofertar Educação Infantil e Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, a Escola B apresenta um projeto de educação em tempo integral voltado às famílias que necessitam, bem como sala de recursos e classe especial.

A instituição conta ainda com laboratório de Ciências e de Informática, biblioteca, espaços direcionados como salas de dança, Arte e Projetos.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola B foi implementado no ano de 2012, com a participação dos profissionais da escola; todavia, o enfoque maior foi dado ao regimento interno e a normatização de direitos e deveres do grupo escolar, bem como a adequação curricular em relação à organização do ensino fundamental em nove anos.

A fundamentação teórica do PPP está baseada nos PCN e nas Diretrizes Curriculares do município de Curitiba, sendo que em alguns momentos apresenta-se como cópia fiel desta última.

De acordo com o PPP da Escola B, existem muitos projetos sendo desenvolvidos no âmbito escolar, principalmente no que se refere ao espaço em contra turno, que é dedicado aos estudantes que, por razões socioeconômicas e/ou de aprendizagem, permanecem na escola no período contrário às aulas regulares. No contra turno, os estudantes realizam diversas atividades, inclusive de Educação Ambiental. Encontra-se no PPP uma referência a essa citação, quando estabelece

²⁸ Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola.

como atividades da Unidade de Educação Integral (UEI) a Educação para o Desenvolvimento Sustentável, horta e jardim, terrário e aquário.

Participou desta pesquisa a professora responsável pelo laboratório de Ciências, visto que esta estava disponível e interessada em participar. No momento da entrevista, foi lida uma carta de apresentação (ANEXO 1), cujo objetivo era esclarecer a depoente os objetivos do estudo, como também a forma como se daria o mesmo.

Num segundo momento, a professora colaboradora e eu nos retiramos, visto que necessitávamos de um espaço reservado e silencioso para o início da entrevista. Assim, nos direcionamos ao laboratório de Ciências e lá ficamos por aproximadamente três horas. Porém, a entrevista propriamente dita durou cerca de uma hora.

Apresento na íntegra a transcrição da entrevista a mim concedida pela professora da Escola B, constando no anexo 4, bem como sua textualização no anexo 5.

A entrevista com a professora da Escola B

Tema 1: Papel do professor de Ciências para com a Educação Ambiental

Linhas 28 e 29

A mantenedora não oferece cursos de Educação Ambiental. Se o professor quiser aprimoramento na área, terá que correr atrás.

Linhas 59 a 66

As Diretrizes Curriculares apontam a existência de vários conteúdos relacionados à Educação Ambiental. Por exemplo, no sexto ano têm as verminoses; no sétimo ano tem os seres vivos, onde é possível trabalhar a questão da preservação, a extinção das espécies, o que causa essa extinção. É possível realizar um bom debate com esses assuntos. Como se dá a contaminação do ambiente marinho pelos navios.

Na sétima série o estudo do corpo humano também oferece possibilidades de trabalho em Educação Ambiental. Para você manter a saúde em dia, o seu ambiente também tem que estar equilibrado.

Linhas 68 a 77

No nono ano, podemos encaixar a Educação Ambiental em conteúdos como substâncias químicas, as reações químicas e as consequências para o meio ambiente, a poluição. Ou ainda, as consequências benéficas. Como por exemplo, as sacolas oxibiodegradáveis. Os estudantes nos questionam sobre o que são, ou para que servem.

Então, os conteúdos de Ciências têm, sim, o viés da Educação Ambiental. É só observar um pouco cada conteúdo, que você acha a Educação Ambiental contemplada em todos os anos.

A questão é que existem muitos assuntos para serem trabalhados na disciplina, e a Educação Ambiental acaba ficando de lado.

Linhas 81 a 83

Na sexta série (7ºano), o conteúdo de Ciências percorre todos os seres vivos do planeta. Tem que ser estudado o Reino Vegetal, Animal, os micro-organismos. É muita coisa para ser aprendido em apenas um ano.

Linhas 101 e 102

Eu tive Educação Ambiental na faculdade. Eu estudei na Universidade Tuiuti. Eu fiz também uma pós-graduação em Educação Ambiental e Gestão Ambiental.

Linhas 149 e 150

É que existem aquelas pessoas que são comprometidas e aquelas que não são e que não irão mudar.

Tema 2: A dimensão ambiental fomentada por projetos curriculares, extracurriculares, disciplinares e/ou interdisciplinares

Linhas 21 e 22

A prefeitura dispõe enquanto projeto o contraturno escolar, cujas atividades costumam permear a Educação Ambiental. De lá saem projetos muito interessantes.

Linhas 26 e 27

O ensino integral realizou atividades juntamente com o horto municipal, objetivando incentivar a construção de hortas domésticas.

Linhas 30 e 31

Aqui na escola temos o Projeto Clube de Ciências. Este projeto desenvolve diversas ações, entre elas, em Educação Ambiental.

Linhas 34 a 36

Em 2011 foi desenvolvido um projeto na escola sobre a Agenda 21, cuja proposta envolvia ações da Agenda e a formação de multiplicadores.

Linhas 78 a 80

Então, não é o certo você trabalhar a Educação Ambiental de forma isolada, não é esse o objetivo. Mas, quem sabe para iniciar uma cultura de trabalho, fosse necessário um trabalho assim.

Linhas 91 e 92

Enquanto tivermos esta mentalidade de se separar os componentes curriculares, não haverá interdisciplinaridade.

Linhas 155 e 156

A escola possui um projeto realizado em contra turno denominado Guarda Mirim. A Guarda Mirim trabalha com Educação Ambiental.

Linha 159 a 165

Tenho alguns trabalhos elaborados pelos estudantes no dia de “integração”. Neste dia os estudantes saem mais cedo. Isso se justifica porque sobra carga horária. São duas horas para reunir todos os componentes curriculares. O objetivo é integrar a escola neste momento, refletir sobre os problemas enfrentados e discutir sobre as possíveis soluções. Acontecem quatro momentos de “integração” durante o ano.

Em sala de aula, a finalidade deste espaço é desenvolver atividades diferenciadas.

Linhas 170 a 173

No laboratório de Ciências focamos naquilo que o professor quer que seja trabalhado. Só poderia estruturar intervenções em Educação Ambiental se eu

fizesse um projeto à parte. As atividades de Educação Ambiental exigem aulas práticas. Então eu necessitaria de um tempo maior das aulas para desenvolver essas atividades.

Tema 3: Reutilização e Reciclagem

Linhas 06 a 08

O livro utilizado não apresenta muita coisa. O que ainda tem alguma coisa é bem antigo e apresenta noções de reciclagem do lixo ou sobre a política dos Rs.

Linhas 37 e 38

Foram formadas cinco equipes de trabalho. Uma das equipes desenvolveu questões relativas ao lixo, à redução e à separação correta.

Linhas 47 a 57

A escola também apresentou em uma edição da feira de Ciências da prefeitura, um projeto sobre coleta seletiva. Neste projeto, foi elaborado um jogo onde os estudantes jogavam um dado colorido conforme as lixeiras da coleta seletiva e então escolhiam o descarte correto.

Trabalhamos também o lixo tecnológico. Os estudantes fizeram robôs de sucata tecnológica, como mouse, por exemplo. Além disso, trouxemos também equipamentos antigos para que eles conhecessem.

Numa feira do conhecimento da escola, que aconteceu em 2010, uma turma apresentou reaproveitamento de embalagens, fizeram reutilização. Mas não teve campanha de coleta. A proposta era reutilizar embalagens de outra forma. Então, foi feita uma mostra de artesanato com este material.

Linha 67

Tem a questão do lixo trabalhada na quinta série, a coleta seletiva.

Linhas 130 e 131

Aqui na escola existem lixeiras seletivas no pátio, mas não são usadas da forma correta.

Linha 132

As salas de aula também poderiam ter lixeiras seletivas

Linhas 136 a 141

Na sala dos professores, as lixeiras também não são usadas adequadamente. A pessoa responsável pelo recolhimento acaba por colocar os resíduos num único recipiente. Às vezes falta conhecimento, afinal está escrito lá “lixo orgânico”. As cores das lixeiras confundem, mas está escrito o que é para descartar em cada uma.

Tem um texto chamado *Cinismo da Reciclagem*, que menciona justamente o fato de o descarte acontecer de maneira inadequada.

Vestígios de práticas Escola B

As atividades dos estudantes demonstradas abaixo foram produzidas na “integração”. A “integração” corresponde a um dia letivo do ano, cujos trabalhos escolares se encerram no horário de intervalo, com dispensa dos estudantes. Esta condição se deve à necessidade de ajustamento de carga horária, que excedem ao mínimo regimentado por lei no caso das escolas de 6º ao 9º anos da rede municipal de ensino de Curitiba. Para a professora da Escola B, o espaço destinado à “integração” é válido por proporcionar à equipe pedagógica e aos professores um tempo para o diálogo e a resolução de dificuldades enfrentadas na escola.

Segundo a colaboradora, os trabalhos foram feitos a partir de um texto-base sobre dicas ambientais.

Na sequência, exponho os resíduos de prática da Escola B, desenvolvidos por estudantes de sétima série (8ºano).



FIGURA 2: CARTAZ ELABORADO EM FOLHA SULFITE A4- INTEGRAÇÃO
FONTE: COLABORADORA ESCOLA B



FIGURA 3: COMPOSIÇÃO EM PAPEL SULFITE A4 – DICAS AMBIENTAIS
FONTE: COLABORADORA ESCOLA B

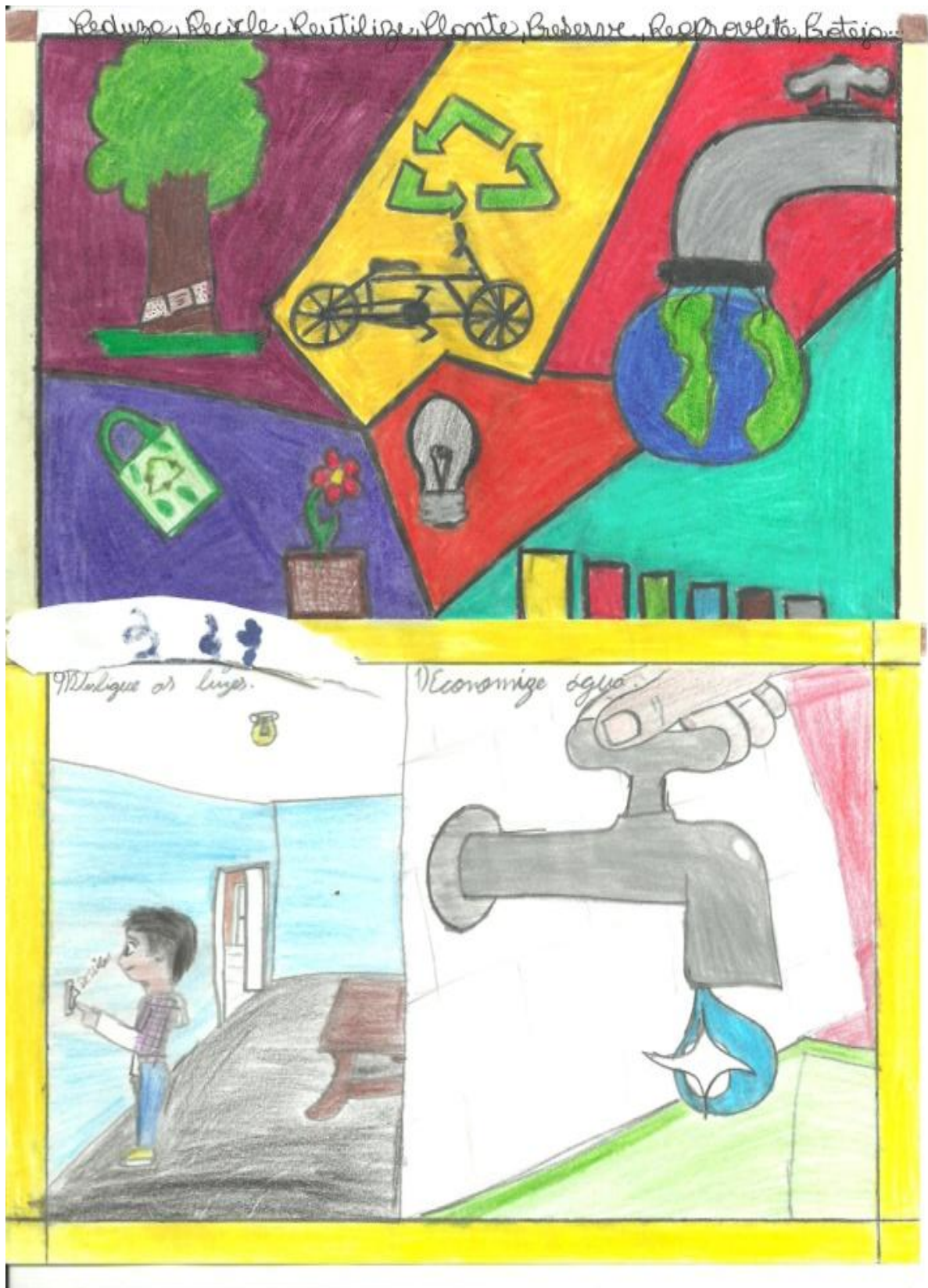


FIGURA 4: PAINEL EM FOLHA SULFITE A4 – INTEGRAÇÃO
 FONTE: COLABORADORA ESCOLA B

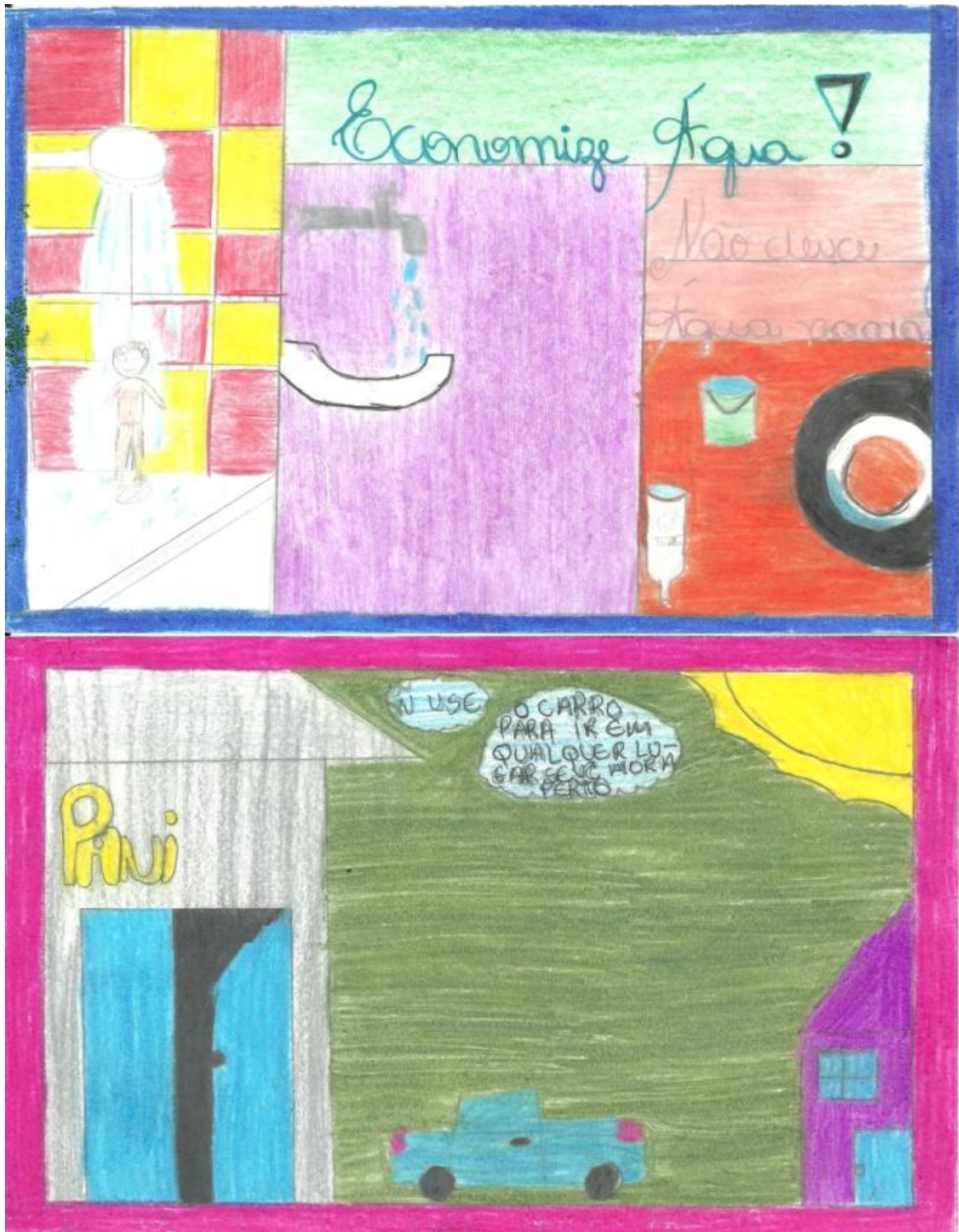


FIGURA 5: IMAGEM DE FOLHETO ELABORADO EM FOLHA SULFITE A4
 FONTE: COLABORADORA ESCOLA B

Discurso síntese da professora da Escola B

Sou professora de Ciências da prefeitura há mais de dez anos e atualmente estou atuando como professora no laboratório de Ciências. No laboratório, focamos

nos conteúdos que os professores estão trabalhando em sala de aula. Portanto, eu somente poderia realizar intervenções de Educação Ambiental com um projeto a parte.

Na minha formação inicial tive Educação Ambiental e minha pós-graduação também é na área ambiental. Desenvolvi ações em relação à Agenda 21 Escolar.

A mantenedora não oferta cursos de Educação Ambiental. Se o professor estiver interessado em se aprimorar na área ambiental, deverá procurar formação fora da rede municipal.

Nas Diretrizes Curriculares Municipais, existem indicações diversas de conteúdos relativos à Educação Ambiental. Por exemplo, no sexto ano têm as verminoses; no sétimo ano tem os seres vivos, onde é possível trabalhar a questão da preservação, a extinção das espécies, o que causa dessa extinção. É possível realizar um bom debate com esses assuntos. Como se dá a contaminação do ambiente marinho pelos navios. Na sétima série²⁹ o estudo do corpo humano também oferece possibilidades de trabalho em Educação Ambiental. Para você manter a saúde em dia, o seu ambiente também tem que estar equilibrado. No nono ano, podemos encaixar a Educação Ambiental em conteúdos como substâncias químicas, as reações químicas e as consequências para o meio ambiente, a poluição. Ou ainda, as consequências benéficas. Como por exemplo, as sacolas oxibiodegradáveis. Os estudantes nos questionam sobre o que são, ou para que servem.

Então, os conteúdos de Ciências têm, sim, o viés da Educação Ambiental. É só observar um pouco cada conteúdo, que você acha a Educação Ambiental contemplada em todos os anos. Eu considero que existem muitos assuntos para serem trabalhados na disciplina, e a Educação Ambiental acaba ficando de lado.

A Educação Ambiental vem acontecendo via projetos educacionais, principalmente nas Unidades de Educação Integrais (UEIs) no período do contraturno. Eu observei projetos excelentes do contraturno desta escola. Temos aqui na escola o Projeto Clube de Ciências e Guarda Mirim, que também desenvolvem ações em Educação Ambiental. Neste momento, o Clube de Ciências está responsável por desenvolver boas práticas em relação à dengue.

²⁹ A professora da Escola B utiliza em seu discurso duas nomenclaturas (ano, atual e série, antiga), tendo em vista que a Escola B ainda está em processo de adequação à nova nomenclatura.

Não acredito que a Educação Ambiental seja bem desenvolvida com ações isoladas, até porque nos PCN vemos que a orientação é para que haja um trabalho transversal e interdisciplinar. Porém, isso não acontece porque temos esta mentalidade fragmentada, separada por componentes curriculares. Talvez, para que se inicie uma cultura ambiental, fosse necessário estabelecer uma disciplina chamada Educação Ambiental.

Eu fiz algumas atividades com os estudantes no dia de “integração”. Neste dia, os alunos saem no horário do recreio, o que se justifica pela carga horária excedente. Em sala de aula, a finalidade deste dia é desenvolver ações diferenciadas. Em uma dessas aulas, propus aos estudantes que fizessem uma ilustração a partir de texto sobre dicas ambientais.

Os livros didáticos funcionam como um apoio para as aulas, mas não apresentam muitos temas ambientais. Os mais antigos mostram noções de reciclagem do lixo ou sobre a política dos Rs (Reduzir, Reutilizar, Reciclar).

Em duas edições da feira de Ciências municipal, nossa escola elaborou projetos sobre reciclagem e coleta seletiva. Em outra edição do mesmo evento, trabalhamos lixo tecnológico, onde os estudantes puderam construir robôs de sucata, por exemplo.

Tem um texto denominado *Cinismo da Reciclagem*, que menciona justamente o fato do descarte acontecer de maneira inadequada. Eu vejo lixeiras para coleta seletiva espalhadas pela escola, mas o descarte ainda não é feito corretamente. Às vezes penso que falta conhecimento, em outras acredito que existem pessoas comprometidas com a questão ambiental e pessoas que não são e que não irão mudar.

Compreensões a partir do discurso da professora B

A professora da Escola B apresenta muita segurança e domínio quando fala das suas práticas em Educação Ambiental, e admite que a mantenedora não oferta cursos para a formação do professor na área, sendo necessário, portanto, buscar formação além das oferecidas pela Rede.

A depoente acredita que a área de Ciências tem em sua orientação o desenvolvimento de ações de Educação Ambiental. A professora da Escola B afirma em seu depoimento que é possível observar um pouco de Educação Ambiental em cada conteúdo de Ciências, inclusive cita alguns temas onde poderia ser incluída a

Educação Ambiental. Eu percebo que tratar o estudo ecológico como único referencial à Educação Ambiental é uma armadilha para o professor. Lima (2011), Grün (1996) e Guimarães (2004) ressaltam que a Educação Ambiental Conservadora/Naturalista simplifica as relações, estabelecendo que o domínio da linguagem ecológica seja suficiente para uma “consciência ambiental”³⁰. A perspectiva citada pela professora é a crítica, porém a maior parte das suas práticas se reduz ao âmbito informativo – “ecologicamente correto”.

Então o papel do professor seria apresentar os conteúdos ditos ecológicos e as pessoas comprometidas mudariam, ou seja, se conscientizariam, e aquelas não comprometidas não se alterariam. A questão ambiental envolve muito mais do que comprometimento, ou seja, é mais do que fazer a sua parte e ser ‘ecologicamente correto’.

A professora da Escola B destaca como suas principais ações em relação à Educação Ambiental o uso de projetos sobre coleta de resíduos, reciclagem. A coleta e descarte corretos, assim como a importância da reciclagem são temas bem debatidos em Educação Ambiental, subsistem como “mantras”, repetidos insistentemente. Apesar disso, a escola não consegue alavancar resultados melhores no que se refere à quantidade desmedida de resíduos sólidos lançados ao meio, tão pouco a redução no consumo. Nesse caso, quais relações os educadores ambientais estão discutindo com seus estudantes nestes projetos, que não se incorpora como hábito, como compreensão, como parte essencial à vida? Compreendo que esbarramos sempre nos mesmos obstáculos: as questões sociais, econômicas e políticas não abordadas nas salas de aulas, mas que não estão dissociadas à vida em sociedade. Nossa realidade está inserida no ‘modelo capitalista moderno’, basicamente de consumo. Contudo, nosso paradigma existencial não reflete todas as comunidades humanas do planeta, nem ao menos é espelho de todos os corpos sociais deste único país. A complexidade da vida como um todo nos impede, ou no mínimo embaraça a compreensão da rede de relações, as quais muitas vezes nem são percebidas, porque são ‘normais’. Temos por hábito, simplificar e normatizar o complexo (MORIN, 2011).

³⁰ Não tenho como meta nesta pesquisa definir o que vem a ser “consciência ambiental”, uma vez que este entendimento é de natureza complexa e plural e seria necessário um aprofundamento maior em relação ao tema.

Observo no discurso da professora da Escola B ausência de uma perspectiva mais crítica e/ou emancipatória, apesar da mesma alegar ser esta sua vertente. Segundo Carvalho (2004), Guimarães (2004), Loureiro (2006b) e Lima (2004), a Educação Ambiental Crítica/Emancipatória evidencia os conflitos e contradições presentes na sociedade, sendo parte de uma ação educativa estruturada por princípios sociais e políticos, tomando a realidade como complexa e problemática (GUIMARÃES, 2001). Não é possível observar essas referências no trabalho desta professora, analisando tanto o seu discurso como os seus resíduos de práticas.

A professora da Escola B ressalta durante a entrevista sua opinião relativa ao caráter transversal e interdisciplinar da Educação Ambiental e não obstante, faz uma crítica ao sistema de ensino disciplinar. Para ela, enquanto a educação for baseada na compartimentalização das áreas do conhecimento, não será possível estabelecer a transversalidade e a interdisciplinaridade. Contraditoriamente, numa outra passagem da sua fala, ela coloca que talvez fosse preciso instituir a Educação Ambiental como disciplina, para iniciar um hábito de trabalho.

Transversalidade e Interdisciplinaridade são conceitos complexos, que muitas vezes escapam ao nosso entendimento. Nos documentos curriculares oficiais analisados aqui, tanto uma quanto outra deve fazer parte do arcabouço teórico e metodológico do trabalho pedagógico e para que isso seja possível, sustentam que a transversalidade vincula-se à intensidade e a conexão entra as áreas do saber, enquanto que a interdisciplinaridade tornaria essa tarefa factível. Para Gallo (2001), a transversalidade proposta nos PCN, é uma tentativa de ajustamento com a interdisciplinaridade. Conforme a análise do autor, a transversalidade está entremeada ao fluxo dos saberes não ordenados de acordo com escalas de graduação.

5.3.3 Caracterização da Escola C

A quarta entrevista ocorreu no dia onze de dezembro de dois mil e treze, nas dependências da Escola C, cujo IDEB é intermediário. Na tabela 4 estão os

resultados obtidos pela Escola C e suas respectivas metas. A Escola C tem mantido os índices esperados para os anos finais do ensino fundamental.

		RESULTADOS IDEB			
		2005	2007	2009	2011
ESCOLA C		4.0	4.0	4.2	4.4

		METAS PROJETADAS					
		2007	2009	2011	2013	2015	2017
ESCOLA C		4.0	4.1	4.4	4.8	5.2	5.4

FONTE: <<http://www.portalideb.com.br>>

Fui recebida pela diretora da escola, que me conduziu à sala dos professores para aguardar a professora que seria entrevistada, tendo em vista que a mesma estava em conselho de classe.

A Escola C foi constituída em 1994 e está situada na região sul de Curitiba, considerada uma das localidades que mais cresceram em diversos aspectos³¹. O entorno da unidade é ocupado por comércio e residências. Como as demais, oferta Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

A Escola C é considerada uma das maiores escolas do município de Curitiba, apresentando um grande grupo de funcionários, professores e alunos. A instituição dispõe de salas de aulas, refeitório, biblioteca, laboratório de Ciências, laboratórios de Informática e ginásio de esportes com capacidade para 250 pessoas sentadas.

O PPP fornecido pela Escola C é do ano de dois mil e seis e está embasado nas Diretrizes Curriculares Municipais de Curitiba, publicadas no mesmo ano, que estabelecem três pilares para a Educação de Curitiba: Educação para o Desenvolvimento Sustentável; Educação pela Filosofia; e a Gestão Democrática. Entende-se pelo documento que o conhecimento é sistêmico e só é possível através das interações sociais, as quais fornecem subsídios para a promoção da cidadania.

A professora colaboradora da Escola C atua nos anos finais do Ensino Fundamental. Durante a entrevista permanecemos numa sala de aula da escola.

³¹ Fonte: <<http://www.ippuc.org.br/mostrarPagina.php?pagina=131>>

O depoimento durou aproximadamente quarenta minutos. Com o término da entrevista, a professora disponibilizou diversas atividades que declarou serem de Educação Ambiental.

A íntegra da transcrição da entrevista a mim concedida pela professora da Escola C, consta do anexo 6 e sua textualização no anexo 7.

A entrevista com a professora da Escola C

Tema 1: Papel do professor de Ciências para com a Educação Ambiental

Linhas 06 a 08

A minha formação foi em sala de aula, participando de cursos de extensão, ou ofertados pela mantenedora. Dessa forma, fui incluindo a Educação Ambiental no meu trabalho pedagógico.

Linhas 17 a 36

Nas séries finais, observo que as questões ambientais são desenvolvidas de acordo com a série. Sendo assim, nos sétimos anos as temáticas principais envolvem os estudos dos seres vivos, portanto tem trabalho ambiental. No sexto ano, temos a análise do meio ambiente e seus recursos. Oitavos e nonos anos não apresentam tópicos específicos relacionados ao ambiente, mas o docente pode discutir questões ambientais no decorrer do ano.

Existem livros didáticos cujos conteúdos já se entrelaçam com a Educação Ambiental. Depende do livro e da escolha feita inicialmente pelos professores. Em geral, eu trabalho com as séries finais do ensino fundamental, oitavos e nonos anos. No livro do nono ano contém assuntos que debatem Educação Ambiental, envolvendo Física e Química, que estão diretamente relacionadas ao meio ambiente. Considero que alguns autores destacam uma maior quantidade de conteúdos que abordam as questões relacionadas ao ser humano, à escola e ao ambiente. Entretanto, outros autores comentam bem menos. Ainda existem livros que tratam a Educação Ambiental como componente a parte.

Na escolha deste ano, foi feito um levantamento prévio dos livros didáticos, para que os professores tivessem um norteamento durante o processo de seleção das obras. Sendo assim, antes da escolha, todos os livros estavam disponíveis,

havia critérios pré-definidos. Inclusive um dos quesitos era a inserção da Educação Ambiental.

Linhas 53 a 70

Há algum tempo, eu e uma colega de Ciências temos como práxis iniciarmos o ano letivo com atividades de Educação Ambiental. Assim sendo, a cada ano escolhemos um tema ambiental e a partir deste, encadeamos ações em sala de aula, envolvendo o mesmo. Pelo menos uma semana de cada trimestre era dedicado à Educação Ambiental. Teve um ano que trabalhamos resíduos sólidos; em outro, a ênfase foi a água. Todo ano delimitamos um assunto e baseado neste assunto, encaminhamos textos para leitura e preparamos as atividades.

Normalmente, na primeira semana de aula, realizamos diversas atividades e solicitamos aos alunos uma atividade para entregar, para que possamos avaliar como eles estão abordando a temática. Geralmente, a composição inicial é em forma de desenho, porque em algumas situações, os alunos não estão ambientados com o novo professor e o desenho pode nos auxiliar a interpretar melhor alguns conceitos presentes ali, que numa atividade escrita talvez não ficasse claro.

Em outra ocasião, trabalhamos água, meio ambiente e seres vivos. Destacamos que os elementos vivos fazem parte do meio ambiente, eles aparecem de uma forma ou de outra. Ora podem estar auxiliando, vez por outra prejudicando o ambiente. Mas sempre estarão ligados diretamente a esse meio.

Linhas 74 a 80

No sétimo ano, por exemplo, trabalhamos os seres vivos. Então, em quase todos os capítulos existe a possibilidade de abordar a questão ambiental.

No sexto e sétimo anos é mais fácil de trabalhar Educação Ambiental do que no nono e no oitavo, sendo que neste último trabalhamos corpo humano. Ainda assim, por se tratar de corpo humano, podemos sempre inserir o ser humano nas questões ambientais.

Linhas 82 a 85

No nono ano, por exemplo, temos a energia, a transformação da energia, a produção da energia e sua influência no ambiente. A Química também está

relacionada ao meio ambiente. Deste modo, a Educação Ambiental pode se relacionar com todos os conteúdos basicamente.

Linhas 92 a 111

Geralmente, eu acompanho as minhas turmas dois ou três anos. Para não ficar repetitivo, costumo escolher um tema inicial. Se eu vou ficar mais de um ano com a turma, eu abordo temas diferentes. Por exemplo, eu trabalhei a água, a importância da água, dos vegetais. Além de trabalhar os conteúdos próprios da série, eu tento encaixar a temática ambiental nos conteúdos da série. Eu gosto de acompanhar, pois desta forma consigo dar continuidade ao meu trabalho. Às vezes ocorrem reprovações, para não me repetir, costumo mudar o foco temático a cada ano. Percebo que os alunos participam mais ativamente, porque as atividades não se repetem. Eu ainda não encontrei nenhum estudante que não tenha gostado das ações de Educação Ambiental. Eles sempre gostam de trabalhar e todos eles têm algum conhecimento prévio sobre o assunto, porque já foi trabalhado em algum momento da vida escolar deles. Cada vez que desenvolvemos um tema, eles costumam lembrar de algo que já haviam visto.

Além de outros professores, os estudantes também têm acesso aos diversos meios de comunicação, como televisão e internet, e a Educação Ambiental está o tempo todo na mídia e interagindo com a escola. É papel do professor transformar essas informações em conhecimento.

Eu penso que a Educação Ambiental é um assunto atual, porque todo o dia aparece alguma coisa na mídia sobre a questão ambiental, sobre alguma catástrofe natural, e aí os alunos chegam à escola cheios de dúvidas. Quando isso acontece, eu considero oportuno que a Educação Ambiental seja retomada.

Linhas 119 a 128

Usualmente, os professores das séries finais supõem que a Educação Ambiental fica a cargo das disciplinas de Geografia e Ciências. Mas, eu observo que professores de outras disciplinas podem trabalhar com Educação Ambiental. O professor de Língua Portuguesa pode utilizar um texto que contenha informações sobre meio ambiente, e expandir a temática. Ele estará trabalhando Educação Ambiental em Linguagem. De uma forma ou de outra, vários professores de diversas

áreas do conhecimento trabalham Educação Ambiental. Não é um tema assim, que ficou só para uma disciplina.

Não há um livro que trate especificamente sobre que atividades e/ou ações para serem desenvolvidas em Educação Ambiental. O professor vai acabar criando.

Linhas 147 a 167

Para desenvolver o projeto de resíduos sólidos, eu precisei de mais de uma aula. Foram quase três aulas para que eles pudessem terminar. Assim, ficou uma semana inteira para concluir o trabalho, porque em uma aula, eles traziam todo o material coletado. Numa outra eles observavam e imaginavam como poderiam produzir algo com aqueles resíduos, e na terceira aula eles concluíram. Se eu for pensar que estou perdendo aula para aplicar o conteúdo da série, eu não faço isso. Mas não é uma perda, é um acréscimo. Porque vários temas foram trabalhados e eu posso retomar numa outra linguagem, de outra forma, e trabalhando ao mesmo tempo a Educação Ambiental. Eu acho que a Educação Ambiental só acrescenta, porque conseguimos observar a opinião dos alunos sobre diversos temas que não abordaríamos numa aula convencional.

Sendo assim, nós descobrimos a opinião dos alunos, os auxiliamos a elaborar melhor as ideias em relação ao tema, entre outras questões que às vezes não aparecem nas discussões em sala de aula. Mas, quando abrimos espaço para o diálogo, conhecemos melhor nossos alunos, e os alunos também passam a nos ver de uma forma diferente.

Muitas vezes, estamos dando uma aula de Ciências e temos vários alunos que apresentam dificuldade em entender o conteúdo. Mas a Educação Ambiental está presente no cotidiano das pessoas, nos meio de comunicação em geral. É um assunto muito debatido, então os alunos apresentam sempre algum conhecimento sobre o tema.

Linhas 178 a 185

Portanto, em minha opinião, é concebível trabalhar com Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, em todos os momentos, em qualquer disciplina. Porém, é necessário dispor de um tempo para procurar material, porque não existe material pronto. Mesmo porque é um tema transversal e por isso deve ser trabalhado em todos os níveis e em todas as disciplinas. Como não existem

instrumentos específicos para cada disciplina, o professor pode escolher. Às vezes, o professor de Ciências trabalha um texto, proporcionando ao aluno desenvolver atividades na Educação Ambiental e ao mesmo tempo leitura e discussão.

Linhas 193 a 212

Este ano não fizemos um projeto muito amplo de Educação Ambiental. Resolvemos desenvolver ações em separado. Então, Ciências trabalhou de um jeito, Geografia de outro. Eu trabalhei Energia com as minhas turmas. Eu propus aos estudantes que demonstrassem as relações entre energia e Educação Ambiental. Energia é um tema bem complicado, mas que acabou entrelaçado à Educação Ambiental. Porém, a primeira associação comentada pelos alunos foi a fotossíntese – a energia fornecida com auxílio do Sol. Eles associaram com conteúdos estudados no sexto ano. Aí está o papel do sexto ano, definido, discutindo meio ambiente e Educação Ambiental. Na realidade, não é preciso separar Educação Ambiental de Ciências para o aluno. Uma faz parte da outra e os alunos mais ou menos entendem os limites.

Para o meu aprofundamento, eu acho que os cursos da Rede Municipal de Curitiba não são específicos para Educação Ambiental, são mais voltados à área de Ciências. Nestes cursos, às vezes um dia ou dois são dedicados ao estudo da temática ambiental. Costumo participar de eventos que têm Educação Ambiental fora da Rede. É comum encontrar diversos profissionais de diversas áreas que atuam com Educação Ambiental por aí afora, então é possível trocar ideias. Não só professores que atuam em escola. Existem profissionais que trabalham em instituições privadas e desenvolvem ações excelentes. São atividades que podem ser adaptadas para serem feitas na escola. Surgem ideias muito boas nestes eventos, também pela ausência de materiais específicos para a Educação Ambiental.

Linhas 246 a 261

Eu reconheço que quando o professor começa a trabalhar com Educação Ambiental, ele se contagia de tal forma que todo o seu empreendimento pedagógico se transforma. Ele não consegue mais deixar de desenvolver ações em Educação Ambiental, porque o professor agregou conhecimento sobre as questões ambientais, ela vai fazer parte do seu currículo, do seu trabalho, da sua atividade.

Sendo assim, eu acho que só não gosta de Educação Ambiental quem nunca se deparou com ela. Uma vez iniciada a lida com Educação Ambiental, o professor acaba fazendo com que ela permaneça cotidianamente.

Eu observo que se houvessem mais cursos, mais formação na área, mais professores se interessariam. Teríamos muito mais professores trabalhando, porque muitas vezes, os docentes não trabalham porque não sabem como. Dessa forma, professores de outras disciplinas acham mais fácil deixar para Ciências. Mas não é responsabilidade só de Ciências ou só de Geografia, é de responsabilidade de todos, porque vivemos em sociedade, vivemos no ambiente, respiramos Educação Ambiental.

Nós devemos vestir a camisa da Educação Ambiental e eu acredito que com mais cursos de formação, haverá mais professores adeptos a ela.

Linhas 280 a 287

Eu percebo que de alguns anos pra cá tivemos a inclusão da Educação Ambiental nos livros didáticos, nas graduações, na formação dos professores. Entretanto, cabem mais ações por parte da mantenedora, porque nem todos os professores buscam formação fora da rede. São pouquíssimos professores que procuram formação. Às vezes, eu comento com alguns professores sobre os eventos que costumo ir. Comento que é permitido se inscrever e participar das palestras, sem ser necessário estar em todas. Mas poucos participam. Eu vejo que é preciso ir atrás, porque de nada adianta ficar esperando.

Linhas 299 a 303

Claro que o aprendizado de Educação Ambiental é o resultado de toda a jornada dos alunos, que começou na família, foi para a Educação Infantil, nas séries iniciais. É um processo contínuo. Não é o que eu penso que o aluno vai pensar, mas sim é o resultado de toda a história de vida dele, da formação dele, o que ele foi juntando, assimilando. Por isso, a Educação Ambiental deveria acontecer muito mais na escola

Tema 2: A dimensão ambiental fomentada por projetos curriculares, extracurriculares, disciplinares e/ou interdisciplinares

Linhas 09 a 16

A prefeitura de Curitiba apresenta muitos projetos de Educação Ambiental, porém acredito que ocorrem mais de primeira à quarta série. Existe uma quantidade maior de projetos voltado às séries iniciais, e os professores desenvolvem muito bem o trabalho, tendo em vista também os livros didáticos dessa etapa, que abordam mais intensamente a Educação Ambiental. Eu sei que no site oficial da prefeitura, denominado cidade do conhecimento, estão apontados alguns projetos desenvolvidos na Rede. Na página inicial está disponível um *link* onde constam cursos de formação continuada.

Linhas 37 a 53

Existem projetos de Educação Ambiental sendo desenvolvidos na escola. Costumo trabalhar com outra colega professora, procurando desenvolver projetos na área ambiental. Às vezes, envolvemos a escola como um todo; em outras ocasiões, trabalhamos em separado.

Em um determinado ano, todos os professores quiseram participar. Dessa forma, na semana do meio ambiente realizamos uma caminhada com os alunos e os professores da escola. Foi um bom projeto, apesar de ter sido trabalhoso, visto que foi preciso da ajuda da guarda para garantir a segurança durante a caminhada. Para desenvolver projetos assim, é preciso colaboração de todos.

Neste projeto, desenvolvemos ações para o dia mundial do meio ambiente. Foi acordado que todos os professores trabalhariam e Ciências daria mais ênfase. A professora de Geografia gostou muito das atividades e participou ativamente do projeto. Para o fechamento das atividades, fizemos a caminhada pelo entorno da escola. Os estudantes foram observando a paisagem, distribuíram mudas disponibilizadas pelo horto municipal, e também recolheram os resíduos descartados incorretamente. Os alunos demonstraram muito interesse nesta atividade.

A escola aceita bem os projetos de Educação Ambiental

Linhas 71 a 74

Em relação ao currículo e a Educação Ambiental, noto que no Projeto Político Pedagógico das escolas já está incluída a Educação Ambiental em todas as disciplinas, em função de todas elas. Nas Diretrizes Municipais também, incluindo todos os níveis escolares. Tem destaque nas Diretrizes o que é importante em cada nível.

Linhas 86 e 87

Eu gosto de trabalhar por projeto. Eu seleciono o tema no início do ano letivo vou abordando sistematicamente durante o ano.

Linhas 111 a 118

Por exemplo, quando ocorreu o tsunami, foi um assunto muito debatido em sala de aula. E o problema nuclear no Japão. Estava em todos os meios de difusão de informação. Os alunos queriam saber o que acontecia lá, o que aconteceu com os seres vivos que lá estavam, se iam poder voltar lá. São questões que acabam levando a reflexões significativas na escola. Por isso, trabalhar com projetos auxilia porque os tópicos ambientais podem ser inseridos nos conteúdos e podem ser retomados a qualquer momento. É sempre uma continuidade.

Linhas 186 a 192

A Educação Ambiental vai além porque nós podemos analisar o que os alunos nos falam, nos colocam. Aí está a importância de se trabalhar com desenho no início do projeto. A partir daquilo que foi elaborado pelo aluno, eu posso direcionar o trabalho pedagógico que se seguirá. E desenhar eles sempre gostam. Eu recolho os desenhos e guardo até o final do ano. Então, costumo devolver e questionar os alunos em relação ao trabalho feito por eles, se deveria ser alterado. Faço sempre um fechamento do projeto com os alunos.

Linhas 222 a 236

Teve um ano que os alunos cobraram por que não havia mais aulas sobre o dia da árvore, da primavera, que são assuntos de primeira a quarta séries. Eles estão acostumados a trabalhar essas datas nos anos iniciais. Dessa forma, decidi desenvolver atividades que contemplassem todas as datas comemorativas do ano. Uma das atividades realizadas pelos alunos foi um desenho da mão e nesse desenho deveria ser posto algo que estava na palma da mão deles para melhorar o meio ambiente. Surgiu sobre jogar lixo, coleta e separação, plantio de árvores, ou seja, vários temas de relevância foram abordados nessa atividade e que estavam próximos a eles.

Concluída essa atividade, eu os questioneei sobre as imagens, se eles estavam comprometidos e faziam aquelas ações, e os alunos comentaram que às vezes esqueciam, mas que aquelas ações não eram desconhecidas. Eu percebi que é preciso retomar as questões ambientais em todas as séries. Não é porque estão maiores que não precisam colaborar com o meio ambiente. Os conhecimentos agregados não devem ser esquecidos. Então, eu acredito que outra função da Educação Ambiental seria reforçar o que foi aprendido no início da escolarização.

Linhas 262 a 275

Eu tenho formação em Matemática também. Nas minhas aulas nessa disciplina, agrego a Educação Ambiental porque é possível trabalhar Educação Ambiental trabalhando gráficos sobre resíduos, porcentagem, e aí os alunos também observam que em Matemática podemos ver Educação Ambiental, seja nos números, nos gráficos, nas tabelas. Existe certa dificuldade por parte dos estudantes em imaginar um professor de Matemática trabalhando Educação Ambiental. Mas são barreiras que podem ser flexibilizadas. Trabalhando um texto, uma resolução de problema, eu posso propor algo que envolva Educação Ambiental. É possível aprofundar no texto, no problema, ampliar as discussões, para mostrar aos alunos que o professor é cidadão, que está comprometido com o ambiente e que este não é parte de uma ou outra disciplina, mas sim da vida em sociedade. Eu observo ainda que nos livros de Matemática houve um acréscimo relevante de textos que abordam a temática ambiental. Em geral, se detém mais nas questões de produção de resíduos. Mas já existem alguns autores que versam sobre a produção de energia.

Linhas 288 a 298

É muito mais cômodo fazer as mesmas coisas, as mesmas atividades, as mesmas aulas. Mas trabalhar sempre do mesmo jeito enjoa. O professor se cansa, os alunos se cansam. Se é monótono para o professor da disciplina, imagina para os estudantes. Eu considero importante mudar, estar em movimento. Por isso trabalho por projetos, porque a cada ano posso construir novos desafios, posso ir mudando no decorrer do ano, conforme o andamento da turma. E acompanhar a turma é bom por isso também, porque posso mostrar pelas atividades dos alunos, como eles cresceram, como se desenvolveram. Olhando as imagens que eu trouxe para você ver, eu me deparei com tarefas de três anos atrás e pude comparar com atividades

atuais e me dei conta de como determinado aluno evoluiu. Essa evolução transparece nas atividades, nos desenhos.

Tema 3: Reutilização e Reciclagem

Linhas 87 a 91

O projeto sobre resíduos sólidos foi inicializado comentando onde víamos os resíduos. Num outro momento, evidenciei quais os tipos de resíduos, como são produzidas as embalagens de plástico, de metal, e qual destino é dado a esses resíduos. Fui aprofundando o assunto no decorrer do ano.

Linhas 128 a 135

No ano que eu trabalhei com resíduos sólidos, nós realizamos uma coleta no dia da caminhada. Então, eu resolvi fazer uma reutilização da embalagem com os alunos, orientando os mesmos a construir uma árvore com os resíduos coletados mais aqueles que fossem descartados em casa. Uma turma resolveu criar uma árvore reutilizando papeis. Foi uma atividade coletiva, onde todos se envolveram cada qual compondo uma parte da árvore. Eles trouxeram tubos de papel toalha e fizeram o caule. Outros cortavam caixinhas de remédio, de papel, de material de limpeza.

Linhas 140 a 146

Uma outra turma trabalhou com embalagem de plástico. Eles levaram copos descartáveis, garrafas PET. Tinha uma quantidade enorme de material. Demorou um pouco mais, mas até flores de copinhos apareceu na árvore feita por eles. Cortaram as garrafas no comprimento e fizeram folhas. Ficou semelhante a um pinheiro. Para a confecção do caule, os alunos resolveram encaixar uma garrafa na outra. Se dermos oportunidade aos alunos de tentar, eles criam, eles resolvem qualquer situação que aparecer. E o resultado final sai até melhor que o esperado.

Linhas 168 a 177

Numa outra ocasião, eu estava trabalhando Energia e aí cada equipe ficou responsável por uma forma de energia e deveriam mostrar como é que essa forma

de energia é produzida. Os alunos demonstraram interesse em construir maquetes. Eu pensei sobre o assunto e decidi que eles poderiam sim construir maquetes. Entretanto, eles deveriam reutilizar materiais. As equipes trocaram materiais arrecadados ente si e até o grupo responsável pela energia eólica usou hélices provenientes de embalagens de balas. Claro que não funcionou, foi necessário um ventilador para que fossem acionadas, mas foi possível realizar a demonstração.

Essa ideia de reutilizar surgiu devido ao fato de ter sido trabalhado resíduos sólidos no ano anterior.

Linhas 213 a 218

Eu fiz mestrado em Ciência e Tecnologia. A minha dissertação sobre resíduos sólidos, a reciclagem e reutilização de materiais. Trabalhei oficinas de Educação Ambiental. Eu trabalhei os quatro tipos de inorgânicos e além da aula semanal, fiz aulas no contraturno, com número reduzido de alunos. Cada oficina tinha dez alunos, e nessas oficinas, reforçávamos o que havia sido visto em sala, e eles preparavam uma atividade prática.

Linhas 237 a 243

Os alunos comentam em sala sobre as questões mais visíveis na sociedade, como por exemplo, citando localidades onde é possível encontrar descarte de resíduos de maneira incorreta, terrenos baldios que parecem depósitos de lixo. O meu papel enquanto professora é discutir quem joga aquele lixo, que é o responsável por tudo aquilo, tendo em vista que o lixo não chegou lá sozinho. Essas discussões são necessárias porque possibilitam reflexões sobre situações que muitas vezes nos acostumamos e achamos que é normal.

Vestígios de práticas Escola C

Os registros selecionados pela professora da Escola C foram elaborados em diversos momentos das suas aulas. Existem atividades provenientes dos projetos por ela desenvolvidos, assim como composições que não estão relacionadas a nenhum empreendimento específico.

Segue algumas amostras das atividades da professora da Escola C.



FIGURA 6: IMAGEM DE SULFITE A4 SOBRE A ÁGUA
FONTE: PROFESSORA ESCOLA C



FIGURA 7: IMAGEM EM SULFITE A4 ATIVIDADE
 “NA PALMA DA MÃO PARA MELHORIA DO AMBIENTE”.
 FONTE: PROFESSORA ESCOLA C



FIGURA 8: FOTOGRAFIA “ÁRVORE FEITA COM RESÍDUOS SÓLIDOS”
FONTE: PROFESSORA DA ESCOLA C

Discurso síntese da professora da Escola C

Na minha formação inicial não tive Educação Ambiental, mas observo que hoje já é possível encontrar algumas graduações que alteraram sua grade curricular, acrescentando a Educação Ambiental. A minha formação foi em sala de aula, participando de cursos de extensão ou ofertados pela mantenedora. Dessa forma, pude incluir a Educação Ambiental no meu trabalho pedagógico. Eu noto que a Rede Municipal de Ensino de Curitiba não oferta cursos de Educação Ambiental, pois a maioria dos cursos é voltada para a área de Ciências. Entretanto, estes cursos dedicam um ou dois dias de estudo para a Educação Ambiental. Considero pertinentes mais ações da mantenedora neste aspecto.

Eu gosto de trabalhar por projeto. Eu seleciono o tema no início do ano letivo vou abordando sistematicamente durante o ano. O projeto sobre resíduos sólidos foi inicializado comentando onde víamos os resíduos. Num outro momento, evidenciei quais os tipos de resíduos, como são produzidas as embalagens de plástico, de metal, e qual destino é dado a esses resíduos. Fui aprofundando o assunto no decorrer do ano.

Geralmente, eu acompanho as minhas turmas dois ou três anos. Para não ficar repetitivo, costumo escolher um tema inicial. Se eu vou ficar mais de um ano com a turma, eu abordo temas diferentes. Por exemplo, eu trabalhei a água, a importância da água, dos vegetais. Além de trabalhar os conteúdos próprios da série, eu tento encaixar a temática ambiental nos conteúdos da série. Eu gosto de acompanhar, pois desta forma consigo dar continuidade ao meu trabalho. Às vezes ocorrem reprovações, para não me repetir, costumo mudar o foco temático a cada ano. Percebo que os alunos participam mais ativamente, porque as atividades não se repetem. Eu ainda não encontrei nenhum estudante que não tenha gostado das ações de Educação Ambiental. Eles sempre gostam de trabalhar e todos eles têm algum conhecimento prévio sobre o assunto, porque já foi trabalhado em algum momento da vida escolar deles. Cada vez que desenvolvemos um tema, eles costumam lembrar de algo que já haviam visto.

Existem livros didáticos cujos conteúdos já se entrelaçam com a Educação Ambiental. Depende do livro e da escolha feita inicialmente pelos professores. Em geral, eu trabalho com as séries finais do ensino fundamental, oitavos e nonos anos. No livro do nono ano contém assuntos que debatem Educação Ambiental, envolvendo Física e Química, que estão diretamente relacionadas ao meio

ambiente. Considero que alguns autores destacam uma maior quantidade de conteúdos que abordam as questões relacionadas ao ser humano, à escola e ao ambiente. Entretanto, outros autores comentam bem menos. Ainda existem livros que tratam a Educação Ambiental como componente a parte. Trabalho nas séries finais e observo que as questões ambientais são desenvolvidas conforme a série. Sendo assim, nos sétimos anos as temáticas principais envolvem os estudos dos seres vivos, portanto tem trabalho ambiental. No sexto ano, temos a análise do meio ambiente e seus recursos. Oitavos e nonos anos não apresentam tópicos específicos relacionados ao ambiente, mas o docente pode discutir questões ambientais no decorrer do ano.

Usualmente, os professores das séries finais supõe que a Educação Ambiental fica a cargo das disciplinas de Geografia e Ciências. Mas, eu observo que professores de outras disciplinas podem trabalhar com Educação Ambiental. O professor de Língua Portuguesa pode utilizar um texto que contenha informações sobre meio ambiente, e expandir a temática. Ele estará trabalhando Educação Ambiental em Linguagem. De uma forma ou de outra, vários professores de diversas áreas do conhecimento trabalham Educação Ambiental. Não é um tema de uma só para uma disciplina.

A prefeitura de Curitiba apresenta muitos projetos de Educação Ambiental, porém acredito que ocorrem mais de primeira à quarta série. Existe uma quantidade maior de projetos voltado às séries iniciais, e os professores desenvolvem muito bem o trabalho, tendo em vista também os livros didáticos dessa etapa, que abordam mais intensamente a Educação Ambiental. Eu sei que no site oficial da prefeitura, denominado cidade do conhecimento, estão apontados alguns projetos desenvolvidos na Rede. Existem projetos de Educação Ambiental sendo desenvolvidos na escola, esta escola aceita bem os projetos de Educação Ambiental. Costumo trabalhar com outra colega professora, procurando desenvolver projetos na área ambiental. Às vezes, envolvemos a escola como um todo; em outras ocasiões, trabalhamos em separado. Em um determinado ano, todos os professores quiseram participar.

Há algum tempo, eu e uma colega de Ciências temos como prática iniciarmos o ano letivo com atividades de Educação Ambiental. Assim sendo, a cada ano escolhemos um tema ambiental e a partir deste, encadeamos ações em sala de aula, envolvendo o mesmo. Pelo menos uma semana de cada trimestre era

dedicado à Educação Ambiental. Teve um ano que trabalhamos resíduos sólidos; em outro, a ênfase foi a água. Todo ano delimitamos um assunto e baseado neste assunto, encaminhamos textos para leitura e preparamos as atividades. Em outra ocasião, trabalhamos água, meio ambiente e seres vivos. Destacamos que os elementos vivos fazem parte do meio ambiente, eles aparecem de uma forma ou de outra. Ora podem estar auxiliando, vez por outra prejudicando o ambiente. Mas sempre estarão ligados diretamente a esse meio. Normalmente, na primeira semana de aula realizamos diversas atividades e solicitamos aos alunos uma atividade para entregar, para que possamos avaliar como eles estão abordando a temática. Geralmente, a composição inicial é em forma de desenho, porque em algumas situações, os alunos não estão ambientados com o novo professor e o desenho pode nos auxiliar a interpretar melhor alguns conceitos presentes ali, que numa atividade escrita talvez não ficasse claro.

Para desenvolver o projeto de resíduos sólidos, foi necessário mais de uma aula. Foram quase três aulas para que eles pudessem terminar. Assim, ficou uma semana inteira para concluir o trabalho, porque em uma aula, eles traziam todo o material coletado. Numa outra eles observavam e imaginavam como poderiam produzir algo com aqueles resíduos, e na terceira aula eles concluíram. Se eu for pensar que estou perdendo aula para aplicar o conteúdo da série, eu não faço isso. Mas não é uma perda, é um acréscimo. Porque vários temas foram trabalhados e eu posso retomar numa outra linguagem, de outra forma, e trabalhando ao mesmo tempo a Educação Ambiental. Eu acho que a Educação Ambiental só acrescenta, porque conseguimos observar a opinião dos alunos sobre diversos temas que não abordaríamos numa aula convencional. Este ano não fizemos um projeto muito amplo de Educação Ambiental. Resolvemos desenvolver ações em separado. Eu trabalhei Energia com as minhas turmas. Eu propus aos estudantes que demonstrassem as relações entre energia e Educação Ambiental. A primeira associação comentada pelos alunos foi a fotossíntese – a energia fornecida com auxílio do Sol. Eles associaram com conteúdos estudados no sexto ano. Aí está o papel do sexto ano, definido, discutindo meio ambiente e Educação Ambiental. Na realidade, não é preciso separar Educação Ambiental de Ciências para o aluno. Uma faz parte da outra e os alunos mais ou menos entendem os limites.

Eu observo que é preciso retomar as questões ambientais em todas as séries. Não é porque estão maiores que não precisam colaborar com o meio

ambiente. Os conhecimentos agregados não devem ser esquecidos. Então, eu acredito que outra função da Educação Ambiental seria reforçar o que foi aprendido no início da escolarização. Os alunos comentam em sala sobre as questões mais visíveis na sociedade, como por exemplo, citando localidades onde é possível encontrar descarte de resíduos de maneira incorreta, terrenos baldios que parecem depósitos de lixo. O meu papel enquanto professora é discutir quem joga aquele lixo, que é o responsável por tudo aquilo, tendo em vista que o lixo não chegou lá sozinho. Essas discussões são necessárias porque possibilitam reflexões sobre situações que muitas vezes nos acostumamos e achamos que é normal. É papel do professor transformar as informações em conhecimento.

Precisamos ampliar os debates em Educação Ambiental, praticando-a o tempo todo. Eu reconheço que quando o professor começa a trabalhar com Educação Ambiental, ele se contagia de tal forma que todo o seu empreendimento pedagógico se transforma. Ele não consegue mais deixar de desenvolver ações em Educação Ambiental, porque o professor agregou conhecimento sobre as questões ambientais, ela vai fazer parte do seu currículo, do seu trabalho, da sua atividade. Sendo assim, eu acho que só não gosta de Educação Ambiental que nunca se deparou com ela. Uma vez iniciada a lida com Educação Ambiental, o professor acaba fazendo com que ela permaneça cotidianamente.

Eu observo que se houvessem mais cursos, mais formação na área, mais professores se interessariam. Teríamos muito mais professores trabalhando, porque muitas vezes, os docentes não trabalham porque não sabem como. Dessa forma, professores de outras disciplinas acham natural deixar para Ciências. Mas não é responsabilidade só de Ciências ou só de Geografia, é de responsabilidade de todos, porque vivemos em sociedade, vivemos no ambiente, respiramos Educação Ambiental.

Nós devemos vestir a camisa da Educação Ambiental e eu acredito que com mais cursos de formação, haverá mais professores adeptos a ela. Muitas vezes, estamos dando uma aula de Ciências e temos vários alunos que apresentam dificuldade em entender o conteúdo. Mas a Educação Ambiental está presente no cotidiano das pessoas, nos meios de comunicação em geral. É um assunto muito debatido, os alunos apresentam sempre algum conhecimento sobre o tema. Suponho que seja aceitável trabalhar com Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, em todos os momentos, em qualquer disciplina. Porém, é necessário

dispor de um tempo para procurar material porque não existe material pronto. Mesmo porque é um tema transversal e por isso deve ser trabalhado em todos os níveis e em todas as disciplinas. Como não existem instrumentos específicos para cada disciplina, o professor pode escolher. Às vezes, o professor de Ciências trabalha um texto, proporcionando ao aluno desenvolver atividades na Educação Ambiental e ao mesmo tempo leitura e discussão.

A Educação Ambiental vai além porque nós podemos analisar o que os alunos nos falam, nos colocam. Aí está a importância de se trabalhar com desenho no início do projeto. A partir daquilo que foi elaborado pelo aluno, eu posso direcionar o trabalho pedagógico que se seguirá.

Claro que o aprendizado de Educação Ambiental é o resultado de toda a jornada dos alunos, que começou na família, foi para a Educação Infantil, nas séries iniciais. É um processo contínuo. Não é o que eu penso que o aluno vai pensar, mas sim é o resultado de toda a história de vida dele, da formação dele, o que ele foi juntando, assimilando. Por isso, a Educação Ambiental deveria acontecer muito mais na escola.

Compreensões a partir do discurso da professora C

O discurso da professora da Escola C demonstrou conhecimento na área ambiental e foi consistente durante toda a entrevista.

A entrevistada declarou que em sua formação inicial não teve Educação Ambiental. Sendo assim, buscou formação a partir de cursos de extensão, eventos de Educação Ambiental e ocasionalmente os ofertados pela mantenedora.

A professora destacou que tem por hábito iniciar as atividades do ano letivo com ações de Educação Ambiental. Ela costuma escolher um assunto dentro da temática ambiental e a partir deste, desenvolver o seu trabalho em sala de aula. A colaboradora acentua que pelo menos uma semana de cada trimestre dedica-se à Educação Ambiental, ajustando-a de alguma forma nos conteúdos daquele ano. Então, ela delimita um tema e baseado neste, encaminha textos para leitura e pesquisa. A professora esclarece que a primeira atividade solicitada aos estudantes é uma ilustração e por meio desta faz sua avaliação. A professora pondera que em certos momentos, a imagem reflete algumas etapas da aprendizagem dos alunos, o que talvez não ficasse explícito numa atividade escrita e a auxilia a direcionar o planejamento das próximas atividades.

Para a professora da Escola C, a disciplina de Ciências apresenta conteúdos relacionados à Educação Ambiental, porém salienta que qualquer outra disciplina não está impedida de inserir a Educação Ambiental no seu dia a dia. Ela também ministra aulas de Matemática e expõe que rotineiramente inclui o campo ambiental nas suas aulas. Para ela, é possível trabalhar com Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, em qualquer área do conhecimento, até porque é um tema transversal. Porém, o professor precisa dispor de um tempo para o planejamento, tendo em vista que não existe material pronto para este trabalho. A professora expõe que uma vez iniciado o desenvolvimento de um trabalho em Educação Ambiental, o professor faz com que a mesma permaneça em sua práxis pedagógica.

A professora esclareceu que prefere acompanhar suas turmas, porque percebe e valoriza a possibilidade de dar continuidade ao seu trabalho. Ela evidencia ainda que não encontrou nenhum estudante que não tenha apreciado as práticas de Educação Ambiental, inclusive ressalta que os estudantes já têm conhecimento prévio sobre os temas ambientais, haja vista que o ambiental vem sendo construído durante toda a vida dos estudantes, seja assistindo os noticiários, na internet, ou na própria escola. Segundo a entrevistada, é papel do professor transformar essas informações em conhecimento. Ela destaca ainda que muitas vezes, o professor encontra alunos com dificuldades de aprendizagem, mas que quando se trata de Educação Ambiental, estes mesmos alunos apresentam bom entendimento do tema e até compartilham informações que já conheciam. A professora entende que não é preciso separar Educação Ambiental de Ciências para o aluno, porque uma complementa a outra e os alunos compreendem seus limites.

As considerações apontadas pela professora da Escola C traduzem em boa parte as contribuições de Paulo Freire à educação brasileira, como a atuação crítica e contextualizada do professor, bem como a problematização das ideias levando em conta a complexidade das relações, contribuindo para a apropriação de saberes significativos para os estudantes. Os PCN assinalam a importância da contextualização, argumentando que os saberes provenientes do mundo além da escola são formadores de opinião e conhecimento. Segundo a professora da Escola C, os alunos trazem questões presentes na sociedade, e cita o caso do descarte de resíduos em terrenos baldios como se fossem depósitos de lixo. Ela acredita que é função do educador discutir e analisar com os estudantes quem joga aquele lixo e por que joga. A professora salienta que essas discussões são fundamentais e

expõem o ser humano como agente de transformação da sua realidade, seja social e econômica, política ou cultural.

Para Loureiro (2006b), as práticas em Educação Ambiental que envolvem discussão social, política e cultural, que buscam romper com ecologismos ingênuos, que tratam de redefinir as relações entre sociedade e natureza, bem como admitem sua complexidade, estão ancoradas numa perspectiva transformadora, crítica e emancipatória.

A professora expõe sua preferência pelas atividades associadas aos projetos educacionais, porque desta forma pode selecionar o tema e ir abordando sistematicamente durante o ano letivo. Em seu discurso, ela destaca alguns temas já desenvolvidos por ela, como por exemplo, resíduos sólidos, água, energia. A professora acrescenta que os projetos de Educação Ambiental são um acréscimo às aulas, tendo em vista que o professor pode apreciar a opinião dos alunos sobre os assuntos tratados, pode ajudá-los a reelaborar esses conhecimentos prévios e principalmente abre-se espaço para o diálogo, para a ação e reflexão.

5.3.4 Caracterização da Escola D

O terceiro depoimento foi coletado na Escola D que apresentou o menor IDEB da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Na tabela 3 encontram-se os resultados obtidos pela Escola D e as metas projetadas para os anos seguintes. Observa-se que as metas ainda não foram alcançadas.

RESULTADOS IDEB				
	2005	2007	2009	2011
ESCOLA D	4.8	4.0	4.5	4.2

METAS PROJETADAS						
	2007	2009	2011	2013	2015	2017
ESCOLA D	4.8	5.0	5.2	5.6	5.9	6.2

FONTE: <<http://www.portasideb.com.br>>

O depoimento foi dado em oito de outubro de dois mil e treze, no período da manhã, em horário de permanência da disciplina de Ciências.

Fui recebida pela coordenadora da escola, que me encaminhou à sala dos professores e fez as apresentações. Os professores já haviam sido avisados sobre esta pesquisa e uma professora já tinha se prontificado a participar.

A Escola D está situada em bairro afastado da região central da cidade de Curitiba, próxima ao distrito industrial da cidade. Nas proximidades da escola é possível encontrar muitos conjuntos residenciais, comércio variado e indústrias.

A Escola D possui um Farol do Saber anexo, que se constitui biblioteca escolar.

Não foi possível reunir maiores informações através o PPP escolar, visto que a Escola D não o disponibilizou para consulta, alegando que o mesmo está “em construção”, portanto sem aprovação da Secretaria Municipal de Educação. Foi solicitada à escola uma versão mais antiga, porém a negativa permaneceu, mesmo com a garantia de anonimato. A Secretaria Municipal de Educação foi contatada e segundo ela, a escola tem autonomia para ceder ou não a documentação.

Desta forma, considero pertinente comentar que, como em todos os depoimentos coletados, o Projeto Político Pedagógico apresenta-se invisível aos olhos dos professores, ou seja, os professores não sabem o que o documento contém, nem conhecem suas bases teóricas. Penso que assim como não obtive sucesso em estudar e analisar o PPP da Escola D, seus professores também tenham dificuldade em fazê-lo, o que de certa forma, configura-se como um obstáculo para o ensino de qualidade.

Saliento que as informações para a caracterização geral da Escola D foram retiradas do regimento escolar de 2007 da referida escola, no site da prefeitura de Curitiba.

A professora da Escola D atua na Rede Municipal de Ensino desde dois mil e dez, sendo, portanto nova na rede. No período da entrevista, a professora estava trabalhando com os anos iniciais da segunda fase do Ensino Fundamental.

A entrevista foi realizada no laboratório de Ciências e durou aproximadamente uma hora.

Após o término da entrevista, foram solicitadas à professora atividades as quais ela considerasse de Educação Ambiental, entretanto, a professora afirmou que essas atividades eram feitas pela professora responsável pelo laboratório e que ela não teria nada de relevância para exemplificar o seu trabalho.

A íntegra da transcrição da entrevista a mim concedida pela professora da Escola D, consta do anexo 8 e sua textualização no anexo 9.

A entrevista com a professora da Escola D

Tema 1: Papel do professor de Ciências para com a Educação Ambiental

Linhas 16 a 21

Nas minhas aulas, costumo demonstrar aos estudantes que todas as coisas estão interligadas, tento explicitar ao máximo as informações, discuto com eles e tento fazê-los ver que as coisas estão relacionadas. Meu trabalho com Educação Ambiental é sempre no sentido de defender muito a natureza e fazer com que os estudantes percebam que existem consequências de cada ato impensado, seja um papel jogado na sala de aula, ou lixo atirado na rua, na calçada.

Linhas 30 a 35

Em relação à Educação Ambiental e o livro didático, observo que os livros usados são bem falhos. Não existe no livro didático nada referente ao desenvolvimento de qualquer trabalho com Educação Ambiental. Existem conteúdos que o professor pode encaixar a Educação Ambiental, como Equinodermos, Solos, Água, Plantas. De alguma maneira, o professor pode incluir a Educação Ambiental em conteúdos assim, abrir os horizontes por assim dizer.

Linhas 50 a 53

Eu sou professora co-regente dos quartos anos e um dia da semana sou a professora de Ciências deles. Alguns até leem corretamente, porém quando precisam explicar o que leram, interpretar, ou até mesmo escrever sobre o que foi lido, aí poucos conseguem desenvolver suas ideias.

Linhas 146

Eu tive Educação Ambiental na minha formação inicial, no último ano.

Linha 173

Eu sou bióloga, vou defender sempre a natureza.

Linhas 190 a 196

Neste momento, eu estou fazendo um curso sobre solos na UFPR, que se chama Projeto Solos na Escola. O outro que eu fiz era sobre currículo, formação. Porque muitos professores das séries iniciais estão tendo que dar aula de Ciências e não são biólogos, são pedagogos, e acabam passando conceitos errados para os alunos. Desta forma, a Secretaria Municipal de Educação organizou cursos de formação continuada na área de Ciências no intuito de esclarecer esses conceitos. Foi feito também um curso de Astronomia e de Química.

Linhas 258 a 267

Com relação aos conteúdos de Educação Ambiental, nós trabalhamos no início do ano com a Origem das Espécies, depois partimos para Vírus e Bactérias, Protozoários e Fungos. Quando começamos o estudo dos invertebrados, eu recordei com os alunos, conteúdos do sexto ano, como água e solo, e juntei com as doenças transmitidas pela falta de saneamento básico, quando o tratamento e cuidado com a água e o solo são insuficientes e a importância de existir coleta e tratamento do esgoto que será lançado no rio.

Da mesma forma, abordei também a relevância da captação da água dos rios, para posterior tratamento e consumo por parte da população, como também alguns cuidados importantes antes da ingestão dessa água.

Linhas 279 e 280

Não me lembro de nenhum conteúdo específico de Educação Ambiental que nós tivéssemos trabalhado. O livro didático que usamos também não tem Ecologia.

Tema 2: A dimensão ambiental fomentada por projetos curriculares, extracurriculares, disciplinares e/ou interdisciplinares

Linhas 101 a 103

Quanto aos projetos de Educação Ambiental desenvolvidos no município de Curitiba, eu sei que eles existem, mas não participo nem acompanho efetivamente nenhum.

Linhas 153 a 155

Que eu saiba, não existe projetos de Educação Ambiental sendo desenvolvidos na escola. O mais próximo que nós chegamos foi no dia da árvore, no mês de setembro, com o pessoal do Comunidade Escola.

Tema 3: Reutilização e Reciclagem

Linhas 267 e 268

Falei também da questão do destino correto do lixo.

Discurso síntese da professora da Escola D

Eu sou professora municipal desde 2010, por isso a minha experiência na rede é muito reduzida. Tenho quinze anos de experiência como alfabetizadora. Em minha formação inicial eu tive a disciplina de Ecologia.

Nas minhas aulas, costumo demonstrar aos estudantes que todas as coisas estão interligadas, tento explicitar ao máximo as informações, discuto com eles e tento fazê-los ver que as coisas estão relacionadas. Meu trabalho com Educação Ambiental é sempre no sentido de defender muito a natureza e fazer com que os estudantes percebam que existem consequências de cada ato impensado, seja um papel jogado na sala de aula, ou lixo atirado na rua, na calçada.

Os livros didáticos usados são bem falhos em relação à Educação Ambiental. Não existe nos livros escolares nada referente ao desenvolvimento de qualquer trabalho com Educação Ambiental, no livro que usamos não tem Ecologia³². Mas existem conteúdos que o professor pode inserir a questão ambiental, como por exemplo, Equinodermos, Solos, Água, Plantas. De alguma forma, o professor pode incluir a Educação Ambiental nos tópicos trabalhados em sala. Durante este ano, eu desenvolvi conteúdos do sétimo ano, que considero relacionados à Educação Ambiental, como a Origem das Espécies, Vírus, Bactérias, Protozoários e Fungos. Quando começamos o estudo dos Invertebrados, fiz uma revisão dos conteúdos do sexto ano, tais como Água e Solo e acrescentei questões de saneamento básico e a importância de existir coleta e tratamento do esgoto que será lançado no rio.

Pela mantenedora não fiz nenhuma capacitação que abordasse Educação Ambiental especificamente. Neste momento, estou fazendo um curso sobre solos

³² A professora da Escola D usa o termo Ecologia como sinônimo de Educação Ambiental.

que se chama Projeto Solos na Escola, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Anteriormente, cursei um sobre o currículo, Astronomia e Química.

Que eu saiba, não existem projetos de Educação Ambiental sendo desenvolvidos na escola. O mais próximo que nós chegamos foi no dia da árvore. Neste dia, que ocorreu num sábado, a proposta era que os alunos viessem até a escola e plantassem um muda de planta cedida pelo horto municipal. Infelizmente, os exemplares não vieram identificados. Quanto aos projetos de Educação Ambiental desenvolvidos pelo município de Curitiba, eu acredito que eles existam, mas não acompanho nenhum efetivamente.

Eu observo que é muito difícil fazer uma conscientização, mas eu sou bióloga e vou sempre defender a natureza.

Compreensões a partir do discurso da professora D

A professora da Escola D mostrou-se muito segura em suas escolhas em relação às suas práticas em sala de aula. Declara-se defensora da natureza e não costuma medir esforços nesse sentido. Sua experiência como professora de Ciências é reduzida, mas no seu discurso é perceptível o interesse e o conhecimento na temática, principalmente no que se refere aos aspectos ecológicos. Ela considera que o trabalho do professor pode abrir os horizontes dos alunos.

Também se verifica a intensidade do seu descontentamento com a educação de maneira geral diante das adversidades observadas nas escolas onde atua. A professora explica que ler e interpretar textos são tarefas que poucos estudantes conseguem realizar. Questões como letramento ineficiente e descaso das famílias foram abordadas pela professora. Considero pertinentes todos os argumentos declarados pela depoente, porém não faz parte desta pesquisa estabelecer críticas deste nível ao sistema de ensino.

A professora cita a existência de conteúdos da disciplina de Ciências onde é possível encaixar ações de Educação Ambiental, porém não estabelece como o faz nas suas aulas.

A entrevistada acredita que existam projetos de Educação Ambiental da mantenedora, mas que não conhece nem participa de nenhum de maneira efetiva. Igualmente declara não conhecer nenhum projeto ambiental sendo desenvolvido na Escola D.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação procurou desvelar concepções de Educação Ambiental presentes nos discursos e vestígios de práticas de professores de Ciências de algumas escolas da Rede Municipal Ensino de Curitiba. Com este propósito delimitado, foram analisadas as concepções presentes na literatura e nos currículos vigentes. Os procedimentos metodológicos incluíram uma entrevista com abordagem indireta por meio de fichas temáticas com professores de Ciências de algumas escolas da rede, escolhidas pelo IDEB, bem como o exame de resíduos de práticas fornecidos pelos mesmos.

Por meio dos subsídios fundamentados na literatura, deparei-me com um cenário de pluralidade e complexidade em termos de concepções, tendências e ênfases no desenvolvimento da Educação Ambiental.

Sendo assim, constituí duas concepções principais de Educação Ambiental ancoradas na literatura e por meio delas equalizei as apreensões que por aqui foram discutidas. Designei-as respectivamente de Concepção Conservadora e/ou Naturalista e Concepção Crítica e/ou Emancipatória, sendo duas vertentes que pontuam visões de mundo e de relações bem distintas, e foram consideradas nas análises subsequentes dos currículos e das entrevistas. Enquanto a Concepção Conservadora/Naturalista estabelece suas bases em condições reducionistas, simplistas, apolíticas, desvinculadas da realidade, não problematizadora e favorável aos ecologismos, a Concepção Crítica/Emancipatória aposta numa Educação Ambiental a partir da compreensão da complexidade das relações, das percepções distintas da natureza nos diferentes grupos humanos, no entendimento de que posturas de produção estão associadas às de consumo, e o mesmo pode-se dizer da ética, do desenvolvimento tecnológico, dos interesses públicos e privados.

A partir da análise das guias curriculares atuais, foi possível perceber que existem claras dissonâncias entre elas. Os PCN constituem a essência curricular para todo o Estado brasileiro e especificam as bases teóricas e metodológicas das ações educativas nas escolas. A contextualização dos temas e a interdisciplinaridade são aspectos relevantes e considerados nos PCN, assim como a adoção do termo Sustentabilidade ao invés de Desenvolvimento Sustentável para descrever o viés ambiental do documento. Entretanto, percebo nisto o receio às

críticas que o termo Desenvolvimento Sustentável tem recebido da comunidade científica, uma vez que associa-se muitas vezes à cultura desenvolvimentista da hegemonia. Observo também que os PCN sugerem que a crise ambiental seja superada pelos avanços científicos e tecnológicos, desconsiderando o modelo de produção e consumo da nossa sociedade.

As diretrizes estaduais do Paraná não adotam os PCN como bases teóricas e metodológicas de trabalho e ainda consideram que a admissão de temas transversais, tal como meio ambiente, por exemplo, “esvaziam” o ensino dos conteúdos porque não contempla as relações históricas e sociais. Inexistem apontamentos relativos à Educação Ambiental nas matrizes estaduais e isto é até compreensível, se partirmos do pressuposto de que são alinhavadas pelos princípios da pedagogia histórico-crítica, a qual vê o homem enquanto ser que trabalha como agente de transformação, e o ambiente à sua volta apenas lhe é servil.

De maneira contrária, as diretrizes municipais de Curitiba ancoram seus princípios norteadores em três eixos, sendo o Desenvolvimento Sustentável um de seus pilares. Todavia, os entrevistados declararam a inexistência de cursos de formação continuada em Educação Ambiental fornecidos pela mantenedora, indicando que o município de Curitiba não tem contribuído efetivamente para que este eixo faça parte das ações educativas. Observa-se mais nitidamente a Educação Ambiental sendo desenvolvida no contraturno de algumas escolas municipais.

A postura adotada pela rede municipal é a de que os estudantes sejam “conscientizados ambientalmente”, sendo, portanto capazes de estabelecerem “boas escolhas”, ou seja, que os educandos sejam incentivados a diminuir o consumo e a adotarem padrões sustentáveis de vida em sociedade. Para Leff (2010), políticas a favor do Desenvolvimento Sustentável estão a favor deste modo capitalista de sociedade e presta-se apenas ao cumprimento de metas em relação ao crescimento econômico e tecnológico.

Para as entrevistas, estabeleci a abordagem indireta como estratégia para a coleta dos dados, com a intenção de compor uma relação de escuta com estas professoras de Ciências e que pudesse se esgueirar dos discursos *prêt-à-porter* em Educação Ambiental, como “ecologicamente correto” ou “conscientização ambiental”. Sendo assim, constitui fichas temáticas e não questões, com o propósito de ‘pensar de outro modo’ as próprias concepções.

Com as fichas em mãos, as professoras discorreram sobre os temas e relataram o desenvolvimento das suas ações em Educação Ambiental. Procurei delimitar nos discursos destas professoras quais elementos poderiam constituir as aproximações e as compreensões desta pesquisa.

Em relação às concepções investigadas, apesar de tomar o grupo estudado como homogêneo, aceito o fato de que os discursos são plurais e que cada uma destas professoras constrói a Educação Ambiental nas escolas onde atuam conforme as suas crenças ou os hábitos estabelecidos ao longo de suas carreiras. Garnica (2005) discute como reconhecer as concepções e as declara “suportes para a ação”, ou seja, que podemos observá-las melhor nas práticas efetivas, isto é, concepções estão atreladas às práticas. Percalços na trajetória da pesquisa e os prazos para a entrega da dissertação impossibilitaram a observação direta³³ em sala; mas observei o que considero vestígios destas práticas. Contudo, nem todas quiseram ou puderam compartilhar seus vestígios. Com as atividades cedidas foi possível aproximar algumas compreensões dos discursos de cada professora e ao mesmo tempo observar as divergências entre teoria e prática. A professora da Escola B afirma que sua postura parte de uma visão Crítica e/ou Emancipatória de Educação Ambiental – discurso oficial - porém os liames das atividades fornecidas avizinham-se com uma concepção mais conservadora de Educação Ambiental. Já a professora da Escola C estabeleceu um discurso diferente de todas as outras e considerei algumas das atividades produzidas nas suas aulas diversificadas.

As professoras das Escolas A e D não dispuseram nenhuma atividade para análise, e com base apenas nos discursos, observo que não estavam à vontade expondo particularidades das suas aulas.

Com base nas análises elaboradas a partir dos discursos das professoras e os seus respectivos olhares para com a Educação Ambiental, considero pertinente salientar que todas mostraram ter interesse pela temática ambiental e apresentaram falas polissêmicas em relação à área. Nos discursos destas professoras, foi possível perceber os limites das ações em Educação Ambiental, as quais estão em consonância com as pesquisas de Suleiman (2010), Carvalho (2009), Iared e Oliveira (2011) e Mielke (2010), tais como: falhas na formação continuada de

³³ É importante ressaltar que a observação direta também traria o revés da influência do pesquisador durante as atividades. Pesquisas de caráter etnográfico minimizam esse efeito, por outro lado, demandam um tempo dificilmente disponível para trabalhos em nível de mestrado.

professores e gestores da área; o não estabelecimento de objetivos interdisciplinares; escassez de instrumentos didático-metodológicos harmonizados à Educação Ambiental; a fragilidade teórico-metodológica do campo ambiental, mas que vem sendo gradativamente superada, inclusive tendo como alicerce pesquisas desta natureza.

Não obstante, como qualquer investigação, esta também está em movimento e certamente atrairá novos desdobramentos, novas interpretações. São pertinentes os questionamentos sobre as conclusões. Afinal, quais as concepções de Educação Ambiental desta amostra de professores de Ciências? Tendo como disparador os argumentos citados por Garnica (2005), não posso assinalar em definitivo tais concepções, pelo fato de acreditar na fluidez e dinamicidade que as compõe. Mas as observo como consequência das compreensões a partir dos discursos das professoras. Nestas compreensões, pude descrever as reverberações mais regulares, por assim dizer “estáveis”, segundo as quais as concepções foram percebidas.

REFERÊNCIAS

ACSERALD, H. *et al.* **O que é justiça ambiental.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOGDAN, R. C. e BINKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação** : uma introdução à teoria e aos métodos; tradução de Maria João Alvarez...[et al.]. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais.** Brasília: MEC/ SEF, 1998a.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC/ SEF, 1998b.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente.** Brasília: MEC/ SEF, 1998c.

_____. *O que fazem as escolas que dizem que fazem Educação Ambiental.* Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

_____. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Departamento de Educação Ambiental. **Os diferentes matizes da educação ambiental no Brasil: 1997- 2007.** Brasília, DF: MMA, 2008.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Agenda 21.** Disponível em:
< <http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21> > Acesso em:
08/04/2013.

CAPRA, F. *et al.* **Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identities da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 13-24.

CARVALHO, M. P. **Sentidos do saber e do fazer docente em Educação Ambiental: um estudo sobre as concepções dos professores.** 158p. Dissertação

(Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente). Centro Universitário de Anápolis, Anápolis, 2009.

CURITIBA, Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba**: vol.1, Princípios e Fundamentos. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 2006a.

_____. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba**: vol.3, Ensino Fundamental. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 2006b.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire; tradução de Katia de Mello e Silva. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GALLO, S. **Transversalidade e Meio Ambiente**. Ciclo de palestras sobre Meio Ambiente. Programa Conheça a Educação do Cibec/Inep- MEC/SEF/COEA, 2001. Disponível em:
<http://www.academia.edu/518359/Transversalidade_e_meio_ambiente> Acesso em: 25/06/2013.

GARNICA, A. V. M. **Um tema, dois ensaios**: Método, História Oral, Concepções, Educação Matemática. Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, 2005. Tese de livre docência.

_____. Um ensaio sobre as concepções de professores de Matemática: possibilidades metodológicas e um exercício de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol.34, n.3, Set/Dez, 2008. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022008000300006>> Acesso em: 30/10/1012.

GILIOLI, E. B. *et al.* Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná: da Pedagogia Histórico-Crítica às Teorias Críticas. In: V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, Marxismo, Educação e Emancipação Humana. Florianópolis, 2011. **Anais eletrônicos...** Disponível em:
<http://www.5ebem.ufsc.br/trabalhos/eixo_05/e05i_t006.pdf>. Acesso em: 01/04/2013.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental**: a conexão necessária. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

GUIMARÃES, M. Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identities da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 25-34.

_____. Abordagem Relacional como forma de ação. In: _____. **Caminhos da Educação ambiental: da forma à ação**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 9-16.

_____. Armadilha Paradigmática na educação ambiental. . In: LOUREIRO, C. F. B. (org.). **Pensamento Complexo, Dialética, e Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 14-29.

IARED, V. G.; OLIVEIRA, H. T. Concepções de Educação Ambiental e Perspectivas Pedagógicas de Professoras do Ensino Fundamental. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.27, n.2, p.95-122, ago 2011. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000200006> > Acesso em: 17/04/2013.

LAYRARGUES, P. P. A crise ambiental e suas implicações na educação. In: QUINTAS, J. S. (Org.). **Pensando e praticando a Educação Ambiental na gestão do meio ambiente**. 2. ed. Brasília: Ibama, 2002. p.161-198.

_____. **A natureza da ideologia e a ideologia da natureza**: elementos para uma sociologia da educação ambiental. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Unicamp, Campinas, 2003. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000293110&fd=y>>
Acesso em: 04/02/2014.

_____. (coord). **Identities da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.p. 7-9.

_____. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, C. F. B. (org.). **Pensamento Complexo, Dialética, e Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 72-103.

LEFF, E.. **Epistemologia Ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, G. F. C. **Educação Ambiental no Brasil**: Formação Identidade e desafios. Campinas, SP: Papirus,2011.

_____. Educação, Emancipação e Sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental. In: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 85-112.

_____. Educação Ambiental Crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol.35, nº1, Jan/Abr, 2009. Disponível em : <<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022009000100010>> Acesso em: 14/03/2013.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. In: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 65-84.

_____. Educação Ambiental e “Teorias Críticas”. In. GUIMARÃES, M. **Caminhos da Educação ambiental: da forma à ação**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006a, p. 51-86.

_____. Complexidade e Dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em Educação Ambiental. **Educ. Soc.**, Campinas, vol.27, n.94, p.131-152, jan/abr, 2006b.

_____. Problematizando conceitos: contribuição à práxis em educação ambiental. In: _____. **Pensamento Complexo, Dialética, e Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 104-161.

LOUREIRO, C. F. B. e LAYRARGUES, P. P. Ecologia Política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, vol.11, nº1, Jan/Abr, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1981-77462013000100004>> Acesso em: 14/03/2013.

MACHADO, O. V. M. A Evolução do Currículo de Ciências e as Propostas de Inovação das Últimas Décadas. In: BAUMANN, A. P. P.; MIARKA, R.; MONDINI, F.; LAMMOGLIA, B.; BORBA, M. C. (Orgs.). **Maria em Forma/Ação**. Rio Claro: Editora IGCE, 2010. p. 113 - 126. 1 CD.

MIELKE, P. E. **Princípios da Educação Ambiental nas Práticas e Discursos de Professores do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo Temático Educação Ambiental, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”(UNESP), Rio Claro, 2010. 164p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Parques e áreas verdes. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/parques-e-%C3%A1reas-verdes>> Acesso em: 25/04/2013.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ONU-CNUDS. **El futuro que queremos**. 2012. Disponível em: < <http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N11/476/13/PDF/N1147613.pdf?OpenElement>> Acesso em: 08/04/2013.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED, 1990.

_____. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Ciências**. Curitiba: SEED, 2008.

PIRES, M. F. C. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**. v.1, n.1, 1997. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf>>. Acesso em: 02/04/2013.

QUINTAS, J. S. Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. In: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 113-140.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Em aberto**, ano 3, n. 22, jul/ago, Brasília, 1984.

SCALISE, W. Parques Urbanos – Evolução, Projeto, Funções e Usos. **Revista Assentamentos Humanos**, Marília, v.4, n.1, p. 17-24, 2002. Disponível em: <http://www.unimar.br/fea/assent_humano4/parques.htm> Acesso em: 25/04/2013.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 1. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010a.

_____. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010b.

SANTOS, S. R. M. A concepção de transformação social e de emancipação na extensão universitária: em busca de novos rumos. **Revista de Cultura Estudos Universitários**, Pró-reitoria de Extensão- PROEXT, 2004. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/proext/images/documentos/univsociedade/concepcao.pdf>> Acesso em: 04/02/2014.

SORRENTINO, M. Vinte anos de Tbilisi, cinco anos da Rio 92: a educação ambiental no Brasil. **Debates Socioambientais**, São Paulo, Cedec, ano II, n.7, jun./set.p. 3-5, 1997.

SULEIMAN, M. **Concepções de professores de escolas públicas de São José do Rio Preto/SP sobre ensino de Ciências Naturais e Educação Ambiental**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2011. 129p.

TONET, I. Cidadania ou Emancipação Humana. **Revista Espaço Acadêmico**. N. 44. Jan., 2005. Disponível em <www.espacoacademico.com.br/044/44ctonet.htm>. Acesso em: 02/04/2013.

VANDRESEN, D. S. O currículo disciplinar nas DCEs/PR: uma proposta arraigada no projeto moderno e neoliberal. **Travessias**. vol.5, nº2, 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5541>>. Acesso em: 27/03/2013.

VESTÍGIOS. In: LUFT, C. P. **Minidicionário**. 20ª edição. São Paulo: Ática, 2000. p. 671.

VIEIRA, A. M. D. P. Ideários, concepções e práticas na formação de professores da rede municipal de Curitiba. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.43, p. 78-91, set2011. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/43/art06_43.pdf> Acesso em: 20/03/2013.

ANEXO 1 CARTA DE APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Esta entrevista é parte de uma dissertação de mestrado e tem como objetivo apreender qual entendimento que se tem da Educação Ambiental no contexto escolar.

A pesquisa dispõe da abordagem indireta como método para obtenção de dados .

As gravações ficarão em poder do entrevistador e/ou instituição que se comprometa a acatar estas exigências, contribuindo como fonte histórica para pesquisas futuras.

Posteriormente a entrevista, o entrevistado receberá uma cópia da transcrição completa de seu depoimento e textualização, e neste momento poderá excluir trechos ou solicitar alterações. Estando de acordo com o conteúdo dos textos, será solicitada a assinatura do termo de cessão de direitos de documentos escritos.

ANEXO 2: TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO DA PROFESSORA DA ESCOLA A CEDIDO EM 06/08/2013

WA: Ehhhh, bom pessoal, éhhhh eu vou fazer a minha apresentação agora, tá. E daí eu já explico como que funciona. Ehhh, essa entrevista é parte de uma dissertação de mestrado e tem como objetivo apreender qual o entendimento que se tem da educação ambiental no contexto escolar. A pesquisa dispõe de abordagem indireta como método para obtenção de dados. As gravações ficarão em poder do entrevistador e ou instituição que se comprometa a acatar as exigências, contribuindo como fonte histórica para pesquisas futuras. Posteriormente à entrevista, o entrevistado receberá uma cópia da transcrição completa do seu depoimento e textualização e neste momento poderá excluir trechos ou solicitações, ou solicitar alterações. Estando de acordo com o conteúdo dos textos será solicitado assinatura do termo de cessão de direitos de documentos escritos. Que não vai acontecer nesse momento agora. Vou colocar...ehhh, bom Gisele, a minha entrevista ela não é com perguntas e respostas, a gente vai conversa sobre o tema educação ambiental. E eu tenho pra você, algumas fichas, tá. Por isso que se chama abordagem indireta.

GI: urum

WA: Né, eu não to te perguntando diretamente, o que é isso, o que é aquilo. Então você vai respondendo, você põe na ordem que você quisé, e você responde como você quisé. Táhh. Como você se senti à vontade em relação aos temas. Isso aqui são temáticas. Eu escolhi temáticas dentro daquilo que eu li. Né. São oito temáticas no geral, e daí a gente vai conversando sobre isso. Tá.

GI: Vamu começa pela minha formação em educação ambiental,

WA: Certo

GI: Eu acho que na faculdade ela foi bem falha. Eu tive uma disciplina de ecossistema no último ano de faculdade.

WA: Urum

GI: Né, que fico. E assim, era disciplina de ecossistema, e tratava disso. Nenhum dos outros na época tratava de educação ambiental. Era tudo muito separadinho. Lhh fico bem, bem falho. Eu não me lembro das minhas aulas de, de ecossistema como eu me lembro das minhas aulas de bioquímica, de física, e tudo mais. Então, eu acho que essa falha começo lá na faculdade, na formação eu senti bem falho.

Quando eu fui fazer especialização, eu escolhi pra trabalhar na especialização solos. Então, aí você acaba vendo educação ambiental.

WA: que bom.

GI: Ehh, então, presente assim muito forte. Apesar de ser em química, bem, você iria analisar os componentes químicos de solo, mas as práticas de educação ambiental estavam muito presentes. Tanto que na, no meu TCC aparece bastante coisa daí de, de educação ambiental.

WA: Urum

GI: Depois disso, o que eu, quando eu entrei na rede, eu não me lembro de ter feito mais nenhuma capacitação que tratasse especificamente do tema educação ambiental.

WA: Urum.

GI: Apesar da gente sabe que Curitiba tem, né, a fama e...

WA: Projetos...

GI: Eee projetos e programas e tudo mais. É, depois que eu entrei na rede eu não me lembro de ter feito nenhuma formação continuada específica de educação ambiental. E não porque eu não quisesse, né. Eu procurei algumas vezes, mas não...às vezes até tinha alguma coisa, mas não voltada para os professores.

WA: Entendo.

GI: Alguma coisa que estivesse voltado pra muitos profissionais e que não os professores.

WA: E quanto tempo você tem de rede?

GI: Eu tenho treze.

WA: Treze anos.

GI: Treze anos. Então é um tempo considerável.

WA: Considerável.

GI: Aram, né. Pra não ter feito nada nessa...você sabe que eu fiquei afastada um tempo da sala de aula, e tudo mais. Mas nunca deixei de fazer os cursos também. Na minha área.

WA: Entendo.

GI: Mas curso assim oferecidos, realmente sobre educação ambiental eu não me lembro de nenhum.

WA: (inaudível) Você é formada em ciências biológicas?

GI: Ciências biológicas.

WA: urum

GI: Eu fiz ciências biológicas e me especializei em ensino de química, ahh.

WA: Aham

GI: Ih, trabalhei muito tempo com tecnologia e quando você trabalha com tecnologia você não consegue fugir de educação ambiental.

WA: Inaudível

GI: Porque uma coisa tá atrelada à outra.

WA: Exato.

GI: Né, então muitos dos projetos que eu fiz na área de tecnologia, todos estavam voltados pra educação ambiental.

WA: Aram

GI: mas , não assim capacitação específica, não. Mas você ir atrás do, do conhecimento e ponto.

WA: Aram.

GI: Eu vejo que agora, tão voltando alguns programas de educação ambiental na Educação, né. Então é difícil o pessoal de ciências veio aqui, e falando do descarte de material que a gente usa para laboratório.

WA: Aram

GI: Que aqui não tem laboratório, mas de vez em quando, faz alguma coisa em sala de aula. Desse descarte, vejo que a secretaria de educação tá começando a participar novamente de alguns projetos.

WA: Aram

GI: Na área de educação ambiental. Parece que voltou a ter aquela parceria que existia há muitos anos atrás. Entre as duas secretarias. Tá, ehhh projetos de educação ambiental desenvolvidos na escola, não temos nenhum.

WA: Não tem nenhum projeto.

GI: Nenhum projeto.

WA: Então, eu comentei com as meninas que eu precisava de alguma imagem, alguma ilustração. Nem que eu tire foto de algum painel.

GI: Urum

WA: Que tenha na escola...então vocês não tem um projeto, mas teria um painel, alguma coisa que foi feita com os alunos? Neste ano, ou no ano anterior.

GI: Eu cheguei aqui esse ano, então, nesse ano a gente não fez nada. Tinha que perguntar pra Mari, se tem alguma coisa nesse sentido.

WA: Mari é a...

GI: A diretora.

WA: A diretora. Com que eu falei?

GI: Isso. Tá. Ehh, não que nas nossas aulas a gente trabalha educação ambiental. Mas não um projeto específico.

WA: Entendo.

GI: Entendeu. Nos conteúdos de química, que é o meu caso com a 8ª. Série, é, a gente falo bastante.

WA: E você tem só oitava?

GI: Tenho sétima também.

WA: Tem sétima também.

GI: Daí é anatomia.

WA: urum

GI: Então, acaba, aparece alguma coisa mas acho que é a série que menos...

WA: Aram

GI: Menos aparece. A sétima série.

WA: Urum

GI: Que aparece educação ambiental. Em química deu pra puxar alguma coisa, em física agora eu acredito que dê também.

WA: Aram

GI: Mas não é um projeto específico.

WA: Você coloca dentro...

GI: Eu coloco dentro do conteúdo...

WA: Do conteúdo...

GI: Ehh, aparece mas não de... nós estamos trabalhando educação ambiental. É uma coisa sutil dentro do...

WA: Você acredita que é o que seria o ideal, ou seria necessário um projetinho?

GI: Nesse momento, pra mim, dessa maneira tá funcionando, né. Eu não sei como que a gente, éhh, teria que pensa num projeto de educação ambiental aqui na escola, éhh, mas é uma escola também que não tá, éhh, se você observa a escola, ehh, onde a gente vai trabalha a educação ambiental aqui. Tem questões de espaço, tem muitas coisas que... Acho que a questão do lixo, mas isso é uma coisa que já tá incorporada.

WA: No cotidiano...

GI: No cotidiano. As questões de lixo e tudo mais.

WA: Isso é muito debatido, né.

GI: Então, não, acho que (inaudível), não vejo necessidade de projeto nessa área por exemplo.

WA: Aram.

GI: O restante da escola eu não sei. Não consigo, nesse momento, não consigo pensar num projeto de educação ambiental. Pode ser que com o passar do tempo, a gente veja realmente a necessidade de alguma coisa aqui.

WA: Urum

GI: Né, até pela estrutura da escola também, ela tem um espaço reduzido.

WA: É uma escola pequena.

GI: Tem um espaço reduzido. A maioria do espaço que a gente tem aqui, com exceção daquele pedacinho de terra que tem ali na frente, eu acho que o resto é tudo, né...

WA: E aqui pra trás?

GI: Também é tudo, é tudo tijolo e cimento.

WA: Tudo cimentado.

GI: Tudo cimentado.

WA: Não tem mais cobertura vegetal mais.

GI: Não, só tem essa parte aqui da frente que...o resto não tem em lugar nenhum, né.

WA: Quantas salas, é, quantas salas tem?

GI: Olha, o número de salas de aula especificamente, eu acredito que sejam quinze.

WA: Quinze

GI: Mas aí, salas menores, que são usadas para outros...aí deve ter mais.

WA: É

GI: A estrutura é antiga, então o formato das salas também é diferente.

WA: Aram

GI: Se você entrar nas salas aqui, você vai ver que são salas pequenas.

WA: Aram

GI: Mas é uma questão de estrutura. A gente não tem laboratório de ciências aqui porque a gente não tem espaço.

WA: Urum

GI: Não tem uma sala. Não tem. Então é uma questão de espaço...(inaudível)

WA: É uma escola pequena. Né, em relação...

GI: É. Em relação às demais. Se você pensa nas demais de sexto ao nono ano...

WA: De sexto ao nono ano realmente essa é pequena. Eu visitei, eu conheço algumas, mas essa...

GI: Eu conheço todas.

WA: risos

GI: E essa aqui é a menor. É porque o Papa tem terreno gigante, e o Albert também. Os CAICs então nem se fala.

WA: Sem comentários.

GI: Aram. O Omar Sabbag tem bastante espaço e o Durival também. O Julia que talvez não tenha tanto espaço.

A professora que estava presente na sala também emite opinião, dizendo que o Durival tem um espaço razoável.

GI: É, mas tem um espaço razoável. Coisa que a gente não, não tem aqui.

WA: Urum

GI: Então, a educação ambiental, a gente tem algumas limitações.

WA: Uma delas é física. (risos)

GI: Uma delas é física, com certeza, né. Bom, quanto aos conteúdos, eu já ti falei, assim, a gente vai inserindo dentro do, a não ser com exceção do sexto ano, né, Viviane, que daí tem mais assim, aparece mais essa parte. Agora, em química e física realmente você vai relacionando algumas coisas.

WA: Uma possibilidade maior.

GI: Urum

WA: Você acredita que tem uma possibilidade maior de trabalho.

GI: Tem uma possibilidade maior de trabalho. Os conteúdos do sétimo ano também porque daí aparece, acho que dá pra trabalhar bastante. No oitavo ano, que é anatomia, aí já praticamente, você consegue até ver algumas coisas, porque... (inaudível), lixo atômico, por exemplo, pode causar, né. Mas não que você esteja trabalhando especificamente aquele conteúdo.

WA: Aram, (inaudível). Mas tem alguns conteúdos que você acha que são...

GI: Não, tem alguns conteúdos...

WA: Bem, bem dentro da educação ambiental, assim, dentro do que você trabalha?

GI: Tem alguns que sim, tem alguns que sim. Alguns eu consegui, principalmente em química eu consegui bastante.

WA: É

GI: Vamu ver física agora, né. Porque daí já fica um pouco...mas nos de química eu consegui, sim.

WA: Tem algum que você lembra, assim, que você fez um trabalho com eles?

GI: Ahh, a gente trabalha bastante a chuva ácida. Então, pra se chegar na chuva ácida, tem todo uma...

WA: Um por trás...

GI: Não é a chuva ácida que cai do céu porque, né, ela amanheceu disposta aquele dia.

WA: Urum

GI: Então, tem todo um processo pra se chegar a chuva ácida. Teve uma outra, acho que quando a gente foi fala de sal, alguma coisa assim, ai entro as questões de poluição e tudo mais também.

WA: Bacana.

GI: Então, alguma coisa dá pra puxa, com certeza, mas não, não que seja dito. Né, enfim. O nosso currículo temos educação ambiental, ele aparece. Com certeza. O ano passado quando foi feito aquela discussão, e tudo mais, para...

O telefone da sala onde estávamos toca.

GI: Ehh, foi feito toda aquela discussão pra, se adapta, né, o currículo. Tanto o de sexto ao nono quanto de primeiro ao quinto que eu participei daquelas discussões.

WA: Elas aconteceram quando? Ano passado?

GI: No ano passado.

WA: Ahh táhh

GI: No ano passado. A gente teve várias reuniões com todos os professores, né.

WA: Urum

GI: Pra fazer algumas adaptações no, nos conteúdos. Não que seja, foi mandado pras escolas depois essas adapta..., os professores acharam melhor.

WA: Aram

GI: E é uma sugestão de como, como seguir o conteúdo.

WA: Aram

GI: Mas também não é naquela ordem que tem que acontece. Cada professor tem, sabe o que faz. Mas em todos, tanto de primeiro ao quinto tanto de sexto ao nono parece educação ambiental sim.

WA: Urum

GI: Tá nas Diretrizes a gente vê que tem bastante. Se não me engano nas Diretrizes tem uma parte lá que é só pra, que fala de educação ambiental.

WA: Vocês fizeram uma leitura dessas diretrizes nessas reuniões ou não?

GI: Sim, foi feita a leitura das diretrizes. Aí se pego lá os objetivos, né, e a gente foi tentando adapta pra ver qual sequência ficaria mais agradável.

WA: Entendo

GI: É nesse ano a gente tenta seguir aquilo e que se fosse possível, né, no final do ano, a gente senta e ver se aquilo fico bom ou se não fico.

WA: Urum

GI: Mas eu lembro que aparece até (inaudível) aparece sim.

WA: A inserção...

GI: A inserção de educação ambiental. Só que eu não vejo mais tão forte a palavra educação ambiental em Curitiba quanto era quando eu me mudei pra cá, por exemplo.

WA: Aram. Faz quanto tempo que você mora aqui? Então você não é curitibana?

GI: Não, não sou curitibana. Eu sou lá do interior (risos),

WA: Mas eu também sou (risos).

GI: Lá do interior de Jardim Alegre. Éhh, quando eu me mudei pra cá, foi em 98...

WA: No auge da "família folha", este tipo de coisa...

GI: Exatamente. Tinha muita coisa. Os PIAs...

WA: Aram

GI: Ambientais...

WA: Isso

GI: Que agora não, não existem mais com esse...

WA: Com esse perfil...

GI: Não mais esse perfil. Tão lá como ambiente pra fazer contraturno.

WA: Exato, urum.

GI: Então eles deixaram de existir pra atender...eu até entendo, é uma, é uma demanda existente também. Mas poderia continuar com a parte de educação ambiental no contraturno. Né...

WA: Urum. É, nessa escola não tem, né?

GI: Não.

WA: Não tem, não tem contraturno, mas não tem...

GI: Não, contraturno até tem, néhh Viviane, tem. Mas assim são, é como se fosse um reforço...

WA: Só um reforço, não é uma necessidade na área de, de...

GI: Não

WA: ter...

GI: Nem tem como, porque aqui essa escola é de manhã e a tarde é...do primeiro ao quinto.

WA: Do primeiro ao quinto.

GI: Urum

WA; Entendi.

GI: Então não, acho que aqui não caberia e não é um, não é uma comunidade também que ...

WA: Necessite

GI: Que necessite tanto.

WA: É porque se a gente, ée essas Unidades de Educação Integral muito presentes no Omar Sabbag.

GI: Urum

WA: Lá, é, há uma necessidade da comunidade que aja o espaço.

GI: Urum.

WA: Né. Então o perfil mudo nessas unidades?

GI: Perfil mudo, né. Não que, tem práticas de educação ambiental, em todas as escolas integrais que é pra ter o contraturno, que pra eles não é mais contraturno, né, tem o, porque eles trabalham com práticas, Ciência e Tecnologia, né. E uma delas é prática de educação ambiental. Não sei se todos estão trabalhando, mas essa era a orientação.

WA: Essa era a orientação.

GI: A gente até chego a fazer algumas capacitações com eles e tal, com o pessoal da educação integral pra que...

WA: É que você estava na secretaria, né...

GI: Eu estava na secretaria.

WA: Quanto tempo você fico lá?

GI: Oito anos.

WA: Oito anos.

GI: Desses oito anos seis eu fiquei na parte de tecnologia.

WA: Entendo.

GI: E os últimos anos eu fiquei na área de Ciências mesmo.

WA: Na área de Ciências.

GI: Então, com a capacitação desse, desse pessoal que...

WA: Que trabalhava nessas...

GI: Que trabalhava.

WA: Ahh, então tá.

GI: O foco, o foco maior que eu vejo hoje da Secretaria de Educação são nas escolas que têm educação integral.

WA: Aram

GI: Né, então a importância de se ter a educação ambiental como uma prática lá na escola de educação integral é bem importante.

WA: Urum

GI: Não sei se é o teu foco, mas tem uma esc, um, o Irati tem uma professora que trabalha com educação ambiental lá, que está fazendo coisas assim, muito boas.

WA: É, é bom saber.

GI: (inaudível) eu até tenho o contato dela, depois se quise eu te passo.

WA: Aram

GI: Mas é

WA: Eu quero sim

GI: Ela tem feito umas coisas assim bem interessantes. Tanto na área de Ciências e Tecnologia quanto na área de educação ambiental. Então, acaba aliando os dois.

WA: E essa escola, ela entra, ela tem o perfil de integral ou não?

GI: É integral.

WA: O Irati é.

GI: É integral.

WA: Hum

GI: O Irati tem integral, tem Unidade 1, Unidade 2 e Unidade 3. Tem três unidades vinculadas à escola Irati.

WA: Nossa.

GI: De educação integral.

WA: Que interessante.

GI: Porque ela tá numa, ela tá numa localidade também que tem esse perfil de precisa de educação integral.

WA: Urum.

GI: Que é o Cajuru, aquela região precisa bastante.

WA: Aram, é precisa.

GI: Só que assim as unidades não são ao redor da escola também. Estão vinculadas ao Irati, mas tem uma que é longe.

WA: Urum

GI: Todas elas trabalham. Então, eu vejo a educação ambiental hoje, éhhh, muito mais como objeto a parte do que inserida realmente na, nas aulas dos professores. Tanto Ciências quanto, sabe. Eu fiquei alguns anos no Albert também iih, mais ou menos a mesma coisa do perfil daqui.

WA: Urum

GI: De não se ter projeto específico de, de educação ambiental.

WA: Mas você acha que é o caminho? Que é o caminho é não ter mais os projetos ou a gente tenta inseri...você acredita nisso?

GI: Olha, eu particularmente ainda acredito na ideia de você inseri nos conteúdos.

WA: Urum

GI: Dentro da tua prática e não trabalha com projeto a parte.

WA: Urum

GI: Que se você insere isso nos conteúdos passa a ser uma prática. Você não tá trabalhando porque é um projeto.

WA: Eu entendo.

GI: É a tua prática, você tá fazendo com naturalidade, os alunos começam a encarar aquilo com naturalidade também. Se é um projeto, a parte, ele vai acontecer durante um certo tempo...

WA: Urum

GI: Vai se ver os resultados e o projeto acabou, acabou. Eu sei que tem projeto que vai longe, mas é, não é a prática mais comum. Normalmente quando existe um projeto ele dura durante um certo tempo...

WA: Tem um período

GI: Ele tem uma duração.

WA: Exato.

GI: Porque assim, ele tem um período de vida, né.

WA: É

GI: E se você coloca dentro dos teus conteúdos, não, vai fazer parte da prática durante o ano inteiro.

WA: Sim.

GI: Tanto nesse ano quanto no outro, quanto no outro. Então ele vai estar inserido dentro da tua prática, ele vai tá acontecendo sempre.

WA: Entendo.

GI: É, eu tenho uma visão de projeto, assim, um tanto quanto, né, não sei se é a mais correta ou não. O ideal é que não existisse mais nenhum projeto.

WA: Urum.

GI: Porque enquanto existe projeto é porque tem problema. O projeto, ele só é criado pra resolver um problema pontual.

WA: Aram

GI: Ne, a partir do momento que não existe projeto é porque não tem problema e as coisas estão acontecendo. Né, então esse seria o modelo de educação ideal. Você não precisa de um projeto acontecer à parte, que tudo estivesse interligado e acontecendo ao mesmo tempo. Só que essa é a escola ideal. O que a gente tem é a escola real.

WA: Entendo. Você leu em algum lugar sobre essa escola.

GI: A ideal e a real?

WA: É

GI: Não, eu sempre pensei, sempre vi a escola assim.

WA: Aram

GI: Porque eu sei qual é a escola, né, que a gente trabalha, ihh, essa história de “a escola ideal” e a gente escuta as pessoas falando muito isso.

WA: Sim.

GI: Né, principalmente quando vem algum palestrante, alguma coisa, “ah porque a escola ideal...”

WA: No próprio meio universitário.

GI: É, “a escola ideal é uma escola e não sei o que”. Tá, mas não é essa escola que a gente tem. A gente tem uma escola que tá aqui, que é a escola real e é dessa...

WA: Com pessoas reais.

GI: Exatamente, e é dessa que a gente tem que dá conta.

WA: Urum.

GI: São desses alunos que a gente tem que dá conta, não são dos alunos da escola ideal. Então, por enquanto realmente são necessários alguns projetos, algumas coisas para...eu sou contra projeto mas ao mesmo tempo to começando um. Então, né...

WA: Aram

GI: Porque eu vejo necessidade disso. Né, nesse ano ainda vou precisar fazer isso. Pode ser que ano que vem eu já consiga trabalha sem, sem o bendito projeto. Mas essa é a minha visão também. Se ela é certa ou se ela é errada, não sei. Afinal de contas a Secretaria de Educação inclusive tem uma gerência que é só pra projetos.

WA: Aram, é verdade. É mesmo.

GI; Então, né. Possivelmente eles têm uma visão diferente da minha.

WA: Urum

GI: Né, eu se eu fala isso na frente de quem tá lá vou ser...

WA: (Inaudível)

GI: Mais ou menos isso. Porque na minha visão não tinha que ter projeto, muito menos uma gerência de projetos.

WA: Eu entendo.

GI: Mas é o que eu disse, é a minha visão também.

WA: Aram

GI: Livro didático. Isso é um parto. Sempre, né. A gente foi faze a escolha do livro didático agora.

WA: Teve esse ano de novo.

GI: Teve. E assim, é muito difícil você acha um livro didático que atenda pelo menos noventa por cento digamos assim das tuas necessidades.

WA: Aram

GI: Né. Primeiro que o livro didático, ele é feito pro Brasil inteiro.

WA: E é um país muito grande.

GI: E não é feito especificamente pra Curitiba.

WA: Aram

GI: Tinha um livro maravilhoso, mas foi o pessoal de Minas Gerais que escreveu, então ele não se adequa em nada. Na nossa organização de currículo aqui. Ele se adequa na organização de lá, né. E assim, a educação ambiental aparece bastante. Em todos os livros didáticos. A não ser os que são reedição do, porque tem alguns que a gente conhece desde que tava, que a gente estudo com eles.

WA: Aram

GI: E continuam fazendo reedição deles, né. Mas na maioria deles aparece sim, éhh educação ambiental. Eu vejo assim que eles fazem sempre um textinho à parte, alguma coisa, ou mesmo dentro do conteúdo eles tentam coloca alguma coisa.

WA: Aram

GI: Isso só viro meio que uma prática constante.

WA: Você acredita que essas inserções feitas pelos autores, elas são suficientes?

GI: Olha, eu acho que pertinentes, não suficiente.

WA: Entendo.

GI: Porque naquele momento ali e de repente essa inserção que ele faz ele te ajuda também a pensar em como amplia aqui.

WA: Urum

GI: Sabe. Mas não que seja o suficiente.

WA: E como é que você usa o livro didático?

GI: Depende muito do..., esse um que a gente tem esse ano é, eu tenho usado ele mais com as sétimas séries. Com as oitavas eu praticamente não uso o livro didático porque é de uma maneira assim que, pra mim, não..., muito tradicional, sabe.

WA: Urum

GI: Trabalha Química e Física já não é fácil.

WA: Não.

GI: Né, então eles não gostam se começa a trabalhar de uma maneira muito tradicional, então aí, sabe. (inaudível) Muito texto, muito texto, muito texto, sem coisas práticas. Na sétima série a gente tá usando bastante.

WA: Urum

GI: Porque são os sistemas. Então, conversando até agora pouco sobre o cardiovascular.

WA: Urum

GI: É o primeiro sistema que tá dando um baile na gente, que a gente, então, não consegue sair do lugar, porque ele é um sistema mais complexo.

WA: É. Com certeza.

GI: Então ele tá tomando bem mais tempo que os outros. Pra trabalhar os outros foi mais tranquilo. Então, nesse caso a gente tá usando bastante o livro didático. Mais a parte dos textos, e ilustrações e tudo mais. Exercícios às vezes eu uso algum do livro didático, mas daí eu prefiro fazer, criar algumas coisas.

WA: Urum

GI: Porque tem muito pergunta e resposta, né.

WA: Tem ainda.

GI: Ainda tem bastante. E esse que a gente usa ele é bem tradicional.

WA: Qual que vocês usam?

GI: Fernando.

WA: Sei (inaudível). Foi...

GI: É, ele foi reeditado e agora na escolha desse ano ele estava de novo.

WA: É, mas que ele tá em muitas escolas.

A professora que acompanha a entrevista menciona o fato de que o livro didático que foi enviado à escola não foi o escolhido pelos professores.

GI: Não a gente pego um que tem uma visão um pouco, um pouco diferente. Nesse que a gente escolheu é, tinha várias coisas de educação ambiental.

WA: É

GI: Ele tá bem...

WA: Diversificado

GI: Bem diversificado.

WA: Tem sites também agora...

GI: É uma característica dos livros didáticos agora é essa.

WA: São sites, a presença. Ter o site pra você acessa (inaudível). Isso é legal, né.

GI: Ihh, tem editoras inclusive que estão fazendo conteúdo 3D. Sabe, você consegue fazer..

WA: Tá uma loucura.

GI: Nossa, tá uma concorrência, uma concorrência danada. Tem um que você coloca o iphone lá na, sabe, e faz a projeção. Então tem umas coisas assim que tá evoluindo bastante no livro didático também. Eu espero que essa evolução chegue no conteúdo do livro didático.

WA: Ainda não chegou no conteúdo, né?

GI: Ainda tem, assim todo livro didático tem mudança, entendeu.

WA: Urum

GI: E, uma outra característica do livro didático é que agora não é um autor que escreve. Tem um organizador e foi cinquenta que escreveram.

WA: Ahh, desses (inaudível).

GI: A maioria. Com exceção daqueles que são reedições. Pra dizer que eu, Gisele, vo lá escreve livro didático sozinha hoje em dia é praticamente não existe.

WA: É. Interessante, né, uma mudança de visão, né?

GI: É uma mudança de visão bem...então, tá mudando.

WA: Aram

GI: E eu espero essas mudanças se reflitam realmente no conteúdo também.

WA: Urum

GI: Sabe, não só na estrutura e tudo mais.

WA: É sobre, ainda sobre o livro didático. Tem a ver com o livro, mas assim você disse que tem algumas inserções que é 3D, que tem o site...Vocês têm laboratório de informática?

GI: Laboratório de informática é sim, e tem também os netbooks que (inaudível) (risos). Só eu, projeto um computador por aluno lá, que veio os netbooks pros alunos.

WA: Sei.

GI: Então, a gente tem uma quantidade. São sessenta que tem aqui, né?

WA: Achei que era um por aluno mesmo.

GI: Não. Não chegamos nesse ponto ainda.

WA: Mas vão chegar.

GI: É. Então, também que tá disponível pra quando a gente quise usa.

WA: Entendo.

GI:Tá

WA: Urum

GI: Então, internet, é a parte de tecnologia na escola, eu vejo que ele tá, sabe. A gente já não pode mais dize que os nossos alunos não tem acesso. Flui bem, flui bem.

WA: Que bom.

GI: Tá, e o laboratório de informática, ele é super concorrido. Vai ver a agenda lá, sempre tá cheia.

WA; É.

GI: Então, se usa bastante sim.

WA: Bacana.

GI: Assim, do tempo, de quando eu entrei na rede pra hoje, os professores usam muito tecnologia.

WA: Entendo. Mas vocês não tem a lousa digital ou tem?

GI: Tem, tá no laboratório.

WA: Uma só?

GI: Uma só e no laboratório de informática.

A professora que está acompanhando a entrevista comenta que existe mais uma lousa na sala de artes da escola.

GI: Pra gente veio uma só.

Ela comenta que sala de artes tem apenas um projetor.

GI: É um projetor. É um projetor. Urum.

WA: Ah mas vocês têm projetor?

GI: Tem. Tem no laboratório de informática tem projetor e na sala de artes também tem outro.

WA: Tem outro projetor.

GI: A sala de artes normalmente é usada pelo pessoal de artes, com exceção da quarta-feira que daí a gente pode usa, porque é a permanência do pessoal de artes.

WA: Urum. Cria um espaço diferente.

GI: Urum, sim e eles gostam, eles gostam. Dá pra perceber. Quando você faz alguma coisa diferente, pode ser o mínimo, tá. Qualquer coisa.

WA: Você acha que estimula?

GI: Estimula bastante. Comecei a trabalhar Física agora, e vou trabalhar Física, pra fazer a parte real, to usando o Lego, né. Pra mim a aula que eu fiz com eles com Lego, meu Deus, parecia que...

WA: Foi sensação. Você gosta de Lego, né?

GI: Eu gosto. Então, eu quero trabalhar os conceitos de Física na prática e não fica lá falando, falando, falando, falando aquele monte de fórmula e...né. Não que eles não tenham que sabe essas coisas, mas tem que ver que é mais importante sentir a prática.

WA: Aram, mas você tem conhecimento bastante da robótica, do Lego?

GI: Seis anos.

WA: É um tempo (risos).

GI: Né, eu aprendi muito. Esse tempo que eu fiquei na secretaria se aprende muita coisa.

WA: Urum

GI: Então.

WA: Foi esse curso foi o curso que eu não fiz.

GI: Não.

WA: Não. Eu sinto uma falta. Devia ter feito, mas daí não podia...

Comenta-se na sala que o curso de Lego e Robótica não foi realizado nas permanências dos professores de Ciências.

WA: É, além disso, na escola tinha um monte de gente que já tava envolvido, que tinha que fazer.

GI: Urum

WA: E eu não tava envolvida no projeto. Eu queria pra meu conhecimento pessoal. Pra saber, se precisar um dia, né.

GI: Urum. Então, esse ano eu ainda vou ter que fazer tipo um projeto. Vou ter que vir à tarde, pra fazer algumas coisas, pra poder trabalhar com eles de manhã.

WA: Aram

GI: Tá, mas no ano que vem a minha intenção é fazer do Lego uma...inserir ele na prática dos alunos.

A professora que está junto na sala comenta que havia um grupo bem ativo de professor e alunos que usavam o Lego juntamente com a robótica. Inclusive havia torneios, mas que neste momento não estão mais ocorrendo.

GI: É, o meu objetivo neste momento não é campeonato, não é nada disso. É ensinar Física com aquele material.

WA: Como uma ferramenta.

GI: É uma coisa que vai tá na sala de aula pra eles. Vamo ver o que vai dar. Alguma coisa tem que sair. Tudo é válido. E Física pra eles, o bicho não é nem de sete cabeças, é de oito, nove, dez. Fiz uma pesquisa inicial com eles e pra eles responderem algumas perguntas, né, pra vê. Meu Deus, coitada da Física. Que eu dei liberdade pra eles colocarem o que realmente eles achavam.

WA: Aram

Comenta-se que a Física seja como a Matemática.

GI: (Risos), mais ou menos, mais acho que a Física tá com "ibope" menor.

WA: (Risos)

GI: Então, com isso que eu resolvi trazer o Lego pra vê se dá uma, né. Um novo ar, uma nova maneira de se ver as coisas. Vamo ver o que vai dar. Mas ainda preciso de um projeto, sinal que ainda não tá...

WA: Você precisa de um projeto pra usar o Lego?

GI: Preciso do projeto porque eu vou ter que vir algumas tardes pra prepara o material para trabalha com eles.

WA: Você tem um padrão só?

GI: Esse ano eu to trabalhando um padrão só. Desde que entrei na rede, sempre trabalhei dois, nunca fiquei. Aí esse ano que, digamos assim, eu me dei a possibilidade, né. De ficar meio período.

WA: Aram

GI: E assim, eu vo , eu já comecei a faze uma página na internet, onde eu vo colocar o resultado de tudo isso que eu to fazendo com eles de, da Física. Então, pra isso eu também preciso de tempo livre. Então, eu só consigo faze essas coisas porque eu to trabalhando um período. Se eu tivesse trabalhando dois eu não daria conta. Né, então a carga horária influencia e muito, sabe. Muito mesmo, pra gente consegui faze algumas coisas.

WA: Aram

GI: Eu acho que qualquer coisa que você for faze só dá, né, só vai dar um resultado se você tive tempo pra planeja e tudo mais.

WA: Aram

GI: Então, a professora realmente precisa de tempo pra coloca tudo isso.

Comenta-se que a maioria dos profissionais da educação trabalham quarenta horas ou mais por semana e que isso dificulta a organização das ações educativas por parte do professor.

GI: E até de inseri, por exemplo, educação ambiental nos teus conteúdos, porque se você não tive tempo pra senta, pesquisa, planeja tudo isso, como que você vai faze? Né, porque o livro didático que seria o teu apoio tem alguma coisa, mas não tem o suficiente.

WA: Aram

GI: Né...então precisa de tempo.

WA: Você acredita que o tempo que a gente tem de, de trabalho é muito, de estudo seria, né?

GI: Urum

WA: Planejamento, estudo é muito reduzido?

GI: É muito reduzido. Pra gente é. No caso, nós enquanto professores de Ciências a gente não conseguiu fecha os trinta e três por cento ainda. Tá faltando um professor de Ciências aqui.

WA: Aram.

GI: Então, a gente tem quinze aulas, ou seja, você tem três dias fechados.

WA: Entendo.

GI: Nesse dia você não tempo nem pra...são cinco aulas. Aí tem um dia de permanência que é a terça-feira que é hoje, daí cada uma tem o seu dia com as duas horas e é um dia diferente da, da semana. Então a gente só consegue senta as três pra faze alguma coisa na terça-feira.

A professora que acompanha a entrevista menciona o fato de que ainda existem muitos cursos que são realizados nos dias de permanência e que esse fato dificulta o momento do planejamento em conjunto.

GI: Não consegue senta e planeja. Você acaba fazendo um planejamento mais individualizado, sabe. Já não fica aquela coisa que...então as condições que a gente tem na escola influenciam muito na qualidade do...e olha que essa escola é uma escola que nos dá todas as, as condições, tudo que a gente precisa,sabe, tudo que é necessário.

WA: Que bom. Isso é muito importante. Apoio da direção é fundamental e da equipe pedagógica.

GI: Eles são. Eu tava conversando com a Mari ali, a respeito dessas, dessas coisas que eu quero faze e tudo mais.

WA: Aram

GI: Combinando com ela, porque eu vo vir um dia a tarde, mas a secretaria de educação não vai me pagar pela iniciativa.

WA: Mas daí você tem que acorda, né?

GI: Você tem que faze um acordo com a escola. Então, essa é uma escola aberta pra gente faze esse tipo de negociação.

WA: Aram

GI: Mas tem escola que a gente sabe que não é assim. Então...o que tá dentro das possibilidades e que elas tem condições elas nos apoiam totalmente.

WA: Aram

GI: Mas realmente faltam algumas, né...A gente não tem laboratório de Ciências aqui dificulta muito.

WA: Eu fiquei surpresa em sabe que não tinha laboratório de Ciências. Na minha cabeça, todas as escolas de quinta a oitava tinham.

Comenta-se que existe na escola um espaço para a construção do laboratório de Ciências, mas ainda não há nenhum projeto nesse sentido.

GI: Pessoal da secretaria já veio, já olho, já falo, nananranana, continuamos...a gente penso até no material num carrinho, sabe. Um carrinho que fosse um laboratório móvel, que a gente pudesse leva nos lugares, mas isso também ainda não...

WA: Nada

GI: Então, a gente vai ai,né, o que a escola pode faze, ela faz, mas tem coisas que nem daí fogem um pouco da nossa...

WA: É, tem coisas que acho que tem que vir de cima, né.

GI: Mas é que a escola pode, às vezes não.

WA: Exato.

GI: Urum. Tudo isso acaba influenciando também.

WA: Urum

GI: (Inaudível) é um conjunto de...Então, não é só a falta de cursos sobre o assunto, não é só a limitação física, sabe, é um conjunto de coisas que de repente não te deixa, não te dá condições pra trabalha como você imaginaria que fosse o ideal.

WA: Entendo, urum

GI: Você que leva a criançada lá pra pega na terra, tem alguém que que vê como é que é, né, porque nada melhor do que eles irem lá eee pegarem aqui. A gente não tem como. Então é a Viviane que sofre porque ela que tem os, os sextos anos.

A professora em questão comenta que foi possível fazer uma visita ao setor de solos da Universidade Federal do Paraná, e que algumas amostras de rochas foram mostradas na sala de aula.

GI: É outra limitação também. Então, se a gente não tem espaço físico a gente poderia sair. Aí eu vim na semana passada aqui pra gente faze o projeto, pra leva os alunos, queria leva eles no FIBRA. Não tem mais. Então, as coisas estão ficando...

WA: Isso é complicado, né. Porque é uma visita muito interessante. Eu levei os meus, quando eu tinha...

Comenta-se que até o ano anterior existia maior oferta de ônibus pela secretaria de educação para a realização de visitas, o que não tem ocorrido neste ano.

GI: Até para levar os alunos da...

WA: Mas também pra você pega um ônibus e pagar...é muito caro, né...

GI: Bom e o, os alunos daqui, eles teriam até condições de pagar, não é uma coisa que a gente pode fazer. E eu acho também que não é correto.

WA: Também acho. Se já tem disponível isso aí na rede...

GI: Não é correto partir dos alunos isso:

WA: Aram

GI: Então, é outra limitação, você acaba ficando...

WA: É difícil.

GI: Eu acho que é isso. Não sei se você que sabe mais alguma coisa ?

WA: Falamos de tudo?

GI: Eu acredito que sim.

WA: (Inaudível), que ordem, você seguiu alguma ordem ou foi...?

GI: Não, aleatório.

WA: Aleatório.

GI: Tudo que eu faço é meio aleatório.

WA: Aram

GI: Só que eu consigo saber.

WA: Aram

GI: Porque eu comecei aonde eu, aonde eu parei.

WA: Ah, esse aqui acho nós não falamos.

GI: Do Projeto Político Pedagógico da escola.

WA: É

GI: Então, não sei te responder. (risos)

WA: (risos)

GI: Por isso que não falei nele. Porque sinceramente eu não peguei o Projeto Político Pedagógico depois que eu cheguei aqui.

WA: Aram

A professora que acompanha a entrevista comenta que tiveram muitos cursos nas permanências, e que por isso, não têm tido tempo.

GI: Eu to chegando, eu to chegando aqui esse ano.

WA: Aram

GI: Né, então, digamos assim, ler o Projeto Político Pedagógico da escola pra mim não foi uma prioridade.

WA: É, eu entendo.

GI: Né, então, não sei te dize. Mas eu acredito que tenha, porque todas, o projeto de todas as escolas aparece educação ambiental. Foi uma diretriz que foi...

WA: Foi uma diretriz? Existe uma preocupação com essa educação para o desenvolvimento sustentável que é o que eles colocam bastante lá no projeto, né, no, na diretriz, né?

GI: Urum. Então, possivelmente aparece aqui. Possivelmente, porque eu me lembro de ter visto de várias escolas assim, em todas elas aparecia. Dificilmente terá uma escola em Curitiba que não apareça.

Comenta-se na sala que também existe uma lei que entrou em vigor, que fala sobre a educação ambiental nas escolas.

GI: Entre estar no Projeto Político Pedagógico da escola...

WA: Possivelmente esteja.

GI: E estar acontecendo realmente daí já é...

WA: E você, você já teve contato com os PCN?

GI: Sim.

WA: Então você acha que tem alguma relação dos PCN com o currículo de Curitiba?

GI: Alguma coisa tem. Mas não, se você observa não...Porque eu me lembro, as Diretrizes que a gente usa hoje na educação elas foram feitas a toque de caixa. Eu estava, eu fui pra Secretaria quando elas começaram a ser escritas. Então, alguém escrevia muito rapidamente, correndo aquilo, porque tinha que ser, ser lançado.

WA: Entendo.

GI: As tecnologias, tem alguns textos lá que fui eu que, que escrevi, e eu tinha uma mês de Secretaria e já tava escrevendo esse tipo de texto.

WA: Entendo

GI: Então, vai ter alguma coisa dos PCNs, vai.

WA: Aram

GI: Mas eu não sei até que ponto isso tá, tá bem claro e ta bem contemplado também.

WA: Entendo.

GI: No ano que vem eles vão reescrever as Diretrizes.

WA: Ah, então já tem uma perspectiva de refazer, de reescrita.

GI: Não sei como que vai ficar, né. E, tem uma coisa interessante também, educação ambiental tem na Secretaria Municipal de Educação ela é separada de Ciências.

WA: É uma particularidade que eu observei. Quando fui pra pegar...

GI: Separado

WA: A autorização. A autorização é de uma pessoa só, mas existe, é, a separação, né.

GI: Urum.

WA: Educação Ambiental e Ciências. Separados.

GI: Não tá englobado.

WA: Não tá junto.

A professora que está na sala menciona que praticamente não existem cursos oferecidos pela mantenedora em educação ambiental porque há pouca ou nenhuma integração entre os gestores das respectivas áreas de Ciências e Educação Ambiental.

GI: E daí, a educação ambiental tá mais voltada pras escolas de, aquelas escolas que eu te falei que são as escolas integrais.

WA: É, então segundo os PCNs é, tem tema transversal, meio ambiente vem como tema transversal.

GI: Tema transversal

WA: Uma temática transversal, que diz, deveria permear...

GI: Urum.

WA: Né, todas...

GI: E não estar separado.

WA: E não estar separado. Mas até não deveria estar só em Ciências, né?

GI: Urum

WA: Né, a gente que acaba tomando pra si, né? Eu que não a gente, o pessoal de Geografia também acaba...

GI: Acaba tomando isso.

WA: Tomando pra si. Mas é um tema transversal, então...É uma situação que a gente fica meio, né,

GI: Mas eu, é uma situação atípica. Em outros lugares a gente sabe que não é assim. Se não me engano, a educação ambiental está dentro da gerência de projetos. E Ciências tá dentro da gerência de currículo. Ao invés de tá junto, tá separado.

WA: Tá separado.

GI: É, acho que fragmenta um pouco.

WA: Fragmenta bastante. Fragmenta. Elas precisam conversa.

GI: Urum

WA: São elas que precisam estar sempre atentas, né.

GI: E eu fiquei dois anos lá, e eu sei que essa conversa...

WA: Não existe.

GI: Não existe.

Comenta-se na sala que no Estado a forma de trabalho é bem diferenciada. A professora coloca que a orientação da Secretaria Estadual de Educação do Paraná que todas as áreas do conhecimento podem e devem desenvolver ações de educação ambiental numa proposta de sustentabilidade.

WA: É assim, , se fala muito porque agora é, desde, não sei se vocês tiveram contato com a Rio+20, os trabalhos da Rio+20, a educação para o desenvolvimento sustentável, educação para a sustentabilidade, daí, esse tema meio controverso, meio polêmico, eu escutei...

GI: Pra ser sustentável...

WA: Polêmica, né?

GI: Urum. O tema da feira de Ciências do ano passado, que não aconteceu no final das contas.

WA: Urum

GI: Era alguma coisa relacionada à sustentabilidade. E é um tema bem difícil de se trabalhar.

WA: É, gera muita polêmica, né. Vocês tocam nesse tipo de assunto, sustentabilidade, nas aulas?

GI: Sim. Na verdade, eu procuro trabalhar isso mais como o ser humano sustentável, sabe.

WA: Aram

GI: É, o que que eu como ser humano posso fazer. Se for pra pegar o conceito de sustentabilidade é muito amplo. Então...eu quero trabalhar o ser humano sustentável. Tentando (risos). Não significa que eu esteja conseguindo. Mas é aquela coisa, se você consegue que aquele aluno saia dali e pelo menos vá pesquisar um poquinho mais e lê alguma coisa sobre aquele assunto, eu já to bem feliz. Que de alguma maneira eu consegui despertar nele a vontade pelo menos de saber mais a respeito daquilo.

WA: Urum. Interessante.

GI: E a gente também pode se engana e acha que tudo que você fala em sala de aula, tudo que você faz na sala de aula entra e fica. Muitos deles saem ali na frente e já era.

WA: Urum. É um trabalho de muito tempo ainda, né.

GI: Ah, sim. Na educação tudo é devagar. É tudo lento. Todas as mudanças acontecem muito devagar, quando a gente fala em educação, todas elas.

WA: Urum

GI: Pode ver, pra mudar uma coisinha vai longe.

WA: É verdade, urum.

GI: Quando a gente começo a fala de tecnologia, os primeiros laboratórios de informática, eles chegaram na escola. Nossa, o projeto Digitando o Futuro e hoje você já vê os laboratórios sendo usados efetivamente. Naquela época, os professores nem cogitavam entra no laboratório de informática sozinho com seus alunos.

WA: Urum

GI: Então, demora um tempo mas acontece. Então, essas mudanças elas vão acontece devagar.

WA: É, então lá, assim, o projeto de tecnologia foi implementado há alguma tempo já, né.

GI: Nesse tempo todo. Ele começo em noventa e oito, se não me engano, ou dois mil.

WA: É

GI: Então são, pelo menos, dez anos, digamos, de caminhada.

WA: Aproximadamente isso. E a educação ambiental de inserção no currículo tem muito pouco tempo. Digam os PCNs que estão já tem algum tempo, mas acho que como diretriz do município acho que tem pouquíssimo tempo.

GI: Ah sim

WA: Né. Então, até as pessoas, os professores, né, perceberem...

GI: Urum

WA: Vai um tempo.

GI: Mas, acontece. Só que é uma coisa lenta, é uma coisa gradual, entendeu. Mas hoje é, por exemplo, o lixo que não é lixo em Curitiba já é uma cultura.

WA: Exato

GI: Ela já faz parte do dia a dia do curitibano.

WA: Urum

GI: O lixo que não é lixo. Se você pode pergunta pra qualquer um aqui, ele sabe o que que é o lixo que não é lixo. Como que funciona e tudo mais.

WA: Exato

GI: Não é?

WA: Urum

GI: Mas o programa foi cortado não sei quantos alguns anos atrás, e que foi vindo, foi vindo...(inaudível)

WA: É

GI: Meu filho tem quatro aninhos e não pode joga papel de bala no chão, nem na rua, sabe, então, isso ele tá aprendendo na escola. Foi uma coisa que na minha época os professores não ensinavam. Então, já vem desde a educação infantil.

WA: Urum

GI: Né, essas básico, digamos assim. “Que a ‘pofessora’ falo que não pode faze isso”.

WA: (Risos) Que graça.

GI: Então, já vem desde a educação infantil e se vem desde a educação infantil, a tendência é que quando chega a geração, a geração dele chega a fica mais velha, a gente já não vai mais te problema com o lixo, com descarte incorreto, essas coisas.

WA: Aram.

GI: Mas é uma coisa gradual.

WA: Conscientização, é conscientização.

GI: É conscientização. Quando a gente tava elaborando as provas é, de faze lá uma questão sobre as lixeiras, pra eles vê qual o tipo de lixo tem pra cada lixeira. Você se sente até meio idiota fazendo aquilo. Que aparece que aquilo tá tão, sabe, tá tão na vida daqueles alunos que é totalmente tolo você pergunta aquilo. Mas aparece. Então, nas provas quando vai se elabora as provas lá, em todas as provas sempre aparece uma...

WA: Questão assim...

GI: Questão de , de educação ambiental. Esse ano não vai ter. Das que eu participei da elaboração.

WA: Ah, as avaliações que tavam acontecendo, já aconteceu uma esse ano ou não ?

GI: Esse ano da Rede não vai ter. Teve a Prova Brasil.

WA: Teve a Prova Brasil. Que vai dar o próximo IDEB, é isso?

GI: É, isso. E agora no final do ano vai ter, não a do IDEB é agora no final do ano.

WA: Esse ano na é a Provinha Brasil?

GI: Não, era outra. Eu não lembro qual que era.

WA: Tem muita nomenclatura, né.

GI: Já teve uma. Agora vai te uma seg, vai te outra que é mais no final do ano. E que esse ano passa a ter Ciências. Português, Matemática e Ciências.

WA: Acho que é fundamental. Não é porque é da minha área, mas educação para a Ciência acho que é uma coisa importantíssima, né?

GI: Não, e o que diminui a nota do mesmo no PISA são as notas em Ciências. Então, por isso que tão começando a se preocupa. Por isso também que as aulas de, é, pra fechar a permanência de pessoal de primeiro a quinto passaram a ser de Ciências. Que se escolheu o componente curricular de Ciências porque a partir de agora o componente curricular Ciências passa a ser avaliado nas avaliações oficiais.

WA: Mas de primeiro ao quinto ano o professor de Ciências vai atuar?

GI: Não é um professor de Ciências.

Comenta-se que, em algumas escolas, existem professores formados em Ciências que atuam do primeiro ao quinto ano. Porém, não é a maioria.

GI: Mas à tarde, por exemplo, pra fecha os trinta e três por cento.

WA: Entendi.

GI: Os alunos têm aquelas aulas que antes eram Artes, Educação Física e tudo mais. Agora, obrigatoriamente toda escola tem que te pelo menos duas aulas de Ciências pra cumpri. Desde o primeiro aninho. Isso é ruim? É ruim a maneira como foi feito. Foi tipo jogado. Só que pra nós, que somos de Ciências, acho que é uma grande conquista.

WA: Eu acho também.

GI: O nosso aluno, quando chega aqui no sexto ano, ele vai chega com uma bagagem muito maior. A gente vai conseguir trabalhar muito melhor.

Comenta-se na sala que nos anos iniciais é comum os professores trabalharem apenas Língua Portuguesa e Matemática.

GI: Português e Matemática. História, Geografia e Ciências ficam. Então, eu penso que pra nós foi bom. A maneira como foi feito, né, não cabe a mim, mas que vai acabar sendo uma conquista pra gente vai. Eles estão capacitando bastante os professores.

WA: Ahh

GI: Porque também (inaudível) do primeiro ao quinto ano. Professores que estão do primeiro ao quinto ano.

A professora que acompanha a entrevista comenta que alguns professores dos anos iniciais do ensino fundamental foram obrigados a lecionar a disciplina de Ciências, mesmo sem formação adequada. Ela declara que a mantenedora ofertou cursos na área de Ciências para todos os profissionais que estavam assumindo a disciplina.

WA: Eu acho que o mais complicado disso é de repente passar uma informação errada.

GI: Urum. Um conceito errado.

WA: Um conceito errado. E, às vezes um conceito que você passa ali, nunca mais o indivíduo esquece.

GI: Urum.

WA: Né, o conceito errado.

GI: Por isso que é bem importante essas capacitações.

WA: Não, se a gente que é formado já corre o risco de fala uma besteira, ou não lembra.

GI: Urum. E é assim, eu fiz Pedagogia, né. Depois de, eu fui fazer Pedagogia pra sabe como é que funcionava.

WA: Aram. Eu tenho curiosidade também.

GI: Fiz Pedagogia. A parte de Ciências, o meu foi à distância, ia uma vez por semana só. Tem toda uma, mas a parte de Ciências é bem falha, bem falha na Pedagogia. Muito superficial. Então, realmente o professor que não tem uma formação em Ciências que tá tendo que trabalhar com Ciências por (inaudível) ele vai enfrentar dificuldades.

Comenta-se na sala que, em muitos casos, os professores pegam essas aulas por absoluta falta de opção, visto que existe um déficit grande de profissionais habilitados em Ciências na rede municipal de ensino.

GI: Sim, pega quem que entrar. Na verdade, olha, eu fiquei dois meses no Albert à tarde pra cobrir lá uma professora que pediu exoneração. Falei 'bom então, que até o meio do ano eu fico', né, até pra esses alunos não ficarem sem professor e tudo mais.

WA: Tá.

GI: Eu saí em julho e não conseguiram uma outra professora. A professora de laboratório que tá, ou seja, a escola tá sem, tá faltando professor de Ciências lá. Aqui tá faltando. Então, tem várias escolas que a gente sabe que os professores estão com quinze aulas.

WA: Aram

GI: Então tá faltando professor de Ciências, não tem mais quem chama do concurso.

WA: Urum.

GI: E olha que ano passado foram chamados, na primeira foi dezessete.

WA: Urum

GI: Depois chamaram acho que mais doze. Só pras escolas de sexto ao nono.

A professora comenta que existe uma falta de professores da área de Ciências, mas que isso pode ser atenuado pelo procedimento de transição dos professores dos anos iniciais para os anos finais.

GI: Não, e as professoras de Ciências, todas elas, resolveram ter bebês esse ano. Então, tem muito que tá fora porque tiveram bebê. Então oh, quando você volta, você vai pode escolhe.

WA: (Risos)

GI: Vai, se você quise vir naquela que é do lado da sua casa. Então tá, tá faltando professor de Ciências. Então, a gente tem muita é, acho que isso também é reflexo é da falta de professor que tem no mercado.

WA: Por que será que tá faltando tanto, né?

GI: Professor de Ciências? Acho que não só de Ciências, tem outras matérias que são piores. Que tá em falta. Mas acho que é tudo isso que a gente falo, sabe, são faltas de condições de trabalho que é, né. Aqui, a gente tem uma escola super boa, mas a gente sabe que não são todas que são assim.

WA: Urum.

GI: Tem muita gente que tá entrando e exonerando. Então, porque quando vê o tamanho do..., né. A questão salarial pega bastante. Porque pra você trabalha e te um salário razoável, você tem que trabalha, no mínimo quarenta horas.

WA: Aram

GI: E se você trabalha só vinte, você não consegue sobrevive. Acho que é uma junção de diversos fatores. E vai chegar um momento que não teremos professores. Se as coisas continuarem assim. Ou realmente o professor vai ser muito valorizado ou não vai ter professor. E a questão salarial pega bastante.

WA: Pega.

GI: Todo mundo aqui é professor e sabe quanto ganha. Então...

WA: E o quanto que tem que estudo pra ganhar um poquinho melhor, né.

GI: Urum.

WA: Bom, mas acho que das fichas e da educação ambiental, do ensino de Ciências, acho que fechamos, né?

GI: É

WA: Se tive mais alguma coisa...

GI: Eu não.

ANEXO 3: TEXTUALIZAÇÃO DO DEPOIMENTO DA PROFESSORA DA ESCOLA A CEDIDO EM 06/08/2013

1 Vamos começar pela minha formação em Educação Ambiental. Eu acho que
2 na faculdade, ela foi bem falha. Eu sou formada em Ciências biológicas e me
3 especializei em Ensino de Química. Tive uma disciplina de Ecossistema no último
4 ano de faculdade. Era disciplina de Ecossistema e tratava disso. Na época,
5 nenhuma outra tratava de Educação Ambiental. Era tudo muito separado. Eu não
6 me lembro das aulas de ecossistema, como me lembro das aulas de Bioquímica, ou
7 de Física. Então, eu acho que essa falha começou lá na faculdade, na formação.
8 Quando eu fui fazer especialização, escolhi trabalhar com solos. Aí acabei tendo
9 Educação Ambiental. Apesar de ser em Química, porque se analisa os componentes
10 do solo, as práticas de Educação Ambiental estavam muito presentes. Tanto que no
11 meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aparece muito Educação Ambiental.

12 Depois disso, eu entrei na Rede Municipal de Ensino de Curitiba e não me
13 lembro de ter feito mais nenhuma capacitação que tratasse especificamente do tema
14 Educação Ambiental. Apesar de Curitiba ser reconhecida pelos programas
15 ambientais, depois que eu entrei na Rede, não me lembro de ter feito nenhuma
16 formação continuada específica em Educação Ambiental. E não porque eu não
17 quisesse. Procurei em algumas ocasiões, mas não encontrei. Às vezes, apareciam
18 cursos voltados para outros profissionais da Rede, não para os professores. Eu
19 tenho treze anos de Rede, então é um tempo considerável. Eu fiquei afastada de
20 sala de aula por um tempo, mas não deixei de frequentar os cursos oferecidos pela
21 mantenedora na minha área.

22 Trabalhei durante muito tempo com Tecnologia, e quando se trabalha com
23 Tecnologia, não se consegue fugir de Educação Ambiental, porque uma está
24 atrelada à outra. Então, eu fiz muitos projetos na área de Tecnologia, todos voltados
25 para a Educação Ambiental. Mas não uma capacitação específica. Apenas em
26 busca de conhecimento na área.

27 Eu vejo que agora estão voltando alguns programas de Educação Ambiental
28 na Secretaria Municipal de Educação (SME). O pessoal de Ciências veio até a
29 escola para falar sobre o descarte do material usado no laboratório de Ciências.
30 Nesta escola não há laboratório de Ciências, mas, de vez em quando, algumas
31 atividades práticas são feitas em sala de aula. Sobre o descarte adequado para os

32 resíduos de laboratório, vejo que a Secretaria de Educação está começando a
33 participar novamente de alguns projetos. Parece que voltou a ter aquela parceria
34 que existia há muitos anos atrás.

35 Nesta escola não existem projetos de Educação Ambiental sendo
36 desenvolvidos no momento. Eu cheguei aqui este ano, e neste ano não fizemos
37 nada. Não que nas nossas aulas, nós não trabalhemos Educação Ambiental. Mas
38 não há um projeto específico. Nos conteúdos de Química, que é o meu caso com a
39 oitava série, eu falei bastante em Educação Ambiental. Eu tenho sétima série
40 também, mas o assunto é Anatomia, então a Educação Ambiental aparece bem
41 menos. Em Química, alguns assuntos permearam a Educação Ambiental, e eu
42 acredito que agora em Física, isso também ocorra. Mas não é um projeto específico.
43 Eu trabalho Educação Ambiental a partir dos conteúdos desenvolvidos durante as
44 aulas. É uma forma mais sutil de trabalho. A meu ver, essa forma de desenvolver as
45 atividades de Educação Ambiental tem funcionado bem. Não saberia pensar num
46 projeto de Educação Ambiental para esta escola, em virtude de seu espaço ser
47 muito reduzido, entre outras coisas. Acho que a questão do lixo já está incorporada
48 no cotidiano das pessoas. Por isso, não vejo necessidade de um projeto nessa área,
49 por exemplo. Nesse momento, não consigo pensar em um projeto de Educação
50 Ambiental para esta escola.

51 Talvez, com o passar do tempo, nós vejamos realmente a necessidade de
52 um projeto nesta área aqui. Até pela estrutura física da escola, que apresenta um
53 espaço reduzido. A maioria do espaço que nós temos aqui, com exceção daquele
54 pedacinho de terra que tem na frente, eu acho que todo é resto é de tijolo e cimento.
55 A estrutura é antiga, e por isso, o formato das salas é diferente das escolas
56 projetadas recentemente. Se você entrar nas salas, vai ver que são pequenas. Nós
57 não temos laboratório de Ciências aqui porque a escola não apresenta estrutura
58 física, ou seja, não tem espaço. Não tem sala disponível. Então, é uma questão de
59 espaço físico. Eu conheço todas as escolas da Rede, e esta aqui é a menor.
60 Tratando-se de Educação Ambiental, nós temos algumas limitações físicas.

61 Como já comentei anteriormente, quanto aos conteúdos relacionados à
62 Educação Ambiental, eu acredito que podem ser inseridos em praticamente todos os
63 anos. Por exemplo, no oitavo ano o assunto é Anatomia, então é possível trabalhar o
64 lixo atômico e o que ele pode causar. No nono ano, eu trabalhei bastante a chuva
65 ácida. Quando falamos de sais, entraram questões relativas à poluição.

66 O nosso currículo apresenta Educação Ambiental e foram feitas discussões
67 no ano de 2012 com todos os professores da Rede, para que fossem feitas
68 adaptações nos conteúdos. Essas adaptações foram enviadas às escolas a título de
69 sugestão para o desenvolvimento dos conteúdos. Se não me engano, tem uma parte
70 das Diretrizes Curriculares Municipais que expõe a visão da Educação Ambiental
71 para o município. Só que hoje, eu não vejo a Educação Ambiental tão forte em
72 Curitiba, como quando eu me mudei para cá, em meados de 1998. Naquela época,
73 havia os PIAs ambientais, que agora não existem mais com esse perfil. Atualmente,
74 as Unidades de Educação Integrais estão aí apenas como espaço de contraturno.
75 Nesta escola, existe apenas um contraturno de reforço escolar. Aqui, a comunidade
76 não manifesta necessidade de uma escola em tempo integral. Existem sim, práticas
77 de Educação Ambiental nas Unidades de Educação Integral, porém a orientação é
78 que se trabalhe Ciência e Tecnologia. Eu entendo que a Secretaria Municipal de
79 Educação prioriza a Educação Ambiental que acontece nas Unidades Integrais.
80 Existem escolas que mantém bons projetos de Educação Ambiental em suas
81 Unidades Integrais. Inclusive desenvolvendo ações pedagógicas tanto nas áreas de
82 Ciência e Tecnologia, quanto de Educação Ambiental, justificando também uma
83 aproximação entre essas áreas.

84 Sendo assim, eu noto que a Educação Ambiental que vem sendo construída,
85 apoia-se como tema inserido nas aulas dos professores, tanto de Ciências quanto
86 de outras disciplinas, sem a necessidade de um projeto a parte. Porque se você
87 inserir a Educação Ambiental nos conteúdos, passa a ser uma prática constante.
88 Fazendo parte da prática cotidiana em sala de aula, os alunos começam a encarar
89 com naturalidade também. Se for um projeto a parte, tem certo tempo de duração,
90 observam-se os resultados e acaba. Se você agregar a Educação Ambiental nas
91 práticas diárias, nos conteúdos escolares, ela não saíria do planejamento, ano após
92 ano.

93 No meu entendimento, projetos não deveriam existir. Projetos servem para
94 corrigir situações problemáticas vividas na escola. Se há a necessidade de projetos
95 na escola, é porque ainda existem questões a serem resolvidas ou melhoradas.
96 Num modelo ideal de educação, as ações educativas são interligadas e construídas
97 ao mesmo tempo. Essa seria a escola ideal, que não precisaria de projetos. Porém,
98 nós temos apenas a escola real e essa ainda necessita de ajustes. Eu sei qual

99 escola nós temos, a escola real. Nós temos que dar conta de alunos reais, numa
100 escola real, não ideal. Por isso, ainda há necessidade de projetos.

101 Apesar de ser contra, estou iniciando um projeto com meus alunos nos
102 próximos dias. Neste ano, ainda preciso de projeto. Talvez, no ano que vem, não
103 precise. Mas agora vejo que existe a necessidade de projeto para desenvolver
104 alguns assuntos em sala de aula.

105 A Secretaria Municipal de Educação tem uma gerência só para projetos.
106 Possivelmente, possuem uma visão diferente da minha.

107 Quanto ao livro didático, é sempre uma escolha difícil. É muito difícil
108 encontrar um livro didático que atenda a pelo menos noventa por cento das
109 necessidades do professor. Primeiro, porque o livro didático é elaborado para o
110 Brasil todo, não especificamente para Curitiba. Existia um livro maravilhoso, mas foi
111 elaborado em Minas Gerais. Ele não se adequava à nossa organização curricular. A
112 Educação Ambiental aparece bastante nos livros didáticos atuais. Nos livros que são
113 reedições de exemplares mais antigos, ela aparece menos. É comum encontrar
114 pequenos textos informativos ao final do capítulo, ou mesmo dentro do conteúdo.
115 Acredito que estas inserções da Educação Ambiental nos livros escolares são
116 pertinentes, mas não suficientes. Porque naquela pequena inserção, podemos
117 refletir sobre a nossa prática e ampliar aquelas questões postas no livro.

118 Este ano, eu tenho usado o livro didático mais com as sétimas séries. Com
119 as oitavas séries, eu praticamente não uso o livro, porque o considero muito
120 tradicional. Tem muito texto, sem práticas de laboratório. Nas sétimas séries, eu
121 utilizo porque são os sistemas do corpo humano e, neste caso, textos e ilustrações
122 funcionam melhor. Eu gosto de elaborar as atividades, mas mesmo assim, às vezes
123 uso o livro também.

124 O livro didático escolhido por nós para o próximo ano tem uma abordagem
125 diferenciada. Ele apresenta várias inserções de Educação Ambiental. Existem sites
126 agora, e editoras que expõe o conteúdo em três dimensões. Existe hoje uma
127 concorrência muito grande entre as editoras. Eu gostaria que as inovações
128 chegassem até o conteúdo do livro. Outra característica do livro didático na
129 atualidade é a presença de mais de um autor, sendo comum um organizador e
130 cinquenta que escreveram.

131

132 Aqui na escola, nós temos à disposição a internet e temos netbooks para os
133 alunos, então é possível acessar os conteúdos digitais fornecidos pelas editoras.
134 Não podemos mais dizer que os alunos não têm acesso às novas tecnologias.
135 Inclusive, o agendamento das aulas no laboratório de informática é bem concorrido.

136 Em comparação à época em que eu entrei na Rede Municipal de Educação,
137 até os dias de hoje, observo que os professores têm utilizado mais tecnologia nas
138 aulas. Temos lousa digital e projetor na escola. Eu vejo que o uso de tecnologia nas
139 aulas favorece a ação docente, porque os alunos gostam.

140 Comecei a trabalhar Física com os alunos e para as atividades práticas,
141 pretendo usar o Lego. Eu utilizei o Lego em uma das minhas aulas e foi muito
142 produtivo. Eu prefiro trabalhar os conceitos de Física de maneira prática e não ficar
143 repetindo textos e mais textos em sala. Os alunos precisam ter o conhecimento
144 teórico associado à prática. Eu possuo seis anos de experiência com o Lego e com
145 robótica, porque fiquei esse tempo na Secretaria Municipal de Educação,
146 trabalhando com tecnologia.

147 Este ano, observo que ainda há a necessidade de desenvolver um projeto
148 de estudo com os alunos. Propus à escola que viria no período da tarde para
149 organizar as etapas do projeto e poder trabalhar com os alunos de manhã. Mas, no
150 próximo ano, pretendo inserir o Lego na rotina das aulas. O meu objetivo é ensinar
151 Física para os alunos com esta ferramenta. Fiz uma pesquisa inicial com os alunos,
152 sobre o que eles pensavam que era a Física, e lendo as respostas, percebi que seria
153 preciso muito empenho para o desenvolvimento de um bom trabalho pedagógico em
154 relação à disciplina. Então, resolvi elaborar o projeto do Lego para as aulas de
155 Física. Eu já comecei uma página na internet, onde colocarei o resultado de todas as
156 etapas deste projeto. Porém, eu estou conseguindo desenvolver o projeto porque
157 estou trabalhando apenas um período. Por isso, considero a carga horária do
158 professor muito extensa. Acredito que, para que obtenhamos bons resultados, é
159 preciso muito planejamento.

160 Até para poder inserir a Educação Ambiental nos conteúdos, é preciso de
161 tempo disponível para a pesquisa e planejamento. Porque o livro didático, que
162 deveria ser o apoio do professor em sala, apresenta algumas coisas, mas não o
163 suficiente. Nosso tempo para estudo é muito reduzido.

164 Nesta escola, está faltando um professor de Ciências para fechar o quadro.
165 Então, cada professor tem quinze aulas na semana, ou seja, três dias fechados com

166 cinco aulas. Nesses dias de aulas, mal temos tempo para respirar. Temos ainda um
167 dia de hora-atividade, mas às vezes fazemos cursos neste dia. Dificilmente
168 conseguimos sentar e elaborar o planejamento em conjunto. Por isso, cada uma de
169 nós faz seu planejamento mais individualizado. E essa escola é muito aberta à
170 negociação, e o nos oferece suporte adequado para as atividades planejadas. Mas
171 ainda não temos um laboratório de Ciências aqui e isto faz falta. Existe um espaço
172 que poderia ser usado para este fim, porém ainda não há projeto nesse sentido.
173 Pensamos em um carrinho, que pudesse ser um laboratório móvel, mas isso ainda
174 não foi possível. Existem coisas que fogem dos muros da escola, que dependem de
175 outros setores. Não é só a falta de cursos na área, não é só a limitação física da
176 escola. É um conjunto de situações que muitas vezes não nos deixam exercer a
177 nossa profissão da maneira mais adequada, ideal.

178 Nós poderíamos levar as crianças para fora da sala, pegar na terra, porque
179 nada melhor que sentir e experimentar. Nesta escola isso não é possível, porque
180 não temos cobertura de terra. Os professores dos sextos anos são os mais
181 prejudicados com isso. As visitas orientadas foram suspensas, então não podemos
182 levar os alunos em espaços de aprendizagem fora da escola.

183 Em relação ao Projeto Político Pedagógico, eu não sei responder. Eu
184 cheguei na escola este ano e ler o Projeto Político Pedagógico da escola não foi a
185 minha prioridade. Mas eu acredito que tenha Educação Ambiental sim, porque no
186 projeto de todas as escolas aparece. Foi uma diretriz estabelecida pela Secretaria
187 Municipal de Educação. Entretanto, entre ser citada no Projeto Político Pedagógico e
188 estar realmente acontecendo na escola, há uma diferença.

189 As Diretrizes Municipais de Educação foram feitas de maneira muito rápida.
190 Eu estava na Secretaria de Educação quando elas foram escritas e precisavam ser
191 lançadas com a máxima urgência. Eu tinha um mês de secretaria e já estava
192 escrevendo este tipo de texto. As Diretrizes contemplam algumas noções exploradas
193 nos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas não sei dizer até que ponto isso está lá
194 com clareza. No próximo ano, existe uma perspectiva de que as Diretrizes sejam
195 refeitas.

196 Existe também uma situação interessante na educação municipal, que é o
197 fato de que a Educação Ambiental não está atrelada à disciplina de Ciências. É
198 separado. A Educação Ambiental está mais voltada às escolas de tempo integral,
199 como já havia mencionado antes. É uma situação atípica. Em outros lugares não é

200 assim. Se não estou enganada, a Educação Ambiental está na Gerência de
201 Projetos, e a disciplina de Ciências está na Gerência de Currículo. Eu acho que
202 fragmenta um pouco. Não existe um diálogo entre essas áreas.

203 Eu procuro trabalhar nas aulas o ser humano sustentável. Aquilo que eu
204 posso fazer dentro do conceito de sustentabilidade. Não significa que eu esteja
205 conseguindo, mas se após a aula, o aluno for investigar um pouco que seja sobre o
206 assunto tratado, eu fico feliz, porque de alguma maneira consegui despertar nele a
207 vontade de saber mais a respeito do tema trabalhado. Nem todos saem da aula com
208 esta disposição. Em educação, o trabalho é lento. Todas as mudanças acontecem
209 muito devagar.

210 Quando começamos a tratar de tecnologia nas escolas, com a construção
211 dos primeiros laboratórios de informática, o projeto Digitando o Futuro e hoje os
212 laboratórios sendo usados efetivamente. Na época da implantação, os professores
213 nem cogitavam levar os alunos ao laboratório de informática sozinhos. Demora,
214 mas as mudanças acabam acontecendo. O mesmo pode ocorrer com a Educação
215 Ambiental. Por exemplo, o lixo que não é lixo já é uma cultura em Curitiba. Já faz
216 parte do dia-a-dia do curitibano. Se perguntar a qualquer pessoa que more aqui há
217 algum tempo, essa pessoa saberá o que é o lixo que não é lixo e como funciona a
218 coleta. Meu filho de quatro anos já sabe que não pode jogar papel de bala no chão e
219 isso ele está aprendendo na escola. Então, está vindo desde a educação infantil. A
220 tendência é de que as gerações futuras já não terão problema com o lixo, com
221 descarte incorreto. Eu participei da elaboração das provas da Secretaria Municipal
222 de Educação e questões sobre descarte correto sempre foram colocadas. Este ano
223 não vai ter prova da secretaria. Mas foi observado que o que diminuiu as notas no
224 PISA foram as provas de Ciências. Por isso, a secretaria de educação vem
225 investindo em capacitações em Ciências para os docentes de primeiro ao quinto
226 ano. Porque agora o componente curricular de Ciências passou a ser cobrado
227 também nas avaliações oficiais. Assim, as escolas devem oferecer pelo menos duas
228 aulas semanais de Ciências para as turmas de primeiro ao quinto ano. É ruim
229 porque foi jogado aos professores sem formação adequada, mas é um ganho para a
230 área de Ciências. O nosso aluno chegará ao sexto ano com uma noção maior da
231 disciplina. É importante que a Secretaria Municipal de Educação ofereça capacitação
232 adequada aos profissionais, para que informações erradas não sejam transmitidas
233 em sala de aula.

234 Eu fiz Pedagogia também, porque queria saber como funcionava. O meu
235 curso foi à distância, e a parte de Ciências foi bem falha, muito superficial. O
236 professor que não tem formação em Ciências que vai ter que trabalhar conteúdos da
237 disciplina, terá dificuldades.

238 Eu cobri uma professora numa escola ano passado, para os alunos não
239 ficarem sem as aulas. Está faltando professor de Ciências na Rede Municipal. Não
240 só de Ciências, mas de todas as áreas. Muitos professores estão sendo nomeados
241 e, na sequência pedem exoneração. Eu acho que vai chegar um momento em que
242 não teremos mais professores.

**ANEXO 4: TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO DA PROFESSORA DA ESCOLA B
CEDIDO EM 26/02/13**

WA: Bom professora, é...os temas...como eu não vou fazer perguntas diretas

Prof: hum hum

WA: Então eu fiz por fichas

Prof: Tá

WA: Ai essas fichas contem, mais contemplam, pretendem contemplar mais ou menos o que a gente vê no trabalho com Educação Ambiental e no que eu pretendo estudar, né. Perfil que eu pretendo achar. Aí você dá uma olhada, lê e você vai falando conforme você achar interessante comentar.

Prof: Hum hum

WA: Sabe. Eu não vou fazer nenhuma pergunta direta. A gente só vai conversando mesmo, sobre, sobre as temáticas.

Prof: Hum hum.

WA: Tá

Prof: Então tá, então eu vou começar com essa daqui oh educação e o currículo, né.

WA: hum hum.

Prof: Nosso currículo de Curitiba, né, as, as Diretrizes contemplam Educação Ambiental, né. Tem lá, né . Isso eu acho importante, né. Tem a questão pra se trabalhar, né, sustentabilidade, enfim. E tem ênfase em se trabalhar, né, mas é pouco trabalhado, a gente não quase não. São não é todos os professores que trabalham e quando trabalham, trabalham de forma isolada, né. Não trabalham de forma adequada, digamos assim. (pausa). É educação e o livro didático. Educação Ambiental e o livro didático, alguns livros trazem até, mas trazem mais textos informativos, né.

WA: rum rum

Prof: Ah, o trabalho com Educação Ambiental em si, só, é pouco o que aparece em livro didático, em minha opinião.

WA: E que livros que vocês tão usando esse ano?

Prof: Aquele Fernando.

WA: E, você acha que aparece alguma coisa?

Prof: Não, muito pouco.

WA: É.

Prof: O que tem ainda é aquele bem antigo do Carlos Barros, ainda que aparece, né. No final de cada capítulo aparece alguma coisinha aparece, né. Ah, sobre a reciclagem do lixo, sobre a política dos Rs. Tá desatualizado, mas ainda traz alguma coisa pra você pode debate com o aluno, né.

WA: Aram

Prof: O Fernando não, no, quase não tem.

WA: Não, né. O Fernando não.

Prof: O Fernando não tem

WA: Eu lembro desse livro, acho que eu tava junto na escolha dele. Mas dentro do rol de, de livros, você acha que era o melhor na época que a gente escolheu? Na verdade eu não me lembro exatamente...

Prof: Então, tinha, tinha um projeto chamado Radix, esse foi ali pro Durival. Sei que o Radix ele é bom em alguns aspectos, mas em outros ele foge da nossa grade de conteúdos da prefeitura. Ele tá fora da grade.

WA: A grade não bate com o livro, né.

Prof: rum rum

WA: u rum

Prof: Mas é bacana o livro.

WA: u rum

Prof: É tem o projeto Araribá, né. O livro, ele, em alguns aspectos ele é muito bom em outros ele é meio pobrinho, mas na questão de exercícios assim, é bem.

WA: Acho o livro é puxado

Prof: Ele puxa mais pra questão de interpretação a questão falo, tem que pensar mesmo. Não é aquela coisa mecânica, né. Bem tradicional. Os exercícios do Araribá fazem com que o aluno possa, a gente possa trabalha de outra forma, não só lá, lá naquela pergunta e resposta. Porque na maioria dos livros é tudo pergunta e resposta, né. O Araribá não tem coisas assim...

WA: De pensar...

Prof: Tem que pensar.

WA: É verdade, eu lembro desse livro. É, no, com relação ao currículo então, o livro didático não tá de acordo, né, com o currículo. Esse livro do, do Radix.

Prof: Esse do Radix não, mas

WA: Não

Prof: O Fernando trabalha (inaudível) ...

WA: aram

Prof: Contempla o currículo da prefeitura, né. Contem, contempla as diretrizes, ah eee, e o Radix, a opção foi lá na outra escola foi, por mais que tem algumas coisas que não sejam, mas o conteúdo é bom, daí mais é assim. Não contempla, aquele livro do sexto ano tem coisa que é do sétimo ano. Então tem até como trabalha, né. Sei que daí (inaudível) o livro é só um apoio, né. Na verdade. Você não vai usa o livro, né.

WA: Não. Realmente

Prof: É um apoio

WA: O livro é só um apoio, realmente.

Prof: É verdade. Então ce tendo, tendo a coleção o professor pode pesquisa, vê nos (inaudível), nas outras, né. Do sétimo ano, do nono ano. Então tá meio misturado, os conteúdos tão bem misturadinho. Do Radix.

WA: aram

Prof: Eee, do Fernando não. Do Fernando é estilo Carlos Barros, assim, mais tradicionalzão, né.

WA: Ele é bem tradicional. Só que eu acho que ele é bem conteudista, né.

Prof: Ele é bem conteudista. Bem conteudista. Acho que é isso. Vamos ver aqui que mais. Os projetos de Educação Ambiental desenvolvidos no município de Curitiba. É tinha um modismo antes em Educação Ambiental na prefeitura. Esse modismo anda acabando, né. Porque a gente trabalha com eras, ne.

WA: urum

Prof: Agora é época de alfabetização ecológica daí todo mundo trabalho.

WA: Verdade

Prof: É, né

WA: aram

Prof: É família folha, né enfim. Quantos projetos já tiveram, né

WA: aram

Prof: Na questão de, é criaram naqueles logas lá , da, da, é, é de metal e não sei o que lá, da, da, das, dos resíduos, né.

WA: urum

Prof: Então é, o trabalho, a prefeitura trabalha com modismo digamos assim, não existe um projeto, ii no momento hoje a única coisa que a gente tinha que acabo não tem mais é a miniconferência da biodiversidade. Daí esse ano já não teve mais. Era a única coisa que poderia se trabalhar ai, alguma coisa não, não precisa fica focado literalmente em Educação Ambiental, mas poderia trabalhar sobre o tema, né. Então esse ano não tem a miniconferencia da biodiversidade. Ano passado...

WA: Nos outros anos você acho que dava, que rendia um bom trabalho, era dentro, era contextualizado, como é que vocês faziam aqui?

Prof: Vinha o tema, né. Esse tema vinha da prefeitura. O ano passado era sobre as eras , as eras geológicas. Então você tinha que trabalhar a questão, né. Daí a gente trabalho, é a questão das placas tectônicas, né. Mais no, não. É em março que é a conferência da biodiversidade. Que que você vai trabalhar ai, você começa em fevereiro, que que você vai fazer até março com eles.

WA: É pouco tempo, né, né

Prof: urum. É se você tivesse esse tema lá no ano anterior ainda você poderia ter, fazer um trabalho, né. Mas é, a data é ruim. Ai tinha a feira de ciências, também foi cortado. Ano passado já não tinha feira. Então a feira

WA: Fiquei chocada. Eu ia, eu ia mexer com vocês, eu ia trabalhar com vocês na feira, ia fotografa os trabalhos da feira. Quando a Márcia me falo que não ia ter, perdi o chão.

Prof: É, foi cortada e esse ano também já tá cortado. Não tem

WA: Não vai ter

Prof: Não. O gasto da feira que eles falaram quinhentos mil

WA: Não acredito. (inaudível)

Prof: (inaudível) Muito dinheiro, né

WA: aram

Prof: Que foi falado, a gente não sabe se é isso mesmo.

WA: aram

Prof: Ai foi cortada a feira. A gente já tava já mobilizado que a gente ia fazer na feira. A escola já estava, (inaudível) isso é tá, já tá no cronograma. Então no começo do ano a gente já sabe o que a gente vai trabalhar, né.

WA: urum

Prof: Então a gente já tinha sentado, já tinha se mobilizado que a gente ia fazer. As meninas aqui é, já tinham feito, a gente ia trabalhar a questão dos sentidos. Eu tava com o material todo preparado. Então, quando de repente foi cancelada a feira.

WA: aram. É, a Márcia me falou que tinha escolas que já tinham gasto não sei quantos reais aí

Prof: É

WA: Duzentos, trezentos reais em material, em produto,

Prof: É

WA: Em fazer e acontece. Complicado, né

Prof: É teve, teve um curso pra feira (risos). Foi feito um curso direcionado para a feira.

WA: Ai eu lembro

Prof: urum

WA: Né, no ano anterior também houve

Prof: Ai no último dia do curso veio

WA: A Santina (inaudível)

Prof: A notícia. A, a Santina, ela não sabia nem o que fala pra gente, judiação, no último dia. Quando a gente chegou

WA: Porque isso é dela, né, projeto dela, né

Prof: É um projeto, eu, eu, eu, dá trabalho mas é muito bonito. Nossa a gente fez cada tema, a gente trabalhou bastante coisa bacana, então é, como é uma feira de ciência e tecnologia engloba tudo, então existia muita coisa na questão ambiental. Não só, né. Tinha de todos os temas, né. Mas tinha bastante, se a gente andasse pela (inaudível)

WA: É que acaba permeando

prof: É

WA: Tudo, né

Prof: Andasse pela feira a gente via coisas magníficas, né. Lindo, né.

WA: aram

Prof: Tudo aquilo que tinha. É então hoje, hoje o que eu posso te dizer hoje da prefeitura o contra turno trabalha com Educação Ambiental. Os projetos trabalham.

WA: Fora do

Prof: Fora

WA: Do contexto de sala de aula

Prof: Fora

WA: Contra turno? O que eles fazem no contra turno?

Prof: É reforço. É o contra turno seria aquelas, aquelas crianças que tem que fica o dia todo na escola.

WA: E eles ficam aqui no Omar?

Prof: Eles ficam. O nosso contra turno de manhã temos alunos do Durival.

WA: Aaaa

Prof: Também abriu vagas. Porque sobra, se abriu vagas, pode abrir pro Durival

WA: Entendi.

Prof: Então quando abre vagas pode abrir eles

WA: É pertinho, né. O Durival é pertinho

Prof: Então também tem do Omar Sabbag. Então ali eles atendem Durival e Omar Sabbag. Abriu vaga, eles pegam, né, se tiver, não tiver Omar Sabbag, eles pegam do Durival. É a tarde, os alunos de quinta a oitava também vão lá. Ou do Durival de manhã também estão. Lá saiu projetos muito bacanas. Olha, bem bacana ali de Educação Ambiental.

WA: É uma, quando eu tava fazendo curso no ano de 2011, eu vi uma menina tava fazendo um planetão assim, a coisa mais linda. Não me lembro o que que era, papel machê, o que que era, mas era um baita de um planetão eles iam apresenta, acho que até apresentaram na feira de ciências, então são coisas bonitas que saem, só que que é fora da escola, né. Quer dizer, é uma outra, eu acho que uma outra perspectiva, né.

Prof: É numa reunião que a gente teve, a coordenadora do contra turno, é já tá entrando ali ciência e tecnologia. Uma das vertentes que tem se que trabalha com eles.

WA: Ah é, que interessante

Prof: Vai trabalhar arte circense, tem que trabalhar, ciência e tecnologia tem que trabalhar, práticas de, em ciências. Então muda a vertente do, do ensino integral.

WA: É que antes

Prof: Não é lá só pra, pra

WA: Antes tinha o quê? Era, eles jogavam, era educação física, esse tipo de coisa (inaudível) espaço

Prof: Acho que cada contra turno acho que fazia, né , o seu horário, ne. Então, tinha o momento pra eles fazerem a tarefa, tinha um momento

WA: Ah sim claro

Prof: Né, o momento da, tinha as atividades lúdicas lá, né, mas é agora não. Agora acho pelo que eu entendi ali, tá um negócio único, ai todas as UEs lá, que são do ensino integral vão ter essa, esse direcionamento dos seus conteúdos, da sua, não sei se foi feito uma diretriz curricular deles. Isso daí eu não sei, mas isso daí eu achei bem bacana assim, pelo menos vai trabalhar, né (inaudível)

WA: Ah e eles não ficam soltos, né porque adianta fica, tira da rua é uma boa coisa com certeza, mas ai deixa na, no espaço e não ter atividades direcionadas, né. E complicado, né

Prof: Então, a Liliane ali que é de Geografia que ela tá a tarde

WA: Aram

Prof: Ela faz coisas, nossa, lindíssimas

WA: Liliane

Prof: Liliane de Geografia, nossa ela fez, olha painéis aqui porque daí (inaudível)

WA: Não lembro dela

Prof: Painéis pra ca, muito bonito

WA: (inaudível)

Prof: (risos) O horto, eles fizeram

WA: Que legal

Prof: Eles fizeram uma, ano passado eles fizeram sobre, uma atividade com o horto, o horto municipal. Eles foram até o horto, viram algumas coisas, o horto, é, pra faze o jardim (inaudível)

WA: Que interessante

Prof: Fico bem bonito (inaudível) o contra turno nessa parte. Então tinha na escola hoje projeto, projeto assim o que a gente pode ter a gente tem o clube de ciências, né

WA: urum

Prof: Daí o clube de ciências trabalha de tudo um pouco. Que nem agora o foco e a dengue.

WA: Interessante

Prof: Né, então a gente trabalha temas

WA: Que momento que acontece o clube de ciências?

Prof: O clube de ciências, o ano passado ainda vinham alunos do contra turno, aqueles que ainda tinham vontade e participavam e a Amadora poderia, tinha disponibilidade.

WA: aram

Prof: Agora não. Agora tem a sala do clube de ciências e a, ele vai fica, ela tá direcionado. Os professores, não é so ciências, né. Mas é um espaço que qualquer um pode usar.

WA: hum

Prof: Então tem lá mesas, tem sofá, tem o tapete pra torna o ambiente bem aconchegante e ai o professor, tem revistas pra, né e o professor faz a organização de como ele vai trabalhar no clube. É a Amadora, né, eu sei que agora o foco dela é dengue ela tá trabalhando a dengue. E já tá, já iniciou um cartaz ali pra, um painel ali no , no, no pátio, né. Então ela que trabalha sobre dengue, porque aumento tanto, né agora (inaudível)

WA: Nossa muitos casos, né , realmente

Prof: Então ela tá focando no momento é a dengue

WA: aram. Mas a Amadora tira os alunos da sala?

Prof: Não. Tudo dentro da sala de aula. Trabalha

WA: Durante a aula

Prof: É. Durante a aula. Não é fora, não é

WA: Não é uma coisa que é a parte

Prof: Isso, aram

WA: Ah, interessante, né. (inaudível) junta

Prof: É

WA: As coisas, né. Interessante

Prof: Então acho que hoje é isso. Que não é do município, esse é da escola, né. Acho que do município de Curitiba, pra direcionado de quinta a oitava não tem nada.

WA: aram

Prof: Eu desconheço, só se fizeram algum projeto novo ai, né. Mas não foi apresentado pra gente não.

Wa: Não foi apresentado ainda, né

Prof: Mas de, de hoje não tem mais. Tem os que a gente faz na escola, né, isolado. Mas da rede não tem. Vamo vê o próximo. Os cursos oferecidos sobre Educação Ambiental. Não tem. A mantenedora não oferece curso nenhum de Educação Ambiental. Professor se quise tem que corre atrás, né

WA: E você fez cursos de Educação Ambiental fora quando no teu período de estudo ou não? Fez cursos?

Prof: Não, só leitura

WA: Voltados, só leitura

Prof: Só leitura

WA: rumrum

Prof: Ah não, fiz sim, fiz um a distância. Esse que era da Federal que até deu aquele rolo lá, sumiço de dinheiro, sabe.

WA: Você tava envolvida nisso menina

Prof: Risos

WA: Meu Deus, vo te que apaga tudo isso daí e começa de novo

Prof: Não, mas você sabe (inaudível)

WA: (inaudível) eu sei, eu vi

Prof: Como era o nome daquele

WA: Eu sei qual que você tá falando.

Prof: Aquele, aquele portal

WA: aram

Prof: Então eu fiz aquele. Fiz aquele.

WA: aram

Prof: Sei que que ele, ele trabalho os aspectos históricos da Educação Ambiental

WA: Aram

Prof: Foi muito básico,

WA: Bem básico

Prof: sessenta horas

WA: nossa mas com sessenta horas dava pra ter aprofundado,né

Prof: (risos) Acho que foi sessenta horas, não era quarenta não. Era sessenta. Esse foi a distância

WA: aram

Prof: Foi em dois mil e dez

WA: Mas eles te mandavam texto

Prof: Não. Era um portal

WA: E você acessava

Prof: É daí eu acessava o portal

WA: Como o moodle ?

Prof: Como é, aram, tipo uma plataforma moodle. É daí lá tinha, tinha lá, ela pedia textos, você lia os textos. Ai você participava dos fóruns

WA: Postava tarefa?

Prof: postava tarefa,

WA: urum, que interessante. Não era ruim.

Prof: Não, não era ruim não. Hum hum. Não, muito básico. Pra mim, foi muito básico. Não era ruim. Porque ela poderia ter se aprofundado mais.

WA: Mas por que que foi básico? Você já tinha as suas leituras, né.

Prof: É, urum

WA: Ah, entendo

Prof: Pra quem tava iniciando foi bom. Mas ela foi, foi bem o básico mesmo. Falo um pouco da Agenda 21, né. Falo um a pouco do histórico da Educação Ambiental.

WA: Urum

Prof: Mas pra trabalha Educação Ambiental mesmo não foi focado muito não.

WA: Não, né

Prof: Então aqui pela escola. Então, eu já te comentei da, desse do clube de ciências, né. É, em dois mil e onze teve o meu projeto que a gente fez sobre a Agenda 21

WA: urum

Prof: Então os alunos, eles escolheram ações da Agenda 21

WA: urum

Prof: E fizeram disseminação das ações. Então a princípio foi só a disseminação.

WA: Como assim?

Prof: Eles eram é

WA: Eles eram repetidores?

Prof: É isso.

WA: Multiplicadores?

Prof: Multiplicadores. Então o, a, o objetivo era só dissemina. Por enquanto, né. A gente começo devagar. Então o objetivo era conhecer a Agenda 21, que esse, que esses alunos conhecessem a Agenda 21, que ainda é desconhecida infelizmente. Não se trabalha, trabalha muito pouco a Agenda 21 na escola, né.

WA: Urum

Prof: Aí a gente trabalho a Agenda 21, conheceu um pouco dos objetivos da Agenda

WA: Hum

Prof: E eles escolheram as ações que eram pertinentes pra escola. O que que poderia no ambiente escolar? O que que aquilo era viável no ambiente escolar? Teve o meu direcionamento, claro. Porque tem coisas que eles (inaudível), né.

WA: (Inaudível)

Prof: Então eles escolheram, aí a gente

WA: E você lembra de algum, que eles tenham escolhido que seria interessante para o trabalho?

Prof: Ah, da, aqui ?

WA: Da Agenda.

Prof: É, o que a gente fez a gente fez é, foram 5 é, equipes. A gente fez a questão do lixo, que fala a questão lá da, da redução e da separação correta. Daí eles, eles aplica, a sétima série aplico pro, pro ensino infantil. Então eles, cada, cada turma aplico pra um, né. Aí uma das ações que era sobre a , a questão da saúde, daí foi dividido. Foi feito doenças sexualmente transmissíveis e drogas. As doenças sexualmente transmissíveis foi pra sexta série que é o sétimo ano

WA: Aram.

Prof: Drogas eles fizeram, queriam fazer pra, pra uma turma e acabou não dando certo, daí eles aplicaram pra turma deles mesmo. Éee, teve recursos naturais daí eles fizeram eles fizeram sobre recursos naturais, eles é aplicaram pro sé...pra, pro sexto ano, pra sétima, pra quinta série.

WA: urum

Prof: E teve éee desperdício de água. Desperdício de água eles aplicaram pros alunos do quinto ano, que é a quarta série a tarde.

WA: Entendo. Mas o tema, a temática drogas e sexualidade

Prof: As drogas e sexualidade tá numa das ações da Agenda 21.

WA: Elas contemplam?

Prof: Elas contemplam a Agenda 21.

WA: Que coisa interessante. É bem abrangente mesmo

Prof: É bem abrangente

WA: A gente pensa não é só Educação Ambiental. Você começa lendo Agenda 21, parece, né

Prof: Aram, não, contempla

WA: Contempla também

Prof: Uma das ações da Agenda 21 é tem uma questão de saúde pública. Tem até a questão o que que o posto poderia trabalhar com a gente. Então a Agenda 21 ela é bem abrangente, ela faz, faz é, são todas as esferas, né. Então é a social, é a parte política, né, é a esfera é de fora, né. Então, é tanto a indústria, tanto o que que o Estado pode fazer, quanto a comunidade pode fazer, você enquanto pessoa, né. Você como cidadão, então é bem abrangente a Agenda 21. E tem questões que a gente acha que é só quando fala Agenda 21 a gente só lembra da questão do meio ambiente, né. Só

WA: Não, porque justamente foi trabalhada em conferência, né. Ela foi feita em conferência. Isso não...

Prof: Não

WA: Eu pra mim também era só...

Prof: Não, tem várias coisas que podem ser trabalhadas da Agenda. Não é só a questão ambiental. Então a gente fez isso em dois mil e onze foi trabalhado isso aí com eles. Em alguns anos a gente até fez é uma feira da prefeitura que daí a gente trabalho

a, a coleta seletiva. Daí na coleta seletiva a gente trabalho com dado com as cores da coleta e os alunos jogavam o dado e escolhiam pra descarta na lixeira certa

WA: Um jogo?

Prof: Isso, aram

WA: Que legal

Prof: Isso a gente também fez com eles. Esse foi pra feira da, de...

WA: A feira de ciências?

Prof: A feira de ciências

WA: Aram

Prof: Foi e dois mil e dez que a gente fez isso

WA: Aram

Prof: E

WA: E esse tema, ãh pra, pra desenvolve até chega nesse tema da feira de ciências vocês usaram o ano todo ou foi uma parte do bimestre?

Prof: Geralmente assim depois ali da, das férias, porque geralmente a feira começa é , em novembro, outubro/novembro, geralmente é final de outubro/novembro.

WA: É

Prof: Então a gente desenvolve ali depois da, depois das férias. Que a gente começa. Vem as férias de julho e a gente começa desenvolve o projeto com eles. A gente não faz o ano todo. Faz uma parte só.

WA: Mas ele..

Prof: Tá errado...

WA: Mas contempla no, tá contemplado no planejamento anual de vocês ?

Prof: Sim , a feira

WA: Porque era uma coisa

Prof: Que é algo do calendário

WA: (Inaudível) Fazia parte do calendário

Prof: Faz parte.

WA: Então de alguma forma ele

Prof: Ele

WA: É do conteúdo que entrava

Prof: É do conteúdo

WA: Nesse ano entro, né. Mas no ano, nos outros anos foram outros tipos de temáticas, fora da, do meio ambiente...

Prof: É a gente cada ano a gente escolhe alguma coisa, né. A gente para pra pensa e ah, o que a gente pode fazer pra feira. Então a gente trabalho sobre Leonardo da Vinci um ano

WA: Eu lembro

Prof: Né, você lembra... (riso) a gente trabalho, a gente trabalho sobre alimentação saudável um ano, primeira feira foi sobre alimentação saudável. Aí a gente trabalho Leonardo da Vinci, trabalhamos lixo tecnológico, a gente trabalho também

WA: Interessante, né

Prof: urum, a gente trabalho, esse foi em dois mil, foi o último agora em dois mil e, de dois mil e onze, de dois mil e onze foi esse

WA: tecnologia

Prof: É, urum

WA: Interessante, né. E os alunos perceberam essa questão, né?

Prof: Nossa, eles fizeram robzinho de, de mouse, de, sabe, usaram a sucata tecnológica e fizeram, nossa bem bacana mesmo

WA: É

Prof: bem legal, urum

WA: Usando sucata tecnológica?

Prof: Usando, usando sucata tecnológica

WA: aram

Prof: Daí a gente trouxe um pouco do túnel do tempo também pra eles, né. O que que era lá uma máquina (inaudível)

WA: (Inaudível) aram

Prof: Uma máquina de escrever tá tá. Acho que foi isso que a gente trabalho nas feiras. Daí (inaudível) mais um ano que foi, acho que foi dois mil e de, dez, dois dois mil e nove dois mil e dez que daí foi sobre esse do, do lixo. Acho que foi dois mil e dez, a gente não lembra mais, a gente só lembra o que a gente trabalho, mas o ano a gente acaba esquecendo, né.

WA: É mais eu acho que, né (risos)

Prof: Mas foi, foi alimentação, foi Leonardo da Vinci, foi, foi do lixo tecnológico, foi esse, foram quatro, que daí essa ia ser a quinta feira, né

WA: urum

Prof: A gente tava em todas.

WA: É difícil se..., né a gente tá dentro da área, né

Prof: Dentro da área

WA: É complicado, né se afastar

Prof: Então acho que é isso, de projetos, é

WA: De projetos desenvolvidos pela escola

Prof: Tem sim é teve em, em dois mil e e nove ée, teve os professores do sexto ano, em dois mil e dez , que daí os alunos tavam (inaudível). Em dois mil e dez na feira da feira de conhecimento eles fizeram reaproveitamento de de embalagens, sabe eles fizeram a reutilização

WA: Eles coletaram ? Teve uma campanha de coleta?

Prof: Não teve

WA: Não teve campanha

Prof: Não, não teve eles é objetos que poderiam ser reutilizados de outra forma. Então foi feito uma mostra lá de artesanato. Essas coisas. Isso foi com a sexta série, a Liliane e a Daniele que fizeram

WA: Foram as

Prof: Foram as professoras de Geografia

WA: Geografia

Prof: Urum

WA: É interessante, né vê o mesmo objeto de outra forma

Prof: Aram. Elas apresentaram naquela feira cultural da escola

WA: Ah é mais um evento, né além dos eventos da prefeitura, tem evento dentro da escola

Prof: Feira do conhecimento digamos assim, né

WA: Mas essa feira vocês tão inseridos também de alguma forma, vocês são meio...

Prof: Não (inaudível) tem que fazer (risos) Conteúdos que se relacionam com a Educação Ambiental Nessa parte o as Diretrizes elas apontam, né porque elas falam tanto da questão do conteúdo em si, fala da questão da Ciência e da Tecnologia, então aponta sim. Tem vários conteúdos que você pode trabalhar com Educação Ambiental

WA: Aram

Prof: As nossas Diretrizes contemplam bastante isso. A gente não pode dizer que não contempla, né

WA: Não, elas comentam bastante

Prof: Bastante, bastante. Então tem sim, os conteúdos estão sim relacionados com Educação Ambiental. Se a gente fizer análise do nosso, das nossas Diretrizes, né

WA: Aram

Prof: Tá lá

WA: E que conteúdos que você pode dizer pra mim assim que você já trabalhou? Esses conteúdos não estão dentro do livro, né, que a gente comenta que

Prof: urum

WA: Tem pouca coisa no livro, né .

Prof: Urum

WA: Mas tem alguns conteúdos específicos (inaudível) no decorrer do ano que você acha que é mais assim dentro da Educação Ambiental?

Prof: Que pode ajudar, né?

WA: Isso

Prof: É então se você for ver o sexto ano por exemplo quando você vai trabalhar as verminoses, olha quanto que você pode trabalhar de Educação Ambiental aí, né.

WA: urum

Prof: Tá lá, se você for trabalhar a questão de a sexta série que é o sétimo ano que todos, todos os seres vivos que a gente trabalha, olha quanto que você pode trabalhar de Educação Ambiental aí, né . Trabalha a questão da preservação, né. A questão da extinção das espécies, o que causa essa extinção das espécies, então dá pra você fazer um bom debate se você for ver de todas essas assuntos que tem, né. Se você for trabalhar o ambiente ah eh, os primeiros lá, que você trabalha muito com ambiente marinho, aquático, né. Os, os , o início lá dos, dos animais, né.

WA: O início da vida, né

Prof: É, então olha quanta coisa que a gente pode trabalhar e inserir a Educação Ambiental aí, né. Quanto de contaminação que tem no ambiente marinho, né. Que as pessoas às vezes não se importam muito. É a contaminação dos navios aí, que o quanto que eles contaminam o mar que tá, né

WA: É verdade

Prof: Então tem coisas que o aluno não pensa muito

WA: E tem coisas muito atuais, né

Prof: Tem coisas

WA: Por que que não permitiram construir o, né, o estaleiro lá do, do Eike em Florianópolis?

Prof: É

WA: Né, tudo isso tá

Prof: Então tem

WA: Coisas bem atuais, né

Prof: Dá pra trabalhar. É a gente percebe na, na questão quando a gente vai trabalhar na, na sétima série o corpo humano, né. Por mais que seja o corpo humano olha quanta coisa que pode trabalhar dentro de meio ambiente também, né também tem assuntos que você pode trabalhar. É quando você tá bem, né tem uma saúde em dia teu ambiente tem que tá equilibrado, que que eu tenho que fazer, né

WA: Urum

Prof: É, olhar ao redor da nossa escola, é adequado não é adequado, né. É a questão do lixo que você trabalha na quinta série, né a quinta série têm os resíduos, olha quanta coisa que você pode trabalhar Educação Ambiental. Será que aqui dentro da escola tá, a lixeira seletiva tá ali. Ela é usada de forma correta? Por que que ela não é usada de forma correta, né?

WA: Não sei, será que o que falta é conhecimento, né? Será que falta realmente conhecimento?

Prof: Ou não, né, é coisa da idade, da adolescência e de ter que fazer, de transgredir mesmo e fazer o errado...tem tudo isso, né. É tem a separação de lixo aqui no pátio, mas

por que que não tem na sala? Por que que não poderia ter, né? Não precisa ser uma coleta seletiva, né, mas pelo menos só reciclado de não reciclado

WA: Até porque eles comem na sala não comem?

Prof: Comem na sala. O lanche da escola é descartado na bandeja. Não pode ter nada no lixo.

WA: Ah, é descartado na bandeja

Prof: É tudo descartado na bandeja

WA: Por que elas têm que separa lá?

Prof: Porque a Risotolândia, ela que é responsável por esse resíduo, esse lixo.

WA: Ahh,

Prof: A escola não é responsável pelo resíduo (inaudível)

WA: (Inaudível) da Risotolândia dá o descarte correto

Prof: Correto

WA: Pra esses copinhos usados

Prof: Urum

WA: Pro guardanapo, plástico que às vezes vem a embalagem. Entendi

Prof: Na sala dos professores tem coleta seletiva, na sala dos professores

WA: Tem?

Prof: Tá lá, urum tem

WA: Só que os professores usam?

Prof: Não, de forma correta não. Então você veja, né. E o que mais me doeu foi ver a mulher da limpeza num saco só

WA: No mesmo saco

Prof: No mesmo saco

WA: Dáí que diz que tem as lixeiras separadas, mas a pessoa que é responsável por recolher esse lixo junta num saco só

Prof: Urum

WA: Mas daí

Prof: Qual é o objetivo daí do descarte?

WA: Qual é o objetivo?

Prof: Adequado, né. E tem coisa que falta conhecimento, foi colocado uma lixeira marrom lá. Tá escrito lá “lixo orgânico”.

WA: Está escrito, não é só desenho, (inaudível), tá escrito

Prof: Tá escrito, tá lá. Porque tem muita gente que se confunde com, com as cores

WA: As cores, ah até eu me confundo.

Prof: Né

WA: Aram

Prof: As cores (inaudível) chega, né

WA: É confuso, é confuso

Prof: É confuso

WA: Porém tem, tá escrito, né

Prof: Tá escrito “lixo orgânico”

WA: Pelo menos duas lixeiras, né pra lixo úmido, e lixo seco

Prof: É

WA: Sei lá, né

Prof: Daí tá lá

WA: Então é complicado realmente, né

Prof: Aí tá oh, também falta muita coisa, né. É o descarte, ele acontece, até tem um texto que fala do “cinismo da reciclagem”, né

WA: Urum.

Prof: Então o descarte, ele acontece. Mas ele não acontece de forma adequada, porque o copo tá sujo de café.

WA: Exato

Prof: Se você vai culpa o professor, onde é que ele vai lava? Não tem uma pia ali pra ele dá uma lavadinha, né

WA: Não, como a gente consome acaba indo pro lixo, isso é fato, né

Prof: E a gente sabe que reciclagem não é assim né,

WA: Exatamente

Prof: O quanto que envolve, né. Não é só você (inaudível) ah não não, tá vo joga fora lá o copo sujo de café, não dá. O resíduo vai fica lá, o café. (inaudível).

WA: Qual seria a alternativa?

Prof: Né

WA: Não ter copo?

Prof: Se cada professor tivesse a sua caneca acho que isso também ajudaria, né.

WA: Urum

Prof: Mas aí faltava ter uma, um lugar adequado porque daí o pessoal não quer lavar sua caneca no banheiro

WA: É teria que ter uma piazinha ali

Prof: A gente não tem

WA: na sala dos professores...poderia ter, né uma piazinha

Prof: É já foi pensado nisso, tá. Só que não tem encanamento

WA: Que pena

Prof: Tem encanamento para água, mas não para esgoto. Isso já foi pensado

WA: Ah, e dá escola sai esgoto, sai uma , tem (inaudível), tem canalização

Prof: Tem, mas ali na sala dos professores

WA: Não tem

Prof: Não tem como ligar na rede de esgoto

WA: Entendi

Prof: Não tem como coloca ali

WA: Pois é, daí não tem como

Prof: tem da água porque a gente tem bebedouro, mas não tem pra sai o esgoto (inaudível)

WA: Não tem como você lava, então

Prof: Não dá

WA: Com certeza, aí só no banheiro

Prof: Daí só no banheiro

WA: Que pena. O banheiro é um ambiente que de fato é contaminado. Né. Complicado

Prof: Mas ainda tem muitos professores que usam a sua canequinha. Tem vários, vários professores que usam a sua caneca. Mas a escola disponibiliza copos descartáveis. Ela faz a disponibilização e mesmo assim se você for vê na sala dos professores têm vários professores que têm sua caneca. Na nossa mesa tem dois professores que tem sua caneca.

WA: Urum

Prof: Né. Tranquilo então vai da consciência também de cada um

WA: Urum

Prof: Acho que é isso

WA: (inaudível) também não não só do professor, né. Se é funcionário antigo joga tudo num só,

Prof: Aí é...

WA: Será que ela não sabe?

Prof: Não, quando quando a gente questiono assim, conversando com ela, que que ela falo ela não tá errada naquilo. Se existe pessoas que descartam errado, porque que ela vai fica separando lá, entendeu

WA: Ah, então ela encontra as coisas misturadas

Prof: É, porque o descarte não é adequado. A gente sabe que tem professor que descar, descar, descarta adequado. Tem gente que não descarta de forma adequada. E aí quem que vai faze essa conscientização aqui dentro da escola ?

WA: Não dá pra dize que é falta de conhecimento, né. O que que você acha?

Prof: Não

WA: Será que dá pra dize : não o cara não conhece

Prof: É que existem aquelas pessoas que são comprometidas e aquelas que não são e elas não vão muda, né. E daí quem que vai faze essa conscientização aqui dentro da escola. Uma escola pública ainda, né. Que daí vem a questão de interpessoal pra não leva pro lado pessoal, pra você criar um clima harmônico dentro da escola. Então tem n fatores, né

WA: Aram

Prof: Então como você vai faze de forma adequada? Você pode até faze lá, explica certinho pra eles, olha aqui é lixo isso, aqui aquilo, aqui aquilo, e aquele que continua descartando errado? Primeiro você tem que saber quem é que tá descartando errado, né. Porque olha quantos professores são aqui. São muitos, não tem como você exatamente aquele que tá descartado errado. (inaudível)

WA: (Inaudível) Manhã, tarde, noite não mais, mas manhã e tarde é muita gente, né.

Prof: Não tem como você sabe

WA: É, teria que fazer uma...sei lá...de repente pra todos, né. Uma discussão em grupo sobre o assunto em algum momento, em alguma reunião. Mas é complicado, né.

Prof: E ahh, e o material didático que separa o papel. Tudo que é papel daí é vendido.

WA: Ah tá, e da onde vem esse papel?

Prof: Esse papel, digamos assim, é no final do ano sobra de avaliação é alguma (inaudível), que sempre lá no xerox, sempre tem bastante papel, alguma coisa. Daí esse, essa, esse papel vai sendo descartado ali.

WA: vai ser descartado

Prof: vai ser descartado ali

WA: Então as provas que sobram em geral os professores devolvem lá então?

Prof: Quando faz aquela limpa lá no final do ano no armário, daí

WA: Acaba jogando

Prof: Vai pra lá

WA: Vai pra lá.É interessante , né até como forma pra arrecadar algum dinheiro, né

Prof: É

WA: Pra escola, né. Pra reverte em alguma produto alguma coisa que seja possível, né

Prof: É

WA: Mas é só papel?

Prof: Só papel. As meninas pede só papel.

WA:É, porque lá no CAIC o pessoal recolhe até papelão, onde vem os os sulfite, sabe, aquelas caixas, aquelas coisas, as meninas separam até o papelão pra vende,

Prof: É, eu acho (inaudível)

WA: É que lá tem uma comunidade, aqui deve ter também, mas lá tem uma comunidade bem de de agentes de reciclagem bem pronunciada,né.

Prof: Eu acho aqui também,acho (inaudível) tem sulfite também acho que vão pra lá. Mas eu sei que elas insistem bastante fala “olha profe, só papel”, né. Porque senão às vezes o povo joga outra coisa, né, (inaudível)

WA: só papel

Prof: Então ela pede papel, papel, papel...Educação Ambiental e o Projeto Político Pedagógico. Eu vo fala uma coisa bem feia pra você agora

WA: Você fala o que “ce” quise (risos) depois a gente pode corta. (Risos)

Prof: Risos. É eu, eu, nossa eu leio pouco o projeto político pedagógico. É um erro, né, mas eu não sei (inaudível)

WA: Olha, eu falei com a vice-diretora, que eu acho que é professora da tarde (inaudível).

Prof: Camille

WA: Urum. E ela me falo o seguinte eu pedi a disponibilidade do digital, né.

Prof: Urum

WA: Que já eles não não é máquina de datilografia então eu suponho que tem

Prof: Aram

WA: O digital. E parece que tá sem esse digital. Porque foi reformulado e foi mandado pra Secretaria.

Prof: Isso. A gente mexeu ano passado

WA: O ano passado vocês mexeram nele. Muito bem. Então vocês ajudaram em algum momento, foi na permanência

Prof: Foi

WA: Em que momento foi

Prof: mas a gente se se ateve na, na, no projeto entra o regimento, né.

WA: Ah, então vocês focaram mais no regimento do que na proposta pedagógica

Prof: na proposta pedagógica

WA: Ah, então não teve muita alteração na

Prof: na proposta pedagógica não. Mas na, no regimento, algumas normas, algumas coisas teve.

WA: Interessante

Prof: Então no pedagógico a gente não teve essas leituras do pedagógico nas permanências. E isso é uma falha, não só minha mas acho se se você pergunta pra vários professores, eles não vão sabe.

WA: É

Prof: O que contempla o projeto político pedagógico. É uma vergonha, sabe. Mas eu não sei te dize (inaudível). Se tá dentro das Diretrizes, tinha que ta lá em algum lugar.

WA: Eu imagino que sim. Eu imagino que sim, né.

Prof: Tinha que estar lá. Porque o projeto vai entra tudo, até os que, os projetos extras da escola, né.

WA: Entra tudo, entra tudo (inaudível)

Prof: Né. Então por exemplo a guarda mirim. A guarda mirim deve trabalha essa parte de Educação Ambiental

WA: A guarda mirim, né. Pois é , e aqui é muito forte, né

Prof: A guarda mirim aqui é, apesar que ali é mais. Mais que aqui.

WA: É. Que interessante. É um projeto interessante (inaudível).

Prof: É um projeto interessante da guarda mirim. Então é, não sei se teve continuidade esse ano, não sei te dize se com esses, com essa mudança né

WA: Aram

Prof: Eu não sei te dize sobre a guarda mirim se mantém, se manteve.

WA: Aram

Prof: mas é, lá vai ter a guarda mirim, lá vai ter o projeto de deve ter a UEI ali, no ensino integral (inaudível)

WA: Se faz parte da escola então provavelmente contém.

Prof: mas eu só to, é só suposição, achismo. Realmente eu não não se te dize. Que vergonha, né. Você não sabe, que vergonha.

WA: te garanto que você não é a única. (risos)

Prof: (risos)

WA: A gente não participa muito porque fica muito para o pedagógico, eu acho. De repente sabe, e o professor fica meio de fora, né. Não chamam a gente assim olha vamos senta pra ver a proposta pedagógica, não só o regimento. Nos perguntam quais são os nossos direitos, nossos deveres, o que que o aluno pode, o que que o aluno não pode. Muitas vezes ninguém pergunta pra gente “mas e o pedagógico?”. “Teve alguma mudança, não teve?”

Prof: Fora que pra nós assim, nós, falta leitura, né. A gente lê pouco, né.

WA: mas é a cultura do professor, né

Prof: A gente lê muito pouco. Isso é ruim, muito ruim mesmo. Mas a gente lê pouco. O que deve ser lido, lê muito pouco. É minha formação na graduação em Educação

Ambiental. Então eu tive sim Educação Ambiental na faculdade, tipo uma matéria de Educação Ambiental. Tive, não posso falar, eu tive.

WA: Onde você, onde você estudou?

Prof: na Tuiuti.

WA: Você fez na Tuiuti.

Prof: Urum

WA: Legal

Prof: Então teve. Teve Educação Ambiental lá. É...eu fiz uma pós-graduação em Educação Ambiental e Gestão Ambiental, né. Então eu também dei uma boa estudada na parte de, de Educação Ambiental. E acho que é isso aí. Na minha formação eu tive sim, não posso reclamar. O básico, mas, mas foi contemplado.

WA: mas no teu mestrado você teve disciplinas?

Prof: Não, não tive disciplinas.

WA: Sobre isso não?

Prof: Não, ...mesmo que o meu, a minha dissertação seja focada em Educação Ambiental, eu não tive uma disciplina de Educação Ambiental.

WA: Foi por leituras

Prof: Foi por leituras.

WA: E que você leu?

Prof: É, o que que a minha, né. O que que foi na parte de orientação: uma Educação Ambiental Crítica Transformadora, né. O que é o que se prega, né. Então a gente leu mais esse foco de...Michele Sato, Isabel Carvalho, né. O Dias, tem que lê Dias quem vai trabalhar Educação Ambiental tem que lê o Genebaldo, não adianta.

WA: Eu li ano passado.

Prof: *Princípios e práticas*? Práticas e eu nunca sei, é princípios e práticas acho

WA: *Princípios e práticas em Educação Ambiental* é uma coisa que é quase uma bíblia, né.

Prof: É (inaudível)

WA: Todo mundo que trabalha com isso tem que lê

Prof: Tem que lê.

WA: Tem que lê e ele é super extenso. Mas na medida que é muito extenso ele também te prende ali, porque

Prof: É uma leitura boa

WA: Ele não é repetitivo, né. Tem alguns autores que se repetem e cada texto que você lê da pessoa às vezes (inaudível) e fala sempre as mesmas coisas, de maneira diferente, mas as mesmas coisas.

Prof: A mesma coisa.

WA: E o Genebaldo não, ele vai, toca o livro todo, que é extenso, mas de uma maneira bacana.

Prof: É. E ele traz, faz o resgate, né. Ele tem o resgate histórico, como que trabalha tudo, né. Então não adianta, se você vai trabalhar Educação Ambiental você tem que ler Dias. É uma leitura obrigatória. E é lógico você vai, você vai, o que que você vai quer, daí vai ter que ir na sua linhagem, vai ler, vai ler Sato, você vai ler Carvalho, você vai ler, né. Tem que, vai da tua...mas foi mais essas leituras aí. E li dissertação. Dissertação eu...O que tinha de dissertação em Educação Ambiental eu li, até que bastante (inaudível)

WA: Em Educação Ambiental ou focada na agent...na Agenda 21?

Prof: Tem muita pouca coisa na Agenda 21.

WA: Tem quase nada, né. (inaudível) Acho que você sofreu muito por isso, sabe

Prof: A agenda

WA: Você escolheu um tema que quase nada escrito.

Prof: Agenda 21 tem muito pouco. Escreve-se muito pouco. Eu comprei um livro da Agenda 21

WA: É

Prof: Que fala da Agenda 21.

WA: Que livro que é? Você lembra (inaudível)

Prof: É Barbieri. Que é

WA: Ah, o Barbieri

Prof: Ah, esqueci o nome, o primeiro nome, mas é Barbieri.

WA: Barbieri, aram

Prof: Esse teve um, ainda explico pouco sobre a Agenda 21.

MA: Aram

Prof: Né...mas a leitura da Agenda 21 é muito pouca. Você tem que lê a Agenda 21

WA: tem que senta lê a Agenda 21

Prof: Agenda 21. Mas o, o...poucas pessoas estudam a Agenda 21. Não tem muita, não tem muita coisa sobre a Agenda 21.

WA: Não tem muita produção escrita.

Prof: Não tem produção escrita sobre a Agenda 21. É pouca coisa que tem. Educação Ambiental tem nossa muita coisa que você possa trabalhar com Educação Ambiental

WA: É

Prof: Mas a Agenda 21 nessa parte (inaudível)

WA: E você entro banco de teses da Capes?

Prof: Eu entrei, entrei (inaudível) acho que não foi da Capes. Sabe quando você vai pesquisando assim

WA: Eu sei, aram, sei

Prof: Acho que na Capes, na Capes não fui

WA: Aram, você digitou uma palavra chave assim pra procura?

Prof: Agenda 21 (risos) , Agenda 21, Agenda 21

WA: (risos) você tem uma ideia de quantas tese e dissertações você acho?

Prof: De Agenda 21, de Agenda 21 eu não achei nenhuma. Pode ser que eu procurei no lugar errado. Mas de Agenda 21 propriamente dita.

WA: Provavelmente não existe mesmo. Provavelmente, né.

Prof: Propriamente dita sobre Agenda...

WA: Sobre a Agenda 21 a tua foi a primeira, provavelmente

Prof: Então não, não vi assim. Artigo que tinha sobre Agenda 21, que trabalhava um pouco a Agenda 21, esse livro que me ajudo bastante também. Mas ajudo entre aspas porque ele fala da Agenda. Se ele fala da Agenda, é só olha a Agenda, também, né.

WA: Urum

Prof: (inaudível) Então ele dá uma resumida na Agenda, então pra quem, que a Agenda é muito extensa, né. Daí você tem a Agenda global, você tem Agenda brasileira pra se lê, né. Curitiba não tem Agenda

WA: Curitiba não tem Agenda 21.

Prof: Curitiba não tem Agenda 21

WA: Teu projeto de doutorado (risos)

Prof: (risos) Curitiba não tem Agenda 21.

WA: (inaudível)

Prof: É eles tem uma Rede de Educação Ambiental que tá pensando nisso. Pra fazer pelo menos Paraná, né

WA: Pelo menos o Paraná. É no Paraná também não tem muita coisa, né. Tem ONGs que trabalham, mas acho que dentro do círculo da escola a gente não vê.

Prof: Não vê.

WA: Não vê

Prof: É, é a Agenda 21 pra trabalhar na escola nossa, tanto que nem um aluno meu conhecia a Agenda 21.

WA: Pra você vê. Pra você vê. E quando você levou pros professores fazerem análise do teu, da tua produção, eles conheciam a Agenda 21, já tinham lido ou não?

Prof: Então, é quando eles fizeram análise

WA: Foi só professores de Ciências?

Prof: Só profe, não teve Matemática e Português.

WA: Mas você escolheu?

Prof: Eu escolhi, escolhi aqueles que eu sabia que iam me dá resposta, né (risos) Peguei por afinidade, digamos assim.

WA: Por afinidade.

Prof: Entendeu?

WA: Aram

Prof: Eu escolhi por afinidade, porque não adianta eu manda pra um monte que não vai eh, eh um trabalho que a pessoa faz por amizade mesmo. Porque era um documento de cinquenta páginas pra ser lido

WA: (Inaudível)

Prof: A pessoa tem que lê, a pessoa tinha que analisa se aquelas atividades eram pertinentes no ambiente escolar

WA: Eu tinha lido pra você,

Prof: Né

WA: (risos)

Prof: Pois é, não tinha sabe. Então o que que eu fiz, eu mandei, eu mandei pra nove pessoas e oito me retornaram.

WA: Nove de

Prof: De nove oito me retornaram.Nossa eu fiquei muito feliz. Mas o que que eu fiz eu selecionei aquelas pessoas que eram aquelas pessoas que eu, que sabia que podia conta que elas iam, que elas iam responde. Então eu pedi pra, tentei manda pra pessoas de outras áreas também,

WA: Aram

Prof: Né, pra pra ter uma uma, pra ter não só Ciências, né. Então, teve duas professoras de Português que fizeram, teve uma professora de Matemática que respondeu também, né. Mas ó, a maioria é, foi Ciências mesmo.

WA: Foi Ciências (inaudível)

Prof: Que é do meu círculo de amizade, né. Então nessa parte assim seria ótimo se eu pudesse pedir pra todos os professores aqui da escola faze. Mas é é, você sabe como é que é. Infelizmente a maioria quando é coisa que dê trabalho ele não faz. Não vai faze. Então eu fiz essa opção, eu mandei, né. Pra faze análise do meu caderno pedagógico e pro meu círculo de amizade.

WA: E a análise que veio você colocou no corpo da dissertação?

Prof: Coloquei no corpo

WA: No corpo, aah

Prof: no corpo da dissertação.

WA: Então você tem uma dissertação e daí você tem uma produção técnica a parte?

Prof: A parte

WA: Que nem a dá Raquel

Prof: Exatamente. A produção técnica está a parte. Mais a análise da produção técnica está no, na dissertação.

WA: A análise tá na dissertação

Prof: A análise

WA: Acho que faz parte de um capítulo inclusive

Prof: Aram é. Os resultados e discussões lá.

WA: Isso, isso, aram. Como você dividiu dentro da da dissertação? Você um histórico de Educação Ambiental?

Prof: Fiz. Até a minha orientadora falo “ai todo mundo gosta de histórico”, mas não tem como você, você. Eu fiz um negócio bem pincelado, assim sabe

WA: Aram

Prof: O básico do básico mesmo, da história da Educação Ambiental. Então eu trabalhei história da Educação Ambiental, eu trabalhei a Agenda, a Educação Ambiental, trabalhei a Agenda 21, o Desenvolvimento Sustentável. Eu usei a palavra desenvolvimento sustentável, essa foi a grande polêmica. Tanto que eu explico já no meu resumo porque que eu usei a palavra Desenvolvimento Sustentável, não Sustentabilidade, ou Sociedade sustentáveis.

WA: Urum

Prof: Porque existe grande debate aí dessa palavra, né

WA: Urum

Prof: Porque a Agenda 21 só fala em Desenvolvimento Sustentável.

WA: Urum

Prof: A Agenda 21 não fala. PCN fala em sustentabilidade e explica, explica o por quê, né.

WA: PCN fala.

Prof: É, PCN fala, né e explica o por quê (inaudível)

WA: No caderninho de Meio Ambiente, né?

Prof: E não porque do Desenvolvimento Sustentável. Então ele tem essa explicação.

WA: Aram

Prof: É...no, nos Temas Transversais tá lá. Na parte lá. (inaudível)

WA: (inaudível)

Prof: E.sei que eu trabalhei com meus alunos a Agenda 21. E o que que aparece na Agenda 21? A palavra Desenvolvimento Sustentável.

WA: aram

Prof: Então eu não tinha o por quê na, na minha dissertação eu não usa essa palavra. Que os alunos aprenderam essa palavra. Agenda 21 só fala em Desenvolvimento Sustentável.

WA: Urum

Prof: E é um negócio muito dúbio, né. É Desenvolvimento Sustentável, Sustentabilidade, Sociedade Sustentável.

WA: É a mesma coisa?

Prof: Depende de cada autor, o que que cada autor vai

WA: Aram. Dentro da tua pesquisa, você acho que era a mesma coisa?

Prof: Dentro da minha pesquisa existe é aqueles, aquelas pessoas que acabam falando que é só uma questão de nomenclatura. E existem não, aqueles que acham que existe uma diferença sim porque não tem como ter um Desenvolvimento Sustentável. São palavras dúbias que não

WA:É incompatível

Prof: É incompatível.

WA: urum, eu já li isso também. (inaudível)

Prof: Que é incompatível.

WA: mas a política me relação a isso, falando de política agora, né

Prof: Aram

WA: a política é que seja Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Você chegou a ver a , o, os documentos que foram, que saíram da, da Rio+20?

Prof: É da Rio+20 eu, como eu tava qualificando, quase no final ali, que eu, né

WA: Urum

Prof: aí o que que eu fiz, eu li um resumo da Rio+20, né. Ainda quando eu tava, porque foi bem, foi ali em junho, eu defendi, eu, minha, eu qualifiquei em julho, né. Então o que que aconteceu, é naquela loucura foi começo de julho, né. Quando termino a Rio+20 sai, quando saiu o documento oficial, saiu em inglês. A primeira versão

WA: A primeira versão saiu em inglês

Prof: Saiu em inglês, e daí demoro um pouquinho pra depois sair em português.

WA: Aram

Prof: E aí nessa fase cê sabe mais do que nunca, né. Porque a gente fi...pira, né.

WA: Aram

Prof: Então, o que eu, o que eu li mesmo foi algo que é foi aquela Veja especial que saiu sobre a Rio+20

WA: Aram, essa não li. Ah eu tive acesso aos documentos assim, e a impressão que eu tive é que é não é mais Educação Ambiental. Sabe, ela tá realmente de acordo com esse Desenvolvimento Sustentável, que é o que a política que, né

Prof: urum

WA: O que é dentro do, da esfera econômica, né. O modelo econômico não que outra coisa. Não espera outra coisa, né

Prof: É. Também eu, foi falado também da questão da Rio+20 que se trabalho muito pouco, né. Trabalho mais as questões políticas mesmo que você falo,

WA: Urum

Prof: Do que aquilo que é necessário, né. Que tinha necessidade mesmo, né. Acho foi foi o, foi um evento mais político, né do que um, que auxiliasse mesmo, né em alguma coisa. Então (inaudível)

WA: Essas conferências têm se tornado cada vez mais políticas, mais preocupadas com isso, eu acho, né

Prof: É, se você pergunta pros ambientalistas mesmo, eles não, a, a sua visão da Rio+20 é negativa, não foi uma, uma, uma (inaudível)

WA: Não foi positiva

Prof: Não foi uma visão positiva

WA: E será que da Rio-92 pra essa Rio+20?

Prof: Existia um outro foco (inaudível)

WA: Porque tinha, teve outros documentos

Prof: É, teve outros

WA: Que saíram

Prof: Tem o Tratado, né

WA: É exatamente, é diferente, né

Prof: É

WA: Acho que até por isso

Prof: O foco, o foco mudo, né. Trabalhou-se pouco, né. Deu a ênfase de volta na Agenda 21, né. Falo de volta na Agenda 21.

WA: Sim

Prof: mas não adianta só, tá lá no papel, né. Não é trabalhada a Agenda. A escola, a escola agora é o próximo passo, que primeiro tinha-se que trabalha com todos os alunos da escola, sobre a Agenda 21. E o próximo passo seria a escola cria sua Agenda, né. Escola tinha que ter a sua Agenda. Busca meios pra faze a sua Agenda, né. Esse é o objetivo, faze a Agenda, ter uma, ter as Agendas locais.

WA: Urum

Prof: E aonde que tá essa Agenda local? Só tem a Agenda 21 brasileira. E as Agendas locais...

WA: As , as , nem é pois é, nem o estado, né

Prof: Né

WA: não sei se algum estado do Brasil fez a sua?

Prof: Tem, tem

WA: (inaudível) Que estados que têm, você sabe?

Prof: É acho, acho Joinville fez a sua Agenda. Tem uma lá em São Paulo que fez. Tem cidades que tem (inaudível)

WA: Que tem Agendas locais, então.

Prof: Têm Agendas locais.

WA: Tem que senta e faze, né

Prof: É

WA: tem que senta e pensa, na verdade

Prof: Urum. Então, tem, tem, tem lugares que tem a sua Agenda local.

WA: Aram

Prof: Então eu acho que falta bastante, ainda. Tem bastante coisa ainda pra ser analisada. Sei lá, vamos ver. E o projeto, e Educação Ambiental ainda tá se trabalhando bem, né. Bem fragmentada, né.

WA: Urum

Prof: A sua, são pequenas ações, né. Não trabalha-se o todo, né

WA: Urum

Prof: Pequenas ações. Ah, então vamo “lixo”, “lixo”, né. Tal coisa, tal coisa, né. Tudo muito fragmentado, ainda se trabalha assim.

WA: mais algum professor trabalha que você saiba?

Prof: Aqui na escola? (inaudível)

WA: Fora do círculo dos professores de Ciências

Prof: Urum

WA: mais alguém?

Prof: Teve, é é a de Geografia que trabalho nesse ano depois nos outros anos eu não sei não te diz. Não sei te diz.

WA: Coisas que você vê espalhado pela, porque a gente procura também os cartazes, né

Prof: Urum

WA: porque vê muito, a não se você vai trabalha na sala

Prof: Urum

WA: Alguma coisa pode aparece na escola: cartazes, campanhas, folders, às vezes

Prof: Aram, surge

WA: é um trabalho que aparece

Prof: Aparece

WA: Você já viu? Você já fez?

Prof: Não, não. Já fiz, já fiz.

Wa: Urum

Prof: A gente fez um painel com dicas ambientais

WA: Ai que legal.

Prof: A gente já fez.

WA: Urum. Você não tem esse painel por aí, pra eu fotografa?

Prof: O painel não. Tem, algumas tem. Alguns, alguns desenhinhos tem. (ela procura os desenhos em uma pasta)

WA: Ah você tem no seu computador?

Prof: No meu computador aqui tá a minha dissertação.

WA: Eu trouxe o meu pendrive.

Neste momento uma professora da escola nos convida para o lanche

WA: (inaudível)

A professora diz que estamos muito sérias.

WA: A gente já vai, já vai encerra aqui.

A professora diz que estou inventando moda.

WA: É, tenho que entrevista as pessoas, né. (risos).

Prof: Esse daqui foi foi da escola, que a escola...

WA: Ficou muito bonito.

Prof: Esse que que era (inaudível) era alguma coisa de um evento na escola. E daí a gente trabalho.

WA: Hum, que interessante.

Prof: Aí esse daqui é porque eu trabalhei com eles...

WA: lembra que evento que era?

Prof: Acho que foi numa integração.

WA: Integração seria?

Prof: sabe aquele que as crianças vão embora mais cedo?

WA: Aram

Prof: Foi numa integração.

WA: Ah tá. E você desenvolveu com...

Prof: Sétima série.

WA: Sétima série.

Prof: urum

WA: Urum.

Prof: esse daqui é de dois mil e ...

WA: dois mil e onze, aqui ó

Prof: Ah dois mil e onze. É que eles saíram ano passado em dois mil (inaudível) é eles tavam na oitava.

WA: É

Prof: Foi dois mil e onze

WA: Aram

Prof: esse daqui eu gosto muito de trabalha com eles a questão do folder. Então trabalhei cigarro, daí ó. Eles tinham que faze um folder sobre o cigarro.

WA: Aram. Trabalho muito bonito, bem caprichado,né. Eles capricharam ,né

Prof: capricharam.

WA: E você deixou exposto?

Prof: A gente fez, aram.

WA: Aram , daí só depois você guardo, porque realmente tá bonito. Legal. Alguns desses você me empresta, eu te devolvo, prometo

Prof: Aram

WA: Só pra eu escanear, porque

Prof: Só que a única coisa só tira o nominho deles, né.

WA: não pode deixa, eu vou tirar. Não se preocupe. Vou tirar, ai que legal esse aqui. (inaudível). É um carro...

Prof: Então o que que eu tenho por hábito, eu guardo, sabe.

WA: Aram

Prof: Alguns assim eu guardo, porque eu acho que é tão

WA: É interessante você ter, né

Prof: É.

WA: Olha aqui esse, que coisa bonita.

Prof: urum

WA: Você uso algum texto-base

Prof: As dicas ambientais lá, sabe? Tinha, tinha um, onde que eu ter isso agora? Tinha dez dicas lá, eu não me lembro exatamente qual texto que era. Mas era dez dicas e a gente trabalho as dicas. Mas foi numa integração que a gente trabalho esse aqui.

WA: É, mas eram dicas de Educação Ambiental? (inaudível)

Prof: Eram dicas de Educação Ambiental.

WA: Tinha texto

Prof: Urum

WA: E você trabalhava

Prof: E a gente trabalho.

WA: ãh legal.

Prof: E esse que eu guardei porque ai eu , eu os bonitinhos assim eu...eles fazem com tanto carinho, né.

WA: Ah interessante isso que você foi no painel e depois não custa guarda, né.

Prof: Ó...

Ela mostra cada um dos desenhos dos alunos

Prof: uma das dicas era pra gente ter a horta, tal. Olha que bonitinho que ficou esse.

WA: É. Vocês tem horta aqui no Omar ou não?

Prof: não

WA: Não tem espaço físico, né

Prof: Não tem espaço físico

WA: É tudo...não tem grama,né

Prof: não...esse aqui foi de drogas que a gente fez, eu guardo. Álcool, esse daqui é da sétima série daí. Tudo sétima (inaudível)

WA: Tipo eu misturei tá.

Prof: Não, não tem problema. Tá tudo misturado. Aqui também tem integração que a gente trabalho sobre drogas, eles fizeram “as más influências”

WA: Aram

Prof: Era história em quadrinhos (inaudível)

WA: (inaudível) Tá bom, ainda bem que eu me lembrei de te perguntar isso,

Prof: Até

WA: São coisas que eu preciso coleta de prática,sabe. Resíduo de prática. Mas eu vou tirar (inaudível)

Prof: É, só tira o nominho deles

WA: Não, pode deixa.

Prof: E aí

WA: Eu tiro sim

Prof: esse aqui é uma, uma do posto veio fala sobre piercing com eles.

WA: Ah, que interessante

Prof: Explica porque, as consequências que ela atende muito jovens que colocam em

WA: De qualquer jeito

Prof: lugares que não é pra ser colocado

WA: Ai

Prof: Que infecciona, daí ela, ela mostro um aspecto histórico muito bacana dos adereços, que acha que tá na moda, mas na verdade, né, quantos anos,né

WA: É muito antigo

Prof: É muito antigo, né

WA: Muito antigo, é isso é verdade.

Prof: Eu achei muito bacana. Veio uma menina da, da Unidade de Saúde, ela veio. A gente convidou, ela veio pra fala sobre o piercing. Bem bacana.

WA: legal

Prof: Acho que é isso, né. Mais alguma coisa?

WA: Acho que não. Você organiza as fichas assim

Prof: Aleatoriamente.

WA: Aleatoriamente?

Prof: urum, aleatoriamente. Aquilo que eu fui olhando, falei assim “acho que esse daqui...”

WA: esse aqui é legal (riso)

Prof: É, aram, aleatório

WA: Aleatório

Prof: Urum

WA: Legal

Prof: Não teve uma sequência não, foi aleatório.

WA: Aram. E daí o que você trouxe do teu trabalho de mestrado pra sala de aula, esse ano, como você tá no laboratório, ano passado você tava no laboratório também ou não?

Prof: Ano passado eu fiquei até setembro mais ou menos eu tava em sala, depois eu vim pra cá.

WA: É

Prof: Porque daí a Liana pediu licença-prêmio eu vim pra cá.

A entrevistada interrompe sua fala e cumprimenta uma colega que entra no laboratório.

Prof: Eu vim pra cá em setembro

WA: Você acha que o trabalho no laboratório facilita o trabalho com a Educação Ambiental?

Prof: Com a Educação Ambiental? Porque a, porque olhe aqui a gente foca aquilo que o professor quer que trabalhe, né. Só se eu fizesse um projeto a parte de Educação Ambiental. O que tem um projeto a parte é de sexualidade não é de Educação Ambiental.

WA: Não é Educação Ambiental.

Prof: Não é Educação Ambiental.

WA: Existe um projeto de sexualidade então?

Prof: Existe um projeto de sexualidade.

WA: Que é desenvolvido?

Prof: Ele é desenvolvido com as aulas de Português, eu pego metade da turma e a gente trabalha questões de sexualidade.

WA: Perfeito.

Prof: Isso a gente trabalha.

WA: Interessante

Prof: Ele é um pouco mais efetivo no Durival do que aqui, porque aqui eu to pegando agora, né. Então não, ainda não tá todo sistematizado

WA: Não consegui ainda

Prof: É, lá no Durival esse projeto tem dez anos

WA: Nossa

Prof: dez anos

WA: urum

Prof: daí a gente trabalha não só a questão do corpo, trabalha a questão de tudo, beija, fica, namora, autoestima, tudo

WA: (inaudível) no seu amplo (inaudível)

Prof: No seu amplo aram

WA: Aram

Prof: a gente trabalha isso

WA: Aram, e no caso nunca, nunca foi pensado faze como é o de sexualidade faze um de Educação Ambiental?

Prof: urum, pois é, porque no momento assim o que falta é profissional mesmo, né. Como é que a gente vai faze pra trabalha, né? Seria bacana se a gente fizesse oficinas, né, trabalhasse uma forma assim mais sistemática com eles, né. Talvez eles soubessem lá. Porque uma vez por mês eles vem pro laboratório pra trabalha Educação Ambiental.

WA: urum

Prof: Seria legal. Mas não, eu não consigo fazer um horário pra isso.

WA: Sistematizado seria, né. Seria bom...

Prof: É

WA: Por que você acha que é meio solto ?

Prof: Acaba ficando meio solto. Porque o que que acontece eu não consigo trabalhar aqui é , a Educação Ambiental nas atividades, elas pedem prática. Que nem pediu teoria, to trabalhando a teoria da origem da vida, Oparim. (inaudível). Não vo entra aí. Posso, posso entra aí sim, nossa. Quanto de poluição que teve, que que influenciou a extinção de espécies e tudo mais, né. Alguma coisa assim, mas não em cinquenta minutos.

WA: É, nós temos pouca aula, pouco tempo de aula, né.

Prof: Pouco tempo de aula.

WA: Eles têm aula de laboratório uma vez por semana?

Prof: Não, uma vez por mês. Mai ou menos, porque eu pego a escola inteira.

WA: Uma vez por mês tem aula de laboratório aqui no Omar.

Prof: Uma vez por mês. Que eu acho assim é pouco , é pouco, mas é melhor que em muitos lugares, que aqui é uma vez por mês, sistemático

WA: Sistematizado

Prof: Sistemático

WA: Um acompanhamento, uma complementação seria, né?

Prof: É aram

WA: As aulas

Prof: É aram (inaudível)

WA: (inaudível)

Prof: Porque não em como aula, pega do sexto ano até a oitava série. E não pego turma inteira, eu pego a metade da turma.

WA: urum

Prof: Como é que você vai trabalhar uma prática com trinta alunos sozinha aqui? Não dá

WA: Aram

Prof: Então se tem que trabalhar que tenha qualidade, que você, que os alunos venham aqui e façam a prática, né. Que os alunos possam participa da aula prática. Por vir aqui

só para eu fazer o experimento e eles faze observação daí não é válido, né. Então eles precisam faze

WA: Um experimento pra observação

Prof: Né

WA: Talvez não seja tão eficiente, né? (inaudível)

Prof: Eles tem, né. Eles tem que participa

WA: Sim

Prof: E pra participa trinta não dá. Trinta e dois, tem turma aí que tá com trinta e quatro, trinta e cinco, trinta e sete alunos.

WA: meu Deus

Prof: As oitava séries tão com trinta e oito, trinta e sete, eles tavam falando. Eu vo traze trinta e sete, trinta e oito alunos aqui. Como é que eu vo faze uma prática? De Química com a oitava série? Vão bota fogo no laboratório, não vai da certo, não vo da conta. Então a gente divide, fica a metade comigo, metade com a professora. A professora faz a opção, tem o Clube de Ciências que ele pode usa, ela pode usa o laboratório de informática, que daí mais qualidade, um, fica um aluno por computador.

WA: urum

Prof: Tem a sala da, da capacitação que tem o multimídia. Então essa aula o professor se programa pra faze algo diferente também nesse, pra fica com essa metade da turma.

WA: até porque já tá contemplado no calendário

Prof: Já está

WA: Tá escrito lá, óh tal dia eles terão aula de laboratório

Prof: Eles terão aula de laboratório.

WA: Dá pra se organiza?

Prof: Dá pra se organiza, né. Ele pode faze algo diferente tanto aqui comigo como com a professora em sala.

WA: Com certeza

Prof: E daí na mesma semana já inverte. Não é assim metade de uma turma. Não, naquela semana eu peguei a professora Amadora, naquela semana vão todos dela. Então eu pego duas aulas dela, metade da turma e a outra metade.

WA: São quantas aulas por semana?

Prof: São três

WA: São três.

Prof: Três

WA: Mesmo no nono ano?

Prof: Mesmo no nono ano. A grade é, são três aulas semanais.

WA: Aram. E no nono ano você falo, você falo que o conteúdo contempla até o sétimo ano de uma certa forma, né

Prof: Urum

WA: Até o oitavo ano na verdade. No nono ano entra Química e Física...

Prof: Também poderia trabalha Educação Ambiental

WA: de alguma forma ela poderia ser encaixada, né?

Prof: Tem, tem , tem um viés aí de Educação Ambiental, tem sim. É, as subs, quando você vai trabalha Química lá, as substâncias químicas. Quantas reações químicas que podem traze é, consequências pro meio ambiente, causa uma poluição? Ou não, que são benéficas, que pra trabalha a questão da é, tantas coisas, que vai, vai entra mais o biológico mas vai vai acontece. Uma sacola oxibiodegradável, o que que é isso?

WA: O que significa isso?

Prof: Né, então (inaudível)

WA: É uma pergunta que eles fazem, né. O que que tá escrito? O que que é isso? Que que é essa sacola?

Prof:Então tem sim, tem como se trabalha.

WA: E é bem interessante na verdade, né

Prof: É. Então tem o viés. Todas as, os conteúdos de Ciências eles têm sim o viés da Educação Ambiental e só você, né, observa um pouco o conteúdo que você vê ali que tem, que dá para você trabalha sim Educação Ambiental, todos, todos os anos da pra contempla. Sei que daí vem conteúdo. É muito conteúdo? É muito conteúdo, né. Daí ele acaba ficando de lado. Essa é a grande verdade. Então é, não é o certo você trabalha Educação Ambiental como uma disciplina isolada, não é esse o objetivo.

WA: Não

Prof: Mas quem sabe pra inicia uma cultura fosse

WA: Fosse necessário

Prof: Fosse necessário

WA: É, mas não é isso que diz, né.

Prof: É

WA: A lei, os PCNs, não é isso que diz

Prof: É transversal

WA: É um tema transversal, né. E ainda tem o viés da interdisciplinaridade

Prof: Aram

WA: né, então além de ser transversal tem que ser interdisciplinar. E como que fazemos isso na escola? E eu acho também que o currículo é pesado. A grade curricular

Prof: É pesada, né. Gente, sexta série são todos os seres vivos do planeta, gente, pra trabalha com eles. Você tem que trabalha reino vegetal, você tem que trabalha reino animal, reino anima olha quanta coisa rende. Você vem o reino dos microrganismos, vem mais, olha quanta coisa.

WA: Urum

Prof: Pra você trabalha um ano com eles.

WA: Não é muita coisa

Prof: É muita coisa. Não dá, não dá.

WA: Não dá

Prof: daí “cê” vê

WA: Como que você vai faze, né?

Prof: Como é que você vai faze? Pra você faze um trabalho interdisciplinar a permanência deveria ser por ano e não por, por grade, componente curricular. Não como componente curricular. Pra ter a inter, trans, sei lá qual disciplinaridade que você quiser, tinha que ser permanência por ano. Esse dia o sexto ano está de permanência e o que que a gente vai faze com os alunos daí do sexto ano, não tem o que faze, né. Mas o ideal seria, pra que aqueles professores do sexto ano A, todos estivesse um momento pra eles conversarem.

WA: Urum, exatamente

Prof: Enquanto tive essa, essa mentalidade de separa os componentes curriculares, não vai ter interdisciplinaridade.

WA: De repente nesse momento, é com certeza

Prof: Não tem

WA: essa compartimentalização não permite

Prof: Não permite, não vai dá certo.

WA: Agora, nesse momento que vocês têm de integração, os alunos ficam na escola até um determinado horário

Prof: Urum

WA: E depois...

Prof: Vão embora

WA: Vão embora.

Prof: Aram, dez pras dez

WA: Isso se justifica por quê?

Prof: isso se justifica porque é existem uma é, na carga horária lá tem um, sobra um pouco da carga horária deles, né. E essa integração nesse momento de integração, que é quatro no ano, serve pra gente faze, unir os componentes curriculares, né.

WA: aram

Prof: Nessas duas horas que seria, seria das dez pras dez até dez pra meio dia, né

WA: urum

Prof: nesse intervalo vai ter o recreio, então vai ser das dez e dez até dez pra meio dia e isso seria pra que a gente pudesse pensar em alguma coisa assim. Seria pra unir os componentes curriculares. Esse é o objetivo da integração. É integra a escola nesse momento, né. Não é só uma dispensa dos alunos, não. É integra e a escola pensa o que que ela pode faze pra resolve os problemas, juntas. Então é o momento bom, mas é um momento

WA: mas é um momento em conjunto

Prof: Em conjunto

WA: Que nem um momento ãh, vocês fazem isso quantas vezes por mês?

Prof: Essa integração?

WA: É

Prof: Quatro no ano.

WA: Ah são quatro só

Prof: Quatro no ano.

WA: urum

Prof: esse é o objetivo da integração. O objetivo da integração é você trabalha alguma coisa diferente com, com os alunos, né., naquele momento

WA: aram

Prof: E faz com que a escola se integre nesse, nesse período.

WA: Entendi. Pode atende aí. Eu aguardo.

A entrevistada atende o seu telefone celular.

WA: to atrapalhando o teu lanche

MA: Não, hoje é permanência (inaudível) (risos) é esse que o momento da integração

WA: Entendo.

Prof: Sei que daí o que que a gente acaba fazendo resolvendo outros problemas da escola

WA: É, eu imagino que sim, né.

Prof: A gente acaba resolvendo outros problemas, porque

WA: Mas não tem nenhum curso não é nada disso

Prof: Não não é nada disso. (inaudível)

WA: É uma conversa entre vocês.

Prof: É, é o momento da escola se integra todas as áreas

WA: Urum, os pedagogos atuam com vocês?

Prof: os pedagogos atuam

WA: Como que é a divisão dos pedagogos?

Prof: por aqui é só por ano. Pedagogo do ano tal, pedagogo do , né . Não é por disciplina, então a gente tem

WA: Em algumas escolas é por disciplina, né?

Prof: É por disciplina. O Durival, ele tá por ano e por disciplina. Então eu tenho a minha pedagoga. Eu sei que quando eu tiver algum problema com a minha disciplina eu vo procura a tal pedagoga. Aqui não, aqui é por ano. Como eu tenho a escola inteira, então, digamos, eu teria que conversa com todas as pedagogas, né.

WA: Com todas as pedagogas. É que também o assunto com a pedagoga em geral circula com aluno, né

Prof: Circula com aluno.

WA: com disciplina,

Prof: Aram

WA: com aprende, com o aprende é interessante também, né é importante

Prof: Aram

WA: Mas é a indisciplina que pega, né ?

Prof: É, mas é que aqui tem o coordenador disciplinar, daí né

WA: Ah, quem é o coordenador disciplinar?

Prof: O Marcos

WA: Marcos, professor Marcos, é professor ?

Prof: É professor. Professor de Educação Física que já faz alguns anos que ele tá c acho que é o terceiro ou quarto ano que ele tá como gestor disciplinar. E dá certo. É funciona

WA: Urum

Prof: Porque daí ele lida só coma parte da indisciplina e o pedagogo faz o trabalho do pedagogo

WA: desafoga o pedagogo. Porque eu acho às vezes faz falta um pedagogo, né. Fazendo as intervenções com gente, com a organização do nosso trabalho pedagógico. Não só da nossa especificidade

Prof: É e nós temos muitos, muitos alunos com

WA: problema

Prof: Com problemas. TDH, síndrome,

WA: (Inaudível) lugar comum isso aí, né. Dentro da escola agora. Os diagnósticos saem a todo momento e

Prof: E daí “cê” vai faze o que, né

WA: A gente tem que entra, tem que entra, tem que vê (inaudível)

Prof: Mesmo não tendo preparado a gente tem que ir, né. Asperger nós temos dois alunos. É complicado. Não é fácil.

WA: Deixa eu ver se tinha mais alguma coisa pra eu te pergunta...é é que acaba, a gente faz as fichas mais

Prof: aram, sempre aparece

WA: alguma coisa ou outra que é pertinente. Deixa eu ver. É sobre integração era isso mesmo, vocês não fazem curso, é mais uma discussão interna, mas nesse momento da integração poderia haver uma discussão interdisciplinar por exemplo, todos os professores do sexto ano...

Prof: Ah poderia,

WA: Poderia mas não acontece?

Prof: Só se , num caso isolado. Por exemplo lá, eu tenho..

WA: Aram, é que são poucas no ano, né

Prof: poucas aram. Tem alguma coisa que necessita, daí sim. Senão não, não é não é de práxis faze isso

WA: É

Prof: É, não. Porque são poucas daí é nesse momento que a escola faz, né. Aquela reunião que necessita, aqueles repasses que precisam ser feitos, né. É aquilo que tem que tá todo mundo junto. Porque não é sempre que se consegue. A gente te dois recreios,né

WA: tem dois recreios?

Prof: Tem dois recreios.

WA: (inaudível) Vocês ficam separadas então?

Prof: Começo ano passado.

WA: Facilito um pouco no pátio?

Prof: No pátio bastante

WA: É

Prof: Porque é o sexto ano e o sétimo ano e depois sétima série e oitava série.

WA: Entendi

Prof: Então isso facilito, pra vida do, dos inspetores e pra organização fico bom

WA: É

Prof: Então até nós da própria área, tem dia, tem professores que eu só vejo na permanência. Porque daí eu chego num horário, ele chega no outro, eu venho direto pro laboratório, ou não venho, então não vi o professor naquele dia. E eu não fiz o recreio com ele aquele dia. Eu não vejo, só vejo na permanência.

WA: Urum

Prof: Até nós da área (inaudível). Quando eu to com aquele professor que tem recreio no primeiro daí eu tenho contato com aqueles, quando não tenho...e assim vai

WA: E assim vai.

Prof: Aram

WA: Então às vezes entre, dentro da própria área não há uma

Prof: Não

WA: Uma troca

Prof: uh-uh(inaudível)

WA: Facilita por um lado, dificulta por outro

Prof: É

WA: E a escola caminha assim

Prof: Caminha. Mas é pra escola foi a melhor coisa que foi feito

WA: Que bom

Prof: Tinha que faze dois recreios mesmo

WA: Urum

Prof: Né, e

WA: A gente tem que se adapta (inaudível)

Prof: tem que se adapta

WA: Em algum momento, conversa então na permanência?

Prof: Urum

WA: E vocês tem a folga ainda?

Prof: Por enquanto sim, né. Veio ah, uma normativa da prefeitura do ano passado foi cancelada a folga. E aí

WA: Eles vão paga hora extra então?

Prof: É, daí fico, não. Ele fica assim: é, no dia da, da, do dia sem vínculo lá a gente cumpria só duas horas. Vinha ficava duas horas e ia embora. Aí acho que foi feita uma negociação entre sindicato e a secretária, né. E a princípio ela volto, né. Porque é um acúmulo de horas, então numa semana você faz vinte e duas horas e na outra você faz dezoito. Né

WA: Urum

Prof: naquela semana que você não vem lá.

WA: É

Prof: E a princípio ficou assim, mas vai fazer uma comissão, eles vão, eles legalizaram essa parte. A gente tá ilegal, né

WA: Sim

Prof: E isso é errado, né

WA: Na verdade ele tinha feito uma alteração diferente, né. Como é no Estado.

Prof: É esse vinte horas aula e não vinte horas relógio, né

WA: urum

Prof: Daí é só por projeto de lei.

WA: Ah entendo.

Prof: Então no momento a gente está, a gente está assim. É o período até em março agora eles vão uma comissão com professores. Cada escola vai ter um professor representante, o sindicato mais o pessoal da secretaria, do recursos humanos enfim, de certo o pessoal do, do RH lá, dos recursos, o pessoal da Educação, o pessoal do jurídico, pra ver o que que pode o que que não pode

WA: Sim, vai ser uma equipe multidisciplinar (risos)

Prof: Vai ter que ser uma equipe multidisciplinar (inaudível), o que que é, pra ficar na legalidade.

WA: Aram

Prof: O que eles queriam era que a gente um dia da semana viesse só cumprisse

WA: Entendi

Prof: Duas horas. O que é inviável, né. Porque você vem cumprir duas horas toda semana. Poxa, mas tem gente que atravessa a cidade, né pra vir, pra ficar...porque que a gente não pode numa semana cumprir quatro horas e na outra não vir, né?

WA: Sim

Prof: É um banco de horas, né

WA: É um banco de horas. Então muitas empresas trabalham assim, né. E o importante é que a permanência é mantida.

Prof: A permanência é mantida.

WA: Porque a, eu a...na permanência você faz curso às vezes?

Prof: Urum

WA: E ainda não apareceu nenhum curso esse ano?

Prof: Ah, por enquanto ainda não.

WA: Não tem curso nenhum

Prof: Nenhum

WA: mas em geral é

Prof: Sempre tem curso

WA: Tempo que a gente tem pra fazer curso

Prof: É urum. Então os trinta e três por cento tá garantido de hora atividade, de permanência, né. Sei que esses trinta e três numa semana você tem trinta e três, na outra, mais que trinta e três, e na outra semana você tem menos que trinta e três. A única diferença, né que tá

WA: urum

Prof: Por enquanto tá assim

WA: É

Prof: mas até quando não sei. Vai depende dessa comissão aí. Mas assim que saiu a normativa os professores já se mobilizaram, né. Daí o sindicato foi e negociou aí com ela

WA: É condições de trabalho também, né

Prof: Ah , não dá. A gente tem professores que vem de outro lado da cidade, né. Vir pra ficar duas horas.

WA: realmente

Prof: Poxa vida, você mal sento, você já tem que levanta, já já acabo, já né, você já, né. Porque o estudo é assim, né. Você pega o embalo você, né

WA: Aram, verdade.

Prof: Então vamo vê

WA: ai professora, mas acho que é isso sobre o projeto, acho que a gente até falo de coisas não eram do projeto, mas não tem problema nenhum.

ANEXO 5: TEXTUALIZAÇÃO DO DEPOIMENTO DA PROFESSORA DA ESCOLA B CEDIDO EM 26/02/2013

1 Eu vou começar pela Educação Ambiental e o currículo. As Diretrizes
2 contemplam a Educação Ambiental. Isso eu acho importante. Tem a questão da
3 sustentabilidade, mas não são todos os professores que trabalham. E quando
4 trabalham, ocorre de forma isolada, o que não é adequado.

5 Alguns livros abordam a temática, mas aparecem mais textos informativos. O
6 trabalho com Educação Ambiental é reduzido. O livro utilizado não apresenta muita
7 coisa. O que ainda tem alguma coisa é bem antigo e apresenta noções de
8 reciclagem do lixo ou sobre a política dos Rs. Porém, está desatualizado. Existe uma
9 coleção usada em outra escola que é muito boa, apesar de não estar adequada à
10 grade curricular do município. Eu considero que o livro didático é apenas um apoio
11 ao professor. Existem coleções que cobram mais do aluno e outras que acho mais
12 acessíveis.

13 Havia um modismo em Educação Ambiental em Curitiba, porque nós
14 trabalhamos com eras. Uma época era a Alfabetização Ecológica, então todos
15 deviam trabalhar a Alfabetização Ecológica. Teve também a Família Folhas e a
16 criação dos logotipos dos resíduos. Então, a prefeitura trabalha com modismos, não
17 existindo projetos de Educação Ambiental sendo desenvolvidos. Até o ano de 2012,
18 havia a Miniconferência da Biodiversidade, que representava um momento onde se
19 poderia trabalhar com a Educação Ambiental. Vinha um tema escolhido pela
20 mantenedora e a partir dele a escola desenvolvia a questão. Também existia a Feira
21 de Ciências e Tecnologia, que poderia englobar vários assuntos, inclusive a
22 Educação Ambiental.

23 A prefeitura dispõe enquanto projeto o contra turno escolar, cujas atividades
24 costumam permear a Educação Ambiental. De lá saem projetos muito interessantes.
25 Segundo uma reunião com a coordenadora do ensino integral, uma das vertentes de
26 trabalho no ensino integral é a Ciência e Tecnologia. A professora responsável pelo
27 contra turno na escola, no período da tarde, é de Geografia.

28 O ensino integral realizou atividades juntamente com o horto municipal, para
29 incentivar a construção de hortas domésticas.

30 A mantenedora não oferece cursos de Educação Ambiental. Se o professor
31 quiser aprimoramento na área, terá que correr atrás.

32 Aqui na escola temos o projeto Clube de Ciências. Este projeto desenvolve
33 diversas ações, entre elas, em Educação Ambiental. O foco da área de Ciências
34 neste momento é a dengue. O espaço conta com sofá e tapete, o que torna o
35 ambiente aconchegante, além de revistas para auxiliar o trabalho do professor.

36 Em 2011, foi desenvolvido um projeto na escola sobre a Agenda 21, cuja
37 proposta envolvia ações da Agenda e a formação de multiplicadores. O objetivo era
38 conhecer a Agenda 21, e dentre estes, escolher quais ações eram pertinentes à
39 escola. Foram formadas cinco equipes de trabalho. Uma das equipes desenvolveu
40 questões relativas ao lixo, à redução e à separação correta. Este estudo foi aplicado
41 por estudantes da sétima série (8ºano) na educação infantil.

42 Outra ação estava relacionada à saúde. Foram realizadas ações sobre
43 doenças sexualmente transmissíveis e drogas. Teve também sobre recursos
44 naturais e desperdício de água.

45 A Agenda 21 é bem abrangente, incluindo aspectos da saúde pública,
46 aspectos sociais e políticos. Então, as atividades podem ser tanto da indústria
47 quanto do Estado, como partir da comunidade e do cidadão. Quando se fala em
48 Agenda 21, se pensa apenas em meio ambiente, porém ela é mais abrangente.

49 A escola também apresentou, em uma edição da feira de ciências da
50 prefeitura, um projeto sobre coleta seletiva. Neste projeto, foi elaborado um jogo
51 onde os estudantes jogavam um dado colorido conforme as lixeiras da coleta
52 seletiva e então escolhiam o descarte correto.

53 Trabalhamos também o lixo tecnológico. Os estudantes fizeram robôs de
54 sucata tecnológica, como mouse, por exemplo. Além disso, trouxemos também
55 equipamentos antigos para que eles conhecessem.

56 Numa feira do conhecimento da escola, que aconteceu em 2010, uma turma
57 apresentou reaproveitamento de embalagens, fizeram reutilização. Mas não teve
58 campanha de coleta. A proposta era reutilizar embalagens de outra forma. Então foi
59 feito uma mostra de artesanato com este material. Foi desenvolvido por professores
60 de Geografia.

61 As Diretrizes Curriculares apontam a existência de vários conteúdos
62 relacionados à Educação Ambiental. Por exemplo, no sexto ano têm as verminoses;
63 no sétimo ano tem os seres vivos, onde é possível trabalhar a questão da
64 preservação, a extinção das espécies, o que causa essa extinção. É possível

65 realizar um bom debate com esses assuntos. Como se dá a contaminação do
66 ambiente marinho pelos navios.

67 Na sétima série o estudo do corpo humano também oferece possibilidades
68 de trabalho em Educação Ambiental. Para você manter a saúde em dia, o seu
69 ambiente também tem que estar equilibrado.

70 Tem a questão do lixo trabalhada na quinta série, a coleta seletiva.

71 No nono ano, podemos encaixar a Educação Ambiental em conteúdos como
72 substâncias químicas, as reações químicas e as consequências para o meio
73 ambiente, a poluição. Ou ainda, as consequências benéficas. Como por exemplo, as
74 sacolas oxibiodegradáveis. Os estudantes nos questionam sobre o que são, ou para
75 que servem.

76 Então, os conteúdos de Ciências têm, sim, o viés da Educação Ambiental. É
77 só observar um pouco cada conteúdo, que você acha a Educação Ambiental
78 contemplada em todos os anos.

79 A questão é que existem muitos assuntos para serem trabalhados na
80 disciplina, e a Educação Ambiental acaba ficando de lado.

81 Então, não é o certo você trabalhar a Educação Ambiental de forma isolada,
82 não é esse o objetivo. Mas, quem sabe para iniciar uma cultura de trabalho, fosse
83 necessário um trabalho assim. Segundo os PCNs, é transversal.

84 Na sexta série (7ºano), o conteúdo de Ciências percorre todos os seres
85 vivos do planeta. Tem que ser estudado o Reino Vegetal, Animal, os micro-
86 organismos. É muita coisa para ser aprendido em apenas um ano.

87 Como fazer um trabalho interdisciplinar? Para um trabalho assim, as
88 permanências deveriam ser agrupadas por ano e não por componente curricular.
89 Para que haja inter ou transdisciplinaridade, as permanências deveriam ser por ano.
90 Assim, o sexto ano está de permanência, mas o que faremos com os estudantes do
91 sexto ano, sem seus professores?

92 O ideal seria que, por exemplo, todos os professores do sexto ano A
93 tivessem um momento para o diálogo.

94 Enquanto tivermos esta mentalidade de separar os componentes
95 curriculares, não haverá interdisciplinaridade.

96 Eu leio pouco o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP). É um erro, mas
97 eu não sei. O PPP foi reformulado no ano de 2012, porém o enfoque foi direcionado
98 ao regimento, algumas normas. Na proposta pedagógica não teve muita alteração.

99 Não fazemos leitura do pedagógico nas permanências. Isso é uma falha,
100 não só minha como do grupo como um todo.

101 Se a Educação Ambiental é considerada nas Diretrizes, acredito que no PPP
102 da escola ela também aparece.

103 Os professores de maneira geral não têm o hábito de leitura.

104 Eu tive Educação Ambiental na faculdade. Eu estudei na Universidade
105 Tuiuti. Eu fiz também uma pós-graduação em Educação Ambiental e Gestão
106 Ambiental. Então estudei bastante na minha formação.

107 No mestrado eu não tive disciplinas, porém fiz muitas leituras. O foco dessas
108 leituras foi a Educação Ambiental Crítica Transformadora. Os principais autores
109 foram a Michele Sato, Isabel Carvalho e Genebaldo Dias. O livro *Princípios e*
110 *Práticas em Educação Ambiental*, do Genebaldo Dias, apresenta um resgate
111 histórico da Educação Ambiental.

112 A minha dissertação foi sobre a Agenda 21. Não existem muitos estudos
113 sobre ela. A Agenda é muito extensa, então tem a Agenda Global, a brasileira.
114 Curitiba não tem. Existe uma Rede de Educação Ambiental interessada nesta
115 discussão, para desenvolver pelo menos a Agenda do Paraná.

116 O meu estudo envolveu o desenvolvimento de atividades com os estudantes
117 e uma análise da minha produção técnica feita por professores da escola. A análise
118 feita pelos docentes constituiu-se no corpo do trabalho. A produção técnica está à
119 parte.

120 Na minha pesquisa, eu trabalhei a história da Educação Ambiental, a
121 Agenda 21 e o Desenvolvimento Sustentável. Eu usei a palavra Desenvolvimento
122 Sustentável e essa foi a grande polêmica. Tanto é que eu explico já no meu resumo
123 porque usei essa denominação e não Sustentabilidade, ou Sociedade Sustentável.

124 Na Agenda 21 só se fala em Desenvolvimento Sustentável. Os PCNs falam
125 em Sustentabilidade e explicam o porquê de usar essa nomenclatura. Eu trabalhei
126 com os estudantes a Agenda 21, e o que aparece lá é Desenvolvimento Sustentável.
127 Essas terminologias são muito ambíguas. A interpretação de cada uma delas
128 depende muito do autor que as utiliza.

129 Contudo, a Agenda 21 continua só no papel. O primeiro passo é a escola
130 trabalhar a Agenda, depois elaborar a sua Agenda de ações. É esse o objetivo,
131 organizar Agendas locais. Existe a brasileira e a de algumas localidades.

132 O fato é que as ações em Educação Ambiental ainda são muito
133 fragmentadas. São pequenas ações.

134 Aqui na escola existem lixeiras seletivas no pátio, mas não são usadas da
135 forma correta. É coisa da idade, da adolescência, de ter que transgredir e fazer
136 errado.

137 As salas de aula também poderiam ter lixeiras seletivas.

138 O lixo proveniente do lanche servido na escola deve ser descartado na
139 bandeja da empresa responsável. A empresa que serve o lanche tem o
140 compromisso do descarte desses resíduos.

141 Na sala dos professores, as lixeiras também não são usadas
142 adequadamente. A pessoa responsável pelo recolhimento acaba por colocar os
143 resíduos num único recipiente. Às vezes falta conhecimento, afinal está escrito lá
144 “lixo orgânico”. As cores das lixeiras confundem, mas está escrito o que é para
145 descartar em cada uma.

146 Tem um texto chamado *cinismo da reciclagem*, que menciona justamente o
147 fato de o descarte acontecer de maneira inadequada.

148 Não tem como culpar os docentes, porque não existe um local para se lavar
149 os copos descartáveis sujos, que não deveriam ser jogados assim. Acho que
150 ajudaria se cada professor tivesse a sua xícara. Mas neste caso, faltaria um local
151 apropriado para a higienização das xícaras, visto que na sala dos professores não
152 tem rede de esgoto.

153 O papel que sobra das avaliações é vendido como lixo reciclável.

154 Assim como existem professores que fazem o correto descarte do lixo,
155 outros não o fazem. E quem faria a conscientização dentro da escola?

156 É que existem aquelas pessoas que são comprometidas e aquelas que não
157 são e que não irão mudar. Esta escola é pública, como realizar um trabalho de
158 conscientização sem afetar os aspectos interpessoais e garantir a harmonia no
159 ambiente de trabalho? É possível explicar para os professores como é feito o
160 descarte correto, mas primeiro tem que saber quem é que faz o descarte errado. E
161 isso não tem como saber, pois a escola tem um número muito grande de
162 professores.

163 A escola possui um projeto realizado em contra turno denominado Guarda
164 Mirim. A Guarda Mirim trabalha com Educação Ambiental.

165 A Rio+20 ocupou-se mais com as questões políticas, foi um evento de cunho
166 político.

167 Tenho alguns trabalhos elaborados pelos estudantes no dia de “integração”.
168 Neste dia os estudantes saem mais cedo. Isso se justifica pela carga horária
169 excedente. São duas horas para reunir todos os componentes curriculares. O
170 objetivo é integrar a escola neste momento, refletir sobre os problemas enfrentados
171 e discutir sobre as possíveis soluções. Acontecem quatro momentos de “integração”
172 durante o ano.

173 Em sala de aula, a finalidade deste espaço é desenvolver atividades
174 diferenciadas.

175 Eu gosto muito de trabalhar com folder. Os melhores costumo guardar.

176 Um dos trabalhos desenvolvidos incentivava a construção de hortas
177 domésticas. Entretanto, aqui na escola não há espaço físico para a implantação de
178 uma horta.

179 A “integração” não é uma ocasião para cursos.

180 No laboratório de Ciências focamos naquilo que o professor quer que seja
181 trabalhado. Só poderia estruturar intervenções em Educação Ambiental se eu
182 fizesse um projeto à parte. As atividades de Educação Ambiental exigem aulas
183 práticas. Então eu necessitaria de um tempo maior das aulas para desenvolver
184 essas atividades

185 O que existe já, em termos de projeto, é o da sexualidade, que é
186 desenvolvido conjuntamente às aulas de Português. Eu fico com a metade da turma
187 e apresento aspectos relacionados à sexualidade, como beijo, ficar, namoro, entre
188 outros.

189 Os estudantes vêm ao laboratório uma vez por mês. É pouco, mas é melhor
190 do que em muitos lugares, porque aqui é sistematizado. Trabalhamos com a metade
191 da turma no laboratório, e a outra metade com o professor da classe, realizando
192 outras atividades organizadas pelo docente, na própria sala, na Informática ou no
193 Clube de Ciências.

194 As aulas no Laboratório devem ser práticas, não só observação. Os
195 estudantes devem participar.

ANEXO 6: TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO DA PROFESSORA DA ESCOLA C CEDIDO EM 11/12/2013

WA: Bom dia, Raquel.

RA: Bom dia.

WA: Então aqui eu vou fazer a minha apresentação primeiro pra daí eu te explica como que funciona a nossa entrevista, tá. Então essa entrevista é parte de uma dissertação de mestrado e tem como objetivo apreender qual entendimento que se tem da Educação Ambiental no contexto escolar. A pesquisa dispõe da abordagem indireta como método para obtenção de dados. As gravações ficarão em poder do entrevistador e/ou instituição que se comprometa a acatar essas exigências, contribuindo como fonte histórica para futuras pesquisas. Posteriormente à entrevista, o entrevistado receberá uma cópia da transcrição completa de seu depoimento e textualização e neste momento poderá excluir trechos ou solicitar alteração. Estando de acordo com o conteúdo dos textos, será solicitado assinatura do termo de cessão de direitos de documentos escritos, tá. Então a, eu não tenho, a abordagem indireta é mais ou menos, a gente conversa sobre os temas que eu coloquei, que eu achei que seriam pertinentes. Caso você considere mais alguma coisa além destes temas, que sejam pertinentes, você falar, você pode falar à vontade. Você pode organizar as fichas como você quiser, também.

RA: Como organizar daí...

WA: Como você...você pode ir organizando os temas, fala sobre os temas como você quiser. Você pode começa como eu organizei.

RA: Urum

WA: Você pode organizar diferente. Como você quiser. Eu só expus na mesa pra você. Você pode organizar da maneira que você preferir.

RA: Vou começar pela minha formação na graduação.

WA: Tá.

RA: Na minha graduação, que eu tenho Ciências, habilitação em Biologia, eu não tive Educação Ambiental. Não existia essa disciplina. Como eu me formei lá em noventa e três, nem havia indicativo da disciplina.

WA: Aram

RA: Então a minha formação acabou sendo em sala de aula, e participando de cursos de extensão, ou ofertados pela mantenedora e aí eu fui incluindo a Educação Ambiental na minha, no meu trabalho pedagógico. Não havia isso na graduação. E, diferente de agora, que agora já têm algumas com, com Educação Ambiental. Ehh, projetos de Educação Ambiental no município de Curitiba, tem bastante projeto, mas ainda acho que tá a nível, eu acho ainda assim a nível de primeira à quarta série, os projetos. Tem mais, assim uma, um valor maior. Não é valor, é uma carga maior do que, os professores de primeira à quarta desenvolvem muito bem o trabalho também.

WA: Aram

RA: Desenvolvendo assim, porque assim veja, os livros pedagógicos delas também tem bastante coisa sobre Educação Ambiental. No, nas séries finais, acho que depende o nível, os professores, eles desenvolvem mais as questões ambientais. Sétimos anos fala Seres Vivos, tem bastante trabalho ambiental. Sexto ano que é Meio Ambiente também. Sétimos, oitavos e nonos anos, já não tem assim uma parte específica, mas a gente vai trabalhando no decorrer do ano. Os conteúdos.

WA: Mas você tem algum conhecimento de algum projeto específico que seja desenvolvido ou não? Dentro da...

RA: Tem, tem um projeto, é, eu sei que no site cidade do conhecimento aparece lá os projetos que são desenvolvidos no município.

WA: Aram

RA: Tem lá disponíveis. Na página inicial lá, e tem curso de formação continuada.

WA: Na cidade do conhecimento.

RA: Isso, cidade do conhecimento. É , Educação Ambiental e o livro didático, tem bastante livro didático que já, quase todos os conteúdos tão atrelados com a Educação Ambiental. Depende do livro e da escolha que foi feita no início do ano. A maioria deles têm. Geralmente eu trabalho com as duas séries finais, oitavo e nono. Então, no livro do nono ano tem muito conteúdo de Educação Ambiental, porque trabalha, acaba envolvendo Física e Química, e elas estão diretamente relacionadas com meio ambiente.

WA: Aram

RA: Então, acho que alguns autores destacam maior quantidade de conteúdos, é bem maior os capítulos do livro, tentando envolver o ser humano, a escola e o ambiente. Mas tem outros livros que fica assim a quantidade abordada é menor.

WA: Você usa qual livro atualmente lá na escola?

RA: É, atualmente nós estamos usando o Carlos Barros.

WA: O Carlos Barros.

RA: Atualmente.

WA: Aram

RA: Mas ano que vem vai ser os Projetos de Ciências.

WA: Aram

RA: Não lembro o nome como é que é o nome do autor lá.

WA: Em geral são grupos de autores, né.

RA: É.

WA: Não tá vindo mais assim...grupamento de autores.

RA: É, e tem alguns livros também que eles abordam os conteúdos separados, né. Então entre todos os níveis escolares abordam no mesmo. Então já na escolha do livro já não aparece.

WA: Aram

RA: Até esse ano na escolha do livro, foi feita uma, um levantamento lá e colocado assim como estavam os livros. Para que os professores tivessem um norteamento em qual iria escolher para a escola.

WA: Entendi.

RA: Então, antes da escolha, estavam todos os livros lá disponíveis, tinha os critérios, os conteúdos que entravam. Até foi um dos quesitos colocados lá se entrava Educação Ambiental no livro.

WA: Ahh, teve esse critério então?

RA: Teve.

WA: Que bom, né.

RA: É, então os projetos de Educação Ambiental na escola. Na escola, a gente costuma é...costuma trabalhar em duas professoras e a gente sempre desenvolve os projetos de Educação Ambiental.

WA: Aram

RA: Às vezes a gente envolve a escola inteira e às vezes a gente trabalha separado. Então, teve um ano que todos os professores quiseram participar. Na semana do meio ambiente, foi feito uma caminhada com os alunos, todos os professores participaram, todos os alunos da escola. Foi um projeto bem legal, só que ele envolveu assim uma infinidade de coisas. A gente precisou da guarda pra tranca a rua, foi necessário eles acompanharem. Então, pra desenvolver projetos assim, quando é dentro da escola é até mais fácil. Quando é fora da escola já requer colaboração dos outros, né.

WA: E sobre o que que era o assunto do projeto?

RA: Era, a gente trabalho sobre a semana do meio ambiente. Dia mundial do meio ambiente.

WA: Sim

RA: Então, os professores, foi acordado que todos os professores trabalhariam. A Ciências daria mais ênfase. Só que a professora de Geografia também gostou da atividade, então ela participou. E depois no fechamento a gente saiu caminhar no entorno da escola. E os alunos foram observando e distribuindo mudas de plantas pras pessoas que estavam querendo. Conseguimos mudas de plantas com a Secretaria de Meio Ambiente. E foram recolhendo os resíduos que estavam descartados incorretamente.

WA: Ahh, eles recolheram, fizeram uma coleta.

RA: Fizeram uma coleta.

WA: Aram, que bacana.

RA: Foi bem legal. Os alunos gostaram da atividade lá, participaram bastante. Depois eles, no dia seguinte eles perguntaram se haveriam mais atividades como aquela.

WA: Que legal.

RA: A escola aceita bem os projetos de Educação Ambiental e assim, mais ou menos a gente combinou assim as duas professoras de Ciências, que no início das aulas a gente começa sempre trabalhando Educação Ambiental. Então, antes de entrar no assunto com todas as séries, a gente trabalha Educação Ambiental.

WA: Entendi.

RA: Cada ano a gente escolhe um tema, assim é de Educação Ambiental. Teve um ano que a gente trabalho resíduos. Então, cada trimestre a gente trabalhava, pelo menos uma semana do trimestre, a gente trabalhava um assunto relacionado com resíduos sólidos. Teve outro ano, que a gente deu ênfase à água, a gente falo sobre a água. Então cada ano a gente começa assim o ano, delimitando um assunto. Na primeira semana a gente pega um texto e parte da leitura do texto para preparar as atividades.

WA: Entendi.

RA: Ah éh, individualmente com os alunos, nessa primeira semana, sempre a gente faz uma atividade pra eles entregar, pra gente observar se, como eles estão abordando. Então, geralmente a primeira atividade eu faço em forma de desenho.

WA: Aram

RA: Porque aí os alunos, às vezes não tão ainda, não tão ambientados se são alunos novos com o professor. Então em forma de desenho a gente pode entender, interpretar várias coisas que eles colocam ali, vários conceitos que talvez na escrita eles iam colocar.

WA: Não iam conseguir expor.

RA: Então, a primeira atividade sempre a gente parte de uma atividade em forma de desenho.

WA: E você teria? No teu pendrive tem?

RA: Tem no pendrive os desenhos. Ehh, então teve um (inaudível) sobre a água, então eles têm que trabalha no primeiro, se a gente coloca pra eles abordar a água,

WA: Aram

RA: Meio ambiente e seres vivos. Sempre destacando que os seres vivos como fazem parte do meio ambiente, eles aparecem de uma forma ou de outra. Ou de uma forma auxiliando, ou prejudicando o meio ambiente. Mas sempre eles estão diretamente ligados a esse meio.

WA: Entendi.

RA: Ehh, a Educação Ambiental e o currículo. Então, no currículo, no projeto político das escolas já está incluído Educação Ambiental em todas as disciplinas, como função de todas elas.

WA: No PPP da escola?

RA: É.

WA: Da escola.

RA: Isso. Nas Diretrizes Municipais também, incluindo todos os níveis escolares. Aí tem destaque lá nas Diretrizes qual é o, o que é importante em cada nível.

WA: Entendi.

RA: No sétimo ano, por exemplo, meio ambiente, como que a Educação Ambiental pode ser abordada. No sétimo ano seres vivos, sétimo ano trabalha Educação Ambiental, aparece em quase todos os capítulos, em quase todos os momentos, em quase todas as aulas a gente pode trabalhar.

WA: Aram

RA: No sétimo, éhh, sétimo, sexto e nono, Educação Ambiental é muito mais fácil de trabalhar do que no nono e no oitavo, que a gente já trabalha corpo humano. Só, por estar trabalhando corpo humano, a gente pode incluir sempre o ser humano nas questões ambientais.

WA: Aram. E no, com relação ao currículo do município?

RA: No currículo do município, a Educação Ambiental está em todos os níveis escolares. Todos os níveis, então, por exemplo, no nono ano. Nono ano, a energia, a transformação da energia, a produção de energia, a influência no meio ambiente.

WA: Entendi.

RA: Sempre. A Química, trabalha a Química, como que a Química tá relacionada com o meio ambiente.

WA: Aram. Consta lá como Educação Ambiental, como Educação para o Desenvolvimento Sustentável?

RA: Como Educação Ambiental.

WA: Como Educação Ambiental.

RA: Como Educação Ambiental. Ehh, eu já falei do projeto pedagógico, é dos conteúdos relacionados com Educação Ambiental. A Educação Ambiental, ela pode se relacionar com todos os conteúdos basicamente.

WA: Aram

RA: Você trabalha Física. Não tem como você fugir da Educação Ambiental, de uma forma ou de outra ela tá...

WA: Sim, ela tá. O professor dominando ali, né, a gente pode inseri. Mas me cita assim éeh, o que você trabalhou já, que conteúdo que assim você desenvolveu...

RA: Os conteúdos?

WA: Isso.

RA: Então, eu trabalhei...

WA: Uma atividade.

RA: Eu gosto de trabalhar em forma de projeto. Então, eu escolho um tema, lá no início do ano.

WA: Urum

RA: Um tema pra trabalhar na primeira semana. Eu vou abordar ele diversas vezes durante o ano. Então, quando, o ano que eu comecei lá falando sobre resíduos sólidos. Então eu comecei trabalhando os resíduos pra eles, pra começar a falar aonde que eles viam os resíduos. E num outro momento, eu entrei nos tipos de resíduos, como são produzidos os, as embalagens de plástico, de metal, qual destino que é dado. Então, comecei do início do ano até chegar no final do ano. Toda vez que eu entrava no assunto eu vou abordando de outra forma. Mas aí eu concluo ele.

WA: Aram. Mas aí você segue esse, você trabalha por projeto com eles.

RA: Isso, mas...

WA: Ou independente do...?

RA: Independente. Mas geralmente eu gosto porque eu acompanho as turmas dois anos ou três anos, então pra não ficar repetitivo eu escolho um tema inicial. Então, eu trabalhei água, a importância da água, dos vegetais. Então, eu trabalhei naquele ano a questão da água. Porque daí se eu vou ficar três anos com os alunos, eu vou abordando assuntos diferentes. Entendeu como, eu tenho como, além do conteúdo que a gente tem que abordar normalmente na disciplina, eu tenho como encaixa nesse primeiro meio termo, mais um outro assunto.

WA: Entendo. E você acompanha os alunos pela tua escolha, é tua escolha fazer o acompanhamento da turma ou é uma necessidade da escola que você acompanhe?

RA: Não, eu gosto de acompanhar os alunos, pelo menos dois anos, porque aí eu já sei a continuidade do trabalho que eu fiz anteriormente.

WA: Urum.

RA: Então, como acontece dos alunos, às vezes acontece reprovação, pra não ficar muito repetitiva no ano seguinte eu já mudo o tema de novo, muda o foco da atividade. E aí eles participam porque nunca tem, eu não encontro alunos que não gostam de Educação Ambiental. Eles sempre gostam de trabalhar e todos eles têm alguma, algum conhecimento prévio sobre o assunto, porque já foi trabalhado anteriormente lá de primeira à quarta.

WA: Aram

RA: Cada vez que a gente entrar num tema, eles vão lembrar de alguma coisa que eles viram com outro professor.

WA: Aram

RA: Que eles, com outro professor, eles assistem televisão, eles têm nos diversos meios de comunicação. Então a Educação Ambiental tá o tempo todo interagindo e na escola que a gente faz esse, esse reforço e transforma essas imagens e opiniões que eles têm e transformar em conhecimento.

WA: Em conhecimento mesmo, né. Mesmo com tanta informação, você acha que tá batido demais ou sempre cabe?

RA: Não, eu acho que o assunto é sempre atual porque todo dia acontece alguma coisa que os alunos estão assistindo nos meios de comunicação lá e acontece alguma coisa, uma catástrofe natural daí eles chegam lá pra tirar dúvidas. Nesse momento, eu acho assim que a Educação Ambiental daí serve mais uma vez pra gente retomar. Às vezes a gente muda um assunto pra entra em outro. Por exemplo, olha o tsunami, quando aconteceu, né.

WA: Aram

RA: Então é um dos assuntos assim que eles...

WA: Eles querem sabe disso.

RA: Querem saber.

WA: Tá na mídia.

RA: Ahhh, o problema nuclear lá no Japão.

WA: Aram

RA: Então tava na mídia, eles queriam saber informações, queriam saber o que acontecia, o que aconteceu com os seres vivos que tinha lá? O que aconteceu com o

ser humano? Eles vão poder voltar lá? Então são questões que acabam refletindo e eles acabam eles mesmo costumam chegar com as perguntas e as dúvidas. Então, eu acho assim que trabalhar em forma de projeto, eu acho que auxilia bastante porque você tá no teu conteúdo da série e aí você pode retomar naquele conteúdo. Porque você já abordou lá no início. Então é por isso que eu gosto de trabalhar em forma de projeto, porque ele vai haver vários momentos nos ano que você pode retomar o assunto, não precisa iniciar um assunto novo. É uma continuidade.

WA: Continuidade. Éhh, mas independente de se ter um projeto, a gente pode, o professor deve inserir, né, a Educação Ambiental, mesmo que não tá trabalhando projeto, mas se há o momento, um gancho que é possível?

RA: É. Geralmente o pessoal das séries finais pensa que fica a cargo ou do professor de Geografia ou do professor de Ciências.

WA: Aram

RA: Mas eu observo assim que tem vários professores que trabalham Educação Ambiental. Professor de Português leva um texto lá que tem Educação Ambiental também tá trabalhando em Linguagem a Educação Ambiental. De uma forma ou de outra já tem vários professores de diversas áreas que trabalham Educação Ambiental. Não é um tema assim que fico só pra uma disciplina.

WA: Aram. É, o que eu ia te perguntar é justamente sobre a questão das aulas práticas. Têm muitos autores de Educação Ambiental, não de Educação Ambiental, mas que falam de meio ambiente, que falam sobre o assunto, que falam das atividades práticas, da importância de se ter atividades práticas para a Educação Ambiental. O que você fala sobre isso? Você tem uma opinião sobre isso?

RA: Não tem assim um livro específico que fala o que você vai fazer em Educação Ambiental. Você vai acabar criando, o professor cria a sua atividade. No ano que eu trabalhei os resíduos sólidos, a gente fez aquela coleta lá no dia do meio ambiente, aí eu tive que dá continuidade pra atividade. Não é só ir lá e descartar. Então eu resolvi fazer uma reutilização da embalagem. Aí eu peguei acho que no dia da árvore falei assim 'vamos agora pegar embalagens e vamos reutilizar'. Então pra uma sala eu falei 'você vão reutilizar embalagens de papel, cada um traga duas embalagens que

tenham em casa, que seriam descartável e vamos fazer alguma coisa aqui'. Aí eles se reuniram numa turma e resolveram construir uma árvore reutilizando papel.

WA: Aram

RA: Mas foi uma árvore coletiva. A sala inteira foi construí. Então pegaram os tubos de papel toalha, fizeram caule. Os outros foram cortando caixinha de remédio, caixinhas de papel, de material de limpeza. Cortaram e colaram as folhas. Pintaram do outro lado lá e colaram as folhas.

WA: Aram

RA: Os alunos gostaram da ideia, assim foi uma atividade prática, mas que também envolveu todos, pra eles definir como é que iriam resolver. Teve vários problemas que eles tiveram que resolver, porque a árvore ficou pesada na parte superior, embaixo ela ficou muito leve. Daí ela caía. Daí eu falei ' resolvam, não vou ajudar vocês, vocês têm que resolver essa situação'. Aí conseguiram colocar pedras lá, fizeram um suporte lá na árvore. Aí comentaram aí lá, se tivesse raiz, não caía. Chegaram à conclusão que o peso maior tá na parte superior da árvore e resolveram, deram um jeito. Uma outra turma daí pegou embalagem de plástico. Aí levaram copos descartáveis, garrafas PET. Tinha um monte de material lá e eles assim 'mas o que a gente vai fazer com isso?' 'Não sei, vocês criem.' Demorou um tempo assim pra eles imaginarem alguma coisa, mas nem eu imaginei que eles fossem fazer uma árvore de garrafa PET, copinho de iogurte virou florzinha.

WA: Que legal.

RA: As garrafas cortaram de comprido ali, fizeram as folhas.

WA: Aram

RA: Ficou parecido com um pinheiro lá. Ficou bem legal, que eles, daí eles colaram as garrafas PET, e como é que vamos colar? Daí tiveram que resolve lá de encaixa uma na outra pra faze caule. Então foi, se a gente der oportunidade para os alunos tentar resolver, eles criam, eles resolvem as situações que aparece. E até o efeito sai melhor do que o esperado. A princípio eu pensei que ia ficar uma coisa muito tosca, muito feia. (risos), mas ficou até...

WA: (risos) Ficou bonito?

RA: Ficou bonitinho.

WA: Que bom. Éhh, mas daí às vezes você deixa um pedaço da tua aula pra isso, uma aula inteira, como você resolve a quantidade de horas-aula? Que é aprendizado, a gente sabe que é aprendizado. Mas de repente você não tá lá na frente de fato, dizendo pra eles, né?

RA: Então, nessas atividades eu precisei de mais de uma aula. Foram quase três aulas pra eles resolver. Então ficou uma semana inteira pra eles concluir, porque uma aula eles tavam chegou todo o material, numa aula eles tinham que observa aquilo ali e imagina o que eles fossem fazer com aquele material.

WA: Entendi.

RA: Então, até ele, foi um trabalho coletivo até ele chegar numa, num bom senso. Aí na segunda aula, eles foram montando e na terceira aula eles concluíram. Se eu for pensar que eu to perdendo aula pra aplicar o conteúdo da série, eu não faço isso. Mas não é uma perda, é um acréscimo. Porque vários temas que foram trabalhados eu posso retomar numa outra linguagem, de uma outra forma e trabalhando ao mesmo tempo a Educação Ambiental. Então, a gente acaba selecionando algumas coisas e depois lá a gente tem que ver tem fazer pra...

WA: Retomar.

RA: Retomar.

WA: Entendi.

RA: Mas não é uma perda, eu acho que a Educação Ambiental só acrescenta. Acrescenta porque a gente consegue observa a opinião dos alunos sobre diversos temas que a gente não abordaria...

WA: Em aula.

RA: Em uma convencional.

WA: Aram

RA: Então a gente sabe a opinião deles, a gente tá auxiliando eles a elaborar melhor as ideias que eles têm com relação ao tema e algumas outras coisas que eles às vezes não trazem pra sala de aula porque acham que não é conveniente. Mas quando a gente abre um espaço, abre um espaço pra diálogo ali, a gente consegue conhecer melhor o aluno. E o aluno também acaba, a gente acaba sendo favorecido porque o aluno daí começa a observar a gente de uma forma diferente, porque aí você tá trabalhando um

tema que é conhecido por todos. Às vezes você tá dando uma aula de Ciências que muitos têm dificuldade.

WA: É.

RA: Pra entender o conteúdo, mas a Educação Ambiental, ela sempre foi trabalhada de uma forma ou de outra na escola, na casa, pela sociedade, pela própria mídia. Então é um assunto que eles já têm mais conhecimento. Teve um outro momento que eu coloquei umas atividades lá para os alunos, que eu tava trabalhando sobre Energia e aí cada equipe pegou um tema de Energia e eles tinham mostrar como que é a energia era produzida.

WA: Urum.

RA: E aí eles foram lá e a ideia deles lá era construir maquete, porque eles falaram que nas séries iniciais a gente trabalha maquete, e nas séries finais a gente não trabalha. Aí até eu fiquei pensando assim ahh, nono ano eu vou trabalhar maquete agora em Ciências? Mas os alunos insistiram em trabalhar maquete, trabalhar maquete, então a gente combinou que vamos trabalhar mas não vamos comprar material, vamos reaproveitar. O combinado seria reaproveitamento de material.

WA: Aram

RA: Então eles foram trocando entre as equipes materiais que um precisava, que o outro precisava. É pegaram até, quem pegou usina eólica pegou embalagem de balas que vem umas, com as helicizinhas lá.

WA: Aram

RA: E organizaram daí é claro que ela não funcionou, né. Foi necessário um ventilador pra funcionar (risos).

WA: (risos)

RA: Porque ela não tava ligada a nada, não tava acionada. Mas que deu pra eles representa deu.

WA: Aram

RA: E esses que da ideia de reutilizar é que no ano anterior a gente havia trabalhado os resíduos sólidos no oitavo ano. Daí no nono ano então vamos reutilizar material. Os alunos mesmo já...

WA: Reutilizar.

RA: É. Então a Educação Ambiental é possível trabalhar, na minha opinião, é possível trabalhar em todos os níveis, em todos os momentos, em qualquer disciplina. Mas a gente tem que dispor assim um tempo pra você procurar material. Você não tem nenhum material assim diretamente pro nível escolar. Você...

WA: Não tem nenhum material didático dizendo faça isso.

RA: É. Mesmo porque é um tema transversal. Você tem que trabalha em todos os níveis e com todas as disciplinas. Então não tem um material assim pra determinada disciplina, então cada professor escolhe. Às vezes o professor de Ciências pode trabalhar um texto. Além de tá trabalhando Educação Ambiental, pode tá trabalhando Ciências e estar ao mesmo tempo trabalhando a leitura e discussão.

WA: Exato.

RA: Então a Educação Ambiental, ela vai bem além, porque a gente tem que analisa o que os alunos falam, o que os alunos colocam. Aí o projeto de trabalhar no início lá, começa com desenho, eu acho que auxilia bastante porque nas primeiras falas os alunos têm a opinião do que eles estudaram anteriormente. Então, eles passam pro papel aquilo que eles já sabem. Aí, analisando e observando depois o resultado deles eu posso saber pra onde que eu vou partir, o que eles já sabem mais ou menos porque eles colocaram nos desenhos.

WA: Entendi.

RA: E desenho eles sempre gostam, dá pra trabalhar em qualquer série também.

WA: É verdade, aram. E no final do ano, você costuma fazer uma avaliação final do projeto, propondo a eles alguma atividade específica, justamente até pra comparar com esse desenho inicial, de ideias prévias que eles tinham?

RA: Olha, geralmente eu guardo os desenhos deles do início e daí eu entrego lá no final, daí a gente...eu devolvo e depois eu pergunto pra eles o que eles acharam das atividades, o que deveria ser alterado.

WA: Urum.

RA: Geralmente eu faço um fechamento.

WA: Aram.

RA: Então, é esse ano, por exemplo, na escola a gente não fez um trabalho coletivo de todas as disciplinas, como a gente fez anteriormente. A gente resolveu trabalhar é

separado esse ano. As disciplinas ficaram trabalhando. Ciências trabalhou, Geografia trabalhou em separado, a gente fez um projeto, assim um projeto grande como o anterior. Esse ano eu trabalhei Energia com as turmas. Aonde que estava a Energia na Educação Ambiental? Então, são assuntos que eles acabam estando atrelado um com o outro e pro aluno Energia foi um trabalho assim bem complicado de trabalha com eles, porque é um tema abstrato demais. Mas aí eles associaram, a primeira coisa quando fala em energia – fotossíntese. A do Sol. Aí eles associam com conteúdos que eles já viram lá no sexto ano.

WA: Aram

RA: O papel do sexto ano tá ali oh, definido já né.

WA: Pois é.

RA: Falando de meio ambiente, falando de Educação Ambiental. Eles nem, na realidade a gente não precisa separar para os alunos, eu to trabalhando agora Educação Ambiental e agora vou trabalhar Ciências. Faz parte uma da outra sim e eles já mais ou menos sabem a delimitação.

WA: A parte do teu estudo em relação aos cursos que você desenvolveu, que você fez, os cursos que você fez pra tua atualização, é eu acredito que você faça leituras de textos, de coisas para o teu aprofundamento.

RA: Pro meu aprofundamento, olha, é os cursos até, têm cursos oferecidos pela prefeitura, mas eu acho assim que não são específicos para Educação Ambiental.

WA: Urum.

RA: Eu acabo me inscrevendo nos eventos que têm de Educação Ambiental no, fora da instituição, fora da Rede.

WA: Urum

RA: Porque a gente encontra nesses cursos profissionais de diversas áreas que vão lá e a gente acaba trocando ideias. Não é profissional da escola. Tem profissional que trabalha em projetos oferecidos por instituições privadas. Daí são ideias que a gente pode acabar reaproveitando ou adaptando elas pra trabalhar na escola. Então são coisas assim que a gente acaba observando e trabalhos muito bem feitos. Que servem pra gente utiliza. Justamente por causa dessa não haver material específico, não haver

nada que seja delimitado. E a prefeitura oferta, mas geralmente oferta específicos pra Ciências.

WA: Urum

RA: Não pra Educação Ambiental. Então, às vezes lá no curso tem uma, um dia ou dois dias do curso que fala sobre Educação Ambiental.

WA: Urum. E eu sei que você fez mestrado na área de meio ambiente, na área de Educação Ambiental.

RA: Era Ciência e Tecnologia.

WA: Ciência e Tecnologia. Mas você desenvolveu uma dissertação sobre...

RA: Sobre resíduos sólidos e a reciclagem e reutilização de materiais. Trabalhei oficinas de Educação Ambiental.

WA: Urum

RA: Então, no trabalho foi, na minha dissertação ele foi bem legal, porque eu trabalhei os quatro inorgânicos e fiz além da aula semanal, fiz uma aula no contraturno. Fiz oficinas no contraturno com um número reduzido de alunos. Cada oficina tinha dez e nessa oficina a gente reforçava o que havia visto em sala e eles preparavam uma atividade prática.

WA: Urum

RA: Depois dessa dissertação, aí eu comecei a trabalhar em momentos separados. Então cada, se eu for trabalhar eu não faço tão amplo, que daí a gente depende do contraturno e já não disponho do horário de contraturno agora.

WA: Aram

RA: Com quarenta horas em sala (risos).

WA: É mais difícil.

RA: Então, agora tá mais difícil de conseguir. Mas nas aulas semanais eu posso muito bem trabalhar e eu sempre acabo colocando ali.

WA: Inserindo ali.

RA: Isso. E o momento assim que eu acho bem legal. Teve um ano que os alunos me cobraram porque a gente parou de trabalhar dia da árvore, éhh a primavera, que é assuntos que de primeira a quarta todo ano eles trabalham. Então, eles vem acostumados com aquela ideia de trabalhar esses dias.

WA: Às vezes da mesma forma todos os anos, né.

RA: Então, num determinado ano eu resolvi trabalhar todos os dias comemorativos. Até foi legal assim, porque os alunos, eles falam 'ah, a gente já fez isso anteriormente'. Daí eles desenvolveram atividades que eles já tinham feito antes. Teve um que eu pedi para eles desenhar uma mão no sulfite, e eles tinham que dizer qual atitude que tava na palma da mão deles, que eles poderiam fazer pra melhorar o meio ambiente.

WA: Urum.

RA: Então eles tinham que escolher alguma coisa e desenha na mão deles. Então foi bem, bem legal porque cada um, surgiu um monte de coisas que eles podiam fazer.

WA: Urum.

RA: Surgiu sobre jogar lixo, separação de lixo, recolher lixo, plantar árvores. Então teve vários assuntos que eles acabaram colocando ali que estavam próximos deles.

WA: Urum.

RA: E depois que terminaram a atividade, foi questionado 'vocês fazem isso?' 'Às vezes eu esqueço.' 'Mas você já aprendeu sobre isso?' 'Ah já aprendemos'. 'E por que não fazem mais?'

WA: Por na prática.

RA: É. 'Agora já sou grande'. Então a gente vai ter que retomar, né. Porque não é porque você já não tá mais de primeira a quarta que não faça. Depois que a gente continua aquilo que a gente já agregou a gente não pode perder. Então, eu acho outra função seria da Educação Ambiental a gente estar sempre reforçando isso. Porque ahh vocês foram em algum lugar que tem bastante lixo? 'No centro da cidade tem bastante lixo'. 'Ah em tal lugar lá perto da casa tem um terreno baldio onde que jogam um monte de resíduos.' Quem é que joga? 'A gente não sabe quem joga.' Se você passasse lá, você ia jogar? Aí começar a questionar eles, né. Então se você não joga ali ou se você jogar ali ohh. Você gosta de observar como está? Então, a gente tem que estar sempre instigando eles assim a pensar e refletir sobre coisas que a gente acaba se acostumando. A gente passa de repente por um terreno baldio e acaba nem observando que é um terreno baldio, porque a gente já tá acostumado. Então, a gente tem que estar praticando Educação Ambiental o tempo todo. Diferente, por exemplo, das crianças pequenas, que elas cobram mais.

WA: Urum

RA: Estão cobrando ali ohh, você jogou lixo no lugar errado.

WA: É verdade. Ahh, legal. Será que já falamos de tudo? Teria mais alguma coisa que você quisesse comentar sobre o teu trabalho, alguma coisa que você goste e que você ache importante?

RA: Eu acho...

WA: Que você sinta falta, que na tem na escola?

RA: Eu acho que quando a gente começa a trabalhar Educação Ambiental, o professor que começa a trabalhar com Educação Ambiental ele muda. E aí ele não consegue mais deixar a Educação Ambiental de lado. Ele agregou coisas e o tempo todo ele vai falar, a Educação Ambiental vai fazer parte do seu currículo, do seu trabalho, da sua atividade. Então, só não gosta de Educação Ambiental que não trabalha Educação Ambiental. Agora, começou a trabalhar, começou a se envolver com Educação Ambiental você acaba fazendo que ela faça parte do teu trabalho cotidiano. Você, de uma forma ou de outra, acaba se envolvendo na questão ambiental, porque ela tá o tempo todo ali. E eu acho que se fosse ofertado mais cursos, mais coisas pra formação dos professores.

WA: Aram

RA: Teriam muito mais professores trabalhando. Porque às vezes os professores não trabalham porque eles não sabem como. Então, têm disciplinas, por exemplo, que ahh vou deixar pra Ciências que é a linguagem das Ciências.

WA: É

RA: Não é linguagem de Ciências, não é linguagem de Geografia. É a linguagem de todos. Porque a gente vive numa sociedade, vive no ambiente onde que a gente respira Educação Ambiental. Só que a gente tem que vestir a camisa da Educação Ambiental e continuar. Então, eu acho se houvesse mais cursos e mais formação, haveria mais professores trabalhando Educação Ambiental e haveria mais adeptos a ela.

WA: Eu sei que você tem mais uma graduação, que você dá aula de Matemática. É nas aulas de Matemática você consegue fazer com que a Educação Ambiental também aconteça?

RA: Ahh, a gente consegue trabalhar Educação Ambiental todos os momentos porque trabalhando Matemática, a gente acaba entrando lá nos, na porcentagem de produção de resíduos. Aí os alunos conseguem observar em Matemática uma outra linguagem. To usando números, to usando gráficos, to usando tabelas pra expor isso. Mas os alunos, eles têm uma dificuldade de imaginar o professor de Matemática trabalhando Educação Ambiental. Então, os alunos, eles têm uma assim ohh, uma dificuldade de imagina como que você tá dando aula de Ciências se você dá aula de Matemática. Então, para os alunos também é uma, tem que ser flexível essa barreira.

WA: Dos compartimentos das disciplinas.

RA: Então eles pensam que o professor de Matemática só pode dar aula de Matemática. E se você tá trabalhando um texto, uma resolução de problema, alguma coisa que caia assuntos de Educação Ambiental e você se aprofunde demais no que tá escrito no texto, até os alunos entender que você é cidadão, que você tá envolvido nisso, que não faz parte apenas de uma disciplina e sim de uma sociedade. Então, eles têm muita dificuldade pra perceber essa diferença. Mas, Matemática, cada vez que eu vou entrar num conteúdo que é apropriado a utilizar, a gente utiliza. E os livros de Matemática atualmente, eu acho assim foi uma evolução muito grande. Eles colocam bastante problemas e leitura geralmente nos finais de capítulo, envolvendo, falando sobre Educação Ambiental. Quer na produção, quer no descarte, acaba entrando.

WA: Aram

RA: Eles se detém, é claro que eles se detém ainda mais na questão de resíduos, na questão de produção. Mas até já têm usinas hidrelétricas, colocam sobre produção de energia, acaba entrando ali. A semana passada eu tava trabalhando com os alunos sobre regra de três e havia lá uns problemas lá de animais em extinção, animais que foram extinto, os locais e aí a gente tava comentando porque, falando os dados da floresta amazônica, por exemplo, por que que têm tantos animais lá na floresta amazônica e aqui tem menos. Então, já acaba entrando ali também Educação Ambiental.

WA: Aram.

RA: Então, eu acho assim que houve evolução tanto nos livros didáticos, que já começaram a incluir. Houve inclusão nas graduações, na formação dos professores. Já

houveram avanços, mas ainda tem que ser investido uma maior carga, eu acho, da mantenedora, porque não são todos os professores que vão atrás de formação fora da Rede. Ficam esperando formação que a Rede dá.

WA: Você procura fora. Mas é tua iniciativa?

RA: Isso.

WA: Nem todos têm.

RA: São pouquíssimos professores que vão. Até às vezes a gente comenta olha vai ter um evento legal. É aqui na cidade. Pode ir, você pode se inscrever, você pode ir lá assistir quando você quiser, a palestra, não precisa nem ir todos os dias. Mas ahh, só que são poucos professores que acabam indo. Se a gente ficar só esperando, só esperando, às vezes a gente não vai receber aquilo que a gente tá esperando. Então tem que correr atrás.

WA: Verdade. A gente às vezes se acomoda, né.

RA: É

WA: Muito tempo dando aula, fazendo mais do mesmo.

RA: É.

WA: De repente o diferente, fazer alguma coisa diferente.

RA: Às vezes é mais cômodo você ficar ali fazendo a mesma coisa. Só que se você vai trabalhar uma disciplina cinco anos, dez anos da mesma forma, da que a pouco você não aguenta mais nem trabalhar aquilo ali. Então, se pra você fica monótono, para os alunos com certeza tá monótono. Então, eu dou aula todo ano eu to fazendo coisa diferente, porque nem...eu gosto de mudar e acredito que os alunos também gostam. Então, nunca sirvo a mesma coisa. Por isso eu gosto dos projetos porque cada ano eu começo um projeto, aí tem um tema central lá e eu vou mudando no decorrer do período.

WA: Exatamente. Vai incluindo, excluindo.

RA: É.

WA: De acordo com o andamento, do próprio crescimento da turma, né. Do desenvolvimento da turma, como a turma tá compreendendo.

RA: E acompanhar a turma é legal, nisso, porque eu guardo as imagens que eles produzem. Então, eu tenho alunos que eu tenho imagem de três anos. Aí eu vejo a

imagem de um ano e depois vou ver no outro. Agora eu fui trazer as imagens pra você, tava olhando assim uma aluna que eu trabalhei com ela no sétimo, no oitavo e no nono. Eu nem lembrava que aquela imagem era da menina que agora tá no nono. Porque ela evolui tanto, eu observo essa evolução também nas atividades deles. É claro que, por exemplo, Educação Ambiental não é do professor atual. É, começou lá na Educação Infantil, lá na casa dos alunos, foi pela Educação Infantil, foi pelas séries iniciais e é um processo contínuo. Não é o que eu penso que o aluno vai pensar, mas é a formação que ele teve. Foi juntando, assimilando coisas. Então é deveria ter muito mais professores trabalhando Educação Ambiental.

WA: É, como tema transversal deveria permear tudo, né.

RA: É.

WA: Então acho que encerramos. Obrigada viu, pela entrevista e a gente encerra por aqui

ANEXO 7: TEXTUALIZAÇÃO DO DEPOIMENTO DA PROFESSORA DA ESCOLA C CEDIDO EM 11/012/2013

1 Vou começar pela minha formação na graduação. Eu tenho graduação em
2 Ciências, com habilitação em Biologia. Eu não tive Educação Ambiental na minha
3 graduação, essa disciplina não existia. Como eu me formei lá em noventa e três, nem
4 havia indicativo da disciplina, não havia isso na graduação. Diferentemente de agora,
5 onde já é possível encontrar algumas com Educação Ambiental em seu currículo.

6 A minha formação foi em sala de aula, participando de cursos de extensão, ou
7 ofertados pela mantenedora. Dessa forma, fui incluindo a Educação Ambiental no meu
8 trabalho pedagógico.

9 A prefeitura de Curitiba apresenta muitos projetos de Educação Ambiental,
10 porém acredito que ocorrem mais de primeira à quarta série. Existe uma quantidade
11 maior de projetos voltado às séries iniciais, e os professores desenvolvem muito bem o
12 trabalho, tendo em vista também os livros didáticos dessa etapa, que abordam mais
13 intensamente a Educação Ambiental. Eu sei que no site oficial da prefeitura,
14 denominado cidade do conhecimento, estão apontados alguns projetos desenvolvidos
15 na Rede. Na página inicial está disponível um *link* onde constam cursos de formação
16 continuada.

17 Nas séries finais, observo que as questões ambientais são desenvolvidas de
18 acordo com a série. Sendo assim, nos sétimos anos as temáticas principais envolvem
19 os estudos dos seres vivos, portanto tem trabalho ambiental. No sexto ano, temos a
20 análise do meio ambiente e seus recursos. Oitavos e nonos anos não apresentam
21 tópicos específicos relacionados ao ambiente, mas o docente pode discutir questões
22 ambientais no decorrer do ano.

23 Existem livros didáticos cujos conteúdos já se entrelaçam com a Educação
24 Ambiental. Depende do livro e da escolha feita inicialmente pelos professores. Em
25 geral, eu trabalho com as séries finais do ensino fundamental, oitavos e nonos anos. No
26 livro do nono ano contém assuntos que debatem Educação Ambiental, envolvendo
27 Física e Química, que estão diretamente relacionadas ao meio ambiente. Considero
28 que alguns autores destacam uma maior quantidade de conteúdos que abordam as
29 questões relacionadas ao ser humano, à escola e ao ambiente. Entretanto, outros

30 autores comentam bem menos. Ainda existem livros que tratam a Educação Ambiental
31 como componente a parte.

32 Na escolha deste ano, foi feito um levantamento prévio dos livros didáticos,
33 para que os professores tivessem um norteamento durante o processo de seleção das
34 obras. Sendo assim, antes da escolha, todos os livros estavam disponíveis, havia
35 critérios pré-definidos. Inclusive um dos quesitos era a inserção da Educação
36 Ambiental.

37 Existem projetos de Educação Ambiental sendo desenvolvidos na escola.
38 Costumo trabalhar com outra colega professora, procurando desenvolver projetos na
39 área ambiental. Às vezes, envolvemos a escola como um todo; em outras ocasiões,
40 trabalhamos em separado.

41 Em um determinado ano, todos os professores quiseram participar. Dessa
42 forma, na semana do meio ambiente realizamos uma caminhada com os alunos e os
43 professores da escola. Foi um bom projeto, apesar de ter sido trabalhoso, visto que foi
44 preciso da ajuda da guarda para garantir a segurança durante a caminhada. Para
45 desenvolver projetos assim, é preciso colaboração de todos.

46 Neste projeto, desenvolvemos ações para o dia mundial do meio ambiente. Foi
47 acordado que todos os professores trabalhariam e Ciências daria mais ênfase. A
48 professora de Geografia gostou muito das atividades e participou ativamente do projeto.
49 Para o fechamento das atividades, fizemos a caminhada pelo entorno da escola. Os
50 estudantes foram observando a paisagem, distribuíram mudas disponibilizadas pelo
51 horto municipal, e também recolheram os resíduos descartados incorretamente. Os
52 alunos demonstraram muito interesse nesta atividade.

53 A escola aceita bem os projetos de Educação Ambiental. Há algum tempo, eu e
54 uma colega de Ciências temos como práxis iniciarmos o ano letivo com atividades de
55 Educação Ambiental. Assim sendo, a cada ano escolhemos um tema ambiental e a
56 partir deste, encadeamos ações em sala de aula, envolvendo o mesmo. Pelo menos
57 uma semana de cada trimestre era dedicado à Educação Ambiental. Teve um ano que
58 trabalhamos resíduos sólidos; em outro, a ênfase foi a água. Todo ano delimitamos um
59 assunto e baseado neste assunto, encaminhamos textos para leitura e preparamos as
60 atividades.

61 Normalmente, na primeira semana de aula, realizamos diversas atividades e
62 solicitamos aos alunos uma atividade para entregar, para que possamos avaliar como
63 eles estão abordando a temática. Geralmente, a composição inicial é em forma de
64 desenho, porque em algumas situações, os alunos não estão ambientados com o novo
65 professor e o desenho pode nos auxiliar a interpretar melhor alguns conceitos
66 presentes ali, que numa atividade escrita talvez não ficasse claro.

67 Em outra ocasião, trabalhamos a água, meio ambiente e seres vivos.
68 Destacamos que os elementos vivos fazem parte do meio ambiente, eles aparecem de
69 uma forma ou de outra. Ora podem estar auxiliando, vez por outra prejudicando o
70 ambiente. Mas sempre estarão ligados diretamente a esse meio.

71 Em relação ao currículo e a Educação Ambiental, noto que no Projeto Político
72 Pedagógico das escolas já está incluída a Educação Ambiental em todas as disciplinas,
73 em função de todas elas. Nas Diretrizes Municipais também, incluindo todos os níveis
74 escolares. Tem destaque nas Diretrizes o que é importante em cada nível. No sétimo
75 ano, por exemplo, trabalhamos os seres vivos. Então, em quase todos os capítulos
76 existe a possibilidade de abordar a questão ambiental.

77 No sexto e sétimo anos é mais fácil de trabalhar Educação Ambiental do que no
78 nono e no oitavo, sendo que neste último trabalhamos corpo humano. Ainda assim, por
79 se tratar de corpo humano, podemos sempre inserir o ser humano nas questões
80 ambientais.

81 No currículo municipal, a Educação Ambiental está inserida em todos os níveis
82 escolares. No nono ano, por exemplo, temos a energia, a transformação da energia, a
83 produção da energia e sua influência no ambiente. A Química também está relacionada
84 ao meio ambiente. Deste modo, a Educação Ambiental pode se relacionar com todos
85 os conteúdos basicamente.

86 Eu gosto de trabalhar por projeto. Eu seleciono o tema no início do ano letivo
87 vou abordando sistematicamente durante o ano. O projeto sobre resíduos sólidos foi
88 inicializado comentando onde víamos os resíduos. Num outro momento, evidenciei
89 quais os tipos de resíduos, como são produzidas as embalagens de plástico, de metal,
90 e qual destino é dado a esses resíduos. Fui aprofundando o assunto no decorrer do
91 ano.

92 Geralmente, eu acompanho as minhas turmas dois ou três anos. Para não ficar
93 repetitivo, costumo escolher um tema inicial. Se eu vou ficar mais de um ano com a
94 turma, eu abordo temas diferentes. Por exemplo, eu trabalhei a água, a importância da
95 água, dos vegetais. Além de trabalhar os conteúdos próprio da série, eu tento encaixar
96 a temática ambiental nos conteúdos da série. Eu gosto de acompanhar, pois desta
97 forma consigo dar continuidade ao meu trabalho. Às vezes ocorrem reprovações, para
98 não me repetir, costumo mudar o foco temático a cada ano. Percebo que os alunos
99 participam mais ativamente, porque as atividades não se repetem. Eu ainda não
100 encontrei nenhum estudante que não tenha gostado das ações de Educação Ambiental.
101 Eles sempre gostam de trabalhar e todos eles têm algum conhecimento prévio sobre o
102 assunto, porque já foi trabalhado em algum momento da vida escolar deles. Cada vez
103 que desenvolvemos um tema, eles costumam lembrar de algo que já haviam visto.

104 Além de outros professores, os estudantes também têm acesso aos diversos
105 meios de comunicação, como televisão e internet, e a Educação Ambiental está o
106 tempo todo na mídia e interagindo com a escola. É papel de o professor transformar
107 essas informações em conhecimento.

108 Eu penso que a Educação Ambiental é um assunto atual, porque todos os dias
109 aparece alguma coisa na mídia sobre a questão ambiental, sobre alguma catástrofe
110 natural, e aí os alunos chegam à escola cheios dúvidas. Quando isso acontece, eu
111 considero oportuno que a Educação Ambiental seja retomada. Por exemplo, quando
112 ocorreu o tsunami, foi um assunto muito debatido em sala de aula. E o problema
113 nuclear no Japão. Estava em todos os meios de difusão de informação. Os alunos
114 queriam saber o que acontecia lá, o que aconteceu com os seres vivos que lá estavam,
115 se iam poder voltar lá. São questões que acabam levando a reflexões significativas na
116 escola. Por isso, trabalhar com projetos auxilia porque os tópicos ambientais podem ser
117 inseridos nos conteúdos e podem ser retomados a qualquer momento. É sempre uma
118 continuidade.

119 Usualmente, os professores das séries finais supõe que a Educação Ambiental
120 fica a cargo das disciplinas de Geografia e Ciências. Mas, eu observo que professores
121 de outras disciplinas podem trabalhar com Educação Ambiental. O professor de Língua
122 Portuguesa pode utilizar um texto que contenha informações sobre meio ambiente, e

123 expandir a temática. Ele estará trabalhando Educação Ambiental em Linguagem. De
124 uma forma ou de outra, vários professores de diversas áreas do conhecimento
125 trabalham Educação Ambiental. Não é um tema assim, que ficou só para uma
126 disciplina.

127 Não há um livro que trate especificamente sobre que atividades e/ou ações
128 para serem desenvolvidas em Educação Ambiental. O professor vai acabar criando. No
129 ano que eu trabalhei com resíduos sólidos, nós realizamos uma coleta no dia da
130 caminhada. Então, eu resolvi fazer uma reutilização da embalagem com os alunos,
131 orientando os mesmos a construir uma árvore com os resíduos coletados mais aqueles
132 que fossem descartados em casa. Uma turma resolveu criar uma árvore reutilizando
133 papéis. Foi uma atividade coletiva, onde todos se envolveram cada qual compondo uma
134 parte da árvore. Eles trouxeram tubos de papel toalha e fizeram o caule. Outros
135 cortavam caixinhas de remédio, de papel, de material de limpeza.

136 Os estudantes gostaram deste trabalho prático, pois envolveu toda a turma.
137 Aconteceram alguns problemas na execução que eles tiveram que discutir e resolver,
138 porque a árvore ficou mais pesada na parte superior, embaixo ficou muito leve e ela
139 caía. Foi uma situação resolvida pelo grupo, sem a minha ajuda.

140 Uma outra turma trabalhou com embalagem de plástico. Eles levaram copos
141 descartáveis, garrafas PET. Tinha uma quantidade enorme de material. Demorou um
142 pouco mais, mas até flores de copinhos apareceu na árvore feita por eles. Cortaram as
143 garrafas no comprimento e fizeram folhas. Ficou semelhante a um pinheiro. Para a
144 confecção do caule, os alunos resolveram encaixar uma garrafa na outra. Se dermos
145 oportunidade aos alunos de tentar, eles criam, eles resolvem qualquer situação que
146 aparecer. E o resultado final sai até melhor que o esperado.

147 Para desenvolver o projeto de resíduos sólidos, eu precisei de mais de uma
148 aula. Foram quase três aulas para que eles pudessem terminar. Assim, ficou uma
149 semana inteira para concluir o trabalho, porque em uma aula, eles traziam todo o
150 material coletado. Numa outra eles observavam e imaginavam como poderiam produzir
151 algo com aqueles resíduos, e na terceira aula eles concluíram. Se eu for pensar que
152 estou perdendo aula para aplicar o conteúdo da série, eu não faço isso. Mas não é uma
153 perda, é um acréscimo. Porque vários temas foram trabalhados e eu posso retomar

154 numa outra linguagem, de outra forma, e trabalhando ao mesmo tempo a Educação
155 Ambiental. Eu acho que a Educação Ambiental só acrescenta, porque conseguimos
156 observar a opinião dos alunos sobre diversos temas que não abordaríamos numa aula
157 convencional.

158 Sendo assim, nós descobrimos a opinião dos alunos, os auxiliamos a elaborar
159 melhor as ideias em relação ao tema, entre outras questões que às vezes não
160 aparecem nas discussões em sala de aula. Mas, quando abrimos espaço para o
161 diálogo, conhecemos melhor nossos alunos, e os alunos também passam a nos ver de
162 uma forma diferente.

163 Muitas vezes, estamos dando uma aula de Ciências e temos vários alunos que
164 apresentam dificuldade em entender o conteúdo. Mas a Educação Ambiental está
165 presente no cotidiano das pessoas, nos meio de comunicação em geral. É um assunto
166 muito debatido, então os alunos apresentam sempre algum conhecimento sobre o
167 tema.

168 Numa outra ocasião, eu estava trabalhando Energia e aí cada equipe ficou
169 responsável por uma forma de energia e deveriam mostrar como é que essa forma de
170 energia é produzida. Os alunos demonstraram interesse em construir maquetes. Eu
171 pensei sobre o assunto e decidi que eles poderiam sim construir maquetes. Entretanto,
172 eles deveriam reutilizar materiais. As equipes trocaram materiais arrecadados ente si e
173 até o grupo responsável pela energia eólica usou hélices provenientes de embalagens
174 de balas. Claro que não funcionou, foi necessário um ventilador para que fossem
175 acionadas, mas foi possível realizar a demonstração.

176 Essa ideia de reutilizar surgiu devido ao fato de ter sido trabalhado resíduos
177 sólidos no ano anterior.

178 Portanto, em minha opinião, é concebível trabalhar com Educação Ambiental
179 em todos os níveis de ensino, em todos os momentos, em qualquer disciplina. Porém, é
180 necessário dispor de um tempo para procurar material, porque não existe material
181 pronto. Mesmo porque é um tema transversal e por isso deve ser trabalhado em todos
182 os níveis e em todas as disciplinas. Como não existem instrumentos específicos para
183 cada disciplina, o professor pode escolher. Às vezes, o professor de Ciências trabalha

184 um texto, proporcionando ao aluno desenvolver atividades na Educação Ambiental e ao
185 mesmo tempo leitura e discussão.

186 A Educação Ambiental vai além porque nós podemos analisar o que os alunos
187 nos falam, nos colocam. Aí está a importância de se trabalhar com desenho no início do
188 projeto. A partir daquilo que foi elaborado pelo aluno, eu posso direcionar o trabalho
189 pedagógico que se seguirá. E desenhar eles sempre gostam. Eu recolho os desenhos e
190 guardo até o final do ano. Então, costumo devolver e questionar os alunos em relação
191 ao trabalho feito por eles, se deveria ser alterado. Faço sempre um fechamento do
192 projeto com os alunos.

193 Este ano não fizemos um projeto muito amplo de Educação Ambiental.
194 Resolvemos desenvolver ações em separado. Então, Ciências trabalhou de um jeito,
195 Geografia de outro. Eu trabalhei Energia com as minhas turmas. Eu propus aos
196 estudantes que demonstrassem as relações entre energia e Educação Ambiental.
197 Energia é um tema bem complicado, mas que acabou entrelaçado à Educação
198 Ambiental. Porém, a primeira associação comentada pelos alunos foi a fotossíntese – a
199 energia fornecida com auxílio do Sol. Eles associaram com conteúdos estudados no
200 sexto ano. Aí está o papel do sexto ano, definido, discutindo meio ambiente e Educação
201 Ambiental. Na realidade, não é preciso separar Educação Ambiental de Ciências para
202 ao aluno. Uma faz parte da outra e os alunos mais ou menos entendem os limites.

203 Para o meu aprofundamento, eu acho que os cursos da Rede Municipal de
204 Curitiba não são específicos para Educação Ambiental, são mais voltados à área de
205 Ciências. Nestes cursos, às vezes um dia ou dois são dedicados ao estudo da temática
206 ambiental. Costumo participar de eventos que têm Educação Ambiental fora da Rede. É
207 comum encontrar diversos profissionais de diversas áreas que atuam com Educação
208 Ambiental por aí afora, então é possível trocar ideias. Não só professores que atuam
209 em escola. Existem profissionais que trabalham em instituições privadas e desenvolvem
210 ações excelentes. São atividades que podem ser adaptadas para serem feitas na
211 escola. Surgem ideias muito boas nestes eventos, também pela ausência de materiais
212 específicos para a Educação Ambiental.

213 Eu fiz mestrado em Ciência e Tecnologia. A minha dissertação sobre resíduos
214 sólidos, a reciclagem e reutilização de materiais. Trabalhei oficinas de Educação

215 Ambiental. Eu trabalhei os quatro tipos de inorgânicos e além da aula semanal, fiz aulas
216 no contraturno, com número reduzido de alunos. Cada oficina tinha dez alunos, e
217 nessas oficinas, reforçávamos o que havia sido visto em sala, e eles preparavam uma
218 atividade prática.

219 Depois que concluí a dissertação, eu trabalhei em momentos separados, devido
220 ao fato de não ter mais tempo disponível para o contraturno. Mas nas aulas semanais
221 eu trabalho Educação Ambiental.

222 Teve um ano que os alunos cobraram por que não havia mais aulas sobre o dia
223 da árvore, da primavera, que são assuntos de primeira a quarta séries. Eles estão
224 acostumados a trabalhar essas datas nos anos iniciais. Dessa forma, decidi
225 desenvolver atividades que contemplassem todas as datas comemorativas do ano.
226 Uma das atividades realizadas pelos alunos foi um desenho da mão e nesse desenho
227 deveria ser posto algo que estava na palma da mão deles para melhorar o meio
228 ambiente. Surgiu sobre jogar lixo, coleta e separação, plantio de árvores, ou seja, vários
229 temas de relevância foram abordados nessa atividade e que estavam próximos a eles.

230 Concluída essa atividade, eu os questionei sobre as imagens, se eles estavam
231 comprometidos e faziam aquelas ações, e os alunos comentaram que às vezes
232 esqueciam, mas que aquelas ações não eram desconhecidas. Eu percebi que é preciso
233 retomar as questões ambientais em todas as séries. Não é porque estão maiores que
234 não precisam colaborar com o meio ambiente. Os conhecimentos agregados não
235 devem ser esquecidos. Então, eu acredito que outra função da Educação Ambiental
236 seria reforçar o que foi aprendido no início da escolarização.

237 Os alunos comentam em sala sobre as questões mais visíveis na sociedade,
238 como por exemplo, citando localidades onde é possível encontrar descarte de resíduos
239 de maneira incorreta, terrenos baldios que parecem depósitos de lixo. O meu papel
240 enquanto professora é discutir quem joga aquele lixo, que é o responsável por tudo
241 aquilo, tendo em vista que o lixo não chegou lá sozinho. Essas discussões são
242 necessárias porque possibilitam reflexões sobre situações que muitas vezes nos
243 acostumamos e achamos que é normal.

244 Precisamos ampliar os debates em Educação Ambiental, praticando-a o tempo
245 todo. Crianças pequenas não precisam disso porque elas cobram mais dos adultos.

246 Eu reconheço que quando o professor começa a trabalhar com Educação
247 Ambiental, ele se contagia de tal forma que forma que todo o seu empreendimento
248 pedagógico se transforma. Ele não consegue mais deixar de desenvolver ações em
249 Educação Ambiental, porque o professor agregou conhecimento sobre as questões
250 ambientais, ela vai fazer parte do seu currículo, do seu trabalho, da sua atividade.
251 Sendo assim, eu acho que só não gosta de Educação Ambiental que nunca se deparou
252 com ela. Uma vez iniciada a lida com Educação Ambiental, o professor acaba fazendo
253 com que ela permaneça cotidianamente.

254 Eu observo que se houvessem mais cursos, mais formação na área, mais
255 professores se interessariam. Teríamos muito mais professores trabalhando, porque
256 muitas vezes, os docentes não trabalham porque não sabem como. Dessa forma,
257 professores de outras disciplinas acham mais fácil deixar para Ciências. Mas não é
258 responsabilidade só de Ciências ou só de Geografia, é de responsabilidade de todos,
259 porque vivemos em sociedade, vivemos no ambiente, respiramos Educação Ambiental.

260 Nós devemos vestir a camisa da Educação Ambiental e eu acredito que com
261 mais cursos de formação, haverá mais professores adeptos a ela.

262 Eu tenho formação em Matemática também. Nas minhas aulas nessa disciplina,
263 agrego a Educação Ambiental porque é possível trabalhar Educação Ambiental.
264 Trabalhando gráficos sobre resíduos, porcentagem, e aí os alunos também observam
265 que em Matemática podemos ver Educação Ambiental, seja nos números, nos gráficos,
266 nas tabelas. Existe certa dificuldade por parte dos estudantes em imaginar um professor
267 de Matemática trabalhando Educação Ambiental. Mas são barreiras que podem ser
268 flexibilizadas. Trabalhando um texto, uma resolução de problema, eu posso propor algo
269 que envolva Educação Ambiental. É possível aprofundar no texto, no problema, ampliar
270 as discussões, para mostrar aos alunos que o professor é cidadão, que está
271 comprometido com o ambiente e que este não é parte de uma ou outra disciplina, mas
272 sim da vida em sociedade. Eu observo ainda que nos livros de Matemática houve um
273 acréscimo relevante de textos que abordam a temática ambiental. Em geral, se detém
274 mais nas questões de produção de resíduos. Mas já existem alguns autores que
275 versam sobre a produção de energia.

276 A título de curiosidade, semana passada eu estava trabalhando regra de três e
277 havia problemas a respeito de extinção de animais em determinadas áreas. Havia
278 dados sobre a floresta amazônica, por exemplo, porque lá tem mais animais do que
279 aqui e assim por diante.

280 Eu percebo que de alguns anos pra cá tivemos a inclusão da Educação
281 Ambiental nos livros didáticos, nas graduações, na formação dos professores.
282 Entretanto, cabem mais ações por parte da mantenedora, porque nem todos os
283 professores vão atrás de formação fora da rede. São pouquíssimos professores que
284 procuram formação. Às vezes, eu comento com alguns professores sobre os eventos
285 que costumo ir. Comento que é permitido se inscrever e participar das palestras, sem
286 ser necessário estar em todas. Mas poucos participam. Eu vejo que é preciso ir atrás,
287 porque de nada adianta ficar esperando.

288 É muito mais cômodo fazer a mesma coisa, as mesmas atividades, as mesmas
289 aulas. Mas trabalhar sempre do mesmo jeito enjoa. O professor se cansa, os alunos se
290 cansam. Se é monótono para o professor da disciplina, imagina para os estudantes. Eu
291 considero importante mudar, estar em movimento. Por isso trabalho por projetos,
292 porque a cada ano posso construir novos desafios, posso ir mudando no decorrer do
293 ano, conforme o andamento da turma. E acompanhar a turma é bom por isso também,
294 porque posso mostrar pelas atividades dos alunos, como eles cresceram, como se
295 desenvolveram. Olhando as imagens que eu trouxe para você ver, eu me deparei com
296 tarefas de três anos atrás e pude comparar com atividades atuais e me dei conta de
297 como determinado aluno evoluiu. Essa evolução transparece nas atividades, nos
298 desenhos.

299 Claro que o aprendizado de Educação Ambiental é o resultado de toda a
300 jornada dos alunos, que começou na família, foi para a Educação Infantil, nas séries
301 iniciais. É um processo contínuo. Não é o que eu penso que o aluno vai pensar, mas
302 sim é o resultado de toda a história de vida dele, da formação dele, o que ele foi
303 juntando, assimilando. Por isso, a Educação Ambiental deveria acontecer muito mais na
304 escola.

ANEXO 8: TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO CEDIDO EM 08/10/2013 – PROFESSORA ESCOLA D

WA: Aí, bom Rita, eu vou ler a minha carta de apresentação pra você. Tá, éhh, está entrevista é parte de uma dissertação de mestrado, e tem como objetivo a apreender qual entendimento que se tem da Educação Ambiental no contexto escolar. A pesquisa dispõe de abordagem indireta como método para obtenção de dados. É isso que eu, sem perguntas, entendeu? As gravações ficarão em poder do entrevistador e/ou instituição que se comprometa a acatar essas exigências, contribuindo como fonte histórica para pesquisas futuras.

RI: Urum

WA: Posteriormente à entrevista, o entrevistado receberá uma cópia da transcrição completa de seu depoimento e textualização. Então eu vou elaborar um texto sem os nossos né, sabe, sem as nossas coisinhas, os nossos vícios de linguagem. E você também tem o direito de ficar com a cópia e autorizá-la, se eu posso ou não trabalha com ela. E neste momento poderá excluir trechos e solicitar alterações. Estando de acordo com o conteúdo dos textos, será solicitada a assinatura do termo de cessão de direitos de documentos escritos. Que nesse momento não está comigo, mas eu volto à escola, assim como vou voltar em todas.

RI: Urum

WA: Né, com a carta de cessão de direitos e tal. Então é mais ou menos isso que vamos trabalhar, né. Queria saber só há quanto tempo que você atua como professora?

RI: É, da rede...(risos), eu comecei em dois mil e, minha nomeação saiu em dois mil,e dez.

WA: Dois mil e dez, urum.

RI: É, o primeiro ano eu trabalhei, a minha nomeação saiu no dia vinte e cinco de novembro de dois mil e dez. Eu fui lá pro Sabbag, ehh, peguei o finzinho de tudo.

WA: Urum.

RI: Né, já tinha terminado tudo, então eu fiquei só como professora pra substituir literalmente.

WA: Aram

RI: Daí, no começo de dois mil e onze, eu fui pro Herley Mel, pra cobrir licença-prêmio da professora regente.

WA: Aram

RI: É. Fiquei lá até metade do ano, a professora voltou, eu continuei mais um poquinho ainda, só que daí me remanejaram pro Julia Amaral, lá no Barreirinha, pra cobrir licença-prêmio e a aposentadoria já emendou, da professora de Ciências.

WA: Certo.

RI: Aí, no final do ano, eu participei em dois mil e onze eu participei do concurso de remoção, né. E vim pra cá. Então, aqui na escola São Miguel, eu trabalho há um ano.

WA: Aram.

RI: Como professora de Ciências. Então, ano passado eu peguei sextos anos.

WA: Aram

RI: E esse ano eu acompanhei a turma, ahh, que são os meus sétimos anos, esse ano. Então, como professora da Rede, a minha experiência é curtíssima. Três anos, né. Eu saio do estágio probatório agora, dia vinte e cinco de novembro desse ano.

WA: Ahh é.

RI: Eu saio do estágio probatório.

WA: Mas tinha experiência como professora na Rede?

RI: Ahh não, como professora, não. Sempre trabalhei em escola particular. Mais ou menos uns quinze anos, só que nunca como professora de Ciências. Eu era professora alfabetizadora mesmo.

WA: Alfabetizadora mesmo.

RI: Eu trabalhava com os pequenininhos.

WA: É.

RI: E aí a professora que dá todas as matérias dentro da sala de aula.

WA: Aram. Ah, inclusive Ciências.

RI: Inclusive Ciências.

WA: Aram. Mas a sua formação é Ciências Biológicas.

RI: Aram. A minha faculdade sim.

WA: É

RI: E o que me assusta aqui é justamente isso, né. Porque eu queria pode te ajuda mais, mas com a minha vivência aqui, né. Por exemplo, a Educação Ambiental e o currículo.

WA: Aram

RI: O currículo da escola. Eu não lembro de ano passado, nós termos comentado qualquer coisa sobre a respeito de Educação Ambiental.

WA: Aram

RI: Sabe. Não, não lembro. E, é o que a gente trabalho foi em sala de aula mesmo, com os alunos. Né, eu sou, às vezes eu digo assim, eu acho que eu to na profissão errada, eu devia ter seguido com o conselho do meu professor. Quando eu tava na faculdade, o meu professor de Zoologia, ele dizia 'Rita, saia da Biologia e entre e vai, vai pro mestrado logo de uma vez', né. Então, quando eu to dando aula pros meus alunos, assim nossa, tem coisas assim, que me inflamam mesmo, sabe. Que me inflamam no sentido assim de defender aquilo com unhas e dentes, sabe. Então, eu tento colocar na cabeça dos alunos o máximo de informações possíveis, eu tento discutir com eles, sabe, fazer ver o quanto aquilo é importante, que eu sempre tenho com eles, né, isso que a gente tá num planeta como se fosse aqueles jogos que montam lá em Dallas, né, com aquelas milhares de peças de dominó. Se derrubou uma, vai cair tudo, né. Vai demorar um pouco mais, um pouco menos, mas vai cair tudo aquilo ali, né. Porque as coisas são muito interligadas, você não consegue viver com coisas separadas, né estanques. Tudo tá muito relacionado, então o meu trabalho de Educação Ambiental ou mesmo com Ciências, com qualquer coisa que a gente converse em sala de aula, é sempre no sentido de defende muito. Sabe, eu defendo, eu brigo muito, eu tento faze os meus alunos enxergarem, né, a consequência de um ato impensado deles, né. De um, de um papel que ele jogue dentro da sala de aula; ou lixo que ele atire na rua, na calçada, né.

WA: Aram

RI: Que isso daí vai acarreta coisas lá pra frente. Agora, efetivamente do currículo da escola ter alguma coisa voltada...

WA: E o currículo da prefeitura? Vocês nunca fizeram nenhum estudo?

RI: Não. Eu fiz poucos cursos, né.

WA: Aram

RI: E agora, como eu tenho a docência um e dois, eu tenho que meio me dividi, né. Eu tenho que dividi um pouco de cursos pra docência dois, tem que faze um pouco de cursos pra docência um.

WA: Certo.

RI: Não fiz. Fiz muitos pra docência um, mas não fiz nenhum voltado, talvez até a prefeitura tenha, não quero ser injusta, né. Talvez até tenha e acredito que tenha porque o pessoal que tá lá é um pessoal bom.

WA: Aram

RI: Mas não lembro de ter visto nada, ée

WA: Voltado

RI: Voltado pra Educação Ambiental especificamente.

WA: Entendi.

RI: A gente vai vê um a respeito de planejamento, né. Organização dos conteúdos, né, aquela questão de dividi os conteúdos por série bem certinho. Mas alguma coisa voltada especificamente pra Educação Ambiental, não me lembro. Ahh, a Educação Ambiental e o livro didático, bom, o nosso livro didático tem umas coisas assim, bem falhas, né. Não tem também no livro didático alguma coisa voltada pra Educação Ambiental. Você tem que tá falando e a respeito dos conteúdos, equinodermos, solo, água, plantas, e já, de alguma maneira, você encaixa a Educação Ambiental, né, abri os horizontes, né, o olhar dos alunos pra isso. Porque o livro mesmo não tem isso. Até mesmo pros nossos conteúdos. Esses dias aí, a gente trabalhando e eu vi erros que, sabe...

WA: Grosseiros.

RI: É, não, não poderiam estar ali, né. Então, você já tem esse trabalho. Você tem que faz a correção das coisas que você encontra erradas no livro, né. Tem que ver aquilo com, com muita atenção. E não vejo a Educação Ambiental no livro didático, né, ali o trabalho voltado pra isso. É tudo muito misturado, né. Alguma coisa assim que, né.

WA: As inserções que você vê são é, no próprio conteúdo...

RI: Exatamente.

WA: Não tem nada dizendo...

RI: Não, não, não. Pelo menos no nosso livro, que é adotado pela escola.

WA: E qual vocês usam?

RI: O Radix.

WA: Ahh, o Radix.

RI: E que tá trocando ano que vem.

WA: Ahh, já vai...

RI: Eu não sei, é, só que eu também não sei te dizer qual é porque nós fomos até um dos cursos que nós fizemos, né, foi pra, pra gente vê dos livros que tinham sido escolhidos.

WA: Aram

RI: Quais os melhores, né. Porque daí eles fizeram uma seleção dos vários livros, livros que foram escolhidos nas várias escolas. Né, opiniões, você tinha três opções. Então veja, são onze escolas, cada escola com três opções, trinta e três livros, né.

WA: Exato.

RI: Pra de novo nós sentarmos, analisarmos aqueles livros, cada um dá o seu parecer e assim, os trinta e três livros não passaram por todos os professores que estavam no curso.

WA: Aram

RI: Então, é o grupo tal fico com essa coleção, aquele grupo ficou com essa coleção.

WA: Fico meio falho...

RI: Ainda sim, ainda sim. Então, pra nós é uma surpresa, porque a gente escolheu...

WA: Mas não sabe se vem.

RI: Mas não sabemos se é aquele que vem, né.

WA: Entendi.

RI: Então, do nosso, do livro que foi escolhido...

WA: Mas não é o Radix?

RI: Não. Ninguém quis o Radix. Ele estava lá, veio, a editora mando a coleção.

WA: Aram

RI: Mas, eu particularmente, nem olhei, né. A gente já conhece ele.

WA: Já conhece...

RI: Que dizê, pra mim não muda muito, pra é uma edição renovada. Que que é edição renovada?

Toca o sinal da escola

WA: Mas você segue o livro didático na sala ou...usa só como aporte mesmo, né? Suporte ali pras tuas aulas. Pra vê uma figura...

RI: Ele é um livro que nós temos dificuldade com nossos alunos, porque os nossos alunos não sabem ler e não sabem interpretar.

WA: Que turma que você tem?

RI: Sétimos anos. Tenho quatro sétimos anos.

WA: Sétimos anos ou sétimas séries? Como que tá?

RI: Sétimo...é aqui nós temos ainda sétimas séries.

WA: Sétimas séries.

RI: Que são as sétimas séries mesmo.

WA: Aram, entendi.

RI: E os sétimos anos são a antiga sexta série. Então, é, a gente recebe alunos, alguns são nossos, mas a escola pega, até porque a escola tem uma fama de ser uma escola boa.

WA: Aram

RI: Então, o entorno, né, faz fila de espera pra conseguir vaga.

WA: Urum

RI: E assim que tem a vaga, já essa vaga é logo preenchida.

WA: Urum. Mas você tem, então, sétimo ano.

RI: Sétimo ano/sexta série.

WA: Ahh, conteúdo legal.

RI: É, falaram que eu pegaria esses alunos, beleza, eu adoraria isso, porque eu amo isso, né. Na Biologia, o que eu mais gosto. Se bem que ali, né, nós temos Botânica e Zoologia, mas o meu negócio é Zoo. Eu amo Zoologia.

WA: Eu também.

RI: Eee, eu falei nossa, vou me dar super bem, os alunos já me conhecem. Ledo engano, ledo engano.

WA: Aram.

RI: E, então como eu tava te falando, os alunos não sabem ler, não sabem interpretar. Lê sabe.

WA: Mas já é a segunda etapa já, desse, das séries finais, menina.

RI: Não, não, não professora. Não se iluda, não se iluda. E o que vem por aí é pior porque agora eu vejo, sabe, eu to lá com os pequenos e aí, até curso quinta-feira eu tava falando me dá uma angústia, né, porque a gente tá aqui, a gente sabe o que tá faltando, a gente sabe o que a gente recebendo, o que que não vem com os nossos alunos, lá desde a, das fases iniciais.

WA: Urum

RI: E eu to lá também. Então lá, sabe, eu quero compensa isso, porque quando ele chega aqui, ele não venha com aquelas falhas. Mas sabe, não dá, não dá.

WA: Não consegue.

RI: Não vai, não vai...

WA: É que é muita coisa. Você atua como co-regente à tarde de que turma?

RI: Os quartos anos. Eu sou professora de Ciências dos quartos anos na sexta-feira, e à tarde, o desculpe, e nos outros dias da semana eu sou co-regente deles. Então,

de segunda à quinta, de segunda à quarta, porque quinta-feira é minha permanência.

WA: Aram

RI: Segunda a quarta eu sou co-regente de dois quartos anos.

WA: Aram

RI: E na sexta feira eu dou aula de Ciências pro quarto ano A e o quarto ano B.

WA: Entendi

RI: Entendeu.

WA: Você conhece bem eles então?

RI: Sim, sim . E, assim, lê, beleza, você dá isso aqui pra ele, ele lê pra você.

WA: Aram

RI: Mas você pede pra ele te explicar, pra ele conta pra você o que ele leu, ele não entende. E se você pedir pra ele escrever a respeito disso, piorou. Sabe, piorou. E até pode escrever, mas vai escrever aquilo cheio de erro ortográfico, cheio de erro gramatical, sabe. Então, assim, você tem que pegar a aula de Português e mistura com a aula de Ciências. Você tem que mistura a aula de História com a de Ciências, você tem aula de Geografia com a aula de Ciências, você tem que mistura a aula de Matemática com a aula de Ciências. Sabe, eles não...falta o essencial, o básico. Falta pra eles. E é uma coisa assim que não deveria, porque se eles pelo menos tivessem isso. Eu não vou dizer que a culpa é das professoras, porque eu conheço as professoras, muitas delas trabalham aqui de manhã e trabalham à tarde também.

WA: Urum

RI: Então, a gente que essas pessoas, elas, sabe, elas trabalham muito, muito mesmo, mas é até foi uma coisa que o nosso professor falo não pode leva, considera o aluno só o agora dele.

WA: É

RI: Olhá-lo agora. Você tem que olhá-lo desde do tempo que ele tava dentro da barriga da mãe,né. Quem foi a mãe, quem foi o pai. O que que essa mãe ingeriu, o que que o pai ingeriu durante a vida inteira.

WA: Aram

RI: Querendo ou não, a genética ta aí.

WA: Exato

RI: Nós somos produtos da genética. Você não pode descarta isso de maneira nenhuma. Então, existem situações assim que a gente vê que pode faze a aula mais

espetacular do mundo. Não vai. Vai chega até um ponto, e daquilo ali não vai adiante.

WA: Entendi.

RI: Sabe. Tive aluno, por exemplo, bom aluno que chego pra mim, ela foi faze a prova depois, ela não veio no dia da prova. Não que a prova seja a coisa mais importante do mundo, mas infelizmente você tem que, você tem que ter um instrumento que pese efetivamente, né. Você faze cruzinhas e sinaizinhos de menos numa folha de papel, porque o aluno fez ou deixo de faze uma atividade não que diz muita coisa, né. Até porque nós, quando entramos aqui na Rede, ninguém faz cruzinha ou sinalzinho de menos pra nós. Você, quando você faze teu, né, tua prova pra mestrado, você não teve que faze, não foi avaliada com mais ou com menos. Você teve que faze uma prova e te atribuíram uma nota.

WA: Exato.

RI: Então, se lá fora vão cobrar isso de mim, por que que eu não posso cobrar agora? Tem umas coisas assim que...,né. E aí a menina fazendo a prova lá comigo e daí ela 'ai, professora, eu lembro, eu lembro, eu lembro que você falo isso na sala'. Aí eu falei mas criatura, você não estudo? 'Estudei, estudei....' Estudou com a tua mãe? 'Estudei, só que eu ia com o livro pra minha mãe, a minha mãe dizia assim ahh largue isso aí, vamo saí, que agora tem que ir pra academia'.

WA: Puxa.

RI: Sabe, então você vê que não tem. Aquela coisa, se o pai ou a mãe não aprenderam a serem responsáveis na escola, estudar, como é que ele vai cobrar isso do filho. Eu dei um jeitinho, consegui passar. Por que que o meu filho tem...o que que essa professora tá querendo agora cobrar do meu filho? Sabe...Então, né, você vai juntando, juntando, vai somando, somando. Dá o que nós temos aí. Nas salas de aula, sabe.

WA: Em termos de aluno.

RI: Nas salas de aula, sabe. Então, a questão de, de você pode faze um trabalho com eles assim, que seja um trabalho que chega e diga 'ufa, hoje dei uma aula, né, perguntei, ahh, meus alunos responderam, participaram'. Porque participa por participa também pra mim não resolve. Você tem que participa com alguma coisa que, né.

WA: Aram

RI: Do conteúdo, alguma coisa que realmente seja palpável.

WA: Sim

RI: Só joga palavras, mas ai , olha é duro , é duro. Você..., vou te dá um exemplo: tava dando aula sobe peixes.

WA: Urum

RI: E eu pedi pra que eles me fizessem uma tabelinha, na verdade não era nem uma tabela, era só pra faze uma pequena listagem, né, no exercício com cinco características de, diferenças entre peixes cartilaginosos e peixes ósseos. Aí, tá, falaram, ahh, o esqueleto ósseo e cartilaginoso, coisa meio óbvia, falaram de presença ou ausência de, não esse não. Falaram sobre a, qual foi a outra diferença que eles colocaram. Enfim, vai tomar tempo agora, mas uma delas era o opérculo.

WA: Aram

RI: E aí, ahh professora, porque o ósseo tem opérculo e o cartilaginoso não tem opérculo. Um aluno falo isso. Aí eu falei muito bem, né, já temos três características.

WA: Aram

RI: O opérculo, a questão do esqueleto, e a outra que eu não me lembro agora, e faltam mais duas. Quem me fala mais duas diferenças. Se eu te disse que eu escutei opérculo mais cinco vezes, depois que eu já tinha dito. Eu falei não, chega. Vou faze assim, vou escrever aqui no quadro essa característica opérculo, eu já escutei uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Vou deixar aqui tabulado pra vocês, pra daí quando você for falar, você olha pro quadro, opa, essa já falaram. Eles não conseguiram percebe que eles estavam se repetindo uma coisa já tinha sido falada. Entendeu.

WA; Aram

RI: Turma boa. Não é uma turma ruim. Turma boa, sabe. Falta assim...é desesperador. Às vezes eu fico pensando será que vale a pena me desgasta, eu fala isso. Que eu si que vai entra por aqui e vai sair por aqui. Não vai faze diferença nenhuma pra eles. Sabe, então é...

WA: Difícil.

RI: É difícil. Você faz assim, né, às vezes eu penso: meu Deus, eu engano que eu dou aula, eles enganam que aprendem e no final do ano, a gente engana que deu tudo certo. E as pessoas tão vendo isso e não tomam uma atitude. Sabe, as pessoas veem que a coisa tá piorando ano a ano e não tomam uma atitude, não tomam. Esse negócio de você não pode reprova aluno, gente, isso aí é o cúmulo. É muito cômodo pro pai, né. Vou lá, ponho meu aluno na escola, não preciso estuda,

pra quê, não vai reprova. Ele não precisando estuda, ele vai aprende, vai se interessa, né, por Educação Ambiental, por conteúdos básicos de Zoologia. Ontem mesmo eu tava comentando em casa, falei coitado dos professores de matemática, né. Porque eu que era uma aluna que estudava, eu não sei da onde que surgiu, né, lá a hipotenusa é a soma dos quadrados dos catetos. Não sei da onde que surgiu aquilo, assim, nossa pra mim isso, que era uma aluna que estudava, isso pra mim era tão difícil. Imagine pra essas criaturas.

WA: Deve ser grego, né. (risos)

RI: O professor de matemática coitado, né. Então, a gente, né...Educação Ambiental pra eles é o quê...o que que é Educação Ambiental pra eles. Você vai falar do Rio Barigui, que passa aqui nos fundos, né.

WA: Aram

RI: Alguns deles moram na beira do rio.

WA: Exato.

RI: No Rio Barigui. Mas assim, você começa a falar do Rio Barigui, daí surge um lá 'professora, ontem tinha um corpo boiando'.

WA: É o que eles vivem, é o que eles veem, né. Eles vivem.

RI: Sabe, então é difícil. Pra você chega e faze aquela conscientização que realmente precisa, pra muda o que a gente tá vendo aí fora, é difícil.

WA: Aram

RI: É difícil mesmo.

WA: E nessas condições de trabalha com o livro didático, que às vezes vem completamente descontextualizado.

RI: Porque não é uma coisa, né. Os livros didáticos não são feitos aqui em Curitiba, né.

WA: Aram

RI: A maioria deles vem de São Paulo. Você, agora mesmo a gente tava fazendo análise, muda o livro, muda a capa do livro, é edição renovada, mas as ilustrações são as mesmas.

WA: O conteúdo escrito também. Se você for reparar bem, bem semelhante, né, sabe.

RI: Então, você tenta traze aqui pra nossa realidade o máximo possível, né. Mas é difícil, é complicado. A Educação Ambiental e o projeto político pedagógico da escola, né, eu to na escola há um ano e meio.

WA: Sim.

RI: Que eu to na escola. Não lembro de nunca termos comentado a respeito disso.

WA: Você não sabe nem se ele foi reformulado, porque o que eu ouvi nas outras escolas que ele tava sendo reformulado, pra se adequa e tal.

RI: Não, não, não.

WA: Não foi comentado.

RI: A nossa, a nossa equipe, a Marizete, eles são novos também. Eu to a um ano e meio na escola, e eles estão há, em janeiro do ano que vem, não em janeiro deste ano eles fizeram uma ano.

WA: De dois mil e treze.

RI: Aram. Eles assumiram em dois mil e doze. E eu entrei aqui em dois mil e doze e eles entraram em aqui também em dois mil e doze, né.

WA: Aram

RI: Então, pra eles também, né, ano passado era tudo muito novo pra eles, né. Você olha a coisa de fora é uma coisa, né. Agora você estar dentro daquilo ali e tá no comando daquilo é bem diferente.

WA: É bem diferente.

RI: Né. Outra, outra realidade. Eu enfrenta um pai, eu escuta uma reclamação de um pai, ou um questionamento de um pai enquanto professor é uma coisa. Agora o pai vir aqui e me questiona enquanto eu sou diretor, enquanto coordenador, é outra, enquanto vice-diretor, é outra coisa.

WA: É uma outra lida com pai e mãe, né.

RI: Exatamente.

WA: Até mesmo com aluno, é outra lida.

RI: Completamente diferente, né. Então, no começo, eles sempre dizem pra gente 'a gente pede pra vocês que vocês nos perdoem, porque nós também estamos nos ambientando com as coisas. Eles fizeram uma série de modificações na escola. Melhoraram muito o laboratório. Aí, outros espaços dentro da escola, assim que estavam, não digo sala de aula, mas espaços mesmo, salas dentro da escola.

WA: Aram

RI: Que estavam entulhados de coisas, eles liberaram , colocaram lá como o centro dos inspetores. Então cada corredor tem agora a sua salinha com os seus inspetores.

WA: Que bom.

RI: O professor precisa, né, ele olha lá pra fundo do corredor...

WA: Já tem alguém pra ajuda.

RI: Exatamente. Então, são coisas que eles foram fazendo e outras, né. Que são coisas que não aparecem. Né, que a gente mesmo não vê, mas a gente sente. A gente sabe que a coisa melhora, né, que a coisa acontece de uma maneira diferente. Eu sempre digo pra eles 'eu sou bem feliz de trabalhar aqui com eles por causa da maneira como eles conduzem as coisas, né'. Não é gente, me desculpe a expressão, mas não é gente frouxa, né, que deixa as coisas correrem ao léu. Eles não, né, a Marizete puxa bastante, o Junior também. Se teve algum problema com aluno, graças a Deus tenho pouco. Mas se tem problema com aluno, é certeza, vai lá e o problema é resolvido, não fica só no...Então, a questão do Educação Ambiental e o projeto político pedagógico da escola, também não sei te dizer como é que tá, se eles reformularam, se vão reformular, né. Não...a pessoa mais indicada pra te responder isso era a Jaqueline, que ela era professora de Ciências daqui da escola há muito anos já.

WA: Aram

RI: Né. E eu até não sei se ela tá aí hoje, só vi a Marizete. Mas ela seria uma pessoa que seria perfeita pra falar isso. Pra você.

WA: Urum. É depois, eu até preciso do projeto político pedagógico, que eu acho que deve estar no site da escola,né.

RI: Urum

WA: Eu preciso da uma olhada, o que consta lá, sabe.

RI: Urum

WA: Se tem alguma coisa, porque às vezes não tem, né.

RI: É.

WA: Às vezes não tem nada.

RI: A gente sabe que tem algumas que realmente não tem.

WA: Não tem, não foi reformulado. E às vezes são só cópia, né.

RI: Urum.

WA: Pega os Parâmetros lá, e copia.

RI: Exatamente.

WA: E não é isso que a gente que, né.

RI: É

WA: Então, até eu tenho que fala com elas depois, pra vê. Eu preciso do projeto. Mas se tive no site da escola, eu baixo lá.

RI: Urum. Daí, projeto de Educação Ambiental desenvolvidos no município de Curitiba, a gente sabe que tem, né. Eu não participo efetivamente de nenhum deles, não acompanho efetivamente nenhum deles. Mas a gente sabe que tem, né. O município trabalha com isso, embora eu ache que algumas vezes, né, não sei assim a Educação Ambiental, ah... não sei. Acho que a questão que eu brigo tanto, eu sou, aquilo que eu te falei, eu vou lá, eu defendo. Eu acho que só fala assim, muito calmamente, né, você tenta muda as coisas, sabe, pelo diálogo, às vezes não, sabe. Não, aqui é área de fundo de vale, você não pode mora aqui. E não tem, chega lá, sai daqui e pronto, né.

WA: Entendo.

RI: Eu passo, perto da minha casa ali tem um fundo de vale que já tentaram invadir uma vez. Inclusive montaram umas barracas ali. E aí um belo dia a gente acordo, tinha caminhão até na frente da nossa casa, carro de polícia. Porque eles foram lá e limpavam aquele povo, sabe. Tiraram aquele povo de lá, e a gente nem...Eu morava ali mas eu não sabia o que tava acontecendo. Depois que falaram que era tentativa de invasão. Beleza. Aí nós temos em Curitiba agora, né, coleta de esgoto. O governo se preocupa com isso.

WA: Aram

RI: É, aumenta, né, essa rede de tratamento e de coleta e de tratamento de esgoto. Mas o cheiro que sai ali do fundo do vale não é de esgoto tratado. E não me parece que aquele esgoto está sendo recolhido numa rede. Não sei não, posso tá errada. Mas na minha cabeça, se eu tenho uma rede pra coleta esse esgoto, ele não, não é pra ser jogado no riozinho.

WA: É. Tem que ter uma estação de tratamento.

RI: Sabe.

WA: A ideia era essa, trata pra depois joga.

RI: Daí, porque aquela água vai pro, ali é o manancial do Passaúna, né. Então, eu acho que ali tem gente jogando esgoto no rio. Quando começo, né, nós não tínhamos ali na região rede de coleta de esgoto.

WA: Aram.

RI: Então, realmente era bem, bem pior, né. Agora nós temos. Então, por um tempo quando foi, é que havia aquela fiscalização, né. Então, você tinha lá um prazo pra instala, pra faze a ligação do seu esgoto na rede.

WA: Urum

RI: E aí os fiscais passavam, faziam o teste com aquele corantezinho lá. Então, um período melhora. A água era cristalina, você passava por ali e não sentia cheiro de nada. Agora, você passa por lá, aquilo fede, fede esgoto. Tem dias que a água, em alguns lugares assim, a água tá bem turva, bem escura. Se ali é o manancial do Passaúna, como é que tem esgoto? Não pode ter esgoto. Que dessa água vai lá. A gente sabe que todos os riachinhos, todos as nascentes daquela região vão desembocar no Passaúna. Quer dizer, aquela água vai ser é, coletada, tratada, pra ser distribuída pra toda aquela região.

WA: Exatamente.

RI: Santa Felicidade, Lamenha Pequena, Butiatuvinha, São Braz, Órleans, Campo Comprido.

WA: Aram

RI: E aquela água ali...

WA: Suja.

RI: E aquele povo...então não me cabe na cabeça que as pessoas que estão no poder acreditem cegamente que tá tudo funcionando bem. Ah... porque nós fomos lá e vistoriamos. Até houve um período em que essas fiscalizações aconteciam assim tipo todo ano. Né, nós tínhamos lá um fiscal que ia lá, pingava o corantezinho, dava descarga, o outro ficava lá com o rádio, ok.

WA: Aram.

RI: Ano passado não teve isso. Esse ano, olha nós estamos quase terminando dois mil e treze e não teve isso.

WA: Urum.

RI: E eu passo lá e eu vejo a água turva ou o lugar continua fedendo, sabe.

WA: Complicado, né.

RI: Então, eu acho que a prefeitura deve ter, mas até que ponto isso é realmente cobrado, né. Outra coisa assim que eu não concordo muito é, tinha uma época que eu não trabalhava a tarde, eu corria no parque Barigui.

WA: Aram

RI: Falei 'gente, um parque, olha o tamanho desse parque'. E árvores você só tem naquela reserva. Por que não plantar árvores em todo o caminho aonde as pessoas, né, que são as, os espaços reservados pra caminhada, pra corrida? Por que não plantar árvores naquilo ali? E daí umas poucas que tinham, eles foram lá e cortaram. Cortaram as árvores e plantaram umas outras, mas né. Aí você não vê uma pessoa lá e vamos lá então vê em que pé que tá, qual árvore daquela realmente evoluiu, qual morreu. Vamos substituir. Não adianta deixa uma estaca seca ali.

WA: Pois é.

RI: E as pessoas correm no Sol, né. Deveriam fazer os exercícios na sombra, se tivesse mais árvores. O próprio rio Barigui, o próprio parque Barigui, aquilo ali é um esgoto. É um depósito de esgoto. Aquilo fede. Você passa por cima daquela ponte ali quando você tá correndo, aquilo fede. Sabe, me dói vê as garças bebendo aquela água, os biguás bebendo aquela água. Sabe, me dói, eu olho pra aquilo me dá vontade de chorar. Porque não é possível que você tá vendo...Saí do Park Shopping Barigui um dia, um senhor pescando. Falei 'gente, imagine o gosto desse peixe'.

WA: Se é que tem, né?

RI: Tem. Tinha dentro do balde ali.

WA: Tinha.

RI: Aram. E ele continuava lá com a varinha, sabe. A coragem de uma pessoa que vê que a água tá cinza, fedida, e a pessoa pesca aquele peixe e leva pra casa. E o pobre do peixe ser obrigado a viver naquele lugar fedorento. Entendeu. Aí, ele sai dali, cruza a BR, passa por baixo da BR e daí faz o contorno do Park Shopping Barigui, depois ele passa lá por dentro, por trás do Carrefour.

WA: Aram

RI: Se você entra pela Heitor Guimarães, que o Carrefour tem uma entradinha lá, né, de quem vem de ônibus. Se você entra por lá e você vem acompanhando, né, o curso do rio ali, você não aguenta os fundos do...

WA: Você não aguenta o cheiro.

RI: Sabe, então, que Educação Ambiental, que projetos nós temos de Educação Ambiental em Curitiba?

WA: Você não vê muito...

RI: Não vê.

WA: Eu vejo bastante eles multando quem corta isso, que poda a sua grama...

RI: Mas isso aí gente. Tá, eu quero corta uma árvore. Tudo bem, eu corto uma árvore, eu preciso corta uma árvore na frente da minha casa porque ela está me incomodando, ela é, né, coloca em risco a segurança do meu patrimônio.

WA: Aram

RI: A segurança das pessoas que passam na rua. Então, permita que eu corte essa árvore, mas me obrigue mesmo a plantar uma outra num outro lugar.

WA: É.

RI: Ou então mesmo

WA: De repente na frente.

RI: Exatamente. Ou então na mesma, no meu passeio mesmo, mas uma espécie menor, né, que ocupe menos espaço, faça menos copa. Quer dizer existe solução, mas eu não sei, não vejo, acho que é muito assim, sabe, muita coisa de política. Muito ai quem me indico, to lá, to trabalhando.

WA: Não tem formação.

RI: É. E o que tá acontecendo, tá acontecendo e tudo bem. Isso que eu to falando aqui, né, da minha região. Que moro ali no São Braz, Santa Felicidade.

WA: Você conhece bem.

RI: É. Pense por aí, tipo o Belém da vida.

WA: Esse aí é lá pros meus lados.

RI: É. Ou mesmo o Atuba lá em cima, né. Que é o Iraí.

WA: Aram, o Iraí.

RI: Uma época, as pessoas, mesmo depois da água tratada, as pessoas sentiam mal cheiro na torneira da casa.

WA: Pense. Tem que ter coragem pra toma água.

RI: Até no dia, nós fomos fazer um curso e as professoras que estavam junto lá tavam comentando que diz que elas foram um dia faze um passeio familiar no fim de semana.

WA: Aram

RI: Chegaram lá no rio, viram pessoas pescando e do lado do Iraí, seringa boiando.

WA: Nossa.

RI: Sabe, então cadê a fiscalização? Cadê os projetos de Educação Ambiental?

WA: Municipais.

RI: Eu já não digo nem, eu acho que a melhor maneira de educa as pessoas seria realmente fiscalizando. Não adianta o povo não vai aprender. O povo só vai

aprender quando mexer no bolso. Sabe, então primeiro você vai lá, fiscaliza, multa, daí a pessoa 'opa, o que é que eu to fazendo de errado?' Pra evitar próximas multas, então eu vou aprender. Não sei, posso tá errada, mas é a minha visão. Minha formação na graduação e a Educação Ambiental. Eu tive Educação Ambiental, mas só no último ano. Tive um ano de Educação Ambiental na faculdade. Até quem deu aula pra nós foi o professor Jorge Callado, que ocupo depois cargo político mesmo, né.

WA: Eu acho que tive aula com ele também.

RI: Um olho bem azul assim.

WA: De Ecologia, aram.

RI: Isso, isso.

WA: Eu tive aula com ele também.

RI: Ele que dava aula pra gente. Então, bom professor, também fiz algumas perguntas pra ele, né, por exemplo, teve lá aquele, teve um encontro, não vou lembrar o ano agora, mas enfim foi no Rio de Janeiro. Era Eco alguma coisa. E eu lembro muito bem que o Helmut Kohl, que era o chanceler alemão na época, deu um cheque simbólico, né, assim com um valor astronômico e entregou na mão do prefeito de São Paulo e aquilo ali era a contribuição da Alemanha pra ajudar a despoluir o Tietê. E aí o Callado comentou qualquer coisa que ele viajou lá pra Alemanha. Foi visita a, não vou me lembrar o nome da cidade agora que ele foi visita. E daí eu perguntei, falei 'professor, lembra na época alguma coisa que teve lá no Rio de Janeiro, o dinheiro, o que foi feito? Despoluíram o Tietê, professor, o que foi feito com o dinheiro?' Ele olhou pra mim e fez assim, sabe. Então...

WA: Ninguém sabe (risos).

RI: Ninguém sabe. Eu tive aula com ele, mais um ano. Projetos de Educação Ambiental desenvolvidos pela escola. Em um ano e meio que eu to aqui, nada.

WA: Não viu nada.

RI: O mais próximo que nós chegamos foi agora no dia da árvore, no mês de setembro, com o pessoal do Comunidade Escola. Mas veja bem, pessoal do Comunidade Escola ia plantar uma árvore na escola. E nós, no mesmo dia, tínhamos entrega de boletim.

WA: Certo.

RI: A professora responsável pelo Comunidade Escola vai, entra assim na sala e 'quem é professor de Biologia aqui na escola?' Falei Biologia, não tem Biologia aqui

na escola, é professor de Ciências, né. Daí ela 'Ehh, professora de Ciências, professora de Ciências'. Daí eu estava ali, né, falei 'eu sou professora de Ciências'. 'Ah, então vem aqui'. Eu falei 'mas o que aconteceu?' ' Não, venha aqui porque nós recebemos uma mudas de árvores da prefeitura, só que não tem identificação. Daí eles disseram que era pra gente chegar na escola e pedir pro professor de Ciências ou de Biologia identifica as plantas pra nós'.

WA: Ahh, é que vocês são enciclopédia. (risos)

RI: Daí o professor de Geografia falou assim 'mas espera um pouco. Eu tenho uma amiga que é botânica, e ela tava conversando comigo que antes de dois anos de vida desta planta, é impossível identificá-la. Uma que você não vai conseguir identifica pela aparência. Você vai ter que fazer um estudo da...'

WA: Folha, flor...

RI: Exatamente. Antes de dois anos...

WA: Nossa, a gente tem um caderninho desse tamanho...

RI: Aram. Antes de dois anos você não consegue fazer isso. Você recebe uma mudinha desse tamanho.

WA: Quando é desse tamanho. (risos)

RI: Aram. Aí chega a pobre da mudinha ali, com umas poucas folhas. Daí nós olhávamos pra aquilo, daí tem professor Gustavo que gosta de Botânica. Falei 'olha, professora, você pode tentar o Gustavo, que ele gosta de Botânica, eu gosto de zoo'. Fui lá, olhei, por cheiro, pela cor, pela aparência, não consegui identifica.

WA: Mas é difícilimo.

RI: Não tem como. Tive boa vontade, fui lá, pra depois não dizer que a professora não quis ir.

WA: Aram.

RI: E o Gustavo, coitado, foi lá, olho, ele falo ' imagine Rita, não tem condições', né. Que dizer...

WA: Quem tá lá, né?

RI: Como é que eu mando, é simplesmente é dia da árvore, pá. Estas mudas pra escola e o professor de Ciências, gênio que é, com sua bola de cristal, claro que vai identifica. Ah, mas nós temos que por uma plaquinha, na árvore.

WA: Pois é. Mas eles tinham que ter posto a plaquinha quando eles plantaram a semente.

RI: É, né professora.

WA: Tem coisas que a gente quase não acredita.

RI: É, então a escola até tento, né. Até quis fazer uma coisa simples, simbólica, né. Já é um começo.

WA: Esta escola não desenvolve nenhum projeto que você saiba.

RI: Não, que eu saiba, não.

WA: Dentro de...

RI: Não, não. Inclusive eles cortaram até uma araucária. Eu e o Jorge brigamos. Me desculpe. Eles cortaram a araucária, porque a araucária tava no estacionamento, e diz que ela estava meia torta. Quem é a favor de cortar a araucária?

WA: Mas não é assim que funciona.

RI: Quem é a favor do corte da araucária? Todo mundo levanto o braço, e nós dois não levantamos o braço. Eu olhei pro Jorge, o Jorge falou pra mim 'corta uma araucária?' É, mas ela tá meia torta, ela vai cair em cima dos carros.' Falei 'mas você tem que pensar que os carros chegaram bem depois da araucária, né'. Quantos anos a pobre da araucária tá ali?

WA: Muito tempo, heim.

RI: Né. Então...

WA: Mas foi cortada?

RI: Foi, foi cortada.

WA: Tá, mas com autorização?

RI: Ah, isso eu não sei. Eu não sei.

WA: Não pode sair cortando araucária assim.

RI: Não, não. Eu acho que alguém veio e autorização eles conseguiram. Eu acredito que a escola deve ter conseguido a autorização, porque foi cortado.

WA: Mas você sabe que é difícil de conseguir.

RI: Não, eu sei, eu sei. Araucária não se corta, não corta.

WA: Não corta.

RI: E não culpa. Todo mundo fala, ali perto de casa mesmo. Ah, porque tem esse pinheiro, esse pinheiro. Falei 'sinto muito, o pinheiro tá aí há muito mais tempo do que as pessoas. Quem manda as pessoas chegar, não viu que tinha um pinheiro ali? Fosse comprar terreno em outro lugar'.

WA: Por que colocou a casa embaixo do pinheiro?

RI: Aram. Fosse comprar terreno em outro lugar se tá vendo que o pinheiro tá ali. Faze o que. Ah, mas e se cai em cima da casa? Ué, paciência. É da natureza. Eu sou bióloga, eu sempre vou defender a natureza.

WA: Eu também. (risos)

RI: Até tem uma professora que me olho torto um dia desses. Porque uma das escolas municipais de educação fundamental, eles têm um horto na escola. Tem a escola, e a prefeitura tem um outro espaço, que o terreno é bem grande, tem o horto.

WA: Que bacana.

RI: É. Bem legal mesmo. Só que foi um projeto, que eles iam transforma aquele horto, já que eles estavam com aquele espaço “ocioso”.

WA: Ahhh é, bem ocioso.

RI: Iam transforma aquele espaço num canil, num canil pra cachorros que são recolhidos na rua.

WA: Dentro da escola?

RI: É. Não dentro da escola.

WA: Mas é próximo.

RI: É, colado. Eu olhei pra aquilo e eu pensei em todos os cachorros que eu passo, que eu encontro na rua. Pensei em algumas pessoas que eu conheci já, da maneira que tratavam os cachorros. Era pra assina o abaixo-assinado pra não instala o canil. O abaixo-assinado chegou pra mim eu falei ‘não, eu sinto muito, os animais não têm culpa de terem os donos que têm. Eu sinto muito’. Lá é uma escola também, mas cachorro também tem direito. E não assinei. Daí a professora ficou me olhando. ‘É, mas cada qual no seu cada qual, cada um no seu quadrado’. Pois é, sabe. Se vai usar, sei lá, vai ter que fazer mesmo ali naquele lugar. Acho difícil que Curitiba não tenha outro lugar pra construí. Mas quer construir ali, ué, vede bem, com o muro da escola. Concerte o portão, porque o portão tá todo...eles têm outros cachorros lá, né. Esses cachorros dóceis assim. E fazem a guarda ali do horto. Conserta o portão, que a tela tá toda torta.

WA: Aram

RI: E feche a divisa com o terreno que se limita com a escola. E se tiver que por o canil lá, vai por o canil lá e pronto. Porque os cachorros têm tanto direito à vida quanto qualquer outro ser humano. Não é que é ser humano que é melhor. É um ser vivo, se eu não dou vida, eu não tenho direito de tirar a vida. Ah, porque eles

recolhem esses cachorros, sabe deus onde que vem. São cachorros maltratados, doentes. Mas tem gente bem pior que os cachorros. Se você for analisa, se eu começa a brigar, então vamo começa a brigar fundo. Tem gente bem pior que os cachorros, então os cachorros também têm seu direito. Não assinei o abaixo-assinado contrário à instalação do canil. Cursos oferecidos pela prefeitura sobre Educação Ambiental. Aquilo que eu te falei, provavelmente a prefeitura tenha esses, tenha projeto pra isso. Mas como eles também estavam mudando, né, porque mudou o governo.

WA: Mudança de governo, muda tudo.

RI: É, muda tudo. Eu acredito que eles devem ter projeto pra alguma coisa, mas aquilo eu não vi nenhum até agora e não participei de nenhum.

WA: É, nem voltado na tua turma da tarde? Por exemplo, assim, voltado pra docência um?

RI: To fazendo solos agora, curso de solos que projeto da Federal, projeto Solos na Escola.

WA: Sei

RI: E o que mais que nós tivemos lá? Currículo, era formação. Por que o que que acontece. Os professores que estão dando aula de Ciências a tarde não são biólogos.

WA: Não tem formação.

RI: São pedagogos, né. Então passam uma porção de coisas, não que seja de maldade deles, mas são conceitos que são errados. A gente mesmo sabia errado, foi só conserta isso quando tava na faculdade.

WA: Aram

RI: Né. Então é preciso faze um curso pra coloca essas pessoas dentro daquilo que são os conceitos que são considerados, pelo menos por hora, os conceitos corretos.

WA: Sim.

RI: E aí foi feito isso, foi feito esse curso. Daí foi feito um curso de Astronomia, foi feito esse agora que é o curso de solos. Nós tivemos um curso com uma professora da Federal também. Ela é, trabalha com o pessoal de Química.

WA: Com a Orliney?

RI: Isso. Ela.

WA: Ela é da minha pós.

RI: Isso. Foi bem no começo do ano que nós tivemos.

WA: Tá. E algum desses que você fez, algum comentário sobre Educação Ambiental?

RI: Não.

WA: Nem este de solo?

RI: Talvez quinta-feira. Que é o encerramento agora. É aquilo que eu te falei, eles estão falando, por exemplo, quem tá dando o curso lá pra nós é o professor é, ai, esqueci o nome dele...Ah, é um professor já de idade. Mas ele é uma sumidade em solos. Meu deus que injustiça. Esquece o nome do professor. Comentei ontem em sala de aula com os alunos. Não vou lembrar o nome dele agora. Que injustiça, nossa. Mas enfim, ele é uma sumidade em solos, sabe.

WA: Urum

RI: Então, ele tá conversando com a gente e ele tá colocando, né, a questão de preservar o solo, de cuida. Ele levou a gente em áreas de degradação ali na cento e dezesseis.

WA: Sei, sei.

RI: Perto daquela churrascaria Estrela a gente foi visita.

WA: Aram

RI: Então é aquilo, ele tá dando o curso e já está falando...

WA: Ele já tá inserindo alguma coisa.

RI: É. Mas assim...

WA: Isso é interessante também.

RI: É, especificamente uma coisa só com Educação Ambiental para solos, não.

WA: Isso não?

RI: Não. O curso dele é, ou melhor, o curso dele não. O curso ofertado é Projeto Solos na Escola. Então, por ser, colocar lá, entende bem de onde vem o solo, a formação do solo, é, composição do solo, porque o solo é importante.

WA: Então ele faz, no curso dele, ele parte pra explicar pra professores que não são nem geógrafos nem biólogos...

RI: Não, não.

WA: São professores...

RI: Isso, que não sabiam nada de solos, que até...

WA: Só sabiam que era o chão...

RI: Isso mesmo. E que sabiam que o solo, que existe três tipos de solo: solo fértil, o arenoso e o argiloso.

WA: Sim.

RI: Entendeu. Então, tira, apaga isso.

WA: Deleta.

RI: É, isso não existe. Você ta entendendo?

WA: Entendi. Urum.

RI: Bem elementar mesmo assim. Inclusive pra nós que fizemos Biologia. Porque na faculdade nós não temos, né.

WA: Não. Profundamente não.

RI: Não. Você tem assim Geologia, Geologia.

WA: Eu fiz Geologia na Geografia.

RI: Urum.

WA: Quando eu fiz, eu fiz dois anos de Geografia e daí fiz Geologia ali.

RI: Urum

WA: A percepção da Geologia dentro da Geografia é diferente da Biologia.

RI: Urum.

WA: Então foi considerada como disciplina cursada, então eu não precisei fazer na minha, né. Mas é diferente assim. Eu acho que o enfoque da Geologia da Biologia é diferente da Geografia.

RI: Urum

WA: Da Geografia é mais técnico.

RI: Exatamente.

WA: A parte como recurso, né.

RI: Urum

WA: Que eu acho que na Biologia é mais como um espaço de vida, né.

RI: Exatamente.

WA: É diferente.

RI: É, justamente associar o solo a toda vida que possa existir ou estar diretamente ligada a ele.

WA: Urum.

RI: Não "o" solo. Tanto que numa tarefa que eu passei pros meus alunos tava lá e eu tinha feito com eles. Eu levei o vídeo do professor, que a Federal tem um videozinho deles, que eles montaram.

WA: Aram

RI: Então tá lá no site deles e eu peguei. Mostrei o vídeo pros meus alunos e contei 'oh, esse professor dá aula pra professora', né, tudo aquilo pra eles lá. Depois nós fizemos um relatório daquilo que nós assistimos, porque, né, a coisa só, a gente sabe que se perde mesmo aquilo. Então fizemos um relatoriozinho bem simples daquilo que nós vimos no vídeo, e aí eu passei os exercícios pra eles em cima disso. E aí uma das questões era, né, como, e eu coloquei, eles viram no vídeo, e registraram no caderno o nome do cientista que estudo os solos. Eles colocaram geógrafo. Ai, meu deus. Um fez geógrafo, o outro fez geólogo, e o pedólogo ninguém escreveu, né, que é a pessoa que estuda o solo, né. Pra você ver. Vê um vídeo, comenta-se em sala de aula, faço resumo, e na hora de fazer com o negócio registrado no caderno. Era só faze assim oh, pegar a folhinha do caderno, ler e escrever aqui de novo.

WA: Entendi.

RI: Com auxílio da família, presume-se.

WA: Por que foi uma tarefa de casa?

RI: Urum.

WA: Entendo. É uma dificuldade grande.

RI: Então...

WA: A escola que você atua a tarde é aqui também?

RI: Não. Daí é lá perto da minha casa.

WA: Em Santa?

RI: Não. Na divisa. Eles dizem que ali é Butiatuvinha, mas não é. Ali é o conjunto Fernão Dias. Na divisa já com Santa Felicidade. Raoul Wallenberg.

WA: E você acha que tem diferença daqui pra lá, assim em termos de aluno...

RI: Ahh tem. Pra início de conversa lá é uma escola integral.

WA: Ah, é uma escola integral.

RI: Lá é uma escola integral.

WA: Entendi.

RI: Então os alunos vão, chegam lá na escola oito horas da manhã, e saem às cinco da tarde. Eles tomam café, eles almoçam na escola, é...ficam o dia inteiro.

WA: Você acha que a comunidade lá é diferente daqui, tipo necessita escola integral?

RI: Na verdade, os alunos não são dali. Poucos são dali.

WA: Ah é.

RI: A maioria dos alunos vem de bairros mais distantes ainda do que Santa Felicidade. Tanto que poucos alunos vão a pé. A maioria vai de van.

WA: Verdade?

RI: Aram. Poucos alunos são dali da região, né. E mesmo os alunos que são ali da região são alunos que estão ali, não são dali. São pessoas que já moraram em tal e tal lugar, não tem terreno, não tem casa própria, são pessoas que moram em casas alugadas. Então, amanhã ou depois, vão sair daqui, dependendo da necessidade, né.

WA: Aram

RI: Poucos mesmo são dali do bairro. E aí a gente tem essa dificuldade por causa disso. Toda aquela questão sócio-educativa, né, é muito difícil. Difícil, você fala, fala, fala, entra por aqui sai por aqui. É difícil, é difícil. E a gente percebe que é difícil porque da onde eles vem, né, não tem nada disso.

WA: Não tem base.

RI: Porque nós também, né. Esse negócio de dizer que é porque é pobre, isso não é justificativa.

WA: Não.

RI: Eu fui pobre, meu pai e minha mãe foram operários, né, meu pai não tinha estudo, fez até a quarta série porque trabalhou na roça a vida toda. Minha mãe idem. Mas eles sempre se preocuparam muito que os filhos melhorassem de vida e não tivessem o mesmo destino que eles.

WA: Urum.

RI: É, então o meu pai e a minha mãe brigavam literalmente com a gente, se a gente aparecesse com uma nota vermelha no boletim. Porque eles não queriam que nós passássemos por vida sacrificada.

WA: Urum

RI: Né, como eles. E hoje em dia você vê que, o que vai ser do meu filho, ninguém pensa isso.

WA: Aram

RI: Sabe, a ideia não é que a professora acha, eu não acho, eu tenho certeza, ninguém se incomoda. Poucos são, poucos são. Até essa professora mesmo que tava conversando ontem, ela falou 'é Rita, se a gente juntasse aí as quatro turmas que nós temos, a gente não consegue tirar dez bons, bonzinhos em tudo', sabe. Aquele que é bom em Português, Matemática, História, Geografia, Ciências. Você

não consegue juntar dez. Sempre, claro que dificuldades todo mundo teve. Eu tive dificuldade em Matemática. Mas nunca dificuldade porque ah, eu não sei Matemática, então eu ligo. Nunca. Você não sabe Matemática, você vai correr atrás, você vai estudar, você vai pegar aula...

WA: Vai fazer exercício.

RI: Exatamente. Você vai pedir pro teu filho passa, o professor passa lista de exercício extra pra você. Te vira. E o meu pai dizia 'que não adianta me pedir ajuda, eu não sei. Você vai ter que ir lá na escola e você vai ter que aprender, porque o teu professor tá lá dentro. Então você vai ter que aprender com o professor, chegar aqui e fazer. Porque eu não sei, eu não aprendi isso.' Você chama um pai, cobra do pai, né que o filho estude, tenha hábito de estudo.

WA: Aram

RI: A criatura fica te olhando assim, com aquela cara.

WA: Mas é que eu não posso com ele...

RI: Aram. Não, mas eu já escutei, já vou ter agora mesmo no conselho de classe, ele falo 'ai professora', eu falei 'o seu filho chega atrasado todos os dias na minha aula, quando a aula é no primeiro horário. Ele tá cheio de faltas, ele vai reprovar por faltas, porque ele chega atrasado'. 'Ah, mas é que ele se atrasa, eu não moro mais com ele.' 'Como é que é? O senhor não mora mais com ele? Ele se atrasa, mas ele não tem mãe?' 'É tem, mas a mãe não põe o despertador.' Eu falei 'se o senhor, se o menino teve pai e mãe pra fazer, ele tem que ter pai e mãe pra cuidar dele. Agora é independente se o senhor mora ou não com ele.' 'Ah, mas os despertador lá de casa estragaram'. Falei ' celular todos vocês têm, né. Então, celular tem despertador, é só programa.' O homem baixo a cabeça e foi embora. A minha paciência tá por aqui. Porque sempre todo mundo tem uma desculpa, todo mundo tem uma desculpa. Esfarrapada, mas é uma desculpa.

WA: Sempre alguém passa a mão.

RI: Sempre. E aí quem tem que carrega nos ombros depois? Nós, né. Ah, o aluno não aprendeu porque a professora não ensinou. O aluno não sabe porque não teve a formação na escola. Ah, o aluno é assim ou assado porque faltou, falho isso, isso e isso. A escola, sempre a escola.

WA: Sempre a escola.

RI: Dá licença, mas a função da escola não é essa. Esse negócio de dizer que o aluno tem que ir na escola pra tomar remédio, que nem ano passado tinha um que a

mãe dizia ' ah, eu não vou dá remédio mais pra ele, me cansei'. Aí ela deixava o remédio aqui na escola já, que tinha que todo dia pega a criatura e dá remédio pra ele. Isso não é função da escola. Daqui a pouco, a gente tá pegando eles e levando pra casa. Hoje eu vou cuidar do sétimo ano A...

WA: Só falta ter alojamento.

RI: Aram. Só. Isso não é função da escola. E aí isso aqui oh, tá se perdendo. Porque eu tenho que pegar os meus cinquenta minutos e fazer tudo. Menos a minha função, a minha formação, que é ser professora.

WA: Aram.

RI: Eu tenho que ser tudo, menos professora. Ou até posso ser professora, mas sobrou um tempinho assim, que, né. E ainda colocam nos livros didáticos conteúdos que, daí eu fico pensando assim, né, tudo bem, os nossos alunos, eles faltam o básico pra eles. Então não vamos criar expectativas, vamos baixar. Já que é pra baixar a expectativa, vamos baixar a expectativa, dentro daquilo que ele consiga aprender.

WA: Sim.

RI: Aí você pega um livro didático que tem conceitos que nós aprendemos na faculdade. Pra quê? Se essa criatura, eu vivia muito bem sem esses conceitos. Eles foram importantes pra mim quando eu entrei na faculdade. Eu soube coisas, as coisas básicas. As coisas elementares, isso me acompanho.

WA: Urum.

RI: Quando cheguei na faculdade, aí eu fui entender. Eu juntei aquilo que eu sabia com aquilo que o professor deu. Como eu sabia bem aquilo, não foi difícil aprender o novo. Por que eu tenho que fazer um livro didático agora de duzentas e oitenta, duzentas e noventa páginas, um troço desse tamanho, que pesa na mochila.

WA: Pra ele carregar.

RI: É, que daí ele vai sempre dá uma desculpa pra deixar em casa, com conceitos que não são importantes pra ele agora. Ah, porque os alunos de escola pública você tem que baixa a expectativa. Você tem que baixa a expectativa. Você não pode querer, por exemplo, que o nosso aluno tenha o mesmo rendimento de um Positivo, de um Dom Bosco, de um Bom Jesus. Não pode. Né, porque é outra realidade, é outro, outro, é tudo outro. Tá, tudo bem. Mas então vamos colocar pra eles um material didático que seja condizente com aquilo que ele consegue dar conta. Não

vou fazer ele ficar carregando um livro grosso, pesado, cheio de conteúdos, alguns errados.

WA: E com erros graves.

RI: Outros conteúdos que são conteúdos de universidade, né. Do curso de graduação. Pra ele não vai fazer sentido algum. Sentido nenhum. Quer dizer, eu vou perder o meu tempo, que eu podia tá dando uma coisa mais importante pra ele, porque sempre vai ter um aluno que vai chegar e me dizer 'mas professora, você não vai comentar sobre tal coisa? Tá aqui no livro.' Pronto, lá vou eu largar o que eu to fazendo e comenta, porque aquela criatura tá interessada, ela tem o direito de saber aquilo ali.

WA: Sim

RI: Só que eu to falando pra ele. Eu to dando aula pra ele. Os outros não interessa. Entendeu. É difícil, professora, é difícil. E daí os conteúdos que se relacionam com Educação Ambiental, é aquilo que eu te falei, a gente vai explicando e né...

WA: Tem alguma atividade que você lembre, deste ano, que você mencionou e acho que é, este conteúdo é de Educação Ambiental mesmo?

RI: Que foi feito. Nós tivemos no começo do ano a origem das espécies, depois nós tivemos, a partir mesmo da origem das espécies, já partimos pra vírus, bactérias, e daí foi vírus, bactérias, protozoários, fungos. A questão do, pra não dizer que ficou assim muito, a questão que nós estudamos lá, é, ai Jesus...quando nós estudamos os invertebrados, começamos os invertebrados. Começamos o estudo dos invertebrados.

WA: Aram.

RI: Então, eu peguei lá a parte de solos e água, foi o que nós estudamos ano passado, porque eles foram meus alunos. Não tem como dizer 'professora, você deu isso'.

WA: (risos)

RI: Não tem como. Então eu peguei de novo, trouxe lá do sexto ano solo e água.

WA: Aram.

RI: E juntamos com as doenças, né, pela falta do tratamento e cuidado com a água, da falta de tratamento e cuidado com o solo, a importância de você ter a coleta do esgoto, fazer o tratamento do esgoto, pra depois devolver isso pro rio.

WA: Pra natureza.

RI: Antes de pegar essa água e ingeri essa água, de usar essa água, tratar essa água pra evitar as doenças. A questão de ter saneamento básico, né, dá o destino certo pra esgoto, pra lixo. Foi o mais próximo que a gente chegou, mas assim tudo muito...porque o segundo trimestre é curtinho. Um dia eu tava achando que eu tinha que fazer a entrega de resultados em setembro e foi no final de agosto.

WA: É trimestral então.

RI: Trimestral.

WA: Aram.

RI: Então, é tudo muito corrido. É isso que eu te digo. Você perde tempo com conteúdos que não são necessários, não são importantes agora pra ele. Se ele quiser, amanhã ou depois seguir adiante ele vai fazer um cursinho, ou dentro mesmo da própria área que ele escolhe, ele vai estudar isso, entendeu.

WA: Aram.

RI: Mas isso não é importante agora pra ele. Então eu poderia ter trabalhado outras coisas aqui, agora, mas não dá. E daí a questão do tempo, daí junte-se a isso o aluno mal-educado, o aluno indisciplinado, o pai que vem aqui em horário...

WA: De aula.

RI: Você marca com a criatura num dia, ele aparece na hora de eu ir embora. Quer dizer, pra mostrar que ele tá “super” interessado no filho, né. Dez para meio dia ele chega ‘ai professora’, sai a pedagoga correndo, ‘o que a gente pode falar a respeito desse aluno?’, falei ‘gente, o táxi tá lá na frente me esperando que uma hora eu tenho que tá na outra escola’. Não é hora desse pai vim aqui. Eu tenho certeza que a escola não chamo essa criatura nesse horário, dez pra meio dia. Ele tá vindo aqui justamente porque ele não tá nem aí pro filho dele.

WA: Aram.

RI: E ele sabe que os professores têm compromisso, não vão poder atendê-lo. Quer dizer, ele vai lá, fez o dele.

WA: Eu vim.

RI: Eu vim. Não tenho lembrança de nenhum conteúdo específico que nós tivéssemos trabalhado voltado pra Educação Ambiental. Agora, quando entrarmos, mas o nosso livro também não tem, não tem Ecologia o nosso livro. É Botânica.

WA: Aram.

RI: Que vai ter que ser dado, me desculpe, mas vai ter que ser dado nas coxas. Porque se eu estou em...eu terminei com eles Répteis, vou começar aves quarta-

feira, imagine. E eu tenho tudo de aves, tudo de mamíferos. Você acha que eu vou conseguir dar o quê de Botânica pra eles?

WA: Urum

RI: Menos um mês de aula que nós temos. Sabe, então são umas coisas assim que...

WA: Muito conteúdo.

RI: Muito conteúdo.

WA: O sétimo ano é muito conteúdo.

RI: Enxuga bem isso, sabe.

WA: Sim.

RI: Podia enxuga bem isso, fica...e não fica tanto...textos enormes. Se o meu aluno não sabe ler, não sabe interpretar, que adianta dá um texto enorme pro meu aluno?

WA: Sim

RI: Opérculo. O aluno lê pra mim operculo, depois que eu já falei opérculo várias vezes. Eu escrevo a palavra bem grande no quadro. Acentuo. Tem com acento, tem sem acento. Meu aluno não sabe quando que ele usa. 'Professora, esse tem agora é com circunflexo ou sem circunflexo?

WA: Complicado. Tem muita defasagem. Esse empurra pra cá, empurra pra lá, quando você vê...tão lá no sétimo, oitavo ano e não sabem o que você considera básico.

RI: Urum.

WA: Então, se você não tiver que dar aula de Português na aula de Ciências, o negócio rende.

RI: Agora você pense que uma professora que foi alfabetizadora durante dez anos, pegar um aluno dentro da sala de aula que não, que escreve o primeiro nome, um exemplo, digamos lá, o nome dele é João da Silva. Ele escreve João, sexta série, vamos usar, essa nomenclatura para mim não quer dizer muita coisa. Aluno de sexta série, João da Silva. Ele escreve João com letra maiúscula, Silva com letra minúscula.

WA: Urum.

RI: Na sexta série. Aí eu tenho lá Maria do Rocio Aparecida de Souza. Ela escreve Maria Aparecida do Rocio de S..

WA: Não sabe abreviar.

RI: Eu sou uma professora alfabetizadora. Eu olho aquilo, você acha que vai passa em branco pra mim? Não vai. Vou ter que pegar um pedaço da minha aula e vou ter que dar uma aula pra aquela criatura. Tudo bem, não teve lá, duvido que não teve, duvido. Mas não, né. Talvez não era o momento.

WA: Não aprendeu.

RI: Ela não tava pronta aqui pra aprender, quem sabe agora com doze anos, treze anos, ela tá pronta, ela tá madura pra isso. Então, vou aproveitar este momento para, né, explicar como se faz aquilo, como deve ser feito aquilo.

WA: Sim.

RI: Não posso, não consigo passa. Você se estressa, mas não dá gente, não dá. Como é que eu vou entrar numa sala de aula, vou ver que a coisa tá errada, tá acontecendo na minha frente, a coisa tá acontecendo na minha frente e eu não tomo uma atitude. Sabe, não me cabe isso.

WA: Tem que ensinar, né.

RI: É.

WA: Tem que ensinar.

RI: Até o Callado dizia, né, quando vocês, se vocês pegarem um cargo um dia, vocês saiam daqui e peguem um cargo assim, vocês não podem bater de frente, você não pode. Nossa professor, então nunca vou pegar um cargo desse. Porque eu só vou bater de frente. Sabe, eu não consigo ver a coisa errada na minha frente e faze de conta que não tá acontecendo. Sabe, não consigo. Não dá, é difícil. É isso professora.

WA: Então, é , faz parte da minha coleta de dados alguma amostragem das tuas atividades. Alguma coisa que você considere no caderno de um aluno, pra gente pegar na sala. Uma atividade ou duas que você considere assim essa aqui eu poderia utiliza, poderia ser Educação Ambiental.

RI: Aram

WA: Porque assim eu faço um *link* com o que você, o que a gente tá conversando com a prática.

RI: Aram

WA: Não que isso vá defini quem você é, na prática.

RI: Eu sei, eu sei.

WA: Mas é pra eu poder fazer essa ligação assim, da nossa conversa com a atividade que você fez com eles.

RI: Urum.

WA: Você teria? Nem que fosse uma folhinha, ou no próprio caderno.

RI: Hoje, professora, não porque eu não tenho aula. Eu to de permanência hoje.

WA: Aram.

RI: E eles não têm horário de Ciências.

WA: Não tem o caderno.

RI: Eles não trazem o caderno.

WA: É, aram.

RI: Não trazem nem o livro, imagine. Eu, acho que até era o mais certo a gente vê com o caderno de laboratório. Porque vai que a professora de laboratório. Oh, pra não dizer que não foi feito, mas também não foi feito esse ano, mas não dá muito certo.

WA: Não, não. Olha, eu preciso de uma coisa que tenha sido você que tenha feito. Mas não precisa ser este ano. Porque eu to trabalhando assim com a professora Rita.

RI: Aram.

WA: Não este ano, o que você fez esse ano.

RI: Eu sei. Aram.

WA: É ao longo da tua vida, na tua trajetória, alguma coisa que você tenha feito, né. Não precisa ser desse ano, pode ser do ano passado. Alguma que você considere que fosse legal eu ter pra xeroca. Só pra eu fazer as minhas considerações.

RI: Eu to tentando lembra o que poderia ter sido usado.

WA: Você não precisa me dá hoje. A gente pode conversa, assim, eu posso vir aqui de novo, porque hoje eu me perdi, né. (risos)

RI: Urum. (risos) Você não acho a escola?

WA: Eu demorei porque eu peguei Raul Pompéia direto.

RI: Urum.

WA: E tem aquela reforminha bagunçada ali.

RI: Urum

WA: Então, eu fiz a volta e peguei a rua Arnaldo Thá.

RI: Sei

WA: Foi um lapso. Mas daí eu consegui achar vim. Cheguei um pouquinho mais tarde, mas cheguei. (risos). Mas eu venho de novo. Eu posso vir numa outra permanência, ou no dia que a tua folga de cumprir aqui.

RI: Urum

WA: Tem disso, né.

RI: Sim, sim, tem, tem.

WA: Pra mim é indiferente, pode ser qualquer dia, como eu te disse, eu to só estudando.

RI: Aram

WA: Eu posso vir qualquer horário. Você só, a gente pode trocar o e-mail.

RI: Aram.

WA: Então, eu vou encerrar a entrevista agora. Só uma última coisa. Você foi falando na sequência? Essa sequência tava boa pra você?

RI: Tava. Eu procurei falar na sequência.

WA: Urum.

RI: Pra ficar mais fácil depois. Fiquei até pensando pra você, né.

WA: Aram.

RI: Então fui falando da maneira que distribuiu os papezinhos aqui, eu fui seguindo.

WA: Ah, então tá ótimo. Então, vamos encerrar a entrevista.

ANEXO 9: TEXTUALIZAÇÃO DO DEPOIMENTO DA PROFESSORA DA ESCOLA D CEDIDO EM 08/10/2013

1 A minha nomeação saiu em vinte e cinco de novembro de dois mil e dez. Eu fui
2 para a Escola Omar Sabbag e fiquei como professora substituta, literalmente. Já tinha
3 terminado tudo. No começo de dois mil e onze, eu fui para a Escola Herley Mehl para
4 cobrir uma licença-prêmio da professora regente. Fiquei lá até a metade do ano e então
5 fui remanejada para a Escola Júlia Amaral de Lena, que fica no bairro Barreirinha, para
6 cobrir licença-prêmio e a aposentadoria da professora de Ciências.

7 No final de dois mil e onze, eu participei do concurso de remoção e vim para a
8 Escola São Miguel como professora de Ciências. Ano passado peguei os sextos anos.
9 E esse ano eu acompanhei as turmas, que agora são os sétimos anos.

10 Como professora da Rede Municipal de Curitiba, a minha experiência é
11 curtíssima, apenas três anos. Eu saio do estágio probatório agora, vinte e cinco de
12 novembro deste ano.

13 Mas como professora, tenho experiência de mais ou menos quinze anos em
14 escola particular. Só que não como professora de Ciências. Eu era alfabetizadora.
15 A minha faculdade é de Ciências Biológicas.

16 Nas minhas aulas, costumo demonstrar aos estudantes que todas as coisas
17 estão interligadas, tento explicitar ao máximo as informações, discuto com eles e tento
18 fazê-los ver que as coisas estão relacionadas. Meu trabalho com Educação Ambiental é
19 sempre no sentido de defender muito a natureza e fazer com que os estudantes
20 percebam que existem consequências de cada ato impensado, seja um papel jogado
21 na sala de aula, ou lixo atirado na rua, na calçada.

22 Em relação à Educação Ambiental e o currículo, não me lembro de termos
23 comentado qualquer coisa a respeito de Educação Ambiental no ano passado. Eu fiz
24 poucos cursos e ainda tenho que dividir o tempo de cursos para a docência um e a
25 docência dois. Fiz mais cursos para docência um, mas nenhum voltado para Educação
26 Ambiental. Talvez a prefeitura até tenha, não quero ser injusta. Eu acredito que tenha,
27 porque os profissionais responsáveis pelos cursos são bons.

28 Dentre os cursos que eu fiz, houve um sobre planejamento, organização dos
29 conteúdos, como dividi-los por série/ano. Mas nada relacionado à Educação Ambiental.

30 Em relação à Educação Ambiental e o livro didático, observo que os livros
31 usados são bem falhos. Não existe no livro didático nada referente ao desenvolvimento
32 de qualquer trabalho com Educação Ambiental. Existem conteúdos que o professor
33 pode encaixar a Educação Ambiental, como Equinodermos, Solos, Água, Plantas. De
34 alguma maneira, o professor pode incluir a Educação Ambiental em conteúdos assim,
35 abrir os horizontes por assim dizer. Mas no livro não tem isso. Inclusive, observo que
36 em alguns livros existem erros conceituais graves. Assim, muitas vezes é preciso
37 primeiro corrigir o livro didático. E não vejo a Educação Ambiental no livro didático, está
38 tudo muito misturado.

39 Para a escolha do próximo livro, a Secretaria Municipal de Educação optou por
40 fazer uma seleção prévia de livros escolhidos pelas onze escolas da Rede. Cada escola
41 poderia escolher três livros. A partir daí, os professores se reuniram em grupos para
42 discutir e analisar um agrupamento de livros. Mas nem todos os livros foram analisados
43 por todos os professores. As coleções foram divididas entre os grupos e não sabemos
44 afinal qual coleção virá para as escolas.

45 Eu verifico que existem muitas edições renovadas, sendo basicamente
46 reedições com pequenas modificações. Nós temos dificuldade em trabalhar o livro
47 didático em sala de aula, porque os estudantes não sabem ler e interpretar. A escola
48 recebe alunos das escolas da região também. E eu trabalho com os anos iniciais em
49 outra escola, eu vejo as falhas na formação desses estudantes.

50 Eu sou professora co-regente dos quartos anos e um dia da semana sou a
51 professora de Ciências deles. Alguns até leem corretamente, porém quando precisam
52 explicar o que leram, interpretar, ou até mesmo escrever sobre o que foi lido, aí poucos
53 conseguem desenvolver suas ideias.

54 Assim, as aulas de Ciências misturam-se com de Língua Portuguesa, ou
55 História, ou Geografia. Falta a esses estudantes o básico, o essencial. E a culpa não é
56 das professoras. Elas trabalham muito mesmo.

57 Temos que considerar os alunos desde sua concepção, desde o tempo da
58 gestação da mãe. Temos que considerar o que esta mãe ingeriu durante a gestação, o
59 que o pai ingeriu. Afinal a Genética está aí. Somos produtos da Genética. Não se pode

60 descartar isso. Muitas vezes, preparamos aulas que julgamos serem as melhores, mas
61 não observamos resultado, não observamos aprendizado. Existe uma limitação.

62 Há também uma falta de incentivo por parte da família. Em muitos casos, não
63 temos respaldo da família no que se refere ao estudo e comprometimento com o
64 aprendizado do filho.

65 Em uma das minhas aulas, eu estava trabalhando Peixes e pedi aos alunos que
66 completassem uma tabela com cinco características que diferenciassem Peixes
67 Cartilagosos e Peixes Ósseos. Os estudantes citaram várias características
68 repetidamente, e uma delas, que considero importante, foi mencionada por um aluno.
69 Porém, faltavam duas ainda. E eu perguntei quais estavam faltando e muitos alunos
70 continuavam citando as que já tinham sido ditas. Muitos alunos não tinham percebido o
71 que já tinha sido falado diversas vezes. E era uma turma boa.

72 Às vezes, eu penso se realmente vale a pena todo o desgaste. Parece que
73 fingimos que ensinamos e que eles fingem que aprendem também. O fato do professor
74 não ter autonomia para reprovar o aluno é um despropósito. Eu suponho que o
75 professor de matemática deve ter muito trabalho com os alunos que temos.

76 E o que é Educação Ambiental para estes estudantes? Atrás da escola para o
77 Rio Barigui, e muitos estudantes moram no entorno deste rio. Se eu começar a falar
78 sobre o Rio Barigui, algum aluno pode levantar a mão para dizer que viu um corpo
79 boiando lá. É muito difícil fazer uma conscientização.

80 E, nessas condições, o livro didático ainda vem completamente
81 descontextualizado. A maioria vem de São Paulo. Nós estávamos analisando e
82 percebemos que se muda a capa a capa do livro, é edição renovada, mas as
83 ilustrações são as mesmas.

84 Em relação à Educação Ambiental e o Projeto Político Pedagógico da escola,
85 eu estou na escola há um ano e meio e não foi comentado nada. A nossa equipe
86 administrativa assumiu no ano de dois mil e doze, portanto é tudo novo para eles
87 também. Quando se observa um sistema de fora é uma coisa. Agora quando nos
88 inserimos neste sistema, temos outra visão do mesmo. É outra realidade. Argumentar
89 com os pais enquanto professor é uma coisa. Outra bem diferente é ser questionado
90 pela família como diretor da escola, ou como coordenador. Quando esta equipe gestora

91 assumiu, já deixou claro aos professores e funcionários que estavam se ambientando
92 com as novas funções e que haveria uma série de modificações na escola.

93 Uma destas modificações foi a criação de espaços próprios aos inspetores,
94 mais próximos às salas de aulas. Desta forma, quando o professor necessitar de algum
95 auxílio, ele tem como solicitar a alguém próximo à sala.

96 Existem medidas tomadas pela direção que são logo notadas. Mas outras
97 quase não são percebidas. Eu sempre manifesto a minha felicidade em trabalhar numa
98 escola onde as ações são bem direcionadas, bem conduzidas.

99 Já o Projeto Político Pedagógico não sei dizer como está. Há uma pessoa na
100 escola responsável por essa parte.

101 Quanto aos projetos de Educação Ambiental desenvolvidos no município de
102 Curitiba, eu sei que eles existem, mas não participo nem acompanho efetivamente
103 nenhum. Eu acho que o município trabalha com Educação Ambiental, embora observe
104 que existam falhas. Moro numa região de próxima a um fundo de vale e já tentaram
105 invadir esse local uma vez. Inclusive montaram barracas ali. Um dia, nós acordamos e
106 tinha até carro da polícia para fazer a retirada daquelas pessoas.

107 Agora temos a questão da coleta do esgoto. O governo se preocupa com isso,
108 quer aumentar essa rede de coleta e tratamento de esgoto. Mas, eu verifico um cheiro
109 bem desagradável saindo daquele fundo de vale. E não me parece que aquele esgoto
110 esteja sendo recolhido numa rede. E a água daquele fundo de vale vai para o
111 manancial do Passaúna. Então, eu acho que estão jogando esgoto sem tratamento no
112 rio.

113 Por um tempo, houve maior fiscalização. Nós tínhamos um prazo para
114 instalação fazer a ligação da nossa casa até a rede de esgoto. Os fiscais passavam,
115 faziam o teste aplicando o corante. Por um período houve melhora e água era cristalina.
116 Passávamos por ali e não havia mau cheiro algum. Agora, quando passamos por lá, a
117 água é turva, escura e fétida. Se ali é o manancial do Passaúna e nós sabemos que
118 todos os riachos e nascentes daquela região vão desembocar no Passaúna e que
119 aquela água será coletada, tratada e distribuída à população daquela área, como é que
120 tem esgoto ali?

121 Não consigo entender e aceitar que o poder público acredita que está tudo
122 funcionando bem. Ano passado não houve fiscalização e este ano já está acabando e
123 não teve ninguém fiscalizando nada também.

124 Por isso, até acredito que a prefeitura deve ter algum projeto de Educação
125 Ambiental, mas isso não é devidamente cobrado.

126 Outra coisa que observo e não concordo é a forma como as árvores estão
127 distribuídas no Parque Barigui. Uma época eu corria por lá e via árvores apenas na
128 reserva. Poderia haver em toda a extensão da pista de corrida, onde as pessoas estão.
129 Não existe preocupação com a manutenção do parque. O Rio Barigui, por exemplo, é
130 um verdadeiro esgoto a céu aberto. Tenho pena dos animais que precisam daquela
131 água suja para sobreviver. É possível observar moradores da região pescando neste
132 rio. Imagino que gosto tenha esse peixe.

133 Eu vejo muitos fiscais multando moradores que cortaram árvores, fizeram poda.
134 Se eu precisar cortar uma árvore que coloca em risco o meu patrimônio, que haja
135 permissão. Em contrapartida, obrigue-me a plantar outra, em outro lugar.

136 Existe solução, mas talvez as políticas públicas não estejam adequadas. E eu
137 não falo apenas da minha região. Existem casos críticos também em toda a região de
138 Curitiba, como por exemplo, o Rio Belém, ou mesmo o Rio Atuba lá na nascente, que é
139 o Iraí. Houve um período em que a população que recebia a água deste rio, sentia mau
140 cheiro na torneira de casa.

141 Um dia, fazendo um curso, as professoras comentaram que era possível
142 encontrar até seringas boiando no rio. Aí me pergunto: onde está a fiscalização? Onde
143 estão os projetos de Educação Ambiental?

144 Eu realmente acredito que a melhor maneira de educar a população é
145 fiscalizando. Os moradores só irão aprender quando forem devidamente multados.

146 Eu tive Educação Ambiental na minha formação inicial, no último ano. Tive aula
147 com um professor que depois obteve um cargo político no governo do Estado. E a ele
148 fiz uma pergunta uma vez, a respeito de uma conferência que teve no Rio de Janeiro,
149 onde o chanceler alemão Helmut Kohl ofereceu um cheque simbólico de valor
150 astronômico e o entregou ao então prefeito de São Paulo. A finalidade do dinheiro era

151 custear a despoluição do Rio Tietê. E eu perguntei ao professor o que havia sido feito
152 com esse dinheiro e ele só sinalizou que não sabia.

153 Que eu saiba, não existem projetos de Educação Ambiental sendo
154 desenvolvidos na escola. O mais próximo que nós chegamos foi no dia da árvore, no
155 mês de setembro, com o pessoal do Comunidade Escola. E no mesmo dia haveria a
156 entrega de boletins. A professora responsável pelo Comunidade Escola veio até a sala
157 onde nós entregávamos os boletins aos pais, e perguntou se havia um professor de
158 Ciências e/ou Biologia que pudesse ajudar a identificar as mudas que haviam chegado.
159 Um dos colegas, professor de Geografia da escola, esclareceu que na fase em que as
160 mudas estão não é possível fazer a identificação da espécie. Para classificar e nominar
161 as espécies de plantas é preciso fazer um estudo minucioso de suas partes, o que não
162 era possível naquele momento.

163 Então, o horto municipal envia as mudas sem nomeá-las e pede aos
164 professores que façam isso, visto que devem ser plantadas identificadas, mas não
165 percebem como esse trabalho é difícil e demorado. E era para ser uma atividade
166 simbólica, simples.

167 Aqui na escola, até uma araucária foi cortada. Ela estava localizada no
168 estacionamento e tiveram receio de que qualquer hora pudesse cair. Eu fui contra, visto
169 que a árvore era muito mais antiga que a escola, portanto deveria ter mais direito do
170 que os carros que ali estacionam. Eu acredito que ela foi cortada com autorização dos
171 órgãos competentes, mas foi cortada.

172 Perto da minha casa, muitos vizinhos reclamam dos pinheiros. Eu digo e repito
173 sempre que os pinheiros estão lá há muito mais tempo que nós, moradores. Sugiro que
174 comprem terrenos onde não existam árvores. Eu sou bióloga, vou defender sempre a
175 natureza.

176 Um dia desses, uma professora não gostou muito do que eu disse a respeito de
177 uma situação específica. Uma das escolas municipais de ensino fundamental de
178 Curitiba tem um horto ao lado. Existe a escola e ao lado dela há um terreno bem
179 grande, usado anteriormente como horto. Porém, existia um projeto para transformar
180 aquele espaço “ocioso” do horto em abrigo para cães resgatados das ruas. Sendo
181 assim, tínhamos que assinar um abaixo-assinado contra a instalação deste canil e eu

182 me recusei a assinar. Justifiquei dizendo que os cães não têm culpa da situação de
183 abandono e que também têm direitos. Disse ainda que se adaptassem bem o espaço,
184 concertassem o portão, entre outras melhorias, não haveria o por quê de não fazer a
185 instalação dos animais ali.

186 Eu considero que os animais têm tanto direito à vida quanto o ser humano. O
187 ser humano não é melhor que nenhum outro ser do planeta. Eu não dou a vida,
188 portanto não tenho o direito de tirá-la. Conheço pessoas muito piores que cachorros.

189 Sobre os cursos oferecidos pela prefeitura de Educação Ambiental, eu acredito
190 que tenha, mas eu não vi nem participei de nenhum.

191 Neste momento, eu estou cursando um sobre solos na UFPR, que se chama
192 Projeto Solos na Escola. O outro que eu fiz era sobre currículo, formação. Porque
193 muitos professores das séries iniciais estão tendo que dar aula de Ciências e não são
194 biólogos, são pedagogos, e acabam passando conceitos errados para os alunos. Desta
195 forma, a Secretaria Municipal de Educação organizou cursos de formação continuada
196 na área de Ciências no intuito de esclarecer esses conceitos.

197 Foi feito também um curso de Astronomia e de Química. Mas agora estou
198 cursando esse sobre solos. Até o momento, este curso apresentou alguma iniciativa
199 voltada à Educação Ambiental. O professor, que é uma sumidade em solos, até
200 comentou a questão de se preservar o solo, de cuidar do solo. Ele nos levou até áreas
201 de degradação próximas à rodovia Régis Bittencourt. Mas especificamente Educação
202 Ambiental para o estudo de solos, isso não. O curso ofertado é sobre a formação do
203 solo, composição, importância. Está sendo um curso bem elementar, buscando
204 associar o solo a toda vida que possa existir ou estar diretamente ligada a ele.

205 Eu dei uma aula utilizando um vídeo fornecido pelo curso de solos. Mostrei o
206 vídeo para os alunos, eles fizeram um relatório sobre o que foi visto no filme. Depois
207 disso, eu passei alguns exercícios de fixação para a turma e uma das questões
208 perguntava como se chamava o profissional que estuda o solo. Surgiram muitas
209 respostas, mas nenhum estudante colocou pedólogo como o profissional que investiga
210 o solo. Assim, os alunos assistiram a fita, foi comentado e feito resumo em sala, mas
211 ninguém respondeu corretamente.

212 No período da tarde, eu trabalho numa escola municipal de tempo integral, a
213 Escola Raoul Wallenberg. Os alunos chegam às oito horas da manhã e saem às cinco
214 horas da tarde. Passam o dia na escola, ou seja, tomam café, almoçam. Mas os alunos
215 são oriundos de outras comunidades, visto que a maioria vem de condução para a
216 escola. Poucos vêm a pé. Temos ali na região uma questão sócio-educativa muito
217 difícil. Parece que falamos, falamos, mas não atingimos os alunos, eles não aprendem,
218 porque parece que da onde vem não existe essa preocupação com o aprender.

219 Eu fui pobre, meus pais foram operários. Não tinham estudo, estudaram até a
220 quarta série, porque tinham que ajudar na roça. Mas eles sempre se preocuparam
221 muito com o estudo dos filhos, para que melhorassem de vida e não tivessem a vida
222 difícil que eles tiveram. Meus pais brigavam muito comigo e com meus irmãos se
223 tivesse nota vermelha no boletim. E hoje, muitas famílias não têm interesse no futuro
224 dos filhos.

225 Temos quatro turmas de sétimo anos na escola, e se fôssemos agrupar apenas
226 os alunos bons, que acompanham bem todas as disciplinas, não conseguiríamos dez
227 alunos.

228 Eu tive dificuldade em Matemática, mas nem por isso larguei, parei de estudar.
229 Foi bem ao contrário disso, me dispus a estudar mais, pedi ao meu professor que me
230 passasse exercícios extras. Meu pai me dizia que não adiantava perguntar a ele, eu
231 teria que ir lá na escola e aprender com o professor.

232 Na última reunião de pais, um pai veio falar comigo sobre o filho, que estava
233 mal na disciplina e muitas faltas. Eu comentei dos atrasos na primeira aula deste aluno
234 e o pai me disse que era porque a criança mora com mãe e ela não acorda. Os pais
235 sempre vêm com várias desculpas, mas quem carrega nos ombros o fato dos alunos
236 não aprenderem é o professor, que não ensinou como deveria. Os culpados pelo
237 fracasso escolar sempre são os professores e a escola, nunca a família desestruturada.

238 Eu acho que a função da escola não é essa. Eu tenho que, em cinquenta
239 minutos, fazer tudo, menos dar aula. Ou até posso ser professora, mas me sobra um
240 tempo muito pequeno para desempenhar com qualidade a minha profissão.

241 Além disso, ainda temos que usar livros didáticos que extrapolam e muito os
242 conteúdos, que deixam de ser básicos, e ficam cada vez mais complexos para nossa

243 clientela. Dizem que temos que baixar as nossas expectativas em relação aos
244 estudantes, ou seja, planejar os conteúdos dentro daquilo que podem e consigam
245 aprender. Porém, os livros não acompanham esta ideia, apresentando termos de difícil
246 compreensão e de alta complexidade. Os alunos podem viver sem conhecer certos
247 conceitos complexos, eles necessitam aprender as noções elementares dos conteúdos.

248 Temos hoje livros didáticos com quase trezentas páginas, pesado para ser
249 carregado todos os dias. Os alunos sempre têm uma desculpa para não trazê-los. E
250 ainda com conteúdos que não são importantes para o aluno neste momento.

251 Não podemos, nem devemos considerar que nossos alunos de escola pública
252 devem ter o mesmo rendimento de escolas particulares, afinal a realidade é
253 completamente outra. Entretanto, o material didático que nos é apresentado não é
254 condizente com nossa realidade, repleto de conteúdos de universidade e ainda com
255 conceitos errados. Eu acho que é perda de tempo, mas às vezes alguns alunos mais
256 interessados querem saber sobre aquilo que está no livro, e então é meu dever
257 explicar, o aluno tem direito de saber. Mas daí a aula é só para aquele estudante,
258 porque aos outros não interessa. É muito difícil.

259 Com relação aos conteúdos de Educação Ambiental, nós trabalhamos no início
260 do ano com a Origem das Espécies, depois partimos para Vírus e Bactérias,
261 Protozoários e Fungos. Quando começamos o estudo dos invertebrados, eu recordei
262 com os alunos, conteúdos do sexto ano, como água e solo, e juntei com as doenças
263 transmitidas pela falta de saneamento básico, quando o tratamento e cuidado com a
264 água e o solo são insuficientes e a importância de existir coleta e tratamento do esgoto
265 que será lançado no rio.

266 Da mesma forma, abordei também a relevância da captação da água dos rios,
267 para posterior tratamento e consumo por parte da população, como também alguns
268 cuidados importantes antes da ingestão dessa água. Falei também da questão do
269 destino correto do lixo. E isso foi o mais próximo que eu cheguei de Educação
270 Ambiental, até porque o segundo trimestre é mais curto em relação aos outros.

271 É tudo muito corrido. Tenho que desenvolver conteúdos que considero menos
272 importantes em detrimento de outros que poderiam ser mais interessantes e

273 necessários à formação dos alunos. Então, temos que resolver questões de tempo,
274 aluno indisciplinado, pai que aparece na escola fora do horário, entre outras coisas.

275 Em geral, marcamos reuniões com os pais fora do horário de aula do professor,
276 nos intervalos. Porém, na maioria das vezes, os pais aparecem no final do expediente,
277 quando não temos tempo hábil para expor as questões que envolvem o aluno. Desta
278 maneira, os assuntos que deveriam ser tratados e resolvidos permanecem sem
279 solução, comprometendo o aprendizado do estudante.

280 Não me lembro de nenhum conteúdo específico de Educação Ambiental que
281 nós tivéssemos trabalhado. O livro didático que usamos também não tem Ecologia.

282 Ainda tem Botânica, mas infelizmente não terei tempo para aprofundar.
283 Terminei Répteis agora e vou começar aves na quarta-feira. E tem tudo sobre Aves e
284 Mamíferos antes de começar Botânica. Terei menos de um mês para esse conteúdo. O
285 sétimo ano apresenta muitos conteúdos a serem trabalhados, que poderiam ser
286 simplificados, agrupados. E tem os textos que são enormes. Se os alunos possuem
287 dificuldades de leitura e interpretação, textos muito longos não são produtores. Se o
288 aluno teve falhas ao longo do seu processo de alfabetização, muitas vezes não
289 consegue nem ler corretamente tantos termos técnicos inseridos nos livros.

290 Eu sou professora alfabetizadora e quando me deparo com erros de ortografia e
291 gramática, não consigo deixar passar. Sendo assim, quando vejo um erro, costumo
292 parar a aula, explicar como é a grafia daquela palavra. Duvido muito que não tenha sido
293 ensinado, mas eu ensino novamente, não deixo passar. Não consigo ver coisa errada e
294 deixar passar.

295 Eu procurei falar na sequência, para ficar mais fácil de organizar o pensamento.
296 Eu fui falando de acordo com a ordem exposta na mesa.

